

# Os Pioneiros

A Origem da  
Música Sertaneja de  
Mato Grosso do Sul

RODRIGO TEIXEIRA



Os Pioneiros

# Os Pioneiros

A Origem da  
Música Sertaneja de  
Mato Grosso do Sul

RODRIGO TEIXEIRA

INVESTIMENTO







Délio & Delinha

C L - 104

# PRENDA QUERIDA

**CALIFORNIA**  
ALTA FIDELIDADE

*Maluada  
Não me pergunte nada  
Quando você  
Eu e o sabiá  
Carta sem destino  
Triste verdade  
Prenha querida  
Já fui boêmio  
Coração sertanejo  
Verbo amar  
Transmissor da saudade  
Receita de amor*

*Délio & Delinha*



Primeiro Long Play gravado pela dupla Délio & Delinha em 1961



Copyright 2009 by Rodrigo Teixeira

Pesquisador Assistente: Raphael Teixeira

Capa e projeto gráfico: Lula Ricardi . XYZdesign

Assistência de design: Rodrigo Vargas

Tratamento de imagem e restauração de fotos: Leonardo de França

Decupagem: Rodrigo Teixeira, Raphael Teixeira e Laís Camargo

Revisão: Marcelo Armôa e Arianne Martins

As entrevistas aqui contidas foram editadas para maior clareza.

A fotocópia de qualquer folha deste livro é ilegal, e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

As informações contidas na discografia são uma reprodução do conteúdo dos encartes dos discos originais dos artistas.

INVESTIMENTO

Fundo de Investimentos Culturais (FIC/MS)

# Os Pioneiros

A Origem da  
Música Sertaneja de  
Mato Grosso do Sul

RODRIGO TEIXEIRA

1ª edição

Campo Grande - MS - Brasil  
Dezembro 2009





LP de Rodrigues & Rodriguinho com participação de Beth & Betinha lançado em 1964



Beth & Betinha





Zacarias Mourão com  
Itamy & Anahy

# APRESENTAÇÃO

## O LIVRO

Ao propor o projeto para escrever o livro 'Os Pioneiros – A Origem da Música Sertaneja de MS' não imaginava a 'fundura do poço'. Primeiramente, pensei em fazer um trabalho envolvendo Délio & Delinha, ainda sem ter a dimensão da obra da dupla. Aos poucos, ao ampliar o leque para os finados Zacarias Mourão e Zé Corrêa ficou evidente o elo entre, não só os três nomes citados, mas uma turma que transformou, a partir dos anos 50, o Sul do Mato Grosso em um celeiro artístico de primeira qualidade e com características diferentes do restante do país. Beth & Betinha, Amambay & Amambaí, Dino Rocha, Maciel Corrêa, Elinho do Bandoneon, Tostão & Guarany, duplas que já não existem mais como Ado & Praense e Adail & Tesouro, os cantores Benites, Victor Hugo e Aurélio Miranda, a saudosa Jandira... Ao iniciar a pesquisa para esta obra ainda em 2008, constatei que seria insuficiente o espaço para contar a história de tantas duplas e artistas que ajudaram a construir a primeira fase de profissionalização da música de Mato Grosso do Sul. Até porque a história de cada um deles daria um livro inteiro.

O fato de termos uma bibliografia 'diminuta' sobre a música de Mato Grosso do Sul reforçou a necessidade de se colher as infor-



mações direto na fonte. Por isso, tive de ir a campo. Decidi que as versões dos fatos seriam dadas por meio dos depoimentos dos próprios condutores da história. Foram meses até conseguir encontrar alguns destes pioneiros. No entanto, sempre tive uma guarida segura. Na segunda parte do livro estão as entrevistas, onde mantive ao máximo a fidelidade na maneira que o artista se expressa. Até para se registrar como estas pessoas – que guardam as tradições de um Século XX ainda sem tecnologia avançada – se comunicavam.

Confesso que abrir arquivos e baús empoeirados foi uma das partes mais prazerosas do trabalho. Há muito ainda da memória de Mato Grosso do Sul sendo guardada em caixotes e gavetas, longe demais dos museus oficiais. É importante ressaltar o trabalho de restauração de imagens feito para o livro, tanto das capas dos LPs como das dezenas de fotos dos artistas. Um dos principais objetivos desta publicação é contribuir para a catalogação e organização das informações sobre a música do Estado. Por isso, a terceira parte traz a discografia dos artistas dedicada exclusivamente a long-plays (LPs) e compactos em 78 e 33 rotações por minuto. Também estão listados os dados biográficos dos músicos, com nome, local e data de nascimento.

Na pesquisa para encontrar os LPs, muitos raros, foi fundamental o trabalho de colecionadores campo-grandenses de discos de vinil. Os principais são Capitão Moura, Kenzo, Fauzer, Odilo e Luiz Carlos. Juntos eles ultrapassam a marca de 40 mil LPs, incluindo centenas de discos regionais. São verdadeiros heróis porque preservaram a memória musical do Estado, enquanto os registros das apresentações nas rádios, dos festivais de música, dos shows-dramas nos circos e nos palcos dos cinemas campo-grandenses nos anos 50, 60 e 70 são praticamente inexistentes.

Apesar de realizar a catalogação de 110 álbuns e 1.149 músicas da obra de artistas fundamentais de Mato Grosso do Sul, muitos ainda precisam ser analisados e suas histórias resgatadas. Duplas, cantores e instrumentistas que alicerçaram o mercado e a cena musical do Sul de Mato Grosso como Romance & Romerinho, Curioso & Barqueirinho, Baronito & Sereninho, Ivo de Souza & Florito, Abadil Viegas, Atílio Colman, Frankito, Delcídes Alves Gondin Júnior, Dozinho Borges, Charles Franco... Todos eles também pioneiros. Por isso, encaro este livro como um ponto de partida. Uma fonte

de informação para auxiliar estudos futuros. Primeiro é preciso conhecer, só para depois analisar. E os fatos são a mais pura fonte da história e da verdade.

O subtítulo da obra - A Origem da Música Sertaneja de MS - é uma maneira de afirmar que o Sul de Mato Grosso produzia uma música diferenciada em relação aos grandes centros e o que se entendia e consumia de música sertaneja para a época. Graças à posição geográfica, foi inevitável que a herança da música fronteiriça (do Paraguai e Argentina) já estivesse bem delineada nas canções de nossos primeiros compositores.

E estes primeiros compositores são pessoas vindas do campo, muitos nasceram em fazendas, viveram na faixa de fronteira e construíram um repertório que reflete estas raízes. Cantando em três idiomas - português, espanhol e guarani - e amparados por ritmos ternários - como a polca, a guarânia e o chamamé - estes artistas tiveram o mérito de ser um diferencial do protótipo de caipira, que falava de maneira antiga, vestia-se de modo rudimentar e tocava basicamente moda de viola. Delinha deixa isso bem claro em suas falas.

A elegância, na verdade, é uma das qualidades desta geração de músicos. O terno sempre impecável de Délio e a saia rodada de Delinha viraram marca da dupla. O poeta elegante Zacarias Mourão, o Índio do Mato Grosso, também fazia suspirar as mocinhas dos auditórios e as colegas de trabalho, como as Irmãs Galvão afirmam com todas as letras no documentário 'Tió e a Árvore - Vida e Obra de Zacarias Mourão', dedicado ao compositor de Coxim. O também saudoso Zé Corrêa sempre estava alinhadíssimo. Beth & Betinha eram as princesinhas da fronteira! Victor Hugo e Benites até hoje mantêm a fina estampa. Esta geração é toda sertaneja, mas tem uma herança mais ligada a tradição castelhana do que caipira. O que a difere do restante do país.

Além da questão comportamental, é preciso ressaltar a importância das apresentações destes artistas nos circos e nas rádios. Desde o final da Segunda Guerra Mundial o número de emissoras de rádio estava em ascensão no Brasil. No final dos anos 40 já eram mais de cem no país que atendiam três milhões de aparelhos receptores. Os programas de rádio acabavam popularizando os artistas e na outra ponta da cadeia produtiva estavam os circos, que faziam

este artista circular pelas grandes cidades e interior dos Estados. Estima-se que apenas em São Paulo havia, no início da década de 50, aproximadamente 200 circos que serviam de porto seguro para os ídolos sertanejos, que eram repelidos pela 'intelectualidade' do país.

Com as apresentações nos circos, outra faceta tinha que ser revelada: a de ator. Muitas vezes, a de escritor também. Os shows tinham a parte musical e também o que chamavam de 'drama', um esquete de teatro. Estas encenações colocavam os artistas já conhecidos nos papéis principais e a equipe do circo fazia os personagens que giravam em torno dos protagonistas. O estilo era sempre a comédia pastelão, o dramalhão e o bang bang. Era como se fosse uma novela seguida de uma apresentação musical. Depois de assistir a textos como 'Pistoleiro Satânico', 'Preta Veia', 'Ladrão Detetive', 'Pai João', 'Planeta dos Mansos', 'Deus Perdoa, Eu Não' e 'Kid Querosene' o público já estava ganho para o show que viria depois.

No final da década de 1950, Campo Grande servia de moradia e base para muitos músicos que vinham de Ponta Porã, Bela Vista, Maracaju, Coxim, Três Lagoas, Corumbá e Aquidauana. Movimento que iria aumentar gradualmente nas próximas décadas. A arte interiorana pulsava e eram as rádios que refletiam isso. Os locutores foram essenciais neste processo e se tornaram agentes da cena musical campo-grandense. Em especial a dupla formada pelos irmãos Juca Ganso e o saudoso Ramão Achucarro, que faleceu em agosto de 2009. Já no final da feitura do livro, entrevistei Juca Ganso. Ele contou uma das passagens mais comoventes da música sul-mato-grossense: a trágica morte de Zé Corrêa em frente a Rádio Educação Rural em abril de 1974, em Campo Grande. Depoimento sensível e emocionante.

Todos os músicos desta geração, sem exceção, tiveram um contato intenso com o rádio. Délio & Delinha, por exemplo, por vários anos se deslocaram todas as semanas para comandar um programa na rádio de Aquidauana. Beth & Betinha começaram nos concursos das rádios de emissoras de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Dino Rocha participou com Os Filhos de Goiás de programas de grande audiência em São Paulo. Zacarias Mourão começou a carreira ganhando concursos de poesias nas rádios e comandou produções jornalísticas, de variedades e musicais na Rádio Bandeirantes, Radio Nacional, Excelsior...

Alguns artistas sul-mato-grossenses tiveram um contato próximo



com nomes importantes do cenário nacional. Capitão Barduíno, que foi quem batizou Delanira e Zezinho, ainda Duo Pintassilgo, como Délio & Delinha, foi um dos locutores mais influentes da música sertaneja e o primeiro do gênero na poderosa Rádio Bandeirantes. Outro personagem fundamental em toda a evolução e, principalmente, registro e divulgação do que seria a música produzida pelos artistas que estavam residindo em Campo Grande – e que vinham de vários lugares – foi Mário Vieira. Também compositor – lembra de ‘Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou, voou, voou...’? -, ele transformou a sua gravadora, a Califórnia, em uma base dos músicos do Sul de Mato Grosso. Depois de Délio & Delinha e o sanfoneiro Zé Corrêa lançarem seus álbuns pela Califórnia, respectivamente, na virada dos anos 50 e final da década de 1960, a gravadora não parou mais de produzir discos de artistas do Estado até o final dos anos 1970.

Quem fazia a ponte dos músicos do Sul de Mato Grosso não só com a Gravadora Califórnia, mas com os programas de rádios e circuito de shows em São Paulo era Zacarias Mourão. Foi ele que encaminhou Délio & Delinha à Rádio Bandeirantes e os apresentou aos importantes Capitão Barduíno e Biguá. Depois de famoso, o acordeonista Zé Corrêa também foi o responsável pela ida de vários artistas para gravarem seus primeiros discos na Califórnia, como Elinho do Bandoneon, Jandira & Benites, Amambay & Amambai e Curioso & Barqueirinho.

Um dos mais importantes músicos paraguaios, Hermínio Giménez, também passou por Mato Grosso do Sul e teve contato com vários artistas de Campo Grande. Este foi um dado completamente novo para mim quando comecei a pesquisa do livro. O saudoso maestro paraguaio fez várias apresentações no Estado. Sua ligação com o Sul de Mato Grosso vem desde que se exilou nos anos 50 na Argentina e transformou as cidades de Corrientes e Buenos Aires em suas moradas. A atração de Hermínio Giménez pelas cidades sul-mato-grossenses e o contato mais próximo com Elinho do Bandoneon e Jandira & Benites reforça a característica platina e comprova a qualidade da produção autoral e de interpretação do cancionário sul-americano dos músicos da região sul-mato-grossense desde o início dos anos 50. São muitos os personagens que construíram a primeira cena artística do Sul de Mato Grosso.

Um aviso importante é a não inclusão no livro de informações

específicas sobre a saudosa Helena Meirelles. Uma decisão difícil que tive de tomar por várias razões. Pela densidade e tamanho da sua trajetória, 'A Dama da Viola' tomaria com facilidade todas as páginas deste livro. Tive a honra de conhecer e entrevistar Dona Helena e tenho imenso respeito e admiração. Esta pantaneira de boca suja e coração gigante, no entanto, é um fenômeno à parte. Praticamente um milagre, uma brincadeira de Deus. Helena nasceu em 13 de agosto de 1924. Veio ao mundo apenas sete meses antes de José Pompeu, o Délio, o atual patrono da música sul-mato-grossense com 85 anos. Entendo que Dona Helena, apesar de ser contemporânea, vem de uma outra história, que não tem a ver com o pessoal de Délio & Delinha. Em um movimento praticamente 'subterrâneo', Dona Helena só deixou o circuito das fazendas e inferninhos do Pantanal e interior de Mato Grosso do Sul e São Paulo nos anos 1990. Mais especificamente, em 1993, o seu sobrinho mandou uma fita para a 'Guitar Player' e a revista norte-americana acabou a elegendo como instrumentista-revelação. Depois disso, a sua palheta de chifre de vaca foi inclusa no pôster em que a mesma 'Guitar Player' listou as 100 melhores do mundo, de todos os tempos, junto com as de B. B. King, Jimi Hendrix e Eric Clapton.

Com isso, Dona Helena ganhou fama no final de sua vida e se transformou em uma das artistas mais conhecidas de nosso Estado. Gravou três discos pela Eldorado (Helena Meirelles/1994, Flor da Guavira/1996 e Raiz Pantaneira/1997) e depois mais dois discos (Helena Meirelles Ao Vivo/Sapucay Discos/2003 e Os Bambas da Viola/Quarup/2004). Ainda foi o foco de documentários e filmes, como 'Dona Helena', de Dainara Toffoli, e 'Helena Meirelles: A Dama da Viola', de Francisco de Paula. Seu nome batiza a Concha Acústica do Parque das Nações Indígenas de Campo Grande. Enfim, Dona Helena está bem registrada, embora particularmente acredite que uma pesquisa mais aprofundada deva ser feita em torno da trajetória e do modo com que ela tocava violão com afinação de viola. Acompanhei de perto seus últimos dias em 2005, quando aos 81 anos faleceu no Hospital das Clínicas em Campo Grande, cidade natal que ela voltou a viver depois de ganhar uma casa modestíssima do governo do Estado em 2002.

Na minha primeira entrevista para o livro, que fiz questão que fosse com Délio, o músico falou o seguinte sobre Dona Helena:

`Ouvi falar dela muito, mas depois que ela ficou famosa. Esse é o grande defeito. Deixam as pessoas sofrerem primeiro para depois valorizarem. Helena Meirelles quando apareceu já tava com 70 e tantos anos. Ela tocava no estilinho bonitinho, só nas duas cordinhas de baixo. Din din din, din din din’.

Lançar esta publicação dedicada aos pioneiros da música de Mato Grosso do Sul justamente em 2009 e sem ter a intenção de conciliar com datas importantes é pura coincidência. São 50 anos da primeira gravação de Délio & Delinha e Beth & Betinha. Também faz cinco décadas que Goiá musicou os versos de Zacarias Mourão para o pé de cedro que ele havia plantado em 1939, 70 anos atrás. Lá se vão 35 anos que Zé Corrêa foi tirado de nosso convívio e 15 que a inimitável Jandira foi vencida por um câncer. Zacarias Mourão foi morto há duas décadas.

Por isso, dedico este livro à memória de três grandes artistas sul-mato-grossenses que eu não poderei entregar em mãos esta obra, mas que são inesquecíveis. Mesmo após terem se tornado estrelas, ainda não receberam o devido reconhecimento pela grande obra construída e trajetória fundamental para o surgimento da música sul-mato-grossense.

Zacarias Mourão, Zé Corrêa e Jandira, este livro vai para vocês!

**Rodrigo Teixeira**

Campo Grande, setembro de 2009





O acordeonista Zé Corrêa

# AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, gostaria de agradecer a minha mãe, Maria Lúcia, pelo apoio em todas as horas;

A minha irmã, Luciana, e ao meu pai, Margenato, pela ajuda permanente e incentivo fundamental;

A meu irmão Raphael, pela dedicação e levantamento de informações para o livro e a confiança plena;

Aos meus amigos sinceros, Leandro Calixto, Pérsio Rodrigues (Blã), Frederico Carvalho (Fred), Márcio de Camillo, Jerry Espíndola, Maurício Copetti, Marcelo Armôa, Antônio Porto, Fernando Bola e Carol Alencar;

A todas as pessoas que concederam entrevistas para este livro;

Aos colecionadores Capitão Moura, Kenzo, Fauzer, Odilo e Luiz Carlos; peças fundamentais para se montar a trajetória da música de Mato Grosso do Sul;

Aos pesquisadores Professora Glorinha Sá Rosa, Idara Duncan, Paulo Renato Coelho Neto, Marlei Sigrist, Cândido Alberto da Fonseca, Paulo Simões e Evandro Higa e os finados Hélio Serejo, José Octávio Guizzo e Henrique Spengler, desbravadores em revelar o significado da cultura regional de MS;

A Zito Ferrari, da Editora UFMS;

A toda a equipe liderada pelo Professor Américo Calheiros na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) por ter acreditado neste projeto;

Aos fotógrafos Eduardo Medeiros, Jefferson Ravedutti, Maurício Borges, Moisés Palácios, Minamar Júnior e Saul Schramm, por registrar a história da arte sul-mato-grossense;

Aos artistas que tiveram a disposição e confiança em abrir seus arquivos pessoais;

A Lígia, por ceder material precioso de seu pai, saudoso Zacarias Mourão;

A Leonardo de França, pela paciência em restaurar várias imagens maltratadas pelo tempo;

A Lula Ricardi e Rúbia Gutterres, pelo empenho e carinho na feitura do livro;

A Cristiane Pingarilho, por ter me resgatado e incentivado a trilhar o caminho do jornalismo;

A Ariane Martins, pela visão crítica, o carinho e o companheirismo na finalização do trabalho,

Para as minhas filhas, Gabriela e Ana Lua, meus tesouros.



Amambay &  
Amambai



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO / O LIVRO	9
AGRADECIMENTOS	17
SUMÁRIO	19
• PARTE 1 . A música de Mato Grosso do Sul	23
• PARTE 2 . Depoimentos	39
O FENÔMENO DÉLIO & DELINHA	41
O batismo na Rádio Bandeirantes	45
Gravadora Califórnia	48
Filme de Tonico & Tinoco	50
A roupa	53
Rasqueado	54
Chantecler	55
A volta para Campo Grande	56
Retorno da dupla	57
BETH & BETINHA	59
As Princesinhas da Fronteira	59
Rodrigues & Rodriguinho	62
Primeira gravação	64
Curioso & Barqueirinho	65
A Mulher Vampira	66
ZACARIAS MOURÃO	69
O Poeta 'Embaixador'	69
Rádio	71
Coluna 'Venenos do Zacarias'	72
Pé de Cedro	76
Itamy - A Garota Mágica do Teclado	77
Mudança para Campo Grande	80
Bandeira de MS	82
O batismo de Dino Rocha	85
O personagem	86
Morte do Zacarias	89

CHAMAMÉ NO COMANDO	92
Amambay & Amambaí	92
O vôo de Zé Corrêa	95
O encontro com Mário Vieira	96
A Mato-grossense	97
 ZÉ CORRÊA	 99
Da fazenda para o mundo	99
O legado	103
O estilo	107
O Rei do Chamamé	108
A confusão	111
Campana	113
O crime	114
 DINO ROCHA	 122
Bananas	127
Os Filhos de Goiás	128
 O SISTEMA	 129
Maciel Corrêa	129
A primeira gravação	132
O hit 'Cadeado'	133
 A MÚSICA PARAGUAIA	 134
O encontro de Jandira & Benites	134
Cabana Gaúcha	137
O chamado de Zé Corrêa	139
Jandira	141
'Free way' na fronteira/Victor Hugo e Benites	144
Mercado	145
Cultura fronteiriça	148
 CRUZEIRO, TOSTÃO, CENTAVO E GUARANY	

	<b>151</b>
Aurélio Miranda: Rumo ao Sul de MT	<b>151</b>
O encontro de Aurélio e Adir	<b>153</b>
O empurrão de Delinha	<b>155</b>
A gravação na Califórnia	<b>156</b>
O nome Cruzeiro & Tostão	<b>157</b>
A chegada do Centavo	<b>158</b>
Os campeões do Festão	<b>160</b>
Estrada de Chão	<b>162</b>
O final prematuro do trio	<b>163</b>
A união de Tostão & Guarany	<b>168</b>
O compacto	<b>170</b>
Os donos do circo	<b>171</b>
Campanha política	<b>172</b>

PROGRAMA DE RÁDIO EM CAMPO GRANDE	<b>175</b>
Início	<b>175</b>
Ado & Adail	<b>180</b>

PRIMEIROS ACORDEONISTAS	<b>182</b>
Atílio Colman e Abadil Viegas	<b>182</b>
Nos embalos do circo	<b>184</b>

• PARTE 3 . Discografia	<b>189</b>
-------------------------	------------

Délio & Delinha	<b>191</b>
Zé Corrêa	<b>206</b>
Amambay & Amambai	<b>213</b>
Jandira & Benites	<b>223</b>
Dino Rocha	<b>230</b>
Beth & Betinha	<b>237</b>
Los Tammy's/Victor Hugo	<b>239</b>
Elinho do Bandoneon	<b>247</b>
Maciel Corrêa	<b>250</b>
Adail & Tesouro	<b>256</b>
Ado & Praense	<b>259</b>
Cruzeiro, Tostão, Guarany e Centavo	<b>263</b>
Zacarias Mourão	<b>269</b>

• PARTE 4 . Bibliografia	<b>275</b>
--------------------------	------------



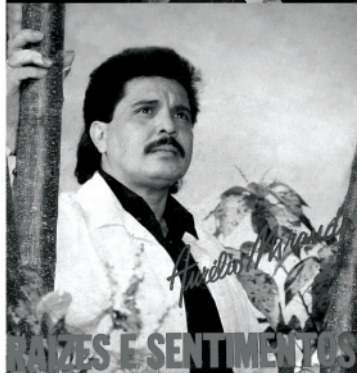
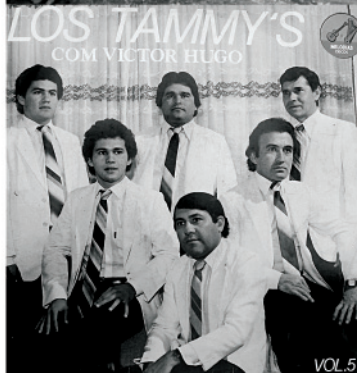
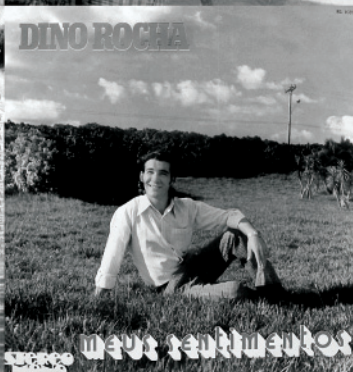
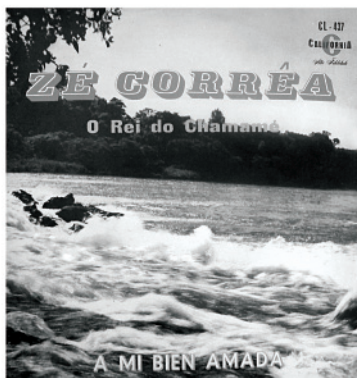
O sanfoneiro Dino Rocha



# Os Pioneiros

## PARTE 1

A MÚSICA DE  
MATO GROSSO DO SUL



# HISTÓRIA

A música de uma região é reflexo do homem que habita aquele lugar. E este homem é influenciado não só por seus sentimentos, mas pelo o que o rodeia. A identidade de um local acompanha a trajetória de sua ocupação. A música sul-mato-grossense começou a germinar a 11 mil anos atrás, data dos primeiros vestígios da presença humana no local que hoje chamamos de Mato Grosso do Sul. Neste período, que é o final da Era do Gelo, grupos de caçadores-coletores transitavam pela região. Estudos tentam comprovar que eles vieram da África Oriental. Ou seja, estavam vinculados a raça negra. Já os indígenas, que só chegaram por volta de oito mil anos na América, originários da Ásia, encontraram por aqui justamente estes caçadores-coletores que se extinguíram, provavelmente, devido ao contato com os novos habitantes.

As sociedades indígenas, como se conhece atualmente, começaram a se formar há cinco mil anos. A 'Nação Guarani' abrangia toda a Bacia do Prata – passando por Brasil, Paraguai e Argentina – com mais de um milhão de pessoas. Uma tribo em especial que habitava esta região chegou a ameaçar a expansão européia: os Mbayá-Guaikuru. O cavalo, que era encarado por outras etnias como uma caça que se multiplicava no campo, se tornou uma poderosa arma de guerra. Definidos como a imagem de um 'Hércules pintado', eles ficaram ainda mais poderosos ao se aliarem aos Payaguá-Guaikuru, famosos por lutarem em suas canoas e transformarem seus remos em lanças de duas pontas.

O contato dos indígenas com o homem branco e europeu come-

ça nas primeiras décadas de 1500. A resposta correta para qual seria a data e quem teria sido este europeu ainda gera polêmica. Uma das teses – considerada por alguns autores como mito – é a de que o primeiro homem branco a chegar no território do hoje Mato Grosso do Sul teria sido o português Aleixo Garcia entre 1520 e 1524. Depois de naufragar em uma expedição em Santa Catarina, teria se tornado líder e subido com dois mil indígenas até Santa Cruz de La Sierra pelo caminho de Peabiru – nome da rota que faria a ligação entre Oceano Pacífico e o Oceano Atlântico e que iria do Peru ao Brasil, passando pelo Paraguai e Bolívia e, claro, o Pantanal. Uma espécie de free-way de três mil quilômetros que servia de idas e vindas para os incas, guaranis e vários outros povos. Depois de ultrapassar a região de Corumbá pelo Rio Paraguai, encontrou fortalezas construídas pelos incas e as saqueou. Rebelados, os guarani mataram o tal Aleixo. Mas não existem documentos que comprovem que o português tenha realmente existido ou que o próprio Caminho de Peabiru não passe de lenda.

Mais próximo da realidade é a provável passagem de Álvar Núñez Cabeza de Vaca pelo Pantanal, com direito a encontro com índios da região, como os paiaguás. Criado em Sevilha, ele tinha 45 anos quando comandou uma armada de quatro navios que deixou o Porto de Cádiz em 2 de novembro de 1540 e chegou em Santa Catarina em 29 de março de 1541. Centenas de homens - entre 400 a 700, segundo os historiadores - e 16 dos 30 cavalos que embarcaram na Espanha aportaram sob o comando de Cabeza de Vaca no Brasil. Seu objetivo era chegar em Assunção, onde se tornaria governador do Rio de la Plata. Durante o trajeto descobriu as frondosas Cascatas de Iguaçu e em seu diário de viagem relata de maneira detalhada o movimento das águas que presenciou e que muito se parece com o fenômeno que ocorre todos os anos na região pantaneira de Mato Grosso do Sul. Neste longo caminho – eles chegaram em 11 de março de 1542 -, a expedição se tornou ‘notícia’ entre as tribos porque recebiam dos ‘estrangeiros’ muitos artefatos de ferro. Os indígenas faziam festas para a chegada de Cabeza de Vaca e seus homens. Sabe-se que nestas ocasiões eram tocados atabaques, tambores e apitos.

Com a vinda do homem branco ‘desenvolvido’, as influências européias seriam incorporadas para sempre na música do continente,



até então dominado pela arte produzida por aqueles indígenas que chegaram a cerca de oito mil anos atrás e que tocavam instrumentos rudimentares, de percussão, basicamente. Com certeza, na tentativa de aproximação dos indígenas e, depois, para mantê-los cativos, a música foi uma das principais ferramentas utilizadas desde a chegada dos jesuítas, até porque, como se confirma no caso de Cabeza de Vaca, os próprios indígenas também usavam a mesma técnica.

Este 'território de passagem' do homem branco seguiu até final do século XIX. Mas a presença do negro por estas bandas já vinha das pioneiras expedições na primeira metade de 1500, continuou com os bandeirantes nos 1600, aumentou com as comitivas das Monções em 1700 e chegou ao auge nos 1800. Os bandeirantes tinham alguns 'ajudantes' negros na caça aos indígenas. Ao contrário da época das Monções, em que eram necessárias dezenas de escravos para realizar as travessias dos varadouros de muitos quilômetros e enfrentar como remeiros a força de rios, como o Paraguai e o Paraná. Mato Grosso do Sul ficava bem no meio desta rota que ligava São Paulo à cobiçada, pelo ouro, Cuiabá, em Mato Grosso. Segundo a historiadora Zilda Alves de Moura destaca em seu livro 'Cativos nas Terras dos Pantanaís', em 1834 muitos dos pioneiros cuiabanos resolvem descer, com escravos a tiracolo, para o Sul do Estado para 'montar' fazendas em terras que os nativos habitavam. Mas não só os poderosos tinham seus escravos. Os próprios sitiantes e os agricultores menores possuíam ao menos um negro em sua propriedade. Por estas bandas, então, desde 1543, quando Cabeza de Vaca e seus homens teriam passado pelo Pantanal, foram 300 anos em que circularam pelo Sul de Mato Grosso uma grande variedade de estrangeiros africanos e europeus, além dos brasileiros - vindos em grande parte de São Paulo e região Sul - e os vizinhos sul-americanos, principalmente os paraguaios.

Segundo Darcy Ribeiro, em 'O Povo Brasileiro', em 1500 haviam cinco milhões de índios isolados quando os portugueses chegaram na 'ilha' Brasil. Em 1800, este número era de um milhão de índios isolados e 500 mil de índios 'integrados'. Ou seja, 3,5 milhões de indígenas foram exterminados. Os escravos eram 30 mil em 1600 e em 1800 atingiriam 1,5 milhão. Neste clima hostil, mesmo com as culturas africana, européia e indígena andando lado a lado no continente sul-americano em geral, no Sul de Mato Grosso em particular,

é óbvio que não existia clima para 'jam sessions'. Até porque, além da exploração da própria natureza sem piedade, ocorreu um verdadeiro massacre do branco europeu sobre os negros e indígenas.

O fato é que somente após a guerra com o Paraguai, entre 1864 e 1870, é que o Sul de Mato Grosso se tornou famoso perante os brasileiros. Como vieram soldados e combatentes de todas as partes do país, as belezas e as terras boas para fixar moradia ficam conhecidas depois que a nação paraguaia foi derrotada sem piedade por Brasil, Argentina e Uruguai. E o primeiro pólo cultural a surgir na região foi Corumbá na virada do Século XIX para o XX. A cidade foi fundada em 21 de setembro de 1778 e tinha em 1900 cerca de 15 mil habitantes. O porto corumbaense se tornou um dos principais da América do Sul e atraiu muitos estrangeiros. Um dado importante é a presença de uma base da Marinha a partir de 1873 na vizinha Ladário, com muitos integrantes vindos do Rio de Janeiro e Cuiabá. Com a chegada do Exército em 1903, o ambiente ficou ainda mais propício para o surgimento de bandas de música.

De acordo com José Octávio Guizzo, no livro 'A Moderna Música Urbana de Mato Grosso do Sul', baseado em artigos do jornalista e pesquisador Renato Baez, até o final dos anos 1930, muitas orquestras e bandas atuavam na cidade. As primeiras, além da própria banda do Exército fundada em 1903, teriam sido o Conjunto do Matias e a Orquestra do Mestre Ferro, um português que morava por lá. A cidade contou até mesmo com a Filarmônica Corumbaense, que animava sessões de cinema mudo sob a regência do maestro Emídio Campos Vidal. No início da década de 1930 havia tantos músicos em Corumbá que uma orquestra especial teria sido montada com 30 elementos. Todas estas informações necessitam de um estudo aprofundado e uma pesquisa para encontrar documentos que comprovem esta efervescência instrumental na Cidade Branca. Com a herança da vinda de muitos escravos a Corumbá, incrementado pela chegada dos cariocas militares, a cultura do samba sempre foi muito apreciada na cidade.

A ponto de Corumbá ter a sua primeira escola de samba fundada em fevereiro de 1933, apenas quatro anos depois da estação Primeira da Mangueira ter surgido no Rio de Janeiro. Guizzo aponta José Ignácio da Silva Neto, o Tim, como o compositor da 'primeira música popular urbana feita por um sul-mato-grossense e gravada por

uma editora de fama nacional'. A música chama-se 'Silêncio Noturno', um samba-canção gravado pelo cantor Carlos Augusto pelo selo Sinter, em 1955. O pesquisador garante que esta música foi muito executada nas rádios do Sul do Estado e em Corumbá, chegando a virar 'prefixo' dos cinemas locais. O próprio Tim gravou no ano seguinte um compacto de 78 rotações contendo duas composições suas: 'Destino' e 'Pingo de Chuva'. O caso de Tim, no entanto, é isolado e reflete, além do próprio talento do artista, a grande conexão que Corumbá mantinha com a cultura carioca, já que as composições eram sambas e falavam basicamente de amor, sem nenhuma relação com o universo cultural da própria região. Mas foi realmente na década de 50 que a música autoral do Sul de Mato Grosso floresceu e isso tem tudo a ver com o desenvolvimento de Campo Grande desde 1914, quando chegou na cidade o trem da Noroeste do Brasil vindo de Bauru e estourou a Primeira Guerra Mundial, inviabilizando o comércio do porto corumbaense.

Enquanto Corumbá iria chegar na segunda metade do Século XX em declínio econômico, Campo Grande faria o caminho inverso. José Antônio Pereira, um mineiro de Barbacena, fundou o Arraial de Santo Antônio no ano de 1877. Ele havia saído de Monte Alegre em 4 de março de 1872 com o objetivo de chegar as terras da região da Vacaria, ao Sul de Mato Grosso, por um caminho já trilhado pelos soldados mineiros e goianos que tinham ido lutar na guerra com o Paraguai. O aventureiro viajou acompanhado apenas do filho Antônio, do guia Luiz Pinto e dois escravos. Foram três meses e meio até José Antônio chegar em 21 de junho de 1872 a confluência dos córregos depois batizados de Prosa e Segredo. É claro que a chegada dos mineiros traria também toda a cultura secular de Minas Gerais. Uma idéia da mentalidade reinante e da música que era ouvida nos primórdios de Campo Grande, elevada à categoria de cidade somente em 1918, pode ser conferida em um dos itens do primeiro Código de Posturas do município. 'É expressamente proibido fazer sambas, cateretês ou outros quaisquer brinquedos que produzam estrondo ou vozerio dentro da vila'. Ou seja, no início de sua história, a miscelânea cultural já estava instalada. O cateretê vem de Minas Gerais e a catira do interior de São Paulo. O samba, é claro, dos negros. Uma verdadeira 'salada' compõe o 'imaginário cultural' da cidade desde a fundação até os dias de hoje. Herança vinda dos indígenas e caça-

dores-coletores, dos portugueses, espanhóis, japoneses e vizinhos paraguaios e bolivianos, além dos migrantes sulinos e nordestinos e outras regiões do país.

O jornalista Valério D'Almeida, um dos mais importantes cronistas do Estado, relata no artigo 'O Préstito Carnavalesco de 1914', no livro 'Campo Grande de Outrora', que havia na 'Rosa de Maracaju' - maneira com que se referia a cidade campo-grandense - um grupo de entusiastas que já organizava apresentações de música e teatro.

'Miguel Garcia, Joaquim Bertolino, Mestrinho e Tobias eram exímios musicistas, formando, em conjunto, uma excelente orquestra, sendo o primeiro ótimo cantor; tendo, na sua mocidade, tomado parte ativa no elenco do teatro Lírico do Rio de Janeiro. Valia a pena assistir às lindas noitadas que organizavam, quer fazendo música, quer levando peças teatrais à ribalta de um pequeno palco construído na hoje tristonha e abandonada Rua 26 de Agosto.'

Seu texto data de maio de 1949. Mas demoraria até a década de 50 para surgirem os primeiros compositores, vindos de vários locais, mas que moravam em Campo Grande. Na verdade, até este período, não havia clima na cidade para se fazer 'vãos intelectuais'.

Além da própria infra-estrutura de Campo Grande, que só foi melhorar a partir dos anos 1930, com a construção de várias obras e a primeira modernização do município, um dos empecilhos para que surgissem artistas com trabalhos próprios na cidade é que havia também um clima de insegurança, gerada pelo grande número de armas de fogo usadas pela população e pela presença de bandos organizados, que assaltavam e saqueavam principalmente fazendas e cidades na região da fronteira - algo que durou até a década de 1940. Houve um esforço enorme do Governo Vargas e seu Estado Novo para combater estes criminosos e desarmar a população do Sul de Mato Grosso, impingindo até mesmo toque de recolher e lei do silêncio.

De acordo com Valmir Batista Corrêa, em seu 'Coronéis e Bandidos em Mato Grosso', vários destes bandidos ficaram famosos, como o correntino Franck Six Moritz. Conhecido como Sismório, chamava a atenção pela bela aparência e o fino trato. Foi morto na segunda década de 1900. A gaúcha Capitoa, apelido de Maria Aparecida Belmonte, foi uma das poucas mulheres a comandar um grupo de bandoleiros no Estado na primeira e segunda década do Século XX.



Mas os bandos proliferaram-se na região a partir de 1930. Um dos mais conhecidos era liderado por Silvino Jacques, o 'Lampião de Mato Grosso'. Ele é famoso também pelos bailes que organizava e por tocar violão e cantar, além de fazer seus próprios versos. O seu auge foi nos anos de 1935 e 1936 e, depois de servir aos poderosos, acabou caçado e morto em 1939 pela polícia de Getúlio Vargas. Os bandos chamados Bochinheiros, constituídos por fronteiriços e paraguaios, que atuavam na zona ervateira próxima ao Paraguai, tinham uma peculiaridade, conforme ressaltou o historiador Hélio Serejo e que Valmir Batista destacou em pé de página em seu livro. 'Como (os bochinheiros) não conseguiam trabalho, passavam a se divertir com musiquada (baile improvisado) que recebia o nome de bochincho'. Com certeza, a trilha sonora deste pessoal era a polca paraguaia. Um dos últimos grupos organizados e armados foi o dos Baianinhos, liderado pelo valente Otacílio Batista, é óbvio, baiano. Em 1942 este grupo pôs terror na zona fronteira atacando fazendas do Pantanal portando metralhadoras de mão conhecidas popularmente por 'piriri'. No ano seguinte eles seriam desmantelados.

Em 1941, Campo Grande tinha atingido os 25 mil habitantes. A cidade dava os primeiros sinais de desenvolvimento. De acordo com Ângelo Arruda, em 'Campo Grande - Arquitetura e Urbanismo na Década de 1930', em 1938 desenhou-se a primeira planta urbana do município e desenvolveu-se, então, um 'plano diretor' para a cidade em 1941. Os primeiros edifícios, os monumentos Obelisco e Relógio da 14, o Colégio Dom Bosco, o Hotel Americano, a Agência dos Correios e Telégrafos, o Hotel Colombo, o Cine Alhambra, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, as Casas Pernambucanas, a Casa Said Name, a Casa de Saúde Santa Maria, o Estádio Belmar Fidalgo, a estação da Noroeste do Brasil... Todas estas obras foram realizadas durante a década de 1930. Com o final da Segunda Guerra, do longo período sob o governo ditatorial de Getúlio Vargas e da explosão do rádio no Brasil, a partir de 1945 todo o mundo ocidental vive uma fase de euforia e esta onda começaria a chegar na provinciana Campo Grande durante os anos 1950 e 1960 e explodir nos 1970, com 122 mil habitantes morando na área urbana.

Na década de 1940, alguns músicos eruditos residentes em Campo Grande formaram um grupo para tocar violinos, violoncelos, violões e piano. Músicos militares eram chamados para os instrumen-

tos de sopro. Eles se apresentavam nos cinemas de Campo Grande, como o extinto Cine Santa Helena, e em cidades do interior, com um repertório sinfônico adaptado para a formação e também tocavam música de salão. Os líderes foram os músicos Frederico Lieberman e Elídio Campos Vidal. É importante ressaltar ainda o papel do Rádio Clube, fundado em 1924, como local em que se fazia 'arte' em Campo Grande. Muitos grupos de fora do Estado se apresentaram no clube, que teve carnavais históricos e foi testemunha da evolução da sociedade – de alto poder aquisitivo – na cidade. Nos anos 1950, se destacou o Conjunto do Lalo, um quinteto que se tornou popular nos bares e casas noturnas campo-grandenses.

Até aí, no entanto, não havia nenhum compositor local ou um grupo com trabalho autoral em evidência na cidade. O que havia, até então, era música para animar bailes, festas de casamento, datas comemorativas, eventos oficiais e, é claro, churrascos e festas nas fazendas. Este repertório vinha de dois lugares principalmente: da rádio - que foi fundada no Brasil em 1923 e nos anos 1940 já havia se tornado o principal meio de comunicação e mídia de massa do povo brasileiro -, e do cancionero paraguaio. Os grandes artistas do país eram cantores de rádio que estavam no eixo Rio-São Paulo. Não seria Campo Grande que ficaria de fora deste fenômeno nacional. No entanto, tudo o que se faz nas grandes cidades é repetido, e antes em maior escalada, nos fundões do país. Por isso, as rádios locais também produziram suas estrelas locais. A partir dos anos 1950, então, começam a surgir os primeiros nomes da música do Sul de Mato Grosso com trabalhos autorais.

## A PRIMEIRA TURMA – OS DESBRAVADORES DOS 50

O fato é que entre 1500 e 1600 a presença dos espanhóis foi grande na região sul-mato-grossense. Isso deixou marcas, independentemente da fronteira política estabelecida pelos governantes. Em grande parte do Estado, vários hábitos e costumes do povo paraguaio permaneceram na banda de cá brasileira. Com o grande êxodo ocorrido no lado paraguaio devido a combates como a guerra com Brasil, Argentina e Uruguai, a Guerra do Chaco (1932/1935) e a Revolução

Civil (1947), muitos deles se estabeleceram na fronteira do Sul de Mato Grosso, Paraná e no Norte da Argentina, em Corrientes. Os primeiros compositores do Estado são descendentes da mistura destes paraguaios com os migrantes brasileiros, principalmente mineiros e gaúchos.

Entre os artistas com trabalhos autorais em tempos mais longínquos está Cecílio da Silva, depois transformado em Amambaí. Aos 10 anos, em 1947, ele montou a dupla Campanha e Corumbá (seu parceiro) e se apresentava na Rádio Difusora de Aquidauana. Em 1956, participou da dupla Garimpo e Garimpeiro, desfeita porque seu parceiro precisou ir para São Paulo tratar da voz que estava perdendo, e logo formou com Emídio Umar, que já tinha tido a dupla Alvarenga e Umar, a famosa dupla Amambay & Amambaí, nome sugerido por Zacarias Mourão.

Outra pioneira foi Eleonor Aparecida Ferreira dos Santos, a Betinha. Em 1951, com 10 anos, formou com seu cunhado a dupla Nhô Chico e Nhá Xica. Eleonor e sua irmã Josabeth estrearam como Beth & Betinha em 1956 no Clube Amambay, em Pedro Juan Cabarello. Elas ganharam o título de ‘Princesinhas da Fronteira’ depois de vencer um concurso em uma rádio de Assunção de composição em castelhano e guarani. As duas já faziam o trecho de cidades da fronteira paraguaia com o Brasil e em 1958 vieram para Campo Grande tocar na Rádio PRI-7. Quem estava na cidade era o circo de Nhô Pai, aquele que compôs ‘Beijinho Doce’ e várias canções dedicadas ao Mato Grosso. Ele escutou Beth & Betinha cantando na rádio e as chamou para se apresentar em seu circo que estava montado aonde é hoje o Mercado Municipal de Campo Grande.

Zacarias Mourão também já tinha passado pelo Rio de Janeiro, com a intenção de se tornar padre, e São Paulo, onde se estabeleceu até os anos 1980. No começo da década de 1950, o compositor de Coxim começou a ganhar os primeiros concursos de poesias nas rádios paulistanas. Foi sem dúvida o primeiro artista do Sul de Mato Grosso a ter programas próprios em emissoras de rádios poderosas e escrever em revistas musicais importantes do eixo Rio-São Paulo.

A parceria dos primos – ele é 11 anos mais velho do que ela – José Pompeu e Delarina Pereira aconteceu em 1956 em Campo Grande. Primeiro eles formaram um trio, com a amiga Vanir – chamado Duas Damas e Um Valete. Depois ficaram apenas os dois – Zezinho e Deli-

nha – como o Duo Pintassilgo. Nas primeiras apresentações em São Paulo na Rádio Bandeirantes, em 1958, já casados, os dois ainda atendiam por este nome, o que foi rapidamente modificado pelo experiente Capitão Barduíno, primeiro locutor sertanejo da emissora e que batizou os dois de Délio & Delinha.

A música autoral do Sul de Mato Grosso nasceu escancarando a influência da música paraguaia. Mas a antropofagia rolou solta. Nem o rasqueado desenvolvido por Raul Torres, Nhô Pai, Mario Zan e Capitão Furtado desde a década de 1940 e tampouco a rigidez das normas estruturais da escola tradicionalista musical do Paraguai. A música desta região sempre foi outra coisa. Algo genuíno e muito particular. Assim como Corrientes se orgulha de ter criado o chamamé – o termo surgiu na cidade nos anos 1930 -, Campo Grande também pode gabar-se de ter seu próprio estilo de interpretar a polca, a guarânia e, sim, o próprio chamamé correntino. Esta linha de criação artística desenvolve-se até os dias atuais, mas os primeiros foram justamente esta geração dos anos 1950.

Depois, em 1960, Zé Corrêa iria ‘revolucionar’ o modo de tocar o acordeon e a maneira de interpretar os chamamés argentinos. É importante salientar que o jeito de tocar duetado a sanfona gera uma discussão sobre se foi Zé Corrêa ou não o criador da técnica. Mas o importante, e incontestado, é que foi ele, um descendente de gaúchos e nascido em uma fazenda, quem popularizou esta ‘nova’ maneira de tocar o instrumento. Este jeito de tocar o chamamé, que Dino Rocha depois se tornou o principal representante, ainda é um enigma para a maioria dos sanfoneiros de outras regiões do país.

Por isso, quando os ‘nacionalistas’ apontam a música fronteiriça como não sendo ‘brasileira’, há uma negação de um lado do país que não se ‘enquadra’ nos moldes do que se consome e produz artisticamente no litoral do Brasil. O fato é que em poucos lugares do país os compositores unem três línguas nas letras – espanhol, guarani e português -, e o ritmo explorado é o ternário (3/4 ou 6/8). Esta geração de 1950 foi a primeira a fazer isso no campo da música autoral e esta tradição segue até hoje na música sul-mato-grossense. É pertinente ressaltar que até o final dos anos 1970, quem dominava a cena artística e ‘ditava’ as cartas era justamente Délio & Delinha e companhia. Quando o Mato Grosso do Sul foi criado em 1977 e dois anos depois o Estado ‘nasceu’ de fato, era urgente responder a questão sobre



qual era a música sul-mato-grossense e quem eram os músicos que representavam o novo Estado. O fato é que esta geração começou a declinar no final dos anos 1970 e na década de 1980 enfrentou a forte concorrência dos ritmos sulinos, como o vanerão, que se popularizou no Estado e, de certa maneira, mudou o panorama do mercado musical, antes basicamente dominado pelo gênero fronteiriço.

No momento em que se cria o Mato Grosso do Sul, a geração que havia começado a florescer nos festivais estudantis, a partir de 1967 em Campo Grande, se firma como a detentora da ‘verdadeira’ música do novo Estado. Entre eles, Grupo Acaba, Família Espíndola, Paulo Simões, Carlos Colman... Com isso, este pessoal dos anos 1950 acaba ‘deixado’ de lado, pois há uma espécie de negação de tudo o que representava o ‘antigo Mato Grosso’. A geração de Geraldo Espíndola viveu a primeira onda da globalização, com a televisão já mais popular que o rádio divulgando astros nacionais e estrangeiros e a juventude em plena revolução de costumes. No entanto, a obra destes compositores dos 50 é também significativa e, em termos de quantidade de discos e fonogramas gravados, é imbatível até os dias atuais. Nenhum artista sul-mato-grossense gravou mais que Délio & Delinha ou Dino Rocha. É importante frisar também que a ligação com Cuiabá praticamente não existiu para a maioria destes compositores. Délio & Delinha, por exemplo, fez apenas um show nos palcos cuiabanos em 50 anos de carreira.

‘Pé de Cedro’ e ‘A Mato-Grossense’, de Zacarias Mourão, ‘Criador de Gado Bom’, ‘Prazer de Fazendeiro’ e ‘O Sol e A Lua’, de Délio & Delinha, ‘Estrada de Chão’, de Aurélio Miranda, ‘Don Artur’, de Zé Corrêa, e ‘Gaivota Pantaneira’, de Dino Rocha, são clássicos regionais tão representativos do Sul de Mato Grosso quanto os que viriam depois com Almir Sater e seus companheiros a partir dos anos 1970. O tom pró-natureza já estava contido na ecológica ‘Pé de Cedro’, feita em 1959, quando o assunto não era nem de longe uma pauta interessante. Com certeza, Zacarias Mourão é um dos primeiros compositores do país a emplacar um sucesso nacional com este tema e a partir de uma história pessoal, pois ele plantou a árvore protagonista em 1939, aos 11 anos. Cinco décadas depois de ser criada, ‘Pé de Cedro’ resiste ainda como a música mais conhecida e uma das mais regravadas do cancioneiro do Estado.

O compositor paulista Raul Torres foi um dos primeiros do país

a ir até Assunção para beber direto da fonte da música paraguaia. Ele fez três viagens à capital paraguaia nos anos de 1935, 1944 e 1950. É considerado o primeiro brasileiro a compor rasqueados, o gênero que seria o 'abrasileiramento' da polca paraguaia e da guarânia. Em 1943, Capitão Furtado organizou uma turnê por todo o Estado de São Paulo, Goiás, o Triângulo Mineiro, e o Mato Grosso. Foi nesta excursão que Mário Zan compôs 'Chalana', segundo relata Rosa Nepomuceno em 'Música Caipira - Da Roça ao Rodeio', vendo o Rio Paraguai de sua janela do quarto do Hotel São Bento na cidade de Corumbá. Nhô Pai também foi outro pioneiro em compor rasqueados, a adaptação da polca paraguaia que agradou em cheio ao público brasileiro. A maior prova disso é o sucesso nos anos 1950 da dupla Cascatinha e Inhana, os 'Sabiás do Sertão'. Em 1952, eles gravam um LP de 78 rpm com versões de 'Índia' e 'Meu Primeiro Amor (Lejania)'. Na época foram 500 mil cópias prensadas, o que equivaleria na década de 1990 a dois milhões, ainda de acordo com Rosa Nepomuceno.

Até hoje não foi feita uma pesquisa sobre a vendagem dos discos sul-mato-grossenses. Sabe-se que os primeiros LPs de 78 rpm, os bolachões, gravados por Délio & Delinha, assim como vários discos da dupla, foram muito bem aceitos. Um dos mais vendidos foi 'Gosto Tanto de Você', de 1968, que contou com a participação do estreante Zé Corrêa. A música 'Criador de Gado Bom' tornou-se um dos hits do repertório do 'Casal de Onça de Mato Grosso'. Zé Corrêa, aliás, foi um dos artistas que mais venderam discos em uma carreira meteórica. De 1968 a 1974, quando foi assassinado, gravou sete discos solo, um compacto duplo e 14 discos com outros artistas. O LP 'Os Mensageiros de Mato Grosso', que ele fez ao lado de Amambay e Amambaí, em 1969, pela Califórnia, influenciou muito os músicos do Estado, incentivando o aparecimento de muitos trios com a formação de dois violões e sanfona. A última música do Lado B deste álbum se transformou em fenômeno de vendas e de pedidos nas rádios do Estado: 'A Mato-grossense', de Zacarias Mourão e Flor da Serra.

O fato é que desde a geração de Raul Torres que o rasqueado já era apreciado no próprio Paraguai. A música de Capitão Furtado e Palmeira, 'Paraguayita, Pepita de Oro', de 1944, ficou famosa por ser uma das mais apreciadas pelo presidente paraguaio na época.

Por isso, alguns artistas de Campo Grande acabaram produzindo disco na gravadora Cerro Corá, de Assunção. Foi o caso de Adail e Tesouro (Sereia Loira/1974), Ado e Adail (Pula Pula Coração/1975, Que Problema Tem?/1976), Dino Rocha (Meus Sentimentos/1975) e Amambay e Mbakarai (Os Mensageiros da Fronteira/1975). O mercado e a integração musical entre o Paraguai e o Sul de Mato Grosso incentivaram a gravadora Cerro Corá a abrir uma filial em Campo Grande, a Melodias Discos. O selo lança, por exemplo, o disco 'Separados na Cama', dos Irmãos Ouro e Prata, em 1979.

Assim como há o interesse dos brasileiros em romper as barreiras que os separam do público do país vizinho, os paraguaios se interessam pelo Brasil. E muito. Se o Paraguai tem a música riquíssima e é uma espécie de berço da alma da cultura guarani, o Brasil possui um mercado atrativo para os músicos paraguaios e este desejo, de fazer mais shows, vender mais discos e tocar para mais pessoas, que fez bandas como o Los Tammy's rumarem para o Mato Grosso do Sul principalmente a partir do final dos anos 1970. Originário de Pedro Juan Caballero, cidade vizinha a Ponta Porã, o grupo grava vários discos pela Cerro Corá e Melodias Discos e se apresentou a partir do começo da década de 1970 em várias cidades do Estado. Conhecidos por serem um dos primeiros grupos a romper com a formação clássica de instrumentos acústicos, ditados pela escola tradicionalista, o conjunto começou a cantar as polcas e músicas tradicionais do país com baixo, bateria e guitarras no acompanhamento. A banda se apresenta em vários clubes campo-grandenses, como o Surian e o Libanês, e o cantor Victor Hugo de La Sierra acabou vindo morar no início dos anos 1980 em Campo Grande, onde é residente até hoje.

Esta atmosfera fronteiriça era perfeitamente sentida na recém feita capital do novo estado de Mato Grosso do Sul, na década de 1980. Havia várias churrascarias com música paraguaia ao vivo. A mais famosa foi a Cabana Gaúcha. A dupla que mais se destacou na noite campo-grandense foi Jandira e Benites, em um tempo que se passava de mesa em mesa, cantando a pedidos e faturando principalmente com a caixinha que os clientes deixavam para os músicos. Esta geração, no entanto, se apresentou muito mais nos circos que circulavam pelo interior e capital do Sul de Mato Grosso. A pesquisa deste livro se encerra em Tostão & Guarani, pelo autor entender que esta foi a

última dupla que ainda guarda mais semelhanças do que diferenças em relação aos primeiros compositores que surgiram nos 50.

Donos de uma obra extensa e que necessita de um estudo mais detalhado de análise musical, Délcio & Delinha, Zacarias Mourão, Amambay e Amambaí, Zé Corrêa, Beth & Betinha, Jandira e Benites, Maciel Corrêa, Adail e Tesouro, Ado e Adail, Tostão e Guarany, Aurélio Miranda, Victor Hugo de La Sierra foram alguns dos artistas que ajudaram a transformar o Mato Grosso do Sul em um celeiro de talentos musicais com trabalhos de primeira qualidade e com um forte cunho fronteiriço. Estes artistas são os primeiros compositores que registram e cantam a ‘matogrossice’, um jeito de ser brasileiro único e ainda não incensado como o tradicionalismo gaúcho, a cultura carnavalesca nordestina-carioca e a exuberância amazônica. É necessário o resgate destes nomes e a reposição do valor de seus trabalhos na linha de frente da música sul-mato-grossense para que a música do Estado siga seu caminho natural e evolutivo.

# Os Pioneiros

## PARTE 2

DEPOIMENTOS



**DÉLIO & DELINHA**  
GOSTO TANTO DE VOCE

CL-205  
CALIFORNIA  
ALTA FIDELIDADE



# O FENÔMENO DÉLIO & DELINHA

**Delinha:** O Délio tinha morado em São Paulo por cinco anos e voltou para Campo Grande em 1956. Ele queria ser artista. Lá ele fez dupla e não deu certo. Um irmão dele morava perto da minha casa em Campo Grande e o Délio estava lá. A mamãe soube que o ‘Zezinho’ tinha chegado. Ele era metido e muito bonito.

O pai do Délio é irmão da minha mãe. A vovó casou primeiro com um Pompeu e depois com um Pereira. O Délio é Pompeu. Ele é da família Taveira também.

Quando ele veio em casa eu tinha uns 10 anos. A minha mãe contava que ele colocou a mão na minha cabeça e disse: ‘Ai que menina feia’.

**Délio:** Eu morava em São Paulo e vim passear em Campo Grande. Fiquei na casa do meu irmão. A mãe da Delinha, que é irmã do meu pai, foi me visitar e falou: ‘Zezinho! Você gosta de cantar e tocar. A Delinha também. Vai lá para casa. Você não tem onde ficar mesmo’. Conhecia a Delinha só de nome. Tinha visto ela menina e quando voltei estava moça.

**Delinha:** Então fomos eu, Vanir e mamãe para ver o Zezinho. Chegamos lá, ele estava na matinê. Ficamos esperando até que ele veio de paletó no dedo e óculos escuros. A mamãe pediu para ele cantar. Ele pegou o violão e começamos a cantar. Ele falou: ‘Vamos cantar mais. Vou na sua casa’. Ele viu que deu um negócio. Ele vinha para casa e começamos a cantar eu, a Vanir e ele. Ele colocou o nome do



trio de Duas Damas e Um Valete. Mas o pai dela não deixou mais porque dizia que o Délio era sem vergonha e queria ficar com as duas. Besteira. Nós começamos a cantar. A mamãe gostava dele e falou que era para eu namorar. Mas eu não queria. O papai já tinha saído de casa.

**Délio:** Eu fui para a casa da Delinha, mas não estava namorando. Era só música. A gente ficava até as 11 da noite incomodando os vizinhos. A casa é onde ela foi criada e morou a vida toda. Na Rua Paissandu. A Delinha tem até uma música chamada 'Velha Casinha'. Cheguei a querer derrubar a casinha para construir uma de material, mas a mãe dela não deixou. Ficamos nisso um ano mais ou menos, até que começou a dar namorinho e terminamos casando.

**Delinha:** Eu não sei se o Délio chegou a ir falar com a minha mãe sobre namoro e casamento. De certo sim. A mamãe ficou brava porque eu não queria casar com o Zezinho. Ele dava entrada de namorar, mas eu saía fora. Tinha 19 anos e ele 31, 32. Mas aí falei: 'Mãe, para acabar com a conversa, você quer que eu case? Eu caso'. Toda a vida foi assim. Se me incomodar muito eu faço, mesmo se vou sofrer.

**Délio:** Casamos no dia 22 de fevereiro de 1958. Logo na lua de

mel fomos embora para São Paulo. Fomos lutar com a vida. A gente não tinha lugar para ficar e nem dinheiro para viajar. O que fez a gente ir foi porque eu cantava bem e a Delinha também. A carreira artística oferecia um futuro.

**Delinha:** A minha tia Braulina toda vez que nascia um bezerro dizia que ele era meu: 'Este é da Delê'. Quando casei já tinha seis cabeças de gado. Eu era muito pobre e o Zezinho não tinha nada. A mamãe chorava e não queria que eu fosse para São Paulo. Disse: 'Você queria que eu namorasse ele, agora aguenta'.

Bom, falei com a tia Braulina, escrevi uma carta e ela vendeu os bois para mim. Deram 6.500 que não sei se era cruzeiro ou cruzado. Com este dinheiro fomos para São Paulo. Deixei um pouco com a mamãe.

Viajamos graças a este dinheiro que a tia Braulina pegou do meu gado. O Délio queria ir. Eu não. Mas quando é destino, você não corta.

O Zacarias Mourão veio em Campo Grande fazer show na rádio PRI-7 com o Duo Estrela Dalva. Aos domingos o auditório lotava. A Itamy era noiva dele e eu era do Délio. Fizemos amizade com eles. Quando casamos e fomos em 1958 para São Paulo procuramos o Zacarias na Rádio Bandeirantes. Ele falou com o Capitão Barduíno e foi quando nós entramos na rádio.

**Délio:** Antes de irmos para São Paulo, o Zacarias esteve em Campo Grande com o Duo Estrela Dalva, em que a noiva dele cantava. Foi o meu primeiro contato com o Zacarias. Ele falava: 'Se forem para São Paulo, me procurem que arrumo um encaixe para vocês'.

**Delinha:** O Zacarias conseguiu falar com o Capitão Barduíno e o Biguá, que tinham programas sertanejos na Bandeirantes. E o resultado foi que com nove dias a gente entrou para a rádio. Mas sem ganhar. Ficamos cinco anos e um mês lá e nunca tivemos remuneração. Só para fazer nome. Ganhava cenzinho, duzentinho, nos shows nos circos.

**Délio:** A gente foi confiando no Zacarias, mas fomos confiando mais em nós mesmos. Nós saímos daqui dando show em Água Clara, Rio Pardo... Onde tinha um lugarejo nós descíamos do trem e de noite dava um show para arrumar dinheiro. Ganhava uma mixaria.

**Delinha:** A irmã do Délio já morava em São Paulo. Lembro que a primeira rua que cheguei foi a Avanhandava. Onde tinha uma igre-



ja de crente. Porque antes da gente ir, o Délio morava lá. Ele ficou noivo de uma moça crente. Até uma música ele fez para ela. De certo, ela o achou muito estúpido e desmanchou o noivado.

Então nós ficamos na casa de um pastor, que era da igreja que ele ia com ela.

**Délio:** Antes de ir casado com a Delinha para São Paulo eu já havia morado lá. Trabalhei como eletricitista. Devia estar com 28 anos. Fui para enfrentar o ‘basquete’ de SP. E consegui emprego bom. Comecei a entrosar na eletricidade e fazia de tudo. Nesta época tocava só para mim mesmo. Voltei para Campo Grande por bairrismo. Saudade da terra.

**Delinha:** Eu não sabia nada. Nunca tinha saído de Campo Grande. O Délio falou: ‘Nós vamos à noite na minha irmã’. Era a minha cunhada, que era minha prima também. Ela já morreu. Eu entregava leite para ela quando tinha uns nove anos. Ela não lembrava de mim, só sabia que eu era filha da tia Xiruca. Já no primeiro dia ela disse: ‘Mano, vamos jantar aqui’. Era acostumada a comer macarrão com molho vermelho e bastante queijo. Ela falou: ‘Vamos comer um macarrão com manteiga’. Não tinha comido. Era chique, mas não descia. Queria molho. Sofri em São Paulo. A cunhada falou: ‘Mano vem morar aqui. Você não tem onde ficar’.

O apartamento dela era uma kitnet. Aquele salão grande e a cozinha. Era na Rua Paula Souza, ficava na mesma rua da Rádio Bandeirantes, para cima da Avenida São João. A minha cunhada deu o biombo para nós. Dormia ela no sofá e o menino dela, o Silvio, no outro. Nós ficamos muito tempo com ela ali. Eu limpava a casa e cozinhava. Ela foi parceira. Era muito família e se preocupava com os irmãos.

Mas eu tive que trabalhar para ajudar. Fui ser professora de um cara que tinha uma loja perto da Estação da Luz. Ele tinha lábio leporino. Ensinava ele a fazer continha de somar. Ele era mais novo que a mulher e ela não queria que ele fosse ao colégio. Ela era velha rica e queria botar uma loja para ele. O Délio acabou indo trabalhar como informante da Editora Globo.

**Délio:** Eu estava trabalhando em serviço braçal na iluminação pública. Mas sempre fui curioso e tinha aprendido datilografia, mas não com grande execução. Surgiu uma proposta de emprego na Rede Globo. Precisava ser datilógrafo e fui. Tinha uns 10 candidatos e passei em primeiro lugar. Era para ser informante.



**Capitão Barduíno**  
arq. Rodrigo Teixeira



Tipo comprava uma coleção de livro e eu ia tirar informação para o cara. Mandeí o dedo naquele troço e passei em primeiro lugar. O chefe falou: 'É o seguinte, estamos precisando de informante, mas tem que começar amanhã'. No outro dia fui trabalhar na Editora Globo.

Eu comprei um sofá cama à prestação e alugamos um quartinho no Bexiga que só cabia nós dois. No fim do mês eu não pude pagar o aluguel e o dono da casa me tomou o sofá. Lá fomos nós dormirmos no chão outra vez.

**Delinha:** Tivemos de mudar para um quarto menor no Bexiga com cinco meses de casados. Eu tinha 22 anos. O apartamento só tinha uma cama de solteiro, uma mala de roupa e uma mesinha. O outro tinha cama de casal. Cozinhava na espiriteira, aquelas coisas de álcool. Fazia arroz e feijão.

## O BATISMO NA RÁDIO BANDEIRANTES

**Délio:** Depois de poucos dias que chegamos a São Paulo já estávamos cantando na Rádio Bandeirantes. Nós chegamos lá com o nome de Duo Pintassilgo. O nosso diretor artístico era o finado Capitão Barduíno. Ele falou: 'Vamos trocar esse nome aí. Como vocês se chamam?' 'Me chamo Zezinho'.

Mossa  
Lauda...  
Délia  
& Delinha  
Rádio Bandeirantes  
S. Paulo



Cartão da dupla  
arq. Delinha

‘Zezinho é o que tem aqui, não serve. E você?’.

‘Me chamo Delanira, mas desde criança que me chamam de Delinha’.

‘Está aí um nome: Délia & Delinha’.

**Delinha:** Foi o Capitão Barduíno que nos batizou. E aí ficou. Mas ele esquecia o nosso nome: ‘Agora vamos apresentar... Esqueci o nome... Meu Casal de Onça de Mato Grosso’. Nós não gostávamos desse título de Casal de Onça. Quando anunciava nos shows ‘Délia & Delinha, o Casal de Onça de Mato Grosso’ o povo pensava que a gente levava um casal de onça adestrado.

Tinha o programa Serra da Mantiqueira que era do Biguá. Das 7 às 7h30. E do Capitão Barduíno que era mais tarde, das 8 às 8h30. Eram os programas mais ouvidos da Rádio Bandeirantes.

O Capitão Barduíno gostou de nós. Ele era gordão. De vez em quando eu chamava o Délia de Zezinho e o Barduíno queria me matar. Fi-

cava bravo. O dia que o Palmeiras perdia não podia nem falar com ele.

**Chero:** Também fui morar em São Paulo por volta de 1960, com uns 19 anos. Trabalhava com calçados, mas sempre envolvido com o mundo artístico. Fui morar no Sumaré na casa de um caboclo que eu fui com ele daqui, o José Enoque Luis. Ele era diretor cenográfico da Rádio Tupi. Eu comecei a fazer um trabalho lá dentro e aprender cenografia. A gente tinha direito ao restaurante, então comia no serviço de dia na loja e a noite já ficava na Tupi. Depois do jantar descia pra casa. Ali comecei a ter contato com artistas.

**Delinha:** No sexto andar da Rádio Bandeirantes tinha um restaurante. Então todas as terças a turma se reunia para encontrar os colegas e pegar show. Ia um povo de circo e tal. Para entrosar a gente ia lá de noite.

Um dia, a gente estava sem dinheiro. E eu com vontade de comer uma média com pão doce. O Délio falou: 'Não temos dinheiro'.

Aí você vê como Deus ajuda. Veio um senhor lá e disse: 'Escuta Délio, o que você vai fazer na quinta?'.

'Nada'.

'Quer um showzinho?'.

'Queremos'.

'É uma turma toda que vai e é quinhentão'.

'Ah tá'.

'Eu já vou pagar adiantado'.

Comi gostoso hein! A gente passava vontade. Foi uma época difícil.

**Délio:** Na Rádio Bandeirantes se cantava ao vivo. Eu já tinha um repertório bom. Ficamos assim por um ano. A gente era caipira, bobão mesmo. Ficamos esperando que a gravadora nos chamasse. Cheguei no Barduíno e reclamei: 'Capitão, nós precisamos gravar. Faz um ano que estamos cantando na rádio e a rádio não nos manda gravar'.

'Mas meu filho, a rádio não tem nada a ver com isso. Você vai lá na gravadora, mostra o repertório e aí eles vão ver se interessa'. Eu fui.

**Chero:** Toda noite a gente ouvia a Rádio Bandeirantes. Eu ouvia o Délio & Delinha cantarem na rádio. Toda noite tinha apresentação ao vivo às 7h30. Curti muito. O Délio e a Delinha lançaram



Délio (3º da dir. para esq.), Delinha e Barduíno com elenco da Bandeirantes  
arq. Delinha

em 1964 o LP 'Sorte, Amor e Canção' com coisas lindas. Naquela época o Brasil inteiro ouvia rádio.

**Delinha:** Nós ficamos na Rádio Bandeirantes por cinco anos e um mês sem ganhar nada. Só para fazer nome. Eu não sei se alguém ganhava. A gente tinha medo de perguntar.

**Délio:** Fizemos amigos em São Paulo na Rádio Bandeirantes. Era Pedro Bento e Zé da Estrada, Zilo e Zalo, Liu e Léo, Dom Glacial, Zico e Zeca, Zezinha do Acordeon e o Luizinho Limeira... Eram nossos amigos.

## GRAVADORA CALIFÓRNIA

**Delinha:** O Mário Vieira, da Gravadora Califórnia, finalmente marcou para a gente gravar. O ano era 1959. As primeiras músicas foram 'Malvada' e 'Cidades Irmãs' em disco de 78 rotações.

**Amambay:** O Mário Vieira era músico. Ele participava do Sexteto da Lua. Abriu este selo e começou a gravar caipira.

**Delinha:** Eu e o Délio éramos muito ensaiados. Ele tocava violão lá do outro lado e a gente entrava igual. Quando fomos gravar na

Califórnia, que estava começando, fizemos testes. O Mário Vieira falou: 'Quinta vem aqui e grava'.

Ensaíamos a noite inteira e ficou na ponta da língua. Chegamos e gravamos só nós dois no violão. Maior desprezo que fizeram. Aí o Délio falou que tinha mais músicas, mas ele disse que duas estava bom. E saiu o disco.

Quando deu os três meses para receber o 'dindim' tinha vendido 264 discos. O Délio disse que não queria mais, que todo mundo falava que vendia mil discos e que a gente iria voltar para Mato Grosso. Fazia um ano e pouco que eu e ele estávamos por lá.

A gente era caipira e sem tarimba. Todo mundo falava que vendia mil e tanto e nós achamos que ia ser com a gente também. O Délio disse: 'Quero rescisão de contrato. Já que não vendeu não quero dar prejuízo. Vou embora trabalhar com enxada. Vale mais a pena'. O Mário deu a rescisão.

O Zacarias Mourão estava em Campo Grande com o Duo Estrela Dalva e o sucesso na cidade era 'Malvada' e 'Cidades Irmãs'. Em todo lugar tocava. Virou um hino.

Zacarias retornou para São Paulo e falou que tinha que gravar as músicas com a dupla dele. O Délio falou: 'Não senhor. Se eu não fiz sucesso com a minha música, ninguém mais vai fazer'.

**Délio:** Quando falei com o Mário Vieira, ele disse: 'Vamos fazer um teste'. E nos mandou para fazer uma gravação na aparelhagem. Ele adorou demais e gravamos. O disco veio para Mato Grosso e o negócio virou um sucesso. Fomos faturando devagarzinho.

**Delinha:** Foi quando o Mário Vieira chamou para a gente gravar bem. Ele sabendo do sucesso em Campo Grande chamou de volta e entramos para a Califórnia outra vez.

Aí que gravamos com o Caçulinha, teve baixo e outros instrumentos. O Julião na viola. Mas o primeiro sucesso mesmo foi só na voz e violão, como gravamos o primeiro LP 78 rotações.

Nós gravamos uns 2 ou 3 LPs com o Caçulinha. Até que um dia o Délio discutiu com o Caçulinha porque eles não acertavam uma música. Eles discutiram e o Délio falou: 'Ou eu ou ele aqui'. Naquele tempo éramos jovens. Já passou tudo isso. Depois entrou o Zé Cupido para tocar com a gente também.

Quando deu o sucesso a gente gravava até dois discos por ano. Porque naquela época levantava cedo e ia a todas as rádios levar o



disco. A gravadora dava um invendável para eles. E eles tocavam.

Depois do primeiro LP continuamos gravando os 78. E quem gravava LP já era tido como famoso. Diziam que ficava rico.

Nós gravamos o primeiro LP de 78 rotações em 26 de março de 1959. Lembro porque na Semana Santa em Campo Grande tinha a Quinta-feira Santa e as coisas eram fechadas. Então, quando o Mário Vieira marcou um 26 de março, quinta, eu disse pro Délio que ele estava mentindo. Nós fomos com medo. A gente morava em um porão.

O Mário Vieira era sistemático. Não falava e ficava na frente. O estúdio era grande. E ao vivo se um músico errava, parava tudo e começava de novo. Ficava o violoncelo e contrabaixo no cantinho. E quando a gente errava o Caçulinha dava risada com a sanfona. Mas nunca pagamos para gravar ou ir a um programa. Não ganhamos, mas não pagamos. O Mário Vieira virou amigo.

## FILME DE TONICO E TINOCO

**Délio:** Nós tivemos sorte porque no primeiro filme do Tonico e Tinoco, chamado 'Lá No Meu Sertão', a Biguazinha, que era filha do Biguá da Rádio Bandeirantes, gravou a minha música 'Triste Verdade' no acordeon. Só instrumental. E entrou na trilha sonora do filme. Aí é que eu faturei.

**Delinha:** A Biguazinha, filha do Biguá, tocava no acordeon esta música 'Triste Verdade'. Nós e a dupla Biguá e Biguazinha fazíamos shows juntos. Andava de táxi marcando o velocímetro, inclusive viajando para fora de São Paulo para tocar nos circos e em tudo quanto era lugar. O motorista era o Joaquim e ele cobrava por quilômetro. Na verdade, o Biguá pagava um cachezinho pra gente. Ele tinha nome e lotava. E, para pegar nome, a gente ia junto. Nós encaixamos com o Biguá.

Ele gostava da dupla. Tem até esta música, 'Querendo Você', que demos a parceria para o Biguá. Porque ele gostava demais. Ele botava o pé na cadeira e mandava cantar. Tomava um pouco de pinguinha e era apaixonado. A turma fazia que nem a gente fez. Dava a parceria da música para ele ajudar no programa.



**Biguá e Biguazinha**  
arq. Delinha

O primeiro show que a gente fez em circo foi em uma cidade mineira. Chegamos lá, o circo arriado no chão e uma brigaiada. A sorte que a gente levava o dinheiro para ir e voltar. Foi em Santa Rita de Extrema, cidade no Sul de Minas Gerais. Não ganhamos nada e viemos com prejuízo.

Todo mundo chegava na rádio e contava que tinha ganhado isso e aquilo e Délio & Delinha não ganhavam nada. Até pegar nome foi difícil demais.

Até que a Biguazinha gravou a cena do filme do Tônico e Tinoco tocando o arrasta pé 'Triste Verdade'. O assessor deles ligou para o Délio e disse que todo mundo estava cedendo as músicas gratuitamente. E o Délio: 'Eu não dou nada. Então vocês tirem, porque ela gravou, mas a música é nossa. Eu quero um cachê e vou cobrar'.

O que ele cobrou na época deu até para ir passear por Campo Grande. A gente vinha e sempre arrumava onde cantar. O Délio levou mais de um mês segurando o filme. Ele dizia: 'Se não me pagar, eu não assino'. Até que eles pagaram. E aí deu para dar uma respirada. Eu acho que era muito dinheiro.



Délio & Delinha na  
TV Tupi nos anos 1960  
arq. Delinha

**Délio:** Os compositores precisavam assinar uma liberação para poder lançar o filme do Tonico e Tinoco. Eu segurei a barra. Passou uns seis meses e o diretor da gravadora do Tonico e Tinoco telefonou para a Chantecler, onde a Biguazinha gravou e falou que a gente estava segurando o filme. O diretor da Chantecler me chamou. Fui lá e ele disse: 'Por que você esta segurando o filme do Tonico e Tinoco?'.

'Não estou segurando nada. O que eu quero é receber meus direitos autorais'.

'Mas é esse o seu caso?'.

E passou a mão no telefone para falar com um diretor artístico da gravadora, que era um espanhol. Eu fui lá depois e recebi uma gaita boa. Comprei carro e construí minha casa em Pirituba. Se eu não chorasse ia perder essa boca. Eu que vivia dormindo no porão feito besta.

**Chero:** Já tinha visto Délio & Delinha uma vez tocando em um barração perto do Clube Surian em Campo Grande. Depois eu fiz uma viagem a São Paulo com meu amigo, Dr<sup>o</sup> Valfrido Rodrigues. Ele tinha tido um problema na família e tinha ido pra casa das irmãs.

Fomos parar lá na casa do Délio & Delinha em Pirituba. Eu era jovem de tudo. O primeiro contato que eu tive com eles foi com o Valfrido lá em Pirituba.

**Delinha:** Eu e o Délio fizemos uma casa em Pirituba. Compramos o terreno e amassamos barro. Eu que dava o balde para o Délio. O Capitão Barduíno colocou nosso apelido de 'Meus Pedreiros de Pirituba'. A gente acabava o programa, eu fazia uma marmita de noite e levava. Pegava o trem e subia 800 metros. A casa tinha uns 20 degraus para subir.

Mas o Délio comprou o terreno e dividiu com mais dois artistas. No fim o Délio pagou sozinho e virou uma confusão muito grande. Perdemos tudo.

## A ROUPA

**Délio:** A gente tinha um costume bonito. A Delinha levava uma mala cheia de roupa com os violões. Os violeiros naquele tempo punham as roupas dentro da caixa do violão. E nós não. A gente levava quantidade pra ficar uma semana trocando de roupa e o pessoal era tipo todo dia a mesma roupa. Eu achava que o artista tinha que ser assim e sabe que funcionava? Mas a turma ria de nós. 'Vocês são bestas mesmo'.

Para ir pra casa de Pirituba tinha que subir uma ladeira e com essas malaíadas era difícil. 'Ce é besta, leva só uma muda de roupa!'

**Delinha:** Naquela época toda a turma tinha duas ou três roupas de apresentação. Você não ia a uma mesma cidade direto, então não repetia a roupa. Eram duas ou três mudinhas de roupa por isso.

Comprava o pano porque minha roupa não existe e precisa ser feita. Minha saia tem 3 metros de largura. Dois saiotes por baixo. O papai era muito enjoado e não deixava nem roupa justa e nem calça comprida. Eu fui acostumando.

A mamãe que costurava quando eu era mocinha. E fui acostumando com esta roupa rodada. Se eu vestir uma calça comprida ou saia justa eu estou nua. E se eu não botar dois saiotes por baixo não está bom. A minha roupa é um estilo só. Só muda a cor e o

tipo de tecido. Mas o estilo é a roupa rodada. A turma vê uma saia rodada e já fala que é da Delinha. Virou uma marca. Eu chegava ao lugar e ia passar as roupas. Também toda vida o Délio se apresentou de terno. Ele só anda assim. Mesmo de dia. Acostumou. A gente não sabe ir a um show mal arrumado. Pode ser de dia ou de noite. Os fãs gostam de nos ver bem vestido.

## RASQUEADO

**Délio:** Nesta época, em São Paulo, poucos artistas cantavam chamamé, rasqueado, canção rancheira... Era só moda de viola e ceteretê. Nós entramos cantando chamamé e rasqueado. Eu tocava bem violão. A Delinha eu ensinei. A gente dava show só nós dois. A Delinha com um mês já começou a tocar bem violão e já foi tocar no rádio. A mulher nasceu pra isso. Fizemos um teste pro Capitão Barduíno e ele adorou.

**Maciel Corrêa:** O Délio era conhecido como Zé do Bordão. Ele só tocava na bordaria. Não tinha esse negócio de rasquear. A Delinha rasqueava e o Délio só no bordão. Nos discos ele fazia tudo.

**Delinha:** O Délio me ensinou a tocar violão. Era um violão vermelho, pequeno. Tinha 19 anos, moça bonita, e tinha vergonha daquele violãozinho. Mandeí meu primo Romeu pegar o violão e sair na frente no dia que fui tocar na rádio PRI-7, no domingo. Para eu não levar, porque não tinha capa.

Não é que toco bem violão, eu aprendi a me acompanhar. Depois de uns tempos, comecei com uma dor no braço e não quis mais tocar.

**Délio:** O povo achava bom o estilo novo do rasqueado. A gente pulava no palco e era levado da breca.

**Delinha:** Não gosto de música ca-i-pi-ra! Porque é aquela mal falada com moda de viola e tem moda que não dá. Desculpe quem goste. Eu prefiro o rasqueado, que é mais apaixonante.

Polca, chamamé e guarânia cada um é uma coisa. São diferentes. Só que é quase que o mesmo batido no violão. O rasqueado vem do chamamé e da polca paraguaia. O chamamé é mais lento e a polca paraguaia é mais rápida. O rasqueado ficou no meio do chamamé e da polca. Para mim, que não estudei música, é isso.

**Délio:** Nosso estilo é diferente. É um estilo, como que se fala, com um palavreado mais civilizado do que esse do mundo caipira. Nossa dupla não é totalmente caipira. É uma dupla de folclore, que faz uma música aceita pelas altas autoridades.

**Chero:** Naquela época era mais o rasqueado. Não havia tanto chamamé.

**Delinha:** Nós fazemos rasqueado. Acho que nos colocam de sertanejo, mas a dupla Délio & Delinha não é raiz. Nem caipira. É um folclore nosso de MS. Tem o rasqueado mato-grossense de Cuiabá que é diferente. A guarânia também é diferente da polca, do chamamé... Tudo tem um jeito diferente de 'bater a mão'. Mas não foi a gente que implantou o rasqueado. Foi o Mario Zan. Nhô Pai e Nhô Filho também tocavam rasqueado antes e nós pegamos deles.

Eu era menina de 10 anos e já tinha disquinho de 78 do meu compadre Francisco. A gente tocava muito as Irmãs Galvão naquelas vitrolas de corda. Elas começaram aos sete anos e já tocavam rasqueado. Eu ouvia e gostava. A gente não implantou nada. Não tem este negócio. Só que graças a Deus as letras são nossas.

Nós começamos com música própria porque o Délio fazia muito. Teve mais inspiração do que eu. Quando a gente cantava música dos outros era porque o repertório era pequeno. Até que já tinha umas 15 músicas e a gente cantava aquelas. O povo pedia as mesmas.

Ensaiai uma música nova não adianta. Chega lá e só se canta aquilo que eles querem. É 'O Sol e a Lua', 'Por Onde Andei', 'Prazer de Fazendeiro'... Então a gente nem ensaia. Vai lá e canta aquilo mesmo. O povo quer cantar junto, saber as letras. No nosso caso tem gente que gosta das nossas músicas antigas porque namorou a mulher, dançou com a namorada ou houve algo na vida deles com a música e querem recordar.

## CHANTECLER

**Délio:** Nós gravamos um disco pela Chantecler. A Califórnia não gostou porque ela nos lançou e a Chantecler estava querendo usufruir. A Califórnia queria que a gente ficasse. Aí eles se arranjaram e ficou tranquilo.



**Delinha:** O único disco que fizemos fora da Califórnia foi na Chantecler em 1970. Tiramos tanta foto no Parque da Água Branca em São Paulo para colocarem uma que não gostei na capa.

Foi a dupla Sulino e Marrueiro que fez a gente sair da Califórnia. O Délio, sempre brigando, ficou chateado com o Mário Vieira e nós fomos para a Chantecler. Não valeu a pena. Lá quem tocou conosco foi um douradense que era o sanfoneiro da dupla do Marrueiro.

No dia que a gente foi receber – eram as mesmas músicas – o Délio pegou dois mil e não sei quanto e eu recebi mil e pouco. Como podia ser diferente se eu e o Délio dividia a composição das músicas? O certo era vir o mesmo valor para os dois. Mas aí a gente já estava com passagem marcada para ir embora para Campo Grande.

## A VOLTA PARA CAMPO GRANDE

**Délio:** A gente estava bem de situação em São Paulo. Mas mato-grossense é bairrista e voltamos para Campo Grande definitivamente. Mas não ganhamos dinheiro como em São Paulo. O problema é adorar a terra que nasceu.

**Maciel Corrêa:** Tem a história da música 'Antigo Aposento'. O Délio escreveu a letra quando estava em São Paulo. O sistema dele era o seguinte: tinha que escrever e chorar. Ele fez esta letra e jogou fora. Daí a empregada falou: 'Délio essa letra estava jogada lá no quintal.' Ele pegou, olhou e gravou. É sucesso até hoje: 'Retornei a minha terra pra matar minha saudade, cheio de felicidade meus amigos encontrei.'

**Delinha:** Nós fomos para São Paulo em 1958 e depois de quase uns dois anos a gente voltou para fazer em Campo Grande um show no Relógio da 14 com a Afonso Pena. Nós viemos de São Paulo, em 1962, com o Guarati no acordeon. Este show foi marcante. Tinha muita gente.

A gente vinha, ficava uns dois meses e louco para não voltar. Mas tinha a casinha lá em Pirituba.

Depois nós viemos fazer show no circo do Nhô Pai e Nhô Fio, que estava armado na frente do Mercado, onde era a feira livre. Isso por 1963 ou 1964. Tinha a feira, com um largo e ali armava circo. Nós fi-

zemos e lotou o circo. Não sabia nem quanto era a entrada. Era xucra de tudo. E roubaram de nós. Deu 45 mil de borderô e eles apresentaram tanta despesa que a gente ficou com uns cinco ou seis contos.

Mas voltamos de vez mesmo de São Paulo para morar em Campo Grande em 1966. Para ficar na Velha Casinha. A mamãe foi até para São Paulo e ficou um tempo. O papai também foi para conhecer. Mas não tinha mais jeito. A gente estava fazendo muito show em São Paulo, mas é a família né. Saudade. Logo minha cunhada veio também para Campo Grande e nós retornamos também.

Em 1964 havia tido o golpe militar, mas não influenciou em nada. Nós não tínhamos tanto nome como os que foram presos. Nós éramos sertanejos e não mexíamos com isso. Eu nem sabia destas coisas porque toda a vida o Délio foi o cabeça. Nunca deixou eu tomar conta de nada. Ele carregava até meu RG. Precisava, ele que pegava.

**Délio:** Nós voltamos, mas continuamos gravando na Califórnia por muito tempo ainda. A gente ia para São Paulo para gravar e voltava para Campo Grande.

**Delinha:** Nós montamos um mercadinho perto da minha casa e por muito tempo toquei o negócio. O Délio ajudou no começo, mas depois eu fiquei tomando conta mais sozinha. Até que não aguentei mais. Em 1978 eu me separei do Délio. E a dupla também acabou parando de tocar por uns tempos.

No final dos anos 1970 tinha feito a música 'O Sol e A Lua' e começou uma história da gente voltar a gravar. O que aconteceu em 1981, quando lançamos o disco 'O Sol e A Lua'. A música virou um sucesso, mas separamos a dupla logo depois de novo. Eu já estava casada com o Jairo.

Depois resolvemos voltar em 23 de outubro de 1993. Fizemos um show do Círculo Militar que foi sucesso. Tinha cinco mil pessoas e foi gente embora.

## RETORNO DA DUPLA

**Maciel Corrêa:** Gravei com o Délio & Delinha o disco 'O Sol e A Lua', que saiu em 1981, uma semana antes do meu, 'Cadeado de Ouro'. Eu tinha gravado a faixa título com eles. A música entrou arrebrandando

nas rádios e uma semana depois veio 'Cadeado de Ouro'. Estava ali para ajudar a juntar novamente a dupla para gravar. Existia um movimento para que a dupla voltasse. Eu participei da turnê do disco 'O Sol e A Lua'. Esse disco estourou. Ligavam pra mim até de São Paulo para contratar Délio & Delinha. Eles atraíam público e tinha cachê bom porque era só casa cheia. A gente ganhava tipo 'milão' por cabeça.

**Rodrigo Teixeira:** Como aconteceu do Délio falar o seu nome na faixa 'O Sol e A Lua'?

**Maciel Corrêa:** Quando estamos começando queremos aparecer. Então eu pedi para o Délio. 'Você coloca a minha foto atrás do seu disco? Como acordeonista que acompanhou?' Ele foi seco: 'Não. Eu estou pagando e não vai aparecer ninguém.' 'Tá bom.' Fiquei quieto. Na hora da gravação o Délio se entusiasmou e disse o 'seguuuura Maciel Corrêa'. Foi bem melhor do que a foto. Ficou para o resto da vida.

Outra música que gravei foi 'De Mato Grosso a São Paulo'. A Delinha disse: 'Pode arrematar Maciel Corrêa.' Quer dizer, no mesmo disco saiu Maciel Corrêa duas vezes. E vai ficar rodando 'O Sol e A Lua' para sempre. É imortal essa obra. Isso me ajudou demais.

**Rodrigo Teixeira:** O Délio tinha noção do que estava fazendo?

**Maciel Corrêa:** Não tinha.

**Rodrigo Teixeira:** Como ele era no comando dos músicos?

**Maciel Corrêa:** Rigoroso. Quando estava começando a ensaiar tive um arranca rabo com o Délio dentro do estúdio. Ele era agressivo. Nós ensaiamos 30 dias para gravar. Era todo dia. O pessoal achou que eu tinha caso com a Delinha. Saiu até entrevista disso. Mas é porque eu passava na casa da Delinha toda tarde. Pegava ela e ia lá pro Délio ensaiar até a noite. Depois largava na casa dela e já pegava outra vez. Daí caiu na boca do povo. Brinco até hoje com a Delinha. É amiga da gente. O Délio e a Delinha se separaram como marido e mulher, mas na parte profissional não desandava. Eles viajam muito e respeitam um ao outro. Mas é um em cada canto.

Eu continuei tocando a minha carreira solo e com Délio & Delinha até a dupla terminar de novo. Isso foi no começo dos anos 80. Eles apartaram e quem arrumou para voltar outra vez fui eu. Estavam procurando demais Délio & Delinha nos anos 1990. O pessoal

só ligando... Eu fui falar com a Delinha. Ela disse. 'Pode ser. Mas o Délio não vai querer.' Depois fui no Délio e falei. 'Vocês estão perdendo dinheiro. O pessoal está em cima.' Até conseguir juntar os dois para fazer show outra vez foi um custo.

O Canto da Terra foi quem fez o retorno da dupla no Círculo Militar em 1992. Daí arrebentou a tampa de novo. Telefonei pra eles. 'Agora vocês vão fazer comigo. Vamos fazer no União dos Sargentos.' Lotou de gente do mesmo jeito.

O nome Délio & Delinha é muito forte. São pioneiros em divulgar a nossa música raiz, o chamamé e o rasqueado para fora do Estado. Eles são os padrinhos de toda a safra que veio depois. Eu morava no Pantanal ainda garoto e eles já gravavam bolachão de 78 rotações. Lembro que saía no lombo do cavalo cantando 'Desventura', música deles. Eu falo para a Delinha: 'Tem que fazer um clone de você e do Délio.'

## BETH & BETINHA

### AS PRINCESINHAS DA FRONTEIRA

**Betinha:** Meu pai, Manuel Brandão Ferreira, foi maestro em Rivera, cidade do Uruguai que faz fronteira com Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Minha mãe era gaúcha, de uma cidade vizinha. Mas eles se conheceram em Mato Grosso do Sul. Meu avô quase foi fundador de Dourados. Nós nascemos em Rio Brilhante, na época, Entre Rios. Somos 11 irmãos. Sete mulheres e quatro homens. Sou a penúltima.

**Beth:** Eu sou a do meio.

**Betinha:** Mas quatro irmãos já morreram.

**Rodrigo Teixeira:** E o pai de vocês vivia de música?

**Betinha:** Não. Meu pai era advogado, além de maestro. Mas não quis mais nenhuma das profissões. Foi ser ferreiro.

**Beth:** Mecânico.

**Betinha:** Ele não era mecânico de consertar carro. Era ferreiro de produzir peças. A gente morava em Entre Rios, depois fomos



**Betinha e Beth, as  
princesinhas da fronteira**  
arq. Beth & Betinha

pra Ponta Porã em 1942. Meu pai tocava em casa com os filhos. Os meninos tocavam violão, mas quem levou a sério fomos nós. Ele ensinava música para a gente nas festinhas de domingo.

**Beth:** Nesta época não tinha condução e nem estrada. Diz a minha mãe que fomos em três carretas em estrada de chão e levou mais de um mês pra chegar em Ponta Porã.

**Rodrigo Teixeira:** E com quantos anos vocês começaram a tocar?

**Betinha:** Comecei em 1951, aos 10 anos, fazendo dupla com meu cunhado: Nhô Chico e Nhá Xica. Tocava violão e ele viola. A gente fazia show e tocava música de violeiros de São Paulo. Das Irmãs Castro também. A gente ia aos shows delas na época da escola.

**Rodrigo Teixeira:** O Délio falou das Irmãs Castro. Ele afirma que foi uma dupla que influenciou e que cantaram em guarani primeiro...

**Betinha:** Foi a primeira dupla que cantou em guarani.

**Beth:** Elas foram até Assunção. As vozes eram lindas.

**Betinha:** No começo cantávamos mais no Paraguai do que no Brasil.

**Beth:** Mais em Pedro Juan, na rádio ao vivo. Mas aí já era eu e a Betinha.

**Betinha:** Comecei a cantar com a Beth e papai gostou. Ele me ensinou violão e acordeon. Me colocou na escola de música e aí foi.

**Rodrigo Teixeira:** Que data que vocês consideram o começo da dupla?

**Betinha:** Começamos a fazer show em 16 de junho de 1956. Foi no Paraguai, em Pedro Juan. Foi quando a gente acreditou que já era artista e enfrentou o público.

**Beth:** Foi no Clube Amambay.

**Rodrigo Teixeira:** Vocês já tocavam músicas próprias?

**Betinha:** Já.

**Beth:** E cantava em castelhano e em guarani.

**Betinha:** Teve um concurso no Paraguai de músicas em castelhano e guarani e nós ficamos em primeiro lugar.

**Rodrigo Teixeira:** Como vocês ganharam o apelido de ‘Princesinhas da Fronteira’?

**Beth:** As paraguaias ficavam bravas. A gente era novinha e nem ligava. Mas ficava com medo de apanhar delas. Nós trabalhamos muito tempo no Paraguai, saiu um presidente da rádio, entrou outro e a gente continuava lá. Depois fomos trabalhar no Clube Amambay, com um trio de São Paulo chamado Los Três Ritmos.

Então teve um concurso em Assunção e a gente nem pensava que ia ganhar com nossas músicas em castelhano e guarani. Depois de vencer este concurso da rádio ganhamos o apelido de ‘Princesinhas da Fronteira’.

**Rodrigo Teixeira:** Depois que vocês fizeram esse show no Clube Amambay começaram a viver de música?

**Betinha:** Sim, a gente ganhava um cachê bom. E era só violão e sanfona. Fazia show em Amambai, Ponta Porã, Dourados...

**Rodrigo Teixeira:** E o pai de vocês ia junto? Vocês já tinham namorado?

**Betinha:** Não, ia uma irmã mais velha. Eu era bem novinha, tinha uns 13 anos e a Beth 18. Mas quem que não tinha namorado? Não tinha era um só.

**Rodrigo Teixeira:** E quando vieram para Campo Grande?

**Betinha:** Viemos trabalhar na rádio PRI-7. Fizemos uma apresentação e nisso o circo do Nhô Pai e Nhô Filho estava armado onde é hoje o Mercado Municipal em Campo Grande. Isso foi entre 1958 e 1959. Aí o Nhô Pai viu que a gente tava cantando no rádio e convidou pra ir cantar no circo. O Nhô Pai em pessoa. Ele é o autor de ‘Beijinho Doce’ e a gente já cantava essa música.



**Rodrigo Teixeira:** Quando vocês tocaram na PRI-7 tinha auditório?

**Beth:** Não, era um estúdio com um locutor.

**Rodrigo Teixeira:** E chamavam vocês de ‘Princesinhas da Fronteira’ ainda? Por que o nome Beth & Betinha?

**Betinha:** Chamavam sim. O nome da dupla vem do diminutivo do nome da Beth, que é Josabeth. Como chamavam ela de Beth, puseram Betinha.

**Rodrigo Teixeira:** E vocês tocaram no circo do Nhô Pai e Nhô Fio?

**Betinha:** Sim e estava lotado. Até então a gente não conhecia ninguém em Campo Grande. Éramos só nós duas. Conhecemos Rodrigues e Rodriguinho nesse show. Depois fizemos uma excursão de sete anos com eles por vários lugares. Eles foram pra Ponta Porã pedir autorização porque eu era menor de idade.

## RODRIGUES & RODRIGUINHO

**Rodrigo Teixeira:** Vocês ouviam Rodrigues e Rodriguinho em Ponta Porã?

**Betinha:** Não. Eles eram famosos lá para o lado de Rio Brilhante.

**Beth:** São baianos e vijavam muito.

**Betinha:** Eles são irmãos. A primeira vez que tiveram em São Paulo saíram e voltaram umas 10 da noite. O hotel tava fechado. Aí dormiram no banco do jardim para não incomodar a dona. Pagando hotel, dormiram num banco. Eram bem xucrinhos.

**Betinha:** A dupla deles começou antes da nossa e com repertório próprio.

**Beth:** ‘Uma Saudade’ e ‘A Mãe Natureza’ são deles.

**Rodrigo Teixeira:** Eles estavam passando aqui em Campo Grande quando vocês se conheceram?

**Betinha:** Eles estavam de passagem e justamente no show do circo calhou o dia. Aí cantamos, eles gostaram e chamaram para a excursão.

**Rodrigo Teixeira:** Até então não tinha nada de namoro?

**Betinha:** Não. Nós viajamos muitos anos sem namoro. Fizemos Mato Grosso todo. Cuiabá, serra de garimpo e lugar que a gente ia a cavalo porque não dava de carro.



Rodrigues & Rodriguinho,  
Beth & Betinha em 1964  
arq. Capitão Moura

**Beth:** Andava em aviõezinhos teco-teco também. Era um lugar que tava dando febre amarela e ninguém bebia nem água. Só guaraná.

**Betinha:** A gente cantava com luz de lamparina. Não tinha eletricidade. Nem caixa de som, microfone, nada. Era tipo uma corneta que aumentava o som. Lotavam os shows.

**Rodrigo Teixeira:** O que vocês cantavam com Rodrigues e Rodriguinho?

**Betinha:** Eles faziam um show, nós outro e depois juntava para encerrar com um xote deles e a gente fazia o coro.

**Beth:** O estilo deles era romântico. Depois de um tempo com a gente eles começaram a tocar rasqueado. Era o Rodriguinho no violão e o Rodrigues na viola. O Rodrigues compunha e aí tinha os outros amigos que compunham e davam pra ele gravar. Umas músicas bonitas. Pessoa com problema de coração, apaixonada de novo.

**Betinha:** Só depois desses sete anos casamos.

**Rodrigo Teixeira:** Quando vocês casaram?

**Betinha:** Eu e a Beth casamos com o Rodrigues e o Rodriguinho no mesmo ano, no mesmo dia e no mesmo lugar. E largamos no mesmo dia também. Vivemos 12 anos juntos.

**Beth:** Tive minha filha em 1963 e depois mais dois.

**Betinha:** Eu tenho quatro filhos.

## PRIMEIRA GRAVAÇÃO

**Rodrigo Teixeira:** Como surgiu o primeiro disco em 78 rotações?

**Betinha:** Nós fomos pra São Paulo e conversamos com o produtor e compositor Roberto Stanganelli. O disco foi matéria paga. A gente começou a tocar na Capital mesmo, tinha muito circo e fazíamos muito show. Fomos trabalhar na Difusora de Guarulhos.

**Beth:** Nós mesmas que fomos atrás, batendo de porta em porta. E Rodrigues e Rodriguinho eram conhecidos por lá. Moraram lá antes de conhecer a gente. Eles iam fazer uma gravação.

**Betinha:** Aí fomos para São Paulo e aproveitamos para gravar em 1959 o 78 rotações na gravadora Inspiração.

**Rodrigo Teixeira:** Quais eram as músicas que vocês gravaram?

**Beth:** 'Oh, Campo Grande' e 'Malvado', que é um bolero nosso.

**Betinha:** Gravamos coletânea com outros, compacto simples, duplo.

**Beth:** Em 1964 gravamos aquele disco que tem a ponte junto com o Rodrigues e Rodriguinho. A foto da capa é em São Paulo, perto do Palácio de Cultura. Foi o primeiro LP deles e a gente nem era casado.

Curioso e Barqueirinho,  
lançado pela Califórnia  
arq. Capitão Moura



**Betinha:** Gravamos em 1959 o primeiro disco em 78 rotações e depois começaram fazer vinil. Aí fizemos mais coletâneas, misturadas com outros artistas, de uma música ou duas. Mas não lembro direito quantos foram, nem a ordem. O problema é que para nós não interessava disco, interessava show. Trabalhar. Aliás, até hoje.

**Beth:** Quando a gente começou, dentro do Estado inteiro só tinha Beth & Betinha. Não tinha mulher cantando, nós éramos novidade.

**Betinha:** Tinha a Delinha, que já cantava com o Délio.

**Rodrigo Teixeira:** Quantos LPs vocês gravaram?

**Betinha:** Acredito que oito. Depois ficamos de 1974 até 1980 sem gravar.

## CURIOSO & BARQUEIRINHO

**Rodrigo Teixeira:** Vocês conheceram Curioso & Barqueirinho?

**Betinha:** Nós trabalhamos com o Curioso. Fizemos muitos shows com ele.

**Beth:** É triste a história deles. Os dois morreram assassinados de forma trágica.

**Betinha:** O Barqueirinho levou um tiro em Aquidauana. O Curioso morreu degolado.

**Rodrigo Teixeira:** Curioso & Barqueirinho integrava o circuito de vocês?

**Betinha:** Não, quando a gente começou o Curioso já estava sozinho em 1963. Eles eram de Aquidauana, nunca tinha ouvido falar neles. Fui conhecer mesmo só o Curioso em Campo Grande. Tivemos um programa na rádio Aquidauana, ia muita gente daqui pra lá de trem.

**Beth:** O Rodrigues e o Rodriguinho eram amigos deles, não saíam de casa.

**Rodrigo Teixeira:** Algumas duplas não ficaram na história.

**Betinha:** São duplas que não tiveram empresários. Como nós. Toda vida fomos nós mesmas. Hoje os famosos têm toda a mídia e o povo avança. Mas tinha que ver o nosso show antigamente. A polícia tinha que tirar a gente do palco e levar de camburão embora. Cansei de perder chapéu, rasgar blusa, tirarem meu lenço do pescoço, perdia até sapato no palco. E quem que vai contar isso? Não tinha uma

TV, nem filmadora, nada. A gente trabalhava na luz de lampião.

**Rodrigo Teixeira:** Vocês concordam que primeiro o tipo de música que dominou MS era o rasqueado, a polca e a guarânia, ou seja, a música paraguaia. Então veio o chamamé com Zé Corrêa e Amambay & Amambai e no final da década de 80 chegou à música gaúcha?

**Betinha:** Isso mesmo. A década de 70 foi muito ruim para nós. Porque até 1979 era muita discoteca. Nós sofremos este período. Uma vez fomos tocar no Dom Bosco para formandos de medicina e tinha gente que debochava. Até que um cara que já ia se formar pediu para a gente tocar uma discoteca. Eu virei e disse que me admirava ele, que tinha estudo, pedir para um acordeon e violão tocar discoteca. Fomos tendo que enfrentar estas situações para conseguir algum show.

**Beth:** Aí na década de 90 foi levantando com o sertanejo.

## A MULHER VAMPIRA

**Rodrigo Teixeira:** Conte sobre a personagem Mulher Vampira?

**Betinha:** A Mulher Vampira foi em 1968.

**Beth:** Era em um lugar bem no meio da Rua 14 de Julho em Campo Grande.

**Betinha:** A gente fazia 15 sessões corridas. Era uma aparição. Eram dois quartos iguais medidos centímetro por centímetro.



**Beth & Betinha em ação, em julho de 1982**  
arq. Beth & Betinha





As incansáveis Beth & Betinha  
arq. Beth & Betinha

**Beth:** Eu era a vampira. Isso foi um projeto que o Rodrigues e Rodriguinho montaram e a gente fez. A Betinha se apresentava e eu ficava lá de pé, até doer as pernas.

**Betinha:** Eu não podia rir porque a Beth não estava rindo. Tinha que ficar quieta. Tinha um espelho e a sombra dela ia tomando conta. A gente ficava mão com mão, rosto com rosto. A turma ajoelhava, gritava. Era à noite. Era um monte de sessão e não tinha tempo de tomar uma água.

**Beth:** Uma turma saía e já chegava outra.

**Betinha:** Uns saíam correndo. A fila estava enorme e aumentava mais ainda para ver outra vez. E era um salão pequeno.

**Beth:** Lotava. Ficava um em cima do outro.

**Betinha:** Isso durou seis meses.

**Rodrigo Teixeira:** Aonde se tocava em Campo Grande nos anos 1950 e 1960?

**Beth:** Em Campo Grande a gente se apresentou várias vezes nos extintos Santa Helena e Alhambra.

**Rodrigo Teixeira:** E ganhavam dinheiro?

**Betinha:** A gente fazia duas ou três sessões lotadas por noite e pegava a bilheteria. Era muito dinheiro.



**Rodrigo Teixeira:** E cadê este dinheiro?

**Betinha:** Você sabe que o artista gasta em coisas até banais. Mas nós fizemos muitas coisas. Compramos casa, trocava carro todo ano e o que aconteceu? Ficamos sozinhas com sete crianças para criar nos anos 1970. Fomos batalhar e criamos nossos filhos com a música.

**Rodrigo Teixeira:** Como vocês enfrentaram isso como mulheres?

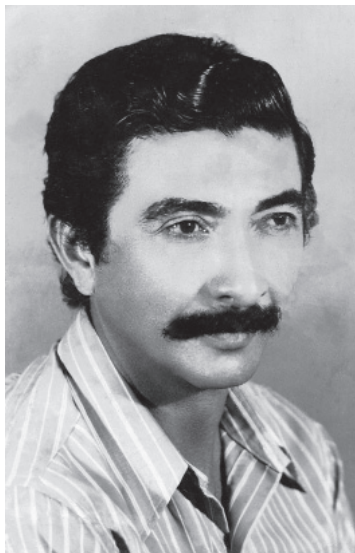
**Betinha:** Cantamos muito para a mídia e o pessoal endinheirado. Em beirada de piscina, apartamento e casa de doutor fulano de tal. Não era povão. A gente circulava muito neste meio dos poderosos. E acho que é por isso que a gente não cresceu tanto assim. Porque quem faz o artista é o povão. Não é a classe alta.

**Rodrigo Teixeira:** E como vocês se sustentam?

**Betinha:** Com a aposentadoria do governo federal. Fazemos uns biquinhos e vamos indo. Durante 45 anos trabalhamos para o Estado. Mas documento a gente não tem. Trabalhamos para pessoas importantes, como o ex-governador Fernando Corrêa da Costa e Filinto Muller... E cadê? Podiam dar uma aposentadoria maior. Os impostos que foram recolhidos nossos foram parar aonde? Isso que fico pensando. Eles têm poder de dar uma aposentadoria melhor para os artistas que divulgaram o nome do Estado. O que valeu enfrentar o que a gente enfrentou? Agradeço a Deus que eu e a minha irmã temos saúde. E a maior riqueza de todas que é o nosso público. Este sim é o nosso tesouro.

**Padre Chico e Zacarias em Coxim na época em que plantou o Pé de Cedro**  
arq. Lúgia Mourão





Zacarias e Itamy brincam com  
um filhote de capivara  
arq. Lígia Mourão

## ZACARIAS MOURÃO

### O POETA 'EMBAIXADOR'

**Lígia Mourão:** A família do papai é do Nordeste. Vieram de comitiva do Maranhão. Eles pararam em Coxim. Era a rota bonsueira. Criaram raízes. As tias Neivinha, Raimunda e Zélia eram filhas da vovó Cantimira Terra Mourão com o vovô José dos Santos Mourão. O papai era o único homem.

Meu avô morava em Coxim. Cuidava de fazenda. Minha avó tinha pensão. O papai vivia na igreja com o padre Chico e virou coroinha. Ele tratava o papai como filho e dava conselho porque meu avô trabalhava muito.

O padre ia pescar com ele, levava canoa... O padre Chico colocou inclusive o apelido de um pássaro muito danado no papai: Tió. Isso desde uns seis e sete anos.

Com isso ele virou o menino Tió, o menino da pensão. Ninguém sabia o nome Zacarias Mourão. Chamavam de menino Tió.

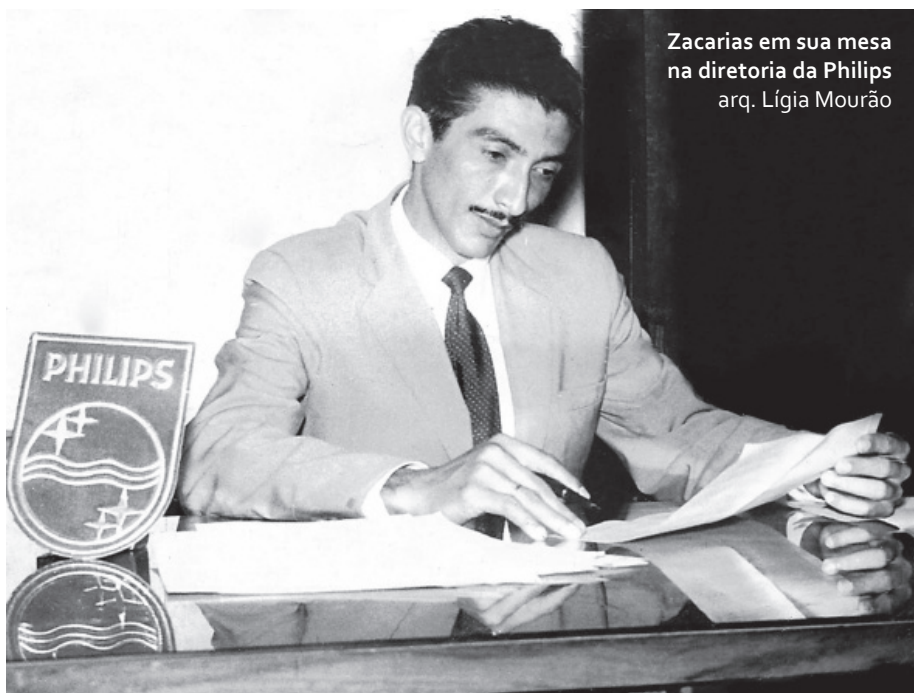
Um dia, numa das caçadas dele com o padre e outras pessoas,

ele encontrou um arbusto na beira do Rio Coxim. Teve um sentido, porque ele havia conversado sobre Deus, sobre natureza... Ele queria arborizar do jeito que era o lugar mesmo. Um menino daquela idade.

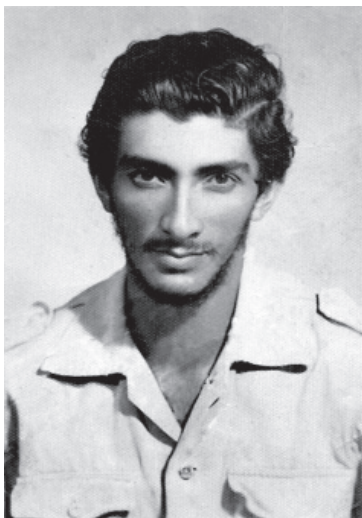
Conversava muito com meu pai. Uma vez perguntei: 'Por que o senhor plantou um pé de cedro?' Ele respondeu que queria saber sobre a vida e que plantou o amor. Com 11 anos ele plantou o pé de cedro. Em 1939.

Ele ficou em Coxim até uns 15 anos. Depois fez dois anos de seminário em Campo Grande. Ele queria ser padre. Depois mais dois anos de Aeronáutica e foi estudar em Petrópolis (RJ) em 1949, com 21 anos. Mas ele só ficava no quarto. Escrevia sobre Coxim, a mata, a natureza... O padre do Rio decidiu mandar ele de volta pra ver o padre Chico. Os dois tiveram uma conversa. E o padre Chico disse que ele tinha vocação, mas que podia querer outro tipo de vida e mandou ele de volta. O meu pai resolveu seguir a vida dele depois dessa conversa com o padre Chico. Ele volta pro Rio de Janeiro e logo vai morar em São Paulo no início da década de 1950.

Antigamente o Departamento de Rodagem (DER) abrangia desde a construção e manutenção das estradas até a vigilância. Tudo em um



Zacarias em sua mesa  
na diretoria da Philips  
arq. Lígia Mourão



Zacarias nos tempos de policial rodoviário e agradecendo um dos muitos prêmios recebidos  
arq. Lígia Mourão



órgão só. O Zacarias começou em 1951, aos 22 anos, como operador de máquina e fez carreira até sair como policial rodoviário federal.

Ele nunca se aposentou e nesse período da Polícia Rodoviária já tava mexendo com produção artística. E também neste período ele fez a Casper Líbero, faculdade de jornalismo em São Paulo. Só que na época ele não tinha tempo nem de ir.

## RÁDIO

**Lígia Mourão:** O meu pai entrou para o meio do rádio porque venceu um concurso de poesias na Rádio Bandeirantes. Ele acabou ganhando o programa 'Brasil Caboclo' para fazer e deslanchou. Ele ainda fez o programa 'Porteira Velha' também na Rádio Bandeirantes e cobria carnavais. Depois ganhou vários festivais de música sertaneja pela Rádio Record. O Zé Russo, radialista famoso, comandava.

**Chero:** O Zacarias me contou que eram seis veraneios e um helicóptero para buscar acontecimentos para seu programa na Rádio Ban-

deirantes. Ele vivia a noite artística e o negócio era sertanejo. Ele era popular e um cara especial. Naquela época não corria muito dinheiro. Era mais paixão. Mas o Zacarias vivia do mundo artístico.

**Lígia Mourão:** Papai saía da polícia rodoviária e ia fazer os programas de rádio. Ele fazia de tudo. Também foi diretor da gravadora Phillips e PolyGram e companheiro do Miguel, dono da gravadora CID. Ele fazia parte de algumas revistas em São Paulo, como as revistas 'Sertaneja' e 'Melodias'. O Zacarias tinha uma coluna chamada 'Venenos do Zacarias'. Nesta coluna o papai brincava com o que acontecia com os artistas.

## COLUNA 'VENENOS DO ZACARIAS'

• Ouvi dizer que saíram com o Orácio Faustino da gravadora C.B.S., porque, segundo consta, ele gastava mais dinheiro com a produção dos discos sertanejos, do que a conhecida fábrica gasta com Roberto Carlos. E, por mais que o velho Orácio tentasse convencer os diretores de que as suas produções eram melhores e que os sertanejos vendem mais que o rei, não conseguiu. Acontece que o Chicão também foi no rolo. Sofriam juntos lá dentro, e estão sofrendo juntos aqui fora...

• **Encontrei-me com o Pedrão, que estava todo eufórico: 'Sabe Zaca? Agora eu estou na Record! E tenho certeza que vou brilhar mais do que muita gente boa!'** Bem, aí, quem ficou contente fui eu, pois entrar na Record hoje em dia é tão difícil quanto fazer 13 pontos na Loteria Esportiva. E, dentro do meu contentamento, perguntei ao Pedrão em que horário que ele ia cantar com seu Zé Campina. Foi então que eu caí para trás: ele tinha arrumado um emprego não na Rádio Record, e sim naquela famosa fábrica de cera, que leva o mesmo nome da emissora do aeroporto... Só o Pedrão mesmo!

• Eu soube que vários artistas da etiqueta Rodeio estão de bronca com a divulgadora Célia, pois, de acordo com informações por mim recebidas, a moça dá uma atenção toda especial à dupla Rony e Robson, deixando meio esquecidos os demais cartazes. Será verdade, ou é fofoca da oposição, hein, Celinha?



## Coluna Venenos do Zacarias

reprodução Revista Moda e Viola

■ Ouvei dizer que saíram com o Orisio Fantino da gravadora C.B.S., porque, segundo conta, ele gostava mais de dinheiro com a produção de discos sertanejos, do que com a conhecida fábrica gasta com Roberto Carlos. E, por mais que o velho Orisio tentasse convencer os diretores de que as suas produções eram melhores e que os sertanejos vendiam mais do que o rei, não conseguiu. Acontece que o Chade também foi no lado. Sofriam juntos lá dentro, e estão sofrendo juntos aqui fora.

■ Encontrei-me com o Pedrão, que estava todo eufórico: — Sabe, Zazé? Agora sei o que a Record! E tenho a certeza de que vou brilhar mais do que muita gente boa! Bem, aí, quem ficou contente fui eu, pois entrei na Record hoje em dia é tão difícil como fazer 13 pontos na Loteria Esportiva. E, dentro do meu contentamento, perguntei ao Pedrão em que horário ele ia cantar com o seu parceiro Zazé Campina. Foi então que eu cai para trás: ele estava numado um emprego novo na Rádio Record, e sim naquela famosa fábrica de cacha, que leva o mesmo nome da emissora do aeroporto... Sô o Pedrão mesmo!

■ Eu soube que vários artistas da esquete Rodolfo estão de cá, pois, de acordo com

informações por mim recebidas, a moço dá uma atenção toda especial à dupla Rony e Robson, deixando meio esquecidos os demais cantores. Será verdade, ou é fofoca da oposição, hein, Catulha!

■ Tonico e Tinoco continuam mui amigos de todos os artistas do gênero sertanejo, tanto é, que nos seus programas, rodam com muita frequência, os discos da dupla coração do Brasil — e só. Quem quiser conferir, basta ouvir quando eles anunciam: — E agora, na parte musical, mais um sucesso com nós mesmos. E, prosseguindo com o programa, outro grande sucesso com nós mesmos! E assim por diante. É como fala o Gardelão, no Planeta dos Homens: Mui amigos! Mui amigos!

■ O velho Saracura continua cada vez mais gagá. As piadas que ele conta no programa Canta Viola, do Geraldo Meirelles, são de fazer chorar... Outro dia eu o vi conversando em voz alta com Abel e Caim e dizendo que no seu programa da Rádio Tupi segundo ele, a maior audiência do Brasil — havia xingado um tal dono de circo, mas que todos os outros, abaixo de cachorro. Aí, vira-se o Pedrão e diz com aquela tranquilidade: — Imagine se tivesse alguém ouvindo o programa, hein?

■ Lamentavelmente, a linha noturna de programas sertanejos da Rádio Globo foi pra cucuia... É o tal negócio: fazem a coisa sem estrutura, sem base, e é nisso que dá. O dia que se emensarem fizeram uma programação sem se preocupar com o Rádio Record, tenho certeza que tudo dará certo. Agora, anem: já, o Sebastião Victor vem outra vez dizer que abriu uma caixa só para sua responsabilidade... etc. etc. A verdade é que até agora só foi furô n'agua.

■ Outra da Globo: fato verdadeiramente estranho foi a separação da dupla Milton e Rodrigues-Zezé. Raymundo, pois quem os ouvia ao microfone pensava que todo eram amores entre os dois — era um tal de vodô e meu irmão de alma, vodô é meu irmão gêmeo, etc. De repente, a coisa terminou feia, lembrando aquelas célebres sessões da Câmara dos Deputados que a televisão mostrou a todo o Brasil. Brigas e combates, sabermos as verdades, diz o ditado. Vamos aguardar!

■ Foi informado que a Maria Chiquinha é tão louca por dinheiro, que não guarda nada em bancos e nem em cofres, mas de poupança — enfia tudo debaixo do colchão. Terei a ela pergunte: — E eu, quando for casado? Certo dia, por ocasião do seu aniversário, a conhecida divulgadora Teresinha disse-lhe que daria a ela um lindo presente, do que a Maria Chiquinha respondeu: — Eu preferia que você me desse um dinheiro!!!

## VEEENOS DO ZACARIAS

Seria bom que ele fosse fazer programa em Serra Pelada, pois, assim, já estaria no meio do ouro...

■ E agora, uma bronca nos pseudo apresentadores de programas sertanejos, cuja única preocupação é irritar os outros. O que eu já tenho ouvido por esse Brasil de falos Zé Beto, Gil Gomes, Edgar de Souza, Oswaldito Beto, Gualberto Meirelles, não está escrito em nenhum gibí! Até o fale Zé do meu irmão Zé Russo me já ouvi em outras emissoras. Tem alguns caras que chegam a colocar nos seus programas os bichinhos que o Zé Beto usa há vários anos com sucesso. E, tem rádio e Chacrinha: — Moje, no rádio e TV, nada se cria, tudo se copia... E, ci entre nós: copiar é bem mais fácil, não é?

■ Dissem as más línguas que outro dia o Zé Fortuna leu de alma, vodô é meu irmão gêmeo, etc. De repente, a coisa terminou feia, lembrando aquelas célebres sessões da Câmara dos Deputados que a televisão mostrou a todo o Brasil. Brigas e combates, sabermos as verdades, diz o ditado. Vamos aguardar!

■ Foi informado que a Maria Chiquinha é tão louca por dinheiro, que não guarda nada em bancos e nem em cofres, mas de poupança — enfia tudo debaixo do colchão. Terei a ela pergunte: — E eu, quando for casado? Certo dia, por ocasião do seu aniversário, a conhecida divulgadora Teresinha disse-lhe que daria a ela um lindo presente, do que a Maria Chiquinha respondeu: — Eu preferia que você me desse um dinheiro!!!

■ Esta aconteceu comigo: outro dia, viajei de ônibus para o Campo Grande, pois não tinha mais passagem de avião. Como a Tamy havia me encomendado que levasse um determinado bichinho, eu o comprei e coloquei numa caixa de sapatos com vários furos. Acontece que não é permitido levar animal algum de bordo. No banco de trás, sentou-se um sujeito chato, que só fazia perguntas, e também tirava no colo uma caixa de sapatos (com furos); e quando ele viu a minha caixa, ficou

vidrado e me disse baixinho: — O meu é macho! E eu respondi, também baixinho: — O meu é fêmea! Aí ele respondeu: — Vamos ouzaf? Eu concordei: — Vamo! Ele me passou um papão lindo, lindo. E eu coloquei-o dentro da minha caixa. Quando o ônibus já tinha andado uns 30 minutos, ele tornou a me falar baixinho: — O meu é canário do reino! E eu respondi, tranquilo: — O meu é angará! Advinhem o que aconteceu no ônibus???

■ Por enquanto, chega. Na próxima tem mais!

Mau funcionamento do fígado? O remédio é:

## EPATOLIS-B 12

**VITASAY**  
a vitamina dos campeões de saúde!

• **Tonico e Tinoco continuam mui amigos de todos os artistas do gênero sertanejo, tanto é, que nos seus programas, rodam com muita frequência, os discos da dupla Coração do Brasil — e só. Quem quiser conferir, basta ouvir quando eles anunciam: 'E agora, na parte musical, mais um sucesso com nós mesmos. E, prosseguindo com o programa, outro grande sucesso com nós mesmos!' E assim por diante. É como fala o Gardelão, no Planeta dos Homens: 'Mui amigos! Mui amigos!'**

• **O veinho Saracura continua cada vez mais gagá. As piadas que ele conta no programa Canta Viola, do Geraldo Meirelles, são de fazer chorar... Outro dia eu o vi conversando em voz alta com Abel e Caim e dizendo que no seu programa da Rádio Tupi — segundo ele, a maior audiência do Brasil — havia xingado um tal dono de circo, que lhe dera um cano tremendo, mudando de praça sem avisar. E o veinho estava furioso mesmo, dizendo, inclusive, que tinha colocado não só este dono de circo, mas quase todos os outros, abaixo de cachorro. Aí, vira-se o Pedrão e diz com aquela tranquilidade: 'Imagine se tivesse alguém ouvindo o programa, hein?'**

• **Lamentavelmente, a linha noturna de programas sertanejos da Rádio Globo foi para a cucuia... É o tal negócio: fazem a coisa sem estrutura, sem base, e é nisso que dá. O dia que as emissoras fizeram uma programação sem se preocupar com a**

Fotografias de Zé Fortuna



**Rádio Record tenho certeza que tudo dará certo. Agora, anote: já, já, o Sebastião Vítor vem outra vez dizer que abrirá uma nova linha sob sua responsabilidade... A verdade é que até agora só foi furo n'água.**

- Outra da Globo: fato verdadeiramente estranho foi a separação da dupla Miltinho Rodrigues-Zeca Raymundo, pois quem os ouvia ao microfone pensava que tudo eram amores entre os dois – era um tal de você é meu irmão de alma, você é meu irmão gêmeo, etc. De repente, a coisa terminou feia, lembrando aquelas célebres sessões da Câmara dos Deputados que a televisão mostrou a todo Brasil. Brigam as comadres, sabem-se as verdades, diz o ditado. Vamos aguardar!

- **Fui informado que a Maria Chiquinha é tão louca por dinheiro, que não guarda nada em bancos e nem em caderneta de poupança – enfia tudo embaixo do colchão. Tereteté e ela pergunta: ‘E eu, quanto vou ganhar miss?’ Certo dia, por ocasião do meu aniversário, a conhecida divulgadora Terezinha disse-lhe que daria a ela um lindo presente. Ao que a Maria Chiquinha respondeu: ‘Eu preferia que você me desse em dinheiro!’ Seria bom que ela fosse fazer programa em Serra Pelada, pois, assim, já estaria no meio do ouro...**

- E agora, uma bronca nos pseudo-apresentadores de programas sertanejos, cuja única preocupação é imitar os outros. O que eu já tenho ouvido por esse Brasil de falsos Zé Bettio, Gil Gomes, Edgard de Souza, Oswaldo Bettio, Geraldo Meirelles, não está escrito em



Zacarias ao lado do  
famoso Pé de Cedro  
arq. Lúgia Mourão

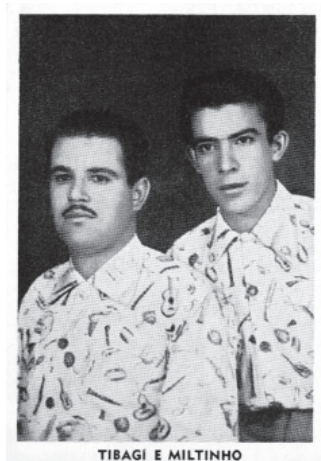
nenhum gibi! Até o 'fala Zé!', do meu irmão Zé Russo, eu já ouvi em outras emissoras. Tem alguns caras-de-pau que chegam a colocar nos seus programas os bichinhos que o Zé Bettio usa há vários anos com sucesso. E, tem razão o Chacrinha: 'Hoje no rádio e TV, nada se cria, tudo se copia...' E cá entre nós: copiar é bem mais fácil, não é?

• **Dizem as más línguas que outro dia o Zé Fortuna levou um amigo que tinha vindo de Portugal até o Estádio do Morumbi para assistir ao jogo entre a Portuguesa de Desportos e o Corinthians. O patrício, para comemorar os gols da Lusa, comprou um tremendo Caramuru de cinco tiros e o colocou debaixo do capote. Eis que surgiu um gol e começou aquela gritaria da torcida. O lusitano, pensando que fosse da Portuguesa, riscou o pavio do foguete para soltá-lo, mas, quando percebeu que o gol era do Corinthians, guardou depressa o tal foguete aceso debaixo do capote. Resultado: com a explosão, o patrício do Zé Fortuna evaporou-se. Até hoje, o pobre do Zé não sabe o que dizer aos parentes do homem lá em Portugal...**

• Esta aconteceu comigo: outro dia, viajei de ônibus para Campo Grande, pois não tinha mais passagem de avião. Como a Itamy havia me encomendado que levasse um determinado bichinho, eu o comprei e coloquei-o numa caixa de sapatos com vários furos. Acontece que não é permitido levar animal algum em ônibus interestadual e eu fiz o possível para escondê-lo. No banco de trás, sentou-se um sujeito chato, que só fazia perguntas, e também tinha no colo uma caixa de sapatos (com furos); e quando ele viu a minha caixa, ficou vidrado e me disse baixinho: 'O meu é macho!' E eu respondi-lhe também baixinho: 'O meu é fêmea!' Aí ele retrucou: 'Vamos cruzar?' Eu concordei: 'Vamos!' Ele me passou um pássaro lindo, lindo. E eu coloquei-o dentro da minha caixa. Quando o ônibus já tinha andado uns 30 minutos, ele tornou a me falar baixinho: 'O meu é canário do reino!' E eu respondi tranquilo: 'O meu é angorá!' Advinha o que aconteceu no ônibus?

• **Por enquanto, chega. Na próxima tem mais!**

**Coluna 'Venenos do Zacarias' publicada na Revista 'Moda e Viola' em 1980 (Ano III, nº 19).**



**Cartão de Tibagi e Miltinho**  
arq. Lígia Mourão



**Goiá (à esq.) na mesa de jantar  
com Itamy, Zacarias e amigos**  
arq. Lígia Mourão

## PÉ DE CEDRO

**Lígia Mourão:** Antes de conhecer o Goiá, em 1959, papai voltou a Coxim para matar a saudade. Ele queria ver o pé de cedro. Quando chegou abraçou o tronco e chorou. Foi quando escreveu a letra.

Ele voltou para São Paulo e pediu para o Goiá musicar a letra. Depois ele sugeriu para o Tibagi e o Miltinho gravarem a música. Eles eram conhecidos. Mas o Tibagi primeiro não quis: 'Música sobre uma árvore em Coxim, onde é isso? Tem essa cidade no mapa?' O Zacarias brigava porque a paixão dele era Coxim. Ele sempre dizia que era o pedacinho do céu na Terra. Acabou que a dupla gravou e 'Pé de Cedro' se transformou em sucesso. Foi quando o Zacarias estourou como compositor. Depois a música voltou a fazer muito sucesso com o Sérgio Reis na década de 1970.

**Itamy:** O Zacarias e o Goiá fizeram várias músicas. Eles se conheceram na Rádio Nacional. Os compositores se encontravam no café dos artistas. Juntava todo mundo ali. Irmãs Galvão, Liu & Léu, Milionário & José Rico... Todos iam ao café dos artistas.

**Lígia Mourão:** O Goiá foi o maior parceiro do meu pai. A primeira música dos dois foi 'Pé de Cedro'. Mas têm muitas, até em espanhol.

Além do Goiá, o papai teve outros parceiros, como o Zé do Rancho e o Tinoco. Com o Tinoco ele fez 'Mãezinha', por exemplo.



Sérgio Reis gravou Pé de Cedro em 1975  
reprodução capa LP



A dupla Itamy e Anahy  
arq. Lúgia Mourão

Todo mundo fala que o Zacarias Mourão só tem 'Pé de Cedro'. Mas tem tantas músicas que ninguém faz ideia. Muita coisa só aqui do Mato Grosso que, na época, não era dividido. Quando ele estava vivo a gente comentava que eram 1026 músicas só para Mato Grosso e tinha mais só para Coxim. Devem ser mais de duas mil.

## ITAMY - A GAROTA MÁGICA DO TECLADO

**Lúgia Mourão:** O papai teve o primeiro casamento com a Maria de Lourdes, que já é falecida, em 1951. Eles tiveram dois filhos. Meus irmãos Augusto César Mourão e Euclides Ary Mourão.

**Itamy:** Quando o Zacarias me conheceu ele já estava separado há vários anos. Nos conhecemos quando fui fazer um teste na Rádio Nacional. Eu tocava acordeon na dupla Itamy & Anahy. Depois virou Duo Estrela Dalva. Quem nos levou para fazer um teste foi um empresário de circo. O Zacarias se interessou, começou a viajar junto e a empresariar a dupla. Eu tinha 20 anos e o Zacarias era da Rádio Nacional. Foi neste teste que a gente se conheceu. O Zacarias já tinha nome naquela época e ganhava muitos prêmios. Aí ele montou um programa pra mim chamado 'A Garota Mágica do Teclado'. Foi na Rádio Nacional de São Paulo.



Zacarias observa a jovem  
Itamy e brinca com ela no lago.  
Zacarias durante entrevista para  
TV Globo e apresentando a dupla  
Cascatinha e Inhanha  
arq. Lúgia Mourão





Gravamos na Continental a primeira vez. No disco tinha composições do Zacarias e de outros. Tocava para a minha parceira dançar músicas como 'Granada'. Era uma dupla diferente. Trabalhava em circo e cinema. Começamos a viajar e o Zacarias gostou demais. A gente era amigo e nem pensava em namorar. Eu era noiva por sinal. Depois desmanchei o noivado. Não queria casar, só acampar.

Começamos a trabalhar juntos. Eu comecei a me apaixonar por ele e ele por mim. Era novinha e o Zacarias era bem mais velho.

Foi ele que começou a me cativar. Fechei um noivado por causa dele. Ele era muito bonito e a mulherada caía matando. Com a convivência acabamos se gostando.

Uma vez fomos de trem para um show. Fui acompanhando uma outra dupla e com a minha dupla também. O Zacarias chamava minha mãe de Velhinha. Ele disse: 'Velhinha, dá licença, quero conversar com sua filha. Pô Velhinha, faz favor'. Ele brincava. Chegou e disse: 'Posso falar uma coisa pra você?' 'Pode. Depende do assunto também'. Ele tinha feito uma letra para mim e começou: 'Eu te achava demais para os meus sonhos. Não julgava jamais que me querias'. Aquela coisa toda.

Ele fez ali na hora. E foi original. Mas minha mãe não queria que namorasse. Então a gente só batia papo. Demorou para casar. Nos conhecemos em 1957, eu tinha 20 anos, e casamos em 1959. Primeiro nasceu, em 1961, o Zacarias Junior Mourão, depois o Israel dos Santos Mourão, em 1963, e a caçula Lígia Regina Mourão, em 1964.



**Itamy e Zacarias no dia do casamento em 1959**  
arq. Lígia Mourão



## MUDANÇA PARA CAMPO GRANDE

**Itamy:** O Zacarias ganhava dinheiro porque ele empresariava duplas e tinha programas de rádio em rede nacional. Muitos artistas passaram por ele. E conhecia todos os radialistas, como Moraes Sarmiento, que tinha um programa à noite na Rádio Nacional de muita audiência. O Capitão Barduíno. O Biguá, que viajou com a gente. O Zacarias montou a gravadora Pé de Cedro na Rua Augusta.

**Lígia Mourão:** O Amado Batista, que chegou a gravar músicas do papai, era amigo. Chitãozinho e o Xororó não saíam de casa. Ficavam quatro dias em casa, tocando e cantando. Cresci vendo isso.

O papai gostava da terra dele. Então queria ajudar os artistas do Estado, que ele sempre chamou de Prata da Casa. Ele tinha um carinho grande.

**Itamy:** Beth & Betinha nós levamos para São Paulo. Gravamos o disco 'C-10 Branca'. Amambay & Amambaí viajou muito com a gente. O Zacarias levou o Dino Rocha para gravar em São Paulo. Inclusive o nome foi ele quem pôs. Ele foi a ponte pra muitos artistas. Délio & Delinha foi um estouro. A gente foi pra Aquidauana fazer show junto. O Zacarias sempre os chamava. Tinha bastante convivência com o pessoal de Campo Grande. Quem podia ajudar, ele ajudava.

**Lígia Mourão:** A gente morava em São Paulo em um apartamento pertinho da Rádio Nacional. Aí o Zacarias comprou a chácara na entrada de Coxim. O papai trazia a família e muitos amigos todos os anos. Nas férias vínhamos para Coxim e era uma festa. O papai chegava estourando fogos.

**Lígia Mourão:** Em 1981 nós mudamos de São Paulo em definitivo. Papai falou: 'Vamos morar em Mato Grosso do Sul'. Ele veio antes e foi ajeitando os colégios. Foi a maior felicidade. Eu tinha 17 anos. Ficamos na casa de um amigo que morava perto da feira central.

O papai gostava de festa. Os artistas tinham que passar primeiro em casa pra fazer churrasco quando vinham em Campo Grande. Era a tal da moagem. Ficava todo mundo na piscina tocando e cantando. Eu amei a cidade.

**Chero:** Conheci o Zacarias na Assembléia Legislativa de Campo Grande. Na época do governador Pedro Pedrossian tinha a Secretaria de Desenvolvimento Social, onde o Denis Lucas, durante dois ou três anos, foi o secretário. Ele foi trabalhar lá e eu já era motorista do Estado.



Zacarias, Itamy e Lígia com  
Tonico e Tinoco em MS  
arq. Lígia Mourão

O Zacarias tinha muito contato. Tinha amizades em São Paulo. Ele exercia a função de levar o artista de MS para a gravadora. Tipo olheiro.

Particpei ativamente dos projetos do Zacarias. Ele era o cabeça e eu o carregador.

**Lígia Mourão:** O papai trabalhou na Assembléia Legislativa como técnico parlamentar. Em paralelo, era empresário da ZM Produções Artísticas e trazia artistas famosos para o Estado. Foi quando utilizou os conhecimentos que tinha de São Paulo. Levava os artistas daqui pra lá e de lá pra cá. Trabalhei com ele.

**Chero:** Eu e o Zacarias fizemos 120 dias de campanha política. Ele



Zacarias fazendo moagem na chácara em Coxim  
arq. Lígia Mourão

assumiu a parte artística. Trazia muitos músicos. O Pedro Bento e a Perla paraguaia, por exemplo, ficaram 60 dias. Veio também o Amado Batista, Chitãozinho & Xororó, Milionário & José Rico... Em Corumbá colocamos Elza Soares, Fafá de Belém e Perla juntas no palco. O Zacarias era um produtor excelente.

## BANDEIRA DE MS

**Lígia Mourão:** No final de 1982 ele fez o projeto Seriema. Um disco só com artistas do Estado. Eu participei também.

**Chero:** O projeto Seriema rodou o Estado em um ônibus. Várias duplas participaram como Beth & Betinha, Romance & Romerinho, Baronito & Sereninho, Colega & Campeiro...



Zacarias com as  
Irmãs Galvão  
arq. Lígia Mourão

Maurício Picarelli,  
Lígia, Zacarias,  
Ramão, Itamy,  
Guarany e Chero  
arq. Lígia Mourão



**Guarany:** O projeto Seriema foi uma promoção da Secretaria de Desenvolvimento Social, da TV Morena, Governo Pedro Pedrossian e as prefeituras municipais juntamente com Zacarias Mourão. Eu e a Lígia gravamos em uma fita a música 'Manhã De Nosso Adeus', que era uma guarânia para o Par e Ímpar. Era uma dupla do Celsinho. Mas no dia o cara não pode ir. Para o Celsinho não ficar de fora o Zacarias me chamou para entrar no lugar do parceiro. Na época, todo mundo me chamava de Cherinho, por causa de meu tio Chero.

Meu sonho era gravar e fomos de ônibus para fazer o disco em São Paulo. O Zacarias foi porque ele era a pessoa responsável pela gravação. Chegamos todos roucos porque fomos cantando até São Paulo. Foi a minha primeira gravação, só que não gravei como Cherinho e sim como Par e Ímpar e até hoje eu não sei se eu era o Par ou o Ímpar. Surgiu amizade, entre eu e o Celsinho, e formamos a dupla Cherinho e Celsinho. Só que ele gostava de farra e me levava para a fazenda do pai dele em Maracajú. Eu era menor de idade ainda. A dupla era legal. Ele toca até hoje requinto. Lembro que até surgiu um ciúme da Lígia e da Itamy porque eu os abandonei mesmo um tempo e fiquei nas festas com o Celsinho.

**Lígia Mourão:** O Zacarias também foi jurado do programa Nossa Terra, Nossa Gente na TV Campo Grande (SBT). Quem comandava era o finado Ramão Achucarro.

**Itamy:** Eu e a Lígia também participávamos deste programa.

**Lígia Mourão:** Era jurada e cantava com minha mãe. Comecei a cantar porque todos os artistas que chegavam o papai falava: 'Filha, mostra aquela música'.





Zacarias no Rio Taquari com  
Amambay, Amambai e Zé Corrêa  
arq. Lígia Mourão

**Chero:** O Zacarias tinha o jeito dele, que é difícil de definir. Eu só via o lado bom dele. Ele era um cara que quando estava bem, quem tivesse em volta dele estava bem também. Muita gente fala que o Zacarias dava 'nó', mas não é questão disso. Para a música sul-mato-grossense ele puxou muita gente e fez tudo que pode. Trabalhou.

**Lígia:** O papai foi quem colocou o Mato Grosso no mapa da música brasileira. Foi o próprio.

**Maciel Corrêa:** Foi o Zacarias que levou a nossa cultura para São Paulo. As Irmãs Galvão e vários outros gravaram música dele. Ele foi o homem que começou a divulgar nossa arte e mostrar o que havia de bom no Mato Grosso.

Foi a música sertaneja de Zacarias Mourão e Délio & Delinha que colocou Campo Grande no mapa do Brasil. Porque a cidade não era conhecida. Em São Paulo o pessoal achava que jacaré e onça andavam na rua por aqui. Esta era a imagem que tinham e na época havia gente com medo de vir para Campo Grande.

**Amambay:** O Zacarias era preocupado com a arte de MS, procurava encaixar as coisas e elevar o Estado.

Quando ele voltou para Campo Grande nos anos 1980 ficamos juntos direto. Coxim era a vida dele. E não ia para lá sem levar

um músico. Ou trazia de São Paulo ou passava em Campo Grande e levava a gente.

‘Pé de Cedro’ com certeza ajudou a divulgar o Mato Grosso, embora antes já tivesse um sucesso nacional que falava do Estado, que é ‘Chalana’. Nhô Pai e Nhô Fio têm uma música que fala que Mato Grosso é o berço do rasqueado.

**Délio:** O Zacarias tem nome porque teve muita música de sucesso. Geralmente a letra era do Zacarias e a música do Goiás. O Zacarias era muito bom de bico. Mas ele não deixava de ajudar. Quando cheguei a São Paulo era um coitado que tava lutando. Compreende? Ele dava uns empurrões e depois o artista tinha que se virar lá na frente. Mas foi o Zacarias que encaixou Délio & Delinha na rádio. Poucos dias depois que chegamos a São Paulo, a gente já estava cantando no microfone da Rádio Bandeirantes.

**Maciel Corrêa:** O Zacarias Mourão era um cara fora de série. Boêmio. Conheci ele na época que eu fazia curso de cabo de sargento em São Paulo em 1964. Ele já tinha muitas músicas de sua autoria gravadas. Ele me apresentou para o Dino Franco, que na época era Piratininga e Pirassununga. O Dino me levou em tudo quando foi rádio de São Paulo. Até hoje é amigo meu e chegamos a gravar um CD juntos.

## O BATISMO DE DINO ROCHA

**Rodrigo Teixeira:** Como era o processo de compor com o Zacarias?

**Dino Rocha:** Ele fazia os declamatos. Música quem fazia era eu.

**Rodrigo Teixeira:** Mas ele trazia a letra?

**Dino Rocha:** Trazia. Lembro também de parcerias dele com o Amambay e com o Ado. O Zacarias era letrista. Não musicava. Muita gente dizia que ele não escrevia, que era o Goiás. O Goiás deu muita mão pra ele, mas ele fazia também.

**Rodrigo Teixeira:** Quando você conheceu o Zacarias?

**Dino Rocha:** Em 1972, na Exposição de Rio Verde. Fui tocar com o Amambay & Amambaí e no outro ano voltei. O Zacarias disse: ‘Vou arrumar gravação pra vocês lá em São Paulo’. Começamos a ensaiar uma tocada e uma cantada. Nessa tocada saiu ‘Gaivota Pantaneira’.



Nós gravamos com o Mário Vieira, mas não tinha aqueles contratos. Tudo o Zacarias que arrumava. Ele era danado. Divulgou muito a música sul-mato-grossense. Délio & Delinha, Amambay & Amambaí, todos passaram pelo Zacarias. Ele trazia artistas pra Campo Grande, nas festas em Coxim, na exposição em Rio Verde...

Cruzei mais com ele depois que saí de Os Filhos de Goiás. Quando voltei pra Campo Grande em 1977. Aí encontrei muito com o Zacarias.

**Rodrigo Teixeira:** Foi o Zacarias que inclusive o batizou de Dino Rocha. Como foi a mudança de Roaldo para Dino?

**Dino Rocha:** Acho que o Zacarias se inspirou no Dino Franco. É um compositor sul-mato-grossense, tem uma cadeira na Academia de Letras. Ele mora em Araldina, depois de Ivinhema. Foi diretor da Gravadora Chantecler. Gravei lá esta época. Virou amigo e gravou comigo no disco 'Menino do Pantanal'. O Dino Franco tem mais de 1500 músicas. Tem aquela 'do que é feito aquele beijo que eu te dei'.

**Rodrigo Teixeira:** Mas como foi que o Zacarias teve a ideia?

**Dino Rocha:** Fomos para São Paulo no carro do Zacarias. Ele, eu e o Amambay & Amambaí em um Opala. Saímos de Campo Grande e até São Paulo levou 10 dias. Em todas as cidadezinhas o Zacarias queria fazer moagem. O 'pau quebrava' com sanfona e violão e ia indo.

A gente estava indo gravar o disco 'Voltei Amor' e era a minha primeira vez em estúdio. Em Araçatuba fomos fazer uma apresentação ao vivo na Rádio Cultura com o locutor Rogerinho. O Zacarias começou: 'Estou levando esse trio para gravar em São Paulo. A dupla já é famosa, mas o sanfoneiro é o primeiro disco que vai gravar'. Não estava sabendo de nada. Mandaram preparar que já iriam chamar a gente. O locutor disse: 'Com vocês agora, Amambay & Amambaí e Dino Rocha'. E emendou: 'Boa tarde Amambay & Amambaí e Dino Rocha'. Eu já tava dentro do estúdio. Depois que terminou o programa, o Zacarias chegou, fez um gesto de positivo e falou: 'Óh, Dino Rocha'. O Zacarias era amigo do locutor. Já telefonaram pedindo pro 'Dino Rocha' tocar tal música. Chegamos a São Paulo e ficou Dino Rocha.

## O PERSONAGEM

**Tostão:** Em 1981 o Zacarias veio com a família para morar em Cam-



**Zacarias Mourão em evento com o político Pedro Pedrossian**  
arq. Lígia Mourão

po Grande. Ele ficou seis meses hospedado no hotel do meu pai. Já conhecia a gente porque trazia umas duplas de São Paulo e deixava no hotel porque era perto da rodoviária. Ele veio para ficar uns tempos e disse: 'Estou vindo de mudança, vou ter que ficar aqui até arrumar algum lugar'. Depois veio todo mundo. Lígia, Itamy, sogra, os meninos, e a irmã de criação do Zacarias, a Maria.

Passei a conhecer ele melhor. Quando tinha shows, me levava. Esta intimidade durou uns seis meses. Inclusive nos convidou para participar do Festival Festão com uma música dele.

**Guarany:** O Zacarias era político e respeitado no meio. O governador dizia: 'Quería fazer uma festa lá em Rio Pardo'. 'Pode deixar que eu acerto tudo. Quanto o senhor tem?' 'Eu tenho tanto'. Ele organizava, pegava os artistas em São Paulo e podia trazer dois ônibus lotados. Por isso era querido por muitos e odiado por muitos também.

O Zacarias adorava jogar no bicho. Tinha um caderno anotado com coisas de anos. Na tal data no dia da semana no ano tal. Era uns esquemas de cruzar resultados. Ganhava dinheiro mesmo, não era brincadeira. Lembro uma vez que ele quebrou uma banca. O cara chegou e dis-

se: 'Pelo amor de Deus, não joga mais na minha banca. Joga em outra'. Era negócio de centena e milhar. Ganhava tipo R\$ 5 mil em um jogo.

Ele movimentou muito o mercado artístico do Estado. Ganhou dinheiro? É claro, ele vivia disso. Tinha que ganhar dinheiro mesmo. Hoje não tem mais ninguém que faz o que ele fazia. Ele pegava um artista e levava em São Paulo, Rio, interior. Atualmente tem que ir pelas próprias pernas ou em algum projeto do governo.

O Zacarias, naquele momento mais difícil, fazia esse intercâmbio.

**Rodrigo Teixeira:** Na época, era normal radialista ganhar parceria.

**Guarany:** O Goiás deve ter musicado muita coisa mesmo porque eles eram amigos. Ele veio pra cá e ficou na casa do Zacarias. Só que é aquela coisa. Nesse negócio de parceria ninguém põe o nome à toa. Você não vai por o nome meu na sua música porque gosta de mim. Poderia até rolar um acordo, tipo: 'Põe o meu nome numa música sua e seu nome numa música minha'. Pode ser.

**Tostão:** Comigo era assim com o Aurélio. Tenho parceria em um monte de música dele e as que eu ajudei a fazer foram uma ou duas.

**Guarany:** O Zacarias foi um pai para mim. Em relação à música, aprendi muita coisa com ele. O Zacarias me dava muito conselho. 'A música é difícil, tem que ter postura, horário'. Até hoje sou chato com essas coisas. Lembro que ele não cobrava de mim, cobrava da Itamy. 'Esses guris tão cantando rápido'. A Itamy vinha e 'a música é assim'.

**Ado:** O Zaca foi o artista que divulgou o Estado no Brasil e no mundo com 'Pé de Cedro'. Só de inventar uma letra com o tema desta música já seria demais.

Nós compomos juntos na casa dele. Foram duas músicas. Uma delas abriu o disco do trio com o Dino e Amambay e também foi gravada pelas Irmãs Galvão. Isso nos anos 1980. Ele escrevia.

Era um camarada legal e sinto falta dele hoje. Quando o Zaca estava entre nós, ele ia à prefeitura, no governo, ele corria atrás de trabalho para os músicos sul-mato-grossenses. Ele era desta forma. Sinceramente, ele corria atrás. O Zaca trazia algumas duplas de fora do Estado, principalmente em ano eleitoral, os medalhões de São Paulo. Mas não deixava os artistas daqui de fora. Ele trabalhava para ajudar os artistas sul-mato-grossenses. Depois que ele morreu acabou.

Não existe mais esta pessoa que corre atrás. Para mim o Zacarias foi fantástico.



Última foto de Zacarias  
arq. Lígia Mourão

## MORTE DO ZACARIAS

**Rodrigo Teixeira:** Qual foi a última vez que você falou com o Zacarias?

**Chero:** Foi mais ou menos uma semana antes da morte dele. Ele foi fazer um show em Cuiabá com o Duo Canto Livre, que era a Itamy e a Lígia. Quando voltou, a tragédia arrebentou com a gente.

Fiquei sabendo logo cedo. Fui lá na casa dele, mas estava difícil entrar. Tinha ali sete delegados. Quer dizer, estava interditado.



# Zacarias Mourão morto em circunstância misteriosa



Zacarias Mourão com a filha



A residência onde morava

(Foto: Mônica Silva)

O compositor e empresário Zacarias dos Santos Mourão, de 61 anos, casado, que residia na Rua Raposo Tavares, 795, no Jardim TV Morena, foi assassinado na madrugada de ontem em Campo Grande, em circunstâncias misteriosas. Ele recebeu uma facada na altura do coração e apesar de ser transportado de sua residência pelos seus filhos ao Pronto Socorro, acabou morrendo quando passava por uma cirurgia de emergência. O crime teve grande repercussão em todo o Estado, principalmente nos meios artísticos, onde a vítima era muito conhecida e estimada.

A família suspeita de que Zacarias foi vítima de um assalto. A polícia tem dúvidas com relação a isso, mas acredita que o crime será esclarecido em breve. Hoje, o corpo segue para Coxim, onde será sepultado e amanhã, os

familiares começarão a ser ouvidos. Possivelmente hoje, algumas testemunhas sejam intimadas a comparecerem no 4º Distrito Policial, no Bairro Jardim Paulista, para prestarem depoimentos. Ontem, a polícia já ouviu algumas pessoas, mas não colocou suas declarações no papel.

As informações liberadas ontem pela polícia dão conta de que Zacarias saiu anteontem à noite para uma reunião, mas foi, com dois amigos, para a Boate da Tia, na saída para Rochedo. Por volta de 1h30 da madrugada, ele resolveu deixar o local e um dos amigos ficou naquela casa, enquanto o outro o acompanhou, sendo deixado às 2 horas em sua residência na Vila Piratininga. De lá até sua casa, ele teria gasto no máximo 10 minutos. O crime foi levado ao conhecimento da polícia por volta das 3 horas e imediata-

mente uma equipe do Plantão Integrado iniciou os trabalhos de investigações, de acordo com os dados divulgados ontem.

A polícia não acredita na possibilidade de que Zacarias tenha sido assaltado fora de sua residência, pois não foram encontradas manchas de sangue na parte da frente do Opala de placas AD-1385, que ocupava. Manchas de sangue foram encontradas no banco traseiro, onde foi colocado para ser transportado ao Pronto Socorro. Os policiais também não encontraram sangue no portão da residência. Outras manchas foram encontradas no banheiro do quarto, que fica no pavimento superior, nas escadarias e na garagem.

Isso, à primeira vista, segundo a polícia, indica que Zacarias, mesmo ferido em cima do cora-

ção, tenha subido as escadas, antes de ser removido para o hospital. Também os policiais não encontraram vestígios de que a casa tivesse sido arrombada e que um assaltante estivesse em seu interior. A hipótese de que ele tenha sido esfaqueado ao descer do automóvel na garagem não foi descartada. Nesse caso, ele poderia ter aberto a porta, subido as escadas, para avisar a mulher, que alertou os filhos para levá-lo ao Pronto Socorro.

O inquérito para apurar o crime foi instaurado no 4º Distrito Policial e será presidido pela delegada Jane Clemente. O delegado Jorcy Barbosa disse ontem que o caso está bastante confuso e somente após tomar os depoimentos dos familiares e das testemunhas poderá abrir um caminho para o seu esclarecimento e prisão do assassino.

## ZACARIAS MOURÃO MORTO EM CIRCUNSTÂNCIA MISTERIOSA

Correio do Estado, quarta-feira, 24 de maio de 1989

O compositor e empresário Zacarias dos Santos Mourão, de 61 anos, casado, que residia na Rua Raposo Tavares, 795, no Jardim TV Morena, foi assassinado na noite de ontem em Campo Grande, em circunstâncias misteriosas. Ele recebeu uma facada na altura do coração e apesar de ser transportado de sua residência pelos seus filhos ao Pronto Socorro, acabou morrendo quando passava por uma cirurgia de emergência. O crime teve grande repercussão em todo o Estado, principalmente nos meios artísticos, onde a vítima era muito conhecida e estimada.

A família suspeita de que Zacarias foi vítima de um assalto. A polícia tem dúvidas com relação a isso, mas acredita que o crime será esclarecido em breve. Hoje, o corpo segue para Coxim, onde será sepultado e amanhã, os familiares começarão a ser ouvidos. Possivelmente hoje algumas testemunhas sejam intimadas a comparecerem no 4º Distrito Policial, no bairro Jardim Paulista, para prestarem depoimentos. Ontem a polícia já ouviu algumas pessoas, mas não colocou suas declarações no papel.

As informações liberadas ontem pela polícia dão conta de que Zacarias saiu anteontem à noite para reunião, mas foi, com dois amigos, para a Boate da Tia, na saída para Rochedo. Por volta de 1h30 da madrugada, ele resolveu deixar o local e um dos amigos ficou naquela casa, enquanto o outro o acompanhou, sendo deixado às 2h em sua residência na Vila Piratininga. De lá ate sua casa, ele teria gasto no máximo 10 minutos. O crime foi levado ao conhecimento da polícia por volta das 3 horas e imediatamente uma equipe do plantão integrado iniciou os trabalhos de investigações, de acordo com os dados divulgados ontem.

A polícia não acredita na possibilidade de que Zacarias tenha sido assaltado fora de sua residência, pois não foram encontradas manchas de sangue na parte da frente do Opala de placas AD-1385, que ocupava. Manchas de sangue foram encontradas no banco traseiro, onde foi colocado para ser transportado ao Pronto Socorro. Os policiais também não encontraram sangue no portão da residência. Outras manchas foram encontradas no banheiro do quarto, que fica no pavimento superior, nas escadarias e na garagem.

Isso, à primeira vista, segundo a polícia, indica que Zacarias mesmo ferido em cima do coração, tenha subido as escadas, antes de ser removido para o hospital.

Também os policiais não encontraram vestígios de que a casa tivesse sido arrombada e que um assaltante estivesse em seu interior. A hipótese de que ele tenha sido esfaqueado ao descer do automóvel na garagem não foi descartada. Nesse caso, ele poderia ter aberto a porta, subido as escadas, para avisar a mulher, que alertou os filhos para levá-lo ao Pronto Socorro.

O inquérito para apurar o crime foi instaurado no 4º Distrito Policial e será presidido pela delegada Jane Clemente. O delegado Jorcy Barbosa disse ontem que o caso está bastante confuso e somente após tomar os depoimentos dos familiares e das testemunhas poderá abrir um caminho para o seu esclarecimento e prisão do assassino.



# CHAMAMÉ NO COMANDO

## AMAMBAY & AMAMBAÍ

**Amambay:** Em 1955, com 15 anos, formei dupla com o Carlos Alvarenga. Era a dupla Alvarenga e Umar, que é meu nome de batismo. O Zacarias conseguiu um esquema de gravação na Philips. Gravamos um LP 78 rotações que praticamente não saiu porque quando iria ser lançado apareceu o LP vinil de 33 polegadas.

Foi bem na época da mudança do 78 para o 33. A gravadora mandava um divulgador em cada Estado quando ia fazer o lançamento. Mas quando o cara da gravadora chegou aqui em Campo Grande o meu parceiro já tinha decidido que iria parar. Eu até tentei fazer o lançamento, mas a gravadora não aceitou. O Carlos tinha uma noiva e naquela época artista era vagabundo. Não era profissão. A noiva dele disse que casava, mas era ela ou a viola. Ele casou e separamos.

Aí ficou o disco sem poder sair. O Zacarias veio e disse: 'Vamos gravar outro'. Mas na Phillips estava queimada a dupla. Ele falou: 'Vou procurar' e conseguiu na Califórnia. Estavam lá Délio & Delinha, Praia & Prainha, Milionário & Zé Rico...

**Amambaí:** A minha primeira dupla se chamava Campanha e Corumbá. Eu tinha 10 anos, isso em 1947. Nos apresentamos na Rádio Difusora de Aquidauana por uma década. Eu era o Campanha. Nos separamos em 1956, quando fui para o exército. Depois que deixei o exército formei a dupla Garimpo e Garimpeiro.

Chegamos a ganhar alguns concursos e a dupla estava indo bem. Mas meu parceiro precisou voltar para São Paulo porque estava perdendo a voz. Foi nesta época que o Umar foi em minha festa de casamento e nos conhecemos. Logo depois formamos a dupla Amambay & Amambaí.

**Elinho do Bandoneon:** Antes do Zé Corrêa tocar com o Amambay & Amambaí eu é que tocava com eles. Cruzei primeiro com o Amambay, que atendia pelo nome de nascença, Ermídio Umar. Ele tinha dupla com o Alvarenga, depois que entrou o Cecílio, o Amambaí.

**Amambay:** Nós entramos cantando ritmos diferentes para as duplas da época, como boleros, guarânias, tango correntino... Tinha

vez que ficava aquela coisa caipira e a gente metia um bolero em castelhano ou guarani. E a dupla era afinada. Naquela época aparecia quem apresentava algo diferente. Caipira era mato em São Paulo. Tanto que para conseguir músicos para nos acompanhar era difícil. Tinha que chamar um paraguaio que morava lá. Era sacrifício para conseguir preenchimento.

Amambay & Amambaí é diferente de Délio & Delinha. Eles são mais rasqueação. Estilão antigo. Duo é uma coisa e dupla é outra. Duo é mulher e homem cantando oitavado.

O primeiro chamamé em castelhano gravado no Brasil foi pela dupla Amambay & Amambaí no disco que fizemos em 1977 para a Continental e a música foi 'Vila Guilhermina'. Já tinha sido gravado na Argentina. A gravadora pedia autorização para a editora da Argentina, a SAIDEC.

**Amambaí:** Nós que lançamos o chamamé em Mato Grosso.

**Amambay:** Antigamente ninguém conhecia chamamé. Jandira & Benites já existia, mas gravava mais música paraguaia. Nós lançamos o estilo chamamé. Em nosso primeiro disco, de 1969, já tem. O lance do Amambay & Amambaí era a música fronteiriça! A gente apareceu cantando em português, castelhano e guarani e misturando no repertório a música paraguaia, correntina e sertaneja. Isso não existia em São Paulo, onde tinha mais moda de viola e bem caipirinha.

**Elinho, no centro, com Amambay (à direita) e Amambaí**  
arq. Lúcia Mourão



**Ado:** O meu parceiro Adail é de Ponta Porã e falava bem o guarani. Eu mais ou menos. Em Londrina tinham os amigos que levavam a gente para tocar como legítima dupla paraguaia nas boates. Chegava e não podia falar em português. Então só o Adail falava e eu só respondia 'pero que si, pero que no'. O show era só música em guarani. A nossa dupla Ado e Adail tocava duetado e os arranjos eram cavernosos. O dueto de violão primeiro e começava os dois a rasquear e cantar. A turma gostava muito.

**Elinho do Bandoneon:** Aconteciam festas de 10 dias em Pedro Gomes, onde eu toquei com o saudoso Frei Gregório, que batizou minha gurizada e quem fundou a Igreja Nossa Senhora de Fátima em Campo Grande. O frei pegou meu acordeon de fole furado e reformou. Depois mandou vir uma Todeschini. Já era casado em 1960 e em 1961 tive o primeiro filho dos meus 10. Formamos o trio Amambay, Amambaí e Elinho. Em 1961 a gente já tocava com esta formação na Rádio Educação Rural. Viajamos vários anos.

**Amambaí:** Tinha época que freqüentava as rádios de São Paulo por um mês. Conhecemos todo mundo. Ficavam intrigados e pediam para aprender o batido do chamamé. Inclusive Tonico e Tinoco.

**Amambay:** Foi indo a estes programas de rádio que conheci o Zacarias Mourão. Ele tinha um programa na Rádio Bandeirantes de São Paulo. Era patrocinado pela Alpargata e chamava-se 'Alpargata Roda de Violeiro'.

Eu o conhecia só como compositor. Depois ele descobriu que a gente estava em São Paulo e nos procurou. Nos levou em programas da Rádio Bandeirantes, Excelsior, Nacional e começamos a entrosar com artistas, como Vera & Verinha, Traje & Niltinho...

**Elinho do Bandoneon:** Nós fomos para Pedro Gomes com o Zacarias e ficamos uns 15 dias. Fomos também para Coxim. O Zacarias era animado e meu compadre.

Quando comprei meu primeiro carro, um Fordinho, ele apelidou de Fugêncio. A gente andava nesse carrinho pra cima e para baixo. Aí fomos para Pedro Gomes e de lá para São Paulo. Só que chegamos uma semana antes de estourar a Revolução de 1964. A gente era gurizote medroso e foi para se apresentar nas rádios.

Lembro que a Rádio Excelsior era cara a cara com a Rádio Nacional. Conheci o Biguá e a turma toda. Cansei de ver a Hebe Ca-

margo em frente a Rádio Nacional e na Excelsior. Ela era mocinha e já carregava na maquiagem. Só que a gente não tinha ideia de toda a situação que existia para estourar a Revolução. E explodiu na hora que a gente estava lá e sem conhecer São Paulo.

Nós ficamos na Alameda Ribeiro. A gente descia na rua rapidamente, ia à padaria embaixo e 'zap' pra cima. Chegava na rádio e tinha que se identificar. Eu era documentado, como sou até hoje. Aí consegui voltar sozinho. Peguei o trem, vim até Bauru. Foram três dias. Cheguei e meus filhos estavam tudo passando necessidade. O Amambay e o Amambaí tiveram que vender o relógio para voltar.

## O VÔO DE ZÉ CORRÊA

**Amambaí:** Mas neste meio tempo quem acabou conseguindo se destacar foi o Zé Corrêa.

**Amambay:** Em 1964 nós paramos com o Elinho e começamos a tocar com o Zé Corrêa. A gente tinha um programa de rádio e era Amambay, Amambaí e Elinho. O Elinho teve um problema e precisou parar. Aí que nós fomos conhecer o Valfridez, que depois virou Zé Corrêa. Chamamos ele para tocar.

Mas o que aconteceu é que em 1967 o Délio e a Delinha convidaram o Zé Corrêa para gravar na Califórnia. Ele era nosso acordeonista. O Zé foi na frente, antes da gente, fazer o disco em São Paulo.

**Delinha:** Em 1968 gravamos o disco 'Gosto Tanto de Você' com o Zé Corrêa. O Délio era amigo do Almir, que é irmão do Zé, que era o caçula acho. Ele ficou naquela: 'Leva o meu irmão, que ele toca bem. Vamos uma tarde para vocês ensaiarem e verem que ele toca bem'. Chegamos lá na casa dele com um sol quente com violão e tudo. E cadê o Zé Corrêa? Ele foi jogar bola e não estava nem aí. O Délio já ficou bravo. Aí o Almir pediu desculpa e tal e depois eu não sei como foi que ele voltou a tocar conosco. O Délio já conhecia de família e o Zé já tocava.

Ele só fez este disco de 1968 com a gente. Nossa amizade, de ficar junto, foi uns dois meses no máximo. Foi um coicinho de porco.

**Délio:** O Zé Corrêa fez uma introdução muito bonita para 'Criador de Gado Bom'. A história desta música é engraçada. A gente fazia

um programa para a Rádio Difusora em Aquidauana. Tinha o Geraldo Corrêa que ganhava tudo que era prêmio na exposição. Aí eu falei no microfone: 'Geraldo Corrêa. Seu gado está ganhando tudo que é prêmio porque não apresentei o meu gado. Se apresentasse o meu, você não passava nem perto'. Era gozação. Quando foi de noite, eu e a Delinha estávamos na mesa para jantar e chegou o Geraldo. Ele veio: 'Vou jantar com vocês porque a gozação foi bonita. Por causa disso eu vou te dar um bezerro filho do Pitoco'. Era um bezerro filho do famoso touro. Na mesma hora eu vendi por 500 mil cruzeiros. Ele jantou conosco e eu falei: 'Você me deu o que você tem. Eu vou te dar o que eu não tenho. Essa noite eu vou fazer uma música para você'. De noite peguei a caneta e escrevi 'Criador de Gado Bom'.

## O ENCONTRO COM MÁRIO VIEIRA

**Delinha:** Quando chegamos a SP para gravar o Mário Vieira falou: 'Mas e este moço?' Naquela época a gente miava no disco e vendia. O Délio disse: 'É o meu sanfoneiro de Mato Grosso. Já está ensaiado para o disco'. O Mário não gostou: 'Olha, tem que ser com o acordeonista da casa porque senão vai perder muito tempo'. O Délio respondeu: 'Não vai perder não'. O Délio ficou bravo. Começamos a gravar. Quando chegou na música 'Violão e Seresta', o Mário, só para provocar, disse: 'Esta música precisa de um órgão. Tem que chamar alguém, porque aí ninguém toca'. O Zé falou: 'Vou experimentar'. E foi aí que o Mário apaixonou. O Zé ganhou o cara. O Mário já quis gravar e pegou o Zé para ele.

**Márcio Barbosa:** O Mário Vieira falou que tinham um 'casting' de músicos da gravadora de primeira linha. Ele estava se referindo ao Caçulinha. Então o Délio ponderou, disse que o Zé tinha vindo do Mato Grosso para gravar e que o Mário tinha que pelo menos escutar o Zé. E o Mário pediu pro Zé tocar teclado para ele. Ele tocou e o Mário se encantou de tal maneira com o Zé que dali em diante começou uma parceria.

**Amambaí:** Quando o Zé Corrêa chegou para gravar com o Délio & Delinha, o Mário Vieira ouviu e percebeu o estilo diferente. Pediu para o Zé Corrêa fazer um LP e tal. E nós aqui trabalhando.



**Délio:** O Zé Corrêa nunca falou para nós que ia fazer este disco solo com o Mário Vieira. Nós o levamos como nosso acordeonista e o dono da gravadora gostou demais porque ele era bom mesmo. Aí convidou de certo lá entre eles. Ele foi gravar o disco na Califórnia sem a gente saber.

**Márcio Barbosa:** Mário Vieira era dono de gravadora e empresário. Na época a Califórnia era uma das maiores do país. Ele sabia do que se tratava. O disco solo do Zé Corrêa já foi acertado na saída dessa gravação com Délio & Delinha. O acordo era voltar a Mato Grosso, fazer uma turnê de 90 dias com Délio & Delinha e retornar para gravar o primeiro disco solo ainda em 1968.

**Rodrigo Teixeira:** E desse primeiro disco solo que o Zé gravou, qual música estourou?

**Márcio Barbosa:** Esse disco se destacou por completo. Tem 'Bela Vista' que é um clássico, um hino da nossa cultura e não é composição dele. É correntina e ele criou arranjos que valorizaram a nossa maneira de tocar essa música. 'Oroitê' e 'Orgulho de Mato Grosso' também se destacaram.

## A MATO-GROSSENSE

**Maciel Corrêa:** Depois que o Zé Corrêa gravou com Délio & Delinha, o Mário Vieira colou nele. Mas o Zé também levou o Amambay & Amambai para gravar em São Paulo. Só que o Mário não queria. 'Se eles não gravarem, também não vou gravar'. O Mário teve que aceitar.

**Amambay:** O Zé provou que era nosso amigo. Ele era sucesso e poderia ter falado 'tchau e benção'. Mas não esqueceu da gente.

**Márcio Barbosa:** O Zé Corrêa convida Amambay & Amambai para gravar o segundo disco, 'O Ídolo de Mato Grosso', também lançado em 1969. O Mário Vieira ficou inquieto. Disse que ele já era um artista com nome e que não era adequado ter outra dupla no mesmo disco. Mas o Zé insistiu e disse que se o Mário não estivesse de acordo ele ia respeitar, mas que procuraria outro lugar para gravar. O Mário responde: 'Se a condição é essa, está aceita. Você pode gravar com eles dois'.

Então gravaram 'A Mato-grossense'.

**Amambay:** O Zé gravou o disco solo e estourou em Campo Grande. Fez contrato com a Califórnia e no segundo disco disse: 'Agora vai o trio'. Mas quando chegamos a São Paulo o Mário encareceu porque o Zé tinha aparecido como solista. Ele falava: 'Não pode misturar'. 'Mas somos um trio'. 'Não dá, não pode...'

Nós tínhamos ensaiado 'A Mato-grossense', que estava inédita, e 'Ranchinho Florido'. O Zé chamou o Mário Vieira. 'Se os meninos não gravarem comigo, eu vou rescindir o contrato com o senhor'. O Mário: 'Então só uma música. Vamos ver o que vai acontecer'.

Entre as duas músicas, o Zé escolheu 'A Mato-grossense'. Entramos no estúdio para passar a música e o Mário gritou que já estava gravado. Nós mesmos nos acompanhando e tocando os três juntos. A gente disse que não estava bom, que era só ensaio. E ele: 'Você vai discutir comigo rapaz? Está gravado'.

**Amambaí:** Quem deu a música para nós foi um primo do Zacarias. Ele era tintureiro em Coxim. Nós arrumamos a letra. 'A Mato-grossense' acabou saindo como a última faixa do lado A do segundo disco do Zé Corrêa. Aparece o nosso nome pequenininho. Mas quando chegou o disco em Campo Grande e o povo descobriu foi uma bomba. A gravação foi em 1969 e o disco saiu em 1970.

As casas especializadas começaram a pedir o disco de 'A Mato-grossense'. Não passou 15 dias, o Mário mandou um telegrama para o Zé mandar a dupla preparar repertório para gravar LP. Só rolava 'A Mato-grossense'. Fomos gravar em São Paulo.

**Amambay:** Nós fomos fazer um show em Rio Verde e encontramos este primo do Zacarias no bar. Ele disse que tinha uma música que era a nossa cara. E passou no bruto. O original mesmo de 'A Mato-grossense' esta listado Zacarias e Flor da Serra, que era do Flor da Serra e Pinheiral, uma dupla de São Paulo que já tinha gravado a música. Mas gravaram com melodia totalmente diferente. Quando apareceu aqui não pegou.

**Amambaí:** Regravamos 'A Mato-grossense' no disco que fizemos como trio com o Zé Corrêa. Na capa a gente aparece com roupas que mandamos fazer. Compramos tecidos e a minha mulher fez. Os lenços a gente comprou. Quem criou o figurino foi o Zé, no estilo gaúcho.

# ZÉ CORRÊA

## DA FAZENDA PARA O MUNDO

**Márcio Barbosa:** O Zé Corrêa nasceu na Fazenda Torquato, município de Nioaque, antigo Estado de Mato Grosso, em 28 de outubro de 1945. Nesse dia nasce El Rei del Chamamé. Os pais do Zé Corrêa são oriundos da região missioneira do Rio Grande do Sul. A mãe de São Sepé e o pai de Tupanciretã. Um veio a cavalo e o outro de carro de boi na virada do século.

Quando nasceu o Zé Corrêa, a mãe dele, a dona Zeferina Corrêa, já tinha tido uma família. Desta primeira família nasceram três filhos, que seriam os irmãos mais velhos dele. Então, fatalmente, o primeiro marido dela é assassinado. Depois de um tempo, então, ela se casa com aquele que seria o pai do Zé Corrêa, o Manoel Pereira Braz. O pai dele não tocava acordeon, mas era um campeiro de mão cheia. Era um homem de outra estirpe, dançava tango e todas as danças do período colonial. E aqui se aclimatou ao chamamé e a polca. Ele teve três irmãos do primeiro casamento e seis do segundo. Era o caçula e o único filho homem.

O Zé Corrêa veio com 10 anos para Campo Grande. Ele já tinha começado a desenvolver os estudos no acordeon, mas ninguém sabia. Porque o irmão mais velho, do primeiro casamento, que era padrinho dele, tinha um acordeon que ele pegava para aprender em um momento que ninguém o visse porque era o instrumento do irmão mais velho, altamente proibida a utilização. Quando o irmão mais velho o encontrou tocando, disse que a partir daquele dia o Zé Corrêa é que seria o sanfoneiro da casa e o presenteou com o acordeon. A partir dali começou a tocar para os vizinhos e nas festas de família.

Eles tiveram algumas moradas em Campo Grande, mas essa fase musical do Zé Corrêa vai se notabilizar no Bairro Amambaí, onde moraram outros nomes da música. O Délio, por exemplo, já conhecia o Zé Corrêa desde os 15 anos. O primeiro emprego do Délio em Campo Grande é justamente com o irmão mais velho do Zé.

**Adail:** Conheci o Zé Corrêa ainda guri. Estava a passeio em Campo Grande e o conheci em uma festinha no Bairro Amambaí, perto da



**Zé Corrêa e Amambaí nos remos e Amambay**  
arq. Lígia Mourão

Afonso Pena. A gente tinha uns 15 anos e tocamos este dia. Depois que vim de Ponta Porã, em 1965, nos tornamos amigos.

**Rodrigo Teixeira:** E quando o Zé Corrêa começa a virar profissional?

**Márcio Barbosa:** Quando vai fazer uma incursão na cidade de Santos, que ele ficou de 1961 a 1964. Ele foi tentar a carreira musical a convite de uns amigos. Ele estava com 16 anos, foi com um trio daqui. Eles acharam Santos mais interessante que São Paulo porque a vida noturna era mais movimentada. Outra coisa que chamou a atenção foi a possibilidade de gravação. A mãe dele foi para Santos e, ao chegar lá, o inscreveu em uma escola de música. Ela apostou no sonho dele. Tanto é que quando ela percebe que ele era muito mais do que 'mais um acordeonista', ela o presenteia com um acordeon. A maior emoção da vida dessa senhora foi ter esse filho e ele é resultado das vivências dessa mulher.

**Rodrigo Teixeira:** Ele entrou na escola de música?

**Márcio Barbosa:** Entrou, mas ficou pouco tempo. Porque ele desenvolvia os exercícios, começava a tocar chamamé e entrava em

conflito com a coordenação da escola porque ele deveria tocar o que era apresentado. Mas como ele não se identificou, saiu da escola. Ele pensava: 'O que estão me passando já nasci sabendo'.

Ele desejava conhecer mais do chamamé e estudar mais a fundo sobre isso.

Ele ficou uns três anos em Santos tocando na noite e trabalhando durante o dia na construção civil. Também trabalhou na área de carga do porto. Foi uma vida muito dura. Em extrema dificuldade, ele chama a mãe e diz que chegou o momento de voltarem porque não tinha mais perspectivas em Santos. Retornam para Campo Grande e retomam a vida, já que tinham uma casa na cidade. Então acontece o reencontro com os músicos. Eles ficaram sem contato esse período e o Zé volta muito mais maduro.

**Rodrigo Teixeira:** Muita gente fala que ele tocava de um jeito e voltou tocando de outro...

**Márcio Barbosa:** É. Ele voltou bem mais maduro. Ele foi se aprofundando no chamamé. Estudando através dos discos. Ele não tinha ninguém que o ensinava. O que ele escutava era o que se tocava no Estado. Polca, rasqueado e algumas coisas de chamamé correntino, mas ao estilo que existia antes dele. Ele escutou basicamente 78 rotações. Então quando ele volta para Campo Grande ele tem pelo menos mais de duas centenas de discos de chamamé correntino de 78 rotações que a família ia enviando. Eles voltavam esporadicamente aqui e vinha pegando. Aí foi aprofundando o estudo e construindo um repertório chamamezeiro. Foi impondo os elementos da musicalidade dele nessa nova roupagem que ele foi imprimindo.

**Rodrigo Teixeira:** O Zé teve influência de algum acordeonista?

**Márcio Barbosa:** Não houve esse processo de ensinamento com ninguém específico. Porque tocar junto, o Zé Corrêa tocou com todos os acordeonistas. Ele era muito aberto. O Zé desenvolveu o duo sozinho, o que chamou atenção dele no chamamé correntino foi o bandoneon. Ele quis trazer o som do bandoneon para o acordeon. E quanto a isso não há antecedentes na nossa música que demonstre que alguém desenvolveu isso. Ele formou uma escola e todos os acordeonistas seguiram esse estilo, de duetar e fazer aproximado com o bandoneon. Isso chama muito a atenção dos correntinos, que é o que nos difere do chamamé do Rio Grande do Sul.

**Rodrigo Teixeira:** Quando o nome 'Zé Corrêa' nasceu?

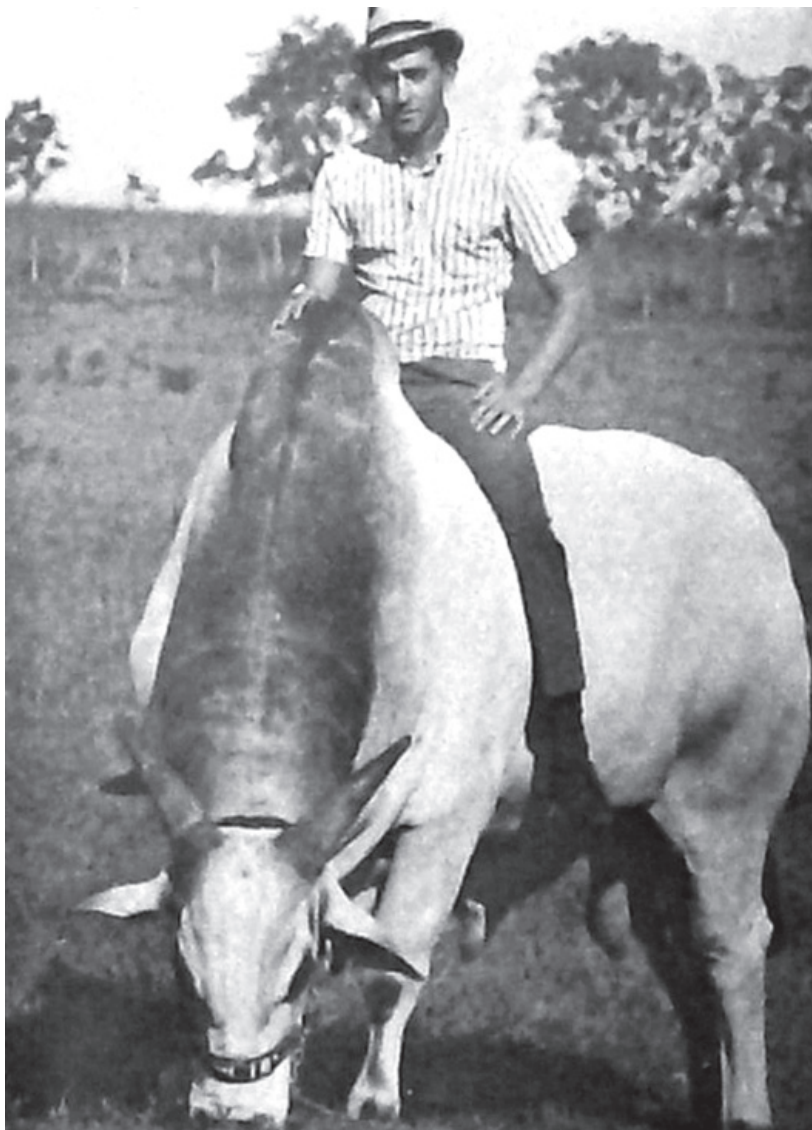


Foto da contracapa do LP  
'O Ídolo de MT'  
reprodução Raphael Teixeira

**Márcio Barbosa:** Não sei dizer com precisão. Ele pensa nisso antes de ir para Santos. O que é mais popular do que Zé? E é a primeira sílaba do nome da mãe e Corrêa também é da mãe.

**Rodrigo Teixeira:** Como foi a aproximação de Délcio & Delinha?



**Márcio Barbosa:** Ele retorna a Campo Grande em 1965 e fica até 1968. Nesta época, ele tocava e trabalhava como mecânico, vendendo laranja e das mais diversas formas. Ele morava e cuidava da mãe.

Antes de acompanhar Délio & Delinha, ele toca com Amambay & Amambaí. Ele já era o Zé Corrêa, estava firmando o nome dele, tanto é que no disco com Délio & Delinha aparece o nome dele. Délio & Delinha, além de serem contemporâneos, as famílias freqüentavam muito as casas, principalmente a do Délio. Então os encontros musicais aconteciam naturalmente. Quem percebeu o Zé Corrêa tocando acordeon foi o Délio. A Delinha o tinha como o menino da casa da Dona Zeferina que tocava bem.

**Delinha:** Até então a gente gravava com o Caçulinha. Foram muitos discos. Não sei de que jeito apareceu o Zé Corrêa. Mas a gente ensaiava neste terreno próximo a minha casa, que era nosso também. Era debaixo de um pomar bonito. O Délio me deixava ensaiando com ele e ia fazer as coisas. Eu ficava cantando e ele tocando. Para o disco 'Gosto Tanto de Você', que saiu em 1968, ensaiamos um mês. E o Délio dizia: 'Não Zé. Quando terminar a palavra, você dá o preenchimento'. E dava as 'bordunhadas' para ele pegar a introdução. O Délio ensinou, mas ele já tocava bem.

## O LEGADO

**Maciel Corrêa:** Eu não tentava fazer o duetado. Eu tocava o teclado com a marcação normal da baixaria. Tipo o contrabaixo normal. Não cheguei a conversar sobre esses detalhes porque meu espaço de tempo com ele foi muito curto. Estava morando no Rio de Janeiro até retornar pra Campo Grande em 1972. E ele viajava demais. Então logo depois aconteceu a tragédia.

Cheguei a cruzar o Zé Corrêa famoso. Inclusive no casamento do meu irmão Estácio. Ele era tão querido, estimado, que nós só arrebatamos a última serenata às 5 horas da manhã na casa de um general. Para ver o conceito que a gente tinha. O homem nos recebeu com taças de cristal, vinho, uísque e coisa e tal. Antes de ir embora o Zé disse: 'Eu não vou ao casamento porque tenho compromisso'. Ele estava batendo umas músicas que iria gravar.

**Benites:** Conheci o Zé Corrêa na exposição. Até hoje eu acredito

que todos os acordeonistas procuram seguir o mesmo estilo dele tocar o acordeon. Ele tocava diferente. É o acordeon misturado na baixaria. Geralmente é o teclado que faz uma melodia. O Zé não. Ele tinha uma baixaria e fazia a mão direita com clareza.

O Zé Corrêa foi uns dos melhores. Um dos precursores da música de MS e que me deu oportunidade sem eu pedir. Ele foi propulsor de Jandira & Benites.

**Amambay:** A gente fazia show, bailes e festas dos Reis aqui pelo Estado mesmo. Rio Verde, Coxim, Rondonópolis, Ponta Porã, Bela Vista, Maracajú, Corumbá...

São Paulo era muito pouco. O transporte para os shows era carro, ônibus e trem. A gente tinha um Decavê e o Zé também.

Neste entremeio ele levou a Jandira e o Benites para gravarem. Aí começou a virar bagunça e então nós ficamos a dupla só. E o Zé queria acompanhar a gente e acompanhou. Mas chegou uma hora que perguntei: 'Isso aqui virou o quê?' Então vai só a dupla. Fizemos três discos com ele e depois gravamos com o Dino Rocha.

**Maciel Corrêa:** O Zé conseguia pegar uma música e fazer uma adaptação para melhor. Mesmo com os clássicos argentinos. Tenho as músicas originais de 'El Sapo' e 'O Jacaré' que ele fez as versões com uma roupagem que ficou muito mais bonita. O pai do Marlon Maciel, que é meu sobrinho, tinha uma coletânea de chamamé argentino. O Zé ia lá e ficava o dia inteiro tocando e tirando as músicas argentinas, que é a maioria das que ele gravou.

**Elinho do Bandoneon:** Uma vez fomos tocar em Anhanduí. Eu e o Zé Corrêa sempre dávamos uma canja um pro outro. Tocamos e fui tomar uísque. Eu olhei e vi que o Zé estava armado como eu. O revólver dele era irmão do meu. Um 32. Naquela época se não tivesse armado o cara passava em cima de você só pra se aparecer.

**Guarany:** O Zé Corrêa tinha o estilo dele. Você ouvindo era simples, mas se você fosse tirar era complicado. Nunca o vi tocando, então eu não sei nem como era a técnica de dedo dele.

Quando comecei a me interessar por sanfona não conhecia ninguém que tocava duetado na baixaria. Que é fazer a tônica nas teclas e a terça ou sexta na baixaria. Isso se fazia como acompanhamento. Adorei e comecei a fazer. Depois vim ver o Dino Rocha tocando assim e Dozinho Borges. Depois conheci o Centavo. Tocando com ele que comecei a ver mesmo.

Apesar de nunca ter encontrado, o Zé Corrêa me marcou. Pare-

cia que eu o conhecia. Um tio meu que até faleceu, tio Parrilha, era fã. E falava muito de uma música que se chamava 'O Preço da Glória', que é o penúltimo disco dele. Na capa ele está montado num cavalo, de chapéu. Não sei se é ele naquela foto. Ele andando a cavalo em um campo verde enorme. Na música ele parece que está se despedindo. Ele toca e declama: 'Já pisei em muitas pedras no meu caminho e com elas construí o meu altar. As mãos divinas ensinam só fazer o bem e aquele que me quer o mal peço a Deus pra perdoar'. Ele vai contando como arrependido de algumas coisas.

**Tostão:** E cobrando outras né.

**Guarany:** O meu tio gostava muito e passei a conhecer o Zé Corrêa desse disco. Só que ele já tinha morrido.

**Maciel Corrêa:** Ele começou a aprender acordeon e foi muito dedicado. Ele morava perto da Rua Brilhante, se não me engano. Quando eu vinha fardado da Base tinha o posto do Tiradentes, perto do Clube da Amizade, e era uma casinha de tábua. Já estava tocando na rádio com o Amambay & Amambaí e formei uma dupla com o nome de João do Rancho e Zé Ranchinho. O Zé Corrêa tocava pouco ainda e se ofereceu pra ser o acordeonista da dupla.

**Elinho do Bandoneon:** Ele conseguiu fazer uma abrangência maior com o acordeon e com uma cadência mais agradável. O Zé Corrêa era um pesquisador, um cara que buscava.

A primeira vez que vi o Zé Corrêa ele tinha uns 12 anos. Ele morava na Cabeça de Boi e eu também. Mas eu já era casado e tinha filho. Ele morava pertinho, nos fundos do Hospital Geral, que ainda tem até hoje quando cruza na Dom Aquino o quebra mola, logo na travessa da avenida antes da Cabeça de Boi. A mãe dele tinha uma sorveteria.

**Maciel Corrêa:** O jeito dele tocar virou mania. O Zé foi o pioneiro e continua sendo o inimitável Zé Corrêa. A interpretação que ele fazia até agora não tem igual.

Respeito outros acordeonistas, como o exímio Dino Rocha, mas para imitar o Zé Corrêa no ritmo, na interpretação e no gosto está pra nascer ainda.

**Rodrigo Teixeira:** O trio Amambay, Amambaí e Zé Corrêa influenciou porque depois deles surgiu muita dupla com sanfoneiro...

**Márcio Barbosa:** O sanfoneiro sempre existiu dentro da nossa música, mas é o Zé que dá um glamour, um destaque importante



Zé Corrêa (de braços cruzados) ao lado de Zacarias, Amambay e Amambaí  
arq. Lígia Mourão

para o papel do acordeonista. Ele eleva esse papel. É uma associação de acontecimentos e gravações. 'Mensageiro de Mato Grosso' em trio com Amambay & Amambaí. Depois 'O Rei do Chamamé' no final de 60, com os irmãos Gonzáles, paraguaios de Concépcion.

**Ado:** Depois que foi lançado aquele disco do Zé Corrêa com o Amambay & Amambaí o conceito musical mudou no Estado. Foi quando o chamamé começou a entrar mais e influenciou muita gente.

Três Lagoas hoje é uma das cidades mais chamamezeiras de MS. Antes do Zé o que a gente ouvia em Três Lagoas era Hermínio Gimenez e o Conjunto Ponta Porã. E lá tem os Azes do Chamamé e vários outros grupos. Corumbá também tem um povo chamamezeiro. Se tocar um vanerão, o povo chia. O lance é chamamé. Xote, vanera ou 2 x 2 o povo grita pelo chamamé.

## O ESTILO

**Ado:** Tinha um sanfoneiro, o Delcides Alves Gondin, que hoje mora em Campinas e veio para Campo Grande porque era filho de fazendeiro. Ele já tocava o duetado, com os dois lados. Ele tocava com o Amambay & Amambaí.

**Dino:** O Amambaí tinha um primo, o Delcides, que tocava sanfona e já tocava baixaria também.

**Márcio Barbosa:** O Zé Corrêa criou uma escola de como tocar o chamamé. Nós não podemos inventar coisas para enaltecer ou desmerecer ninguém, principalmente desmerecer. Não há antecedentes musicais no Estado que possam comprovar que antes do Zé Corrêa havia alguém fazendo o estilo duetado. Não estou dizendo que não havia. Mas quando escutamos as gravações, que vão ser os documentos que vão ficar para a posteridade na discografia da nossa música regional, do antigo Mato Grosso e de MS, ele é o primeiro.

**Amambay:** O estilo que o Zé começou a gravar era diferente dos outros sanfoneiros. Porque já existia até método de ensino antes do Zé Corrêa. Um método de acordeon que mostrava o dueto. Mas o Zé foi quem conseguiu colocar para fora. O chamamé verdadeiro é feito de bandoneon e acordeon botoneira, de botão. O Zé pensou: 'Eu imito o bandoneon na baixaria e no teclado a botoneira'. Até hoje tem muita gente que não consegue fazer. Para mim o Dino Rocha é um seguidor do Zé Corrêa.

**Amambaí:** Nós mesmos passamos muita coisa para o Dino Rocha. Ele tocava muito o estilo paraguaio mesmo de acompanhamento. Não era duetado. O Dino veio pegar com a gente, porque o povo não queria mais de outro jeito. Mas o Dino era mais criativo para fazer músicas. A maioria dos sucessos do Zé é tudo regravação.

**Délio:** O Zé Corrêa era um exímio acordeonista. Poderia ter sido até hoje um rei. Ele foi quem lançou o estilo bandoneon no acordeon. Ele trabalhava as baixarias com o teclado.

**Adail:** O Zé tocava cada valsa fantástica. Sempre foi um sanfoneiro diferente dos outros. Tanto que o pessoal imita. É um estilo muito próprio. Ele começou a usar baixaria da sanfona, coisa que pouca gente usava. O povo aceitou de braços abertos.

No estúdio, o Zé Corrêa sempre foi muito bom. Tinha até o maestro da Califórnia, o violonista Julião, que eles tiveram uma discussão

por causa de uma música minha. Porque é um contratempo e na época não tinha metrônomo. Por fim prevaleceu o que o Zé falou.

**Maciel Corrêa:** Uma vez o Mário Vieira falou: 'Maciel, dos artistas que eu já gravei até hoje o mais exigente que passou dentro desse estúdio foi o Zé Corrêa'. Na gravação era caprichoso. O engraçado é que quem o via não achava. Ele era pacato.

**Betinha:** O Zé Corrêa era um amor de pessoa e amigo demais. Dele eu posso falar porque era de dentro da nossa casa. Um irmão pra gente. Ele morava em uma vila perto da nossa da Bandeirante, no bairro Taquarussu, em Campo Grande. E quando a gente ia fazer show-baile ele ia junto. Eu e a Beth, mais Rodrigues e Rodriguinho, tocávamos até meia noite e aí o Zé Corrêa voltava para o palco com o Rodrigues e Rodriguinho. Eles ficavam tocando até quatro horas da manhã.

**Beth:** Tocava muito com as duplas depois que gravou com Délio & Delinha... Mas antes já tocava comigo e com a Betinha. A única dupla que ele não gravou foi com a gente.

**Betinha:** Para mim era um dos melhores sanfoneiros. Colocava o pé em um banco e parecia que não era ele que tocava.

**Beth:** Ele rasgava aquele acordeon que dava gosto de ver.

**Betinha:** Tocava junto com a gente em baile, festa... Quando era só para dançar também ia de companhia.

**Beth:** Era muito legal. A gente tocava pra ele também.

**Rodrigo Teixeira:** E quando ele casou, vocês foram ao casamento?

**Betinha:** Não, quando ele casou foi a nossa separação. Ele fazia uma programação na Rádio Educação Rural e era onde a gente o ouvia.

**Rodrigo Teixeira:** Foi aí a época que ele virou um astro.

**Betinha:** Virou um astro e não era metido.

**Beth:** Era bacana e simples. Não era orgulhoso.

## O REI DO CHAMAMÉ

**Rodrigo Teixeira:** Como o Zé Corrêa ganhou o título de o Rei do Chamamé. Como que se deu isso?

**Márcio Barbosa:** A partir do terceiro disco lançado em 1969. Mas é impossível se dar um título que seu público não aceite ou que



também o próprio meio musical da época não aceitasse. Esse título cairia no esquecimento, mas ele se constituiu realmente como o Rei do Chamamé. Uma figura que, depois das gravações dos discos, sustentou a família exclusivamente da música. Ele não era como a maioria dos nossos músicos: amadores que trabalham com uma coisa e desenvolvem a habilidade musical no tempo vago. Então ele começou com a grande liderança que exercia sobre os músicos, além do aspecto pessoal, que era a própria música dele, que encantou o Mato Grosso inteiro. Ele tinha uma agenda concorrida, se apresentava muito, cachês bons, a venda de discos era ampla. Com as pessoas daquela época não precisa se fazer muita força para conseguir disco do Zé Corrêa.

**Rodrigo Teixeira:** Os irmãos Gonzáles eram de Concépcion e eram os acompanhantes nesta época?

**Márcio Barbosa:** Sim. Vieram de Concépcion para a fronteira com o Brasil. O Zé Corrêa encontrou essas figuras nas andanças musicais e convidou para irem para São Paulo gravar e eles começaram a acompanhar ele.

**Rodrigo Teixeira:** E que disco ele grava depois?

**Márcio Barbosa:** 'O Inimitável' com Jandira & Benites em 1970. Foi o primeiro disco deles. Imagina uma figura como o Zé Corrêa, de uma sensibilidade extrema, ele escuta um duo de vozes sem igual para a nossa música e decide que eles têm de gravar juntos. As pessoas se encantavam com o Zé, porque a história pessoal dele é de dificuldades. Ele luta para conseguir o espaço e a sua identidade musical. Era uma figura carismática e fez muitos amigos. Ganhou o respeito do público por conta disso. Onde quer que fosse se apresentar não havia distinção se era pobre, rico, fazendeiro ou peão. Ele tratava a todos com o mesmo respeito.

Acho que o Zé Corrêa vai escortinar um novo tempo para a nossa música. Nesse aspecto essa é a grande contribuição dele, porque vai aglutinando esses músicos e trazendo gente do anonimato para a condição de músico profissional. Mostrou que era possível gente nascida aqui, criada aqui, fosse capaz de com sua própria música seguir com a sua vida, vivendo disso e encantando as pessoas.

**Rodrigo Teixeira:** E depois?

**Márcio Barbosa:** Depois vem 'O Rei do Chamamé – A Mi Bien Ama-



O acordeonista Zé Corrêa  
reprodução capa LP Califórnia

da', também de 1970. É um disco espetacular. Na frente é uma paisagem e atrás é uma foto dele.

Nesse disco ele descarregou a habilidade. Mas ele nunca foi de fazer exibicionismo porque respeitava cada acordeonista. Desde o mais humilde, o mais simples na maneira de tocar, ele respeitava como um grande acordeonista e o convidava para tocar no acordeon dele dizendo que eram companheiros. Assim outros acordeonistas puderam gravar na Califórnia por influência dele, porque não eram concorrentes. Eram aliados para construir a música do nosso Estado.

Depois vem 'O Preço da Glória', que é o penúltimo, em 1971. E o último disco 'O Campesino', em 1972, que destaca a música que ele fez para a filha Laurinha.

**Rodrigo Teixeira:** Eu pensava que esses discos tinham sido lançados depois do assassinato que ele acabou envolvido...

**Márcio Barbosa:** E foi. O cunhado do Zé Corrêa foi assassinado em julho de 1971. Foi no município de Rio Brillhante, onde é hoje a cidade de Nova Alvorada, dentro da fazenda da família.

**Rodrigo Teixeira:** Por isso que a partir de 1971 ele some do mapa?

**Márcio Barbosa:** O Zé continua tocando, mas começa um trabalho fora do Estado. Porque o trabalho dele já estava em São Paulo, Paraná, Goiás, Minas... Ele começou a percorrer esses caminhos. Tanto é que o Trio Parada Dura fez uma música em homenagem a ele em um dos discos deles que mais vendeu.

## A CONFUSÃO

**Rodrigo Teixeira:** O que ficou como verdadeiro é que um empregado do Zé Corrêa foi quem cometeu a fatalidade.

**Márcio Barbosa:** O que acontece é que o povo no campo não é muito atento à polêmica. Então qualquer polêmica naquela época era resolvida na bala. Nosso povo é um povo armado, isso é uma tradição de longa data. Então houve uma discussão lá na porteira da fazenda entre esse empregado do Zé que, na verdade, era primo bem distante. Foi casar depois que o Zé Corrêa tinha morrido. No calor dessa discussão acontece agressão verbal, a ameaça de pegar uma arma, um disparo e acontece um crime, um assassinato.

**Rodrigo Teixeira:** Mas o Zé Corrêa assumiu para ele?

**Márcio Barbosa:** Ele simplesmente retirou o empregado da cena desse crime e levou para a cidade. O Zé retorna para Campo Grande e parece que há uma caracterização de que ele estaria envolvido com o crime. Mas ele não estava junto com o funcionário. Estava distante, fazendo um conserto de cerca. Ele ouve a discussão, o disparo e quando chega junto dos dois já tinha acontecido. O Zé não teve a oportunidade de fazer nenhuma mediação.

**Rodrigo Teixeira:** Essa pessoa que morreu nesta briga, qual era o nome?

**Márcio Barbosa:** Lázaro Nogueira, que era cunhado dele, casado com a irmã da mulher do Zé Corrêa.

**Rodrigo Teixeira:** O Zé já estava casado e já tinha a Laurinha?

**Márcio Barbosa:** Já era casado, mas não tinha a Laurinha. Ela vai nascer em 1973.

**Rodrigo Teixeira:** Mas por que ‘sobrou’ para o Zé Corrêa?

**Márcio Barbosa:** ‘Forças ocultas’ trabalharam para caracterizar o crime desta maneira. Só que isso nunca foi provado.

**Rodrigo Teixeira:** Mas infelizmente muita gente acha até hoje que o Zé Corrêa matou mesmo.

**Márcio Barbosa:** Mas isso não aconteceu. Quem matou o cunhado foi o empregado da fazenda. Tanto que depois o Zé Corrêa é inocentado. Na noite do crime ia acontecer um noivado na fazenda e o Zé iria estar tocando com o Lázaro. Eles eram amigos. Não havia um motivo. Mas acharam que o Zé podia ter sido um mandante ou algo do tipo.

**Rodrigo Teixeira:** Então de 1971 a 1974 foram anos difíceis... Ele fez os dois últimos discos na surdina?

**Márcio Barbosa:** O Zé Corrêa vai até a Califórnia e grava. Ele tinha carta branca do Mário Vieira. E a indústria de venda de discos dele em Mato Grosso estava a mil por hora. O Zé foi um cara que, nesse período musical, tudo que pretendeu fazer realizou.

**Rodrigo Teixeira:** Nesses discos desta fase tem participação de alguém?

**Márcio Barbosa:** Não. Só em um disco que ele traz alguns paraguaios do anonimato e que depois da morte dele continuaram no anonimato. Mas é só como acompanhamento.

**Rodrigo Teixeira:** A vida do Zé Corrêa virou de cabeça para baixo. Ele não podia aproveitar a popularidade...

**Márcio Barbosa:** Você imagina que para uma pessoa andar disfarçada é porque era popular mesmo. Ele era reconhecido em qualquer lugar em um período que não havia internet, televisão existia em poucas casas, a mídia era pouco desenvolvida... Ser reconhecido pelas pessoas na rua era mérito para poucos.

**Délio:** A desgraça do Zé Corrêa foi a morte do cunhado. Ninguém sabe direito esta história. Só que depois ele foi jurado de morte. Isso não é muito segredo.

**Rodrigo Teixeira:** Então ele ficava para lá e para cá...

**Márcio Barbosa:** Essa coisa de andança sempre foi comum. Ele não tinha uma vida pacata, tipo 'vou chegar em casa seis da tarde, tomar um mate...' A vida dele nunca foi assim, sempre foi de muita realização, trabalho, compromissos, ensaio.

**Betinha:** Foi o Zé Corrêa que trouxe o chamamé argentino para nós. Outros podem falar que não, mas foi ele. Até ele tocar a gente conhecia o rasqueado tocado pelo Mário Zan.

Não sei se é verdade, mas ele brincava muito com a gente, chegou até a dizer pra nós uma vez que tinha tocado meia noite numa sexta-feira... Ele me chamou e disse: 'Betinha, você quer ir? Dá medo, mas quem aguentar...'

**Beth:** Não sei se ele falou brincando, mas falou.

**Betinha:** Era um lugar, dentro de uma mata fechada. Ele me convidou e disse que se quisesse ia ser a melhor sanfoneira que existe. Falei que não, que queria continuar tocando do jeito que faço. Música que tem uma unha pintada de vermelho é que fez pacto...

## CAMPANA

**Adail:** O Zé sempre foi uma pessoa amável e amiga. Não era falso. Na época que ele ficou de campana, quando ele vinha a Campo Grande sempre me ligava e ia vê-lo. Uma vez estava fazendo show em um circo e veio um menino avisar que tinha um cabeludo e barbudo no carro me chamando. Fui lá e era o Zé Corrêa. Ele se dis-

farçava. Não conseguia ficar muito tempo longe de Campo Grande.

Quando ele chegava e estava camuflado sempre me ligava e dava nome de um sanfoneiro de São Paulo. Já sabia que era ele.

Quando fui gravar meu segundo disco desci da rodoviária de São Paulo, na esquina do hotel, em uma lanchonete, quando vi o cara de chapéu na cabeça, ele veio rindo e me abraçou.

Depois que gravei o segundo disco com o Tesouro, que o Zé Corrêa participou, fui divulgar em Goiânia. 'Pedrinha Verde' estava estourada. E lá ficamos juntos, conheci artistas e acabei cantando com o Baduí.

O Zé Corrêa ficou naquela região de Goiás viajando nesta época e interior de Minas. Ninguém sabia que era ele. Nestes shows ele tocava mais as introduções das músicas, eu cantava com o Baduí e o comêico que era o Barnabé. Os shows faziam sucesso nos circos.

Nossa convivência era maravilhosa. A gente dormia no mesmo quarto. O Zé Corrêa chegava com aquele jeito simples, mas muito carismático. Pegava a sanfona, debulhava e arrancava aplausos.

Ele gostava demais de chimarrão. Em um circo em Minas, em Buriti Alegre, nós fomos pro hotel e de manhã cedo ele me chamou para tomar chimarrão. E fomos pedir água quente no circo e o pessoal ficou admirado. Rodearam a gente. Naquele tempo não conheciam. O Zé não largava do chimarrão.

O pessoal não sabia que ele estava pro lado de Goiânia. Se hoje ainda consegue se esconder, imagina aquela época que não tinha tecnologia? Mas ele ficou numa tristeza, como se fosse peixe fora d'água. Com todo o sucesso que ele tinha no Mato Grosso, chegava aos lugares e ninguém conhecia. Só os músicos, porque ele era muito respeitado por todos os grandes sanfoneiros daquela região. Como o finado sanfoneiro Vaninho.

Ele voltou porque não agüentou mais. Ele preferiu enfrentar a morte a viver isolado do mundo. Ele vinha para Campo Grande de carona de caminhão que transportava gasolina. Não podia pegar ônibus. Ele era um homem de muita coragem.

## O CRIME

**Ado:** Estava trabalhando como fotógrafo em Londrina e tomava uns



conhaques. Eu tava com muita saudade de ouvir chamamé. Comprei um rádio e coloquei uma antena em cima da casa. Isso no dia 2 de abril de 1974. Sintonizei o programa do Juca Ganso à tarde na Educação Rural. Tinha uma música que era o tema e que era do Zé Corrêa. Ouvi aquilo e bateu. Moço, que saudade de Mato Grosso. Falei para mulher: 'Vamos embora.' No outro dia estava embarcando para Campo Grande. O chamamé me trouxe de volta.

**Adail:** Toquei com o Zé Corrêa dois dias antes do assassinato em Campo Grande. E nesse dia levei o Ado. Parece-me que foi em uma casa perto da Mato Grosso, em uma travessa. Tocamos músicas dele e minhas. A gente ficou papeando, tocando e tomando chimarrão.

**Ado:** Retornei de Londrina a Campo Grande em 4 de abril de 1974 e no dia 7, dois dias antes dele ser executado, o Adail me chamou para tocar em uma casa de um parente do Zé. Era uma festinha.

**Adail:** Ele me falou que se fosse para viver como estava vivendo, onde não tinha amigos e o reconhecimento, para ele não interessava. Por isso veio fazer o programa de rádio, onde acabou assassinado.

O Zé já estava para as bandas de Campo Grande. Mas só quando a Justiça o considerou inocente, sentiu que estava liberto. Mas o pessoal estava na espreita e só queria saber de vingança. Ele nunca teve medo. Dizia: 'Se tiver que acontecer vai acontecer'. Também andava armado. Só que não deu tempo de nada.

**Ado:** Eu estava naquele processo de mudança. Sei que passou um jornalista gritando: 'Mataram o Zé Corrêa'. No sábado a gente iria tocar no casamento da irmã do Adail. No trem não se falava de outra coisa. Antes de viajar passamos no velório na Igreja São José e tinha ainda pouca gente. Ele foi enterrado no cemitério Santo Antônio. Foi triste.

**Elinho do Bandoneon:** A tragédia foi a morte do marido da irmã da mulher do Zé Corrêa. Ele era cunhado. Era um rolo nas fazendas que ninguém entendia o que era de quem e a tragédia aconteceu.

O pessoal ficou na cola dele. E dizem que o Zé Corrêa atirava bem. Aí ele ficou fugido. Não podia aparecer e tinha que ir pra longe e mudar de identidade. A burrada tava feita.

Até o dia que o Zé avisou que iria voltar em tal horário a noite na Rádio Educação Rural. Não aguentava mais. Ele já tinha escapado em Coxim e parece que em Foz do Iguaçu.

**Maciel Corrêa:** Lembro do dia que saiu a notícia da morte: 9 de abril de 1974. Eu estava de sargento de dia na guarda na Base Aé-

rea de serviço. Fiquei sabendo pelo rádio: 'Mataram o Zé Corrêa!' Foi na boca da noite no programa na Rádio Educação Rural do Juca Ganso.

O assassinato repercutiu não só no nosso Estado como fora. Milionário & José Rico e Trio Parada Dura gravaram homenagem. Foi um impacto nacional. Não pude ir ao velório porque estava de serviço. Não digo que foi um susto. Mas morrer da forma que ele morreu causou um impacto muito grande no povo. O nome dele já estava lá em cima e ele era muito dedicado. Infelizmente não pude conviver mais. Logo que voltei a Campo Grande aconteceu a tragédia.

**Rodrigio Teixeira:** Quanto tempo antes da morte do Zé Corrêa a Justiça o considerou inocente?

**Márcio Barbosa:** Foi uma semana antes. Na verdade, o Zé Corrêa não queria que o vissem como um criminoso. Ele queria demonstrar para o público que era um artista e que não tinha nada a ver com o crime.

**Rodrigio Teixeira:** Provavelmente a última vez que ele tocou foi no dia que encontrou o Ado e Adail...

**Márcio Barbosa:** Não, no dia da morte ele tocou na casa da irmã dele, do primo dele. O programa que ele foi para se apresentar era do Juca Ganso. Era a noite, umas 20 horas. Imagina só, Campo Grande inteira esperando e quando ele chega lá na rádio não pode entrar porque antes disso é morto.

**Rodrigio Teixeira:** Ele andava armado?

**Márcio Barbosa:** Andava, mas não deu tempo. Ele era desassombrado, não tinha medo. Queria resgatar a credibilidade. Não queria ser visto como um assassino. Com relação a temer algo, era isso, senão ele não teria ido lá sozinho. E ninguém foi preso, o processo foi arquivado sem qualificar culpados.

**Rodrigio Teixeira:** E o que aconteceu com a obra do Zé Corrêa após o seu assassinato?

**Márcio Barbosa:** Ficou um grande tempo sem que a família tivesse um trabalho institucional e muito menos as autoridades no que diz respeito à obra do Zé Corrêa. O que manteve viva a figura e a musicalidade do Zé Corrêa foi o povo do Estado, que cultua a imagem dele e o trabalho até hoje. Então o reconhecimento institucional é uma coisa que vai acontecer porque o público já o reconheceu como sua personalidade musical genuína e criativa, que representa uma gera-

ção e elementos da nossa vida de campo. Por tudo isso o Zé Corrêa vai continuar sendo sempre o Rei do Chamamé. Agora são os filhos e os netos, os contemporâneos que estão aprendendo.

**Rodrigo Teixeira:** Houve uma corrida para pegar a bandeira dele?

**Márcio Barbosa:** Sim, porque se não fosse uma bandeira, ninguém queria segurar. Como se diz: filho bonito todo mundo quer ser o pai. Então todo mundo quer continuar, fazer o que deu certo.

**Rodrigo Teixeira:** Ele estava indo tocar em Corrientes?

**Márcio Barbosa:** Ia ficar uma temporada lá.

**Rodrigo Teixeira:** Como é o lado empresarial da obra dele. A Laurinha recebe direitos autorais?

**Márcio Barbosa:** Isso ficou paralisado, depois a gente formalizou e ela tem recebido algo. O interessante é que ela não cobra nada do que os acordeonistas gravam. No caso do Zé Corrêa ele tinha o suporte de uma gravadora, nunca pagou para gravar, mas a gravadora não dava um suporte para o artista. Até porque a lei do Direito Autoral só vai existir a partir de 1971 no Brasil.

**Rodrigo Teixeira:** Ele deixou muito material pessoal?

**Márcio Barbosa:** Ele tinha quatro acordeons e a família só conseguiu recuperar um. Os outros foram desviados do verdadeiro dono, que seria a Laurinha. Nós detivemos um acordeon vermelho, Todeschini, super 8, 120 baixos, que ele gravou um disco.

**Rodrigo Teixeira:** Que dia ele morreu?

**Márcio Barbosa:** Em 9 de abril de 1974, com 29 anos. O nosso chamamé, depois da morte dele sofre um abalo sísmico. Infelizmente a coisa declinou. Essa música não domina a programação das rádios como dominou, perdeu espaço, é o povo que resiste a essa manifestação folclórica. Mostrando o que foi o Zé Corrêa e a obra dele, a música sai fortalecida e os músicos também.

**Rodrigo Teixeira:** Uma das poucas pessoas que estavam na sede da Educação Rural quando aconteceu o assassinato de Zé Corrêa era o seu amigo e parceiro profissional Juca Ganso. O locutor, naquele ano de 1974, era com certeza uma unanimidade e o radialista mais famoso do Sul de Mato Grosso. O programa 'A Hora do Fazendeiro', que estreou em 1965, era o principal meio de comunicação da população do Estado, em especial a envolvida com fazendas. Ou seja, a maioria. Seu bordão, 'quem ouvir, favor avisar' se tornou um clássico radiofônico regional. Juca explicou que já fazia um programa com Zé Corrêa

antes de haver o 'entreveiro' trágico de 1971 envolvendo o cunhado do músico. E que só quando o sanfoneiro foi considerado inocente pela Justiça que ele decidiu ir na rádio anunciar a decisão judicial que se arrastava desde 1971. Ele próprio avisou que estaria no programa ao lado de Juca Ganso em uma terça-feira, que acabou sendo o dia de sua morte. O radialista relembra algumas passagens com o amigo e o dia fatídico, em que ele estava esperando por Zé Corrêa para o retorno do, naquele momento, maior astro da música sul-mato-grossense.

**Juca Ganso:** Ele ficava na casa dos tios dele na Av. Mato Grosso, que tinha 'gordurami'. Ele ficava escondido lá. Eu, Ado, Amambay & Amambaí, a turma do sertanejo, ia tocar violão, cantar e biritar com ele. Depois o Zé Corrêa se mandou. Uma noite eu estava aqui em casa e veio o Amambay & Amambaí dizendo que tinha um camarada na caminhonete que queria me conhecer. Eu disse que era para chamar a pessoa para entrar, mas pediram para eu ir lá porque ele não iria sair do carro. Fui lá fora, chego e era o cara do volante. Falei que não conhecia. O cara era cabeludo e estava olhando para frente. Insisti que não conhecia e o cara virou e falou: 'Não me conhece não seu...' e disse aquele palavrão. Era o Zé Corrêa de peruca. "Rapaz o que você está fazendo aqui? Você é de lascar o crânio!". E ele: "Tem que andar né Juca!". Esta foi uma das passagens dele comigo.

Passou um tempo e o advogado dele era o Doutor Nelson Trad. Checaram a situação e deram o habeas corpus dele no processo que corria e que tinha causado toda a encrenca. O Zé Corrêa ficou muito eufórico porque tinha sido considerado inocente. Ele foi na Rádio Educação Rural e anunciou no microfone que o 'Doutor Nelson Trad tinha liberado' e ele 'estava livre'. E anunciou que iria voltar na próxima terça com o 'Programa Zé Corrêa e Seus Grandes Sucessos'. Este programa eu e ele fazíamos juntos antes dele ter o 'problema'. Ia sempre também o Amambay & Amambaí.

Eu iria apresentar o programa da volta dele. Era uma terça-feira de abril de 1974 e a rádio anunciando que 'hoje às 20 horas apresentação do Programa Zé Corrêa ao vivo'. E ele foi para casa de umas amigas lá no alto da Rua 26 de Agosto. Ele estava eufórico e chamando as meninas para irem juntas para o programa. Elas não quiseram, falando que iam escutar de casa mesmo e tal.

O Zé Corrêa chegou e encostou no portão da Rádio Educação Rural, que ficava na Mário Pinto Peixoto, uma rua estreita e escura e

tinha uma máquina de arroz, Rincão, na esquina. Eu já estava lá na rádio desde antes. Às 18h, eu tinha apresentado o programa de variados sertanejos e tal.

Estava eu, o recepcionista da noite, o saudoso Délio Nascimento e um amigo de Brasília que tinha ido me visitar. Eu estava fazendo o programa até chegar a hora do Zé. Fazia os comerciais, chamava as músicas e ia bater papo com meu amigo. E o pessoal da rádio conversando na portaria, contando piada e nem imaginando o que iria acontecer.

Um cara chapelado chegou na rádio e pediu a caixinha de perdidos e ficou procurando documento. Só tinha duas residências na rua. Um fazendeiro que morava na frente e o vizinho do lado, o Seu Barreto. Ficou um homem em frente da casa do fazendeiro, outro na árvore em frente da rádio, outro na porta e o outro lá dentro procurando documento. Já estava tudo armado e sem ninguém sonhar com nada.

Um quinze para as oito o Zé Corrêa chegou. Ele encostou o carro e parou no portão grande que pertencia ao quintal da máquina de arroz. Não deu tempo nem dele descer do carro. Eu estava com o amigo, Afonso. E a 'pipoca' comeu. Perguntei o que era pro meu amigo e ele: 'Acho que é bala Juca'. Fomos para um estúdiozinho lá dentro e era bala mesmo. Acabaram os tiros e veio um barulho de motor que arrancou. Era uma caminhonete C-10 cheia de bandido. Deixaram o carro do Zé como se tivessem atirado de metralhadora. Todo mundo foi saindo devagarinho e veio o senhor do açougue da 14 de Julho e me disse: 'Você viu quem que é?'. 'Quem?'. 'Zé Corrêa!'. 'Quê?' Fui no carro e estava tão escuro que ele riscou um fósforo para eu ver que era o Zé mesmo. Ele estava caído entre o meio fio e o carro.

Quem chamou a rádio patrulha pelo ar foi o Ciro Nascimento. 'Estamos chamando a rádio patrulha com urgência na Rádio Educação Rural, houve um crime aqui na frente agora'. Não falou que era o Zé, mas daqui a pouco já tinha muita gente em frente a rádio.

Veio ambulância e levou o corpo para a Santa Casa. Já estava morto. Eu peguei a 'magrelha' e fui a Faculdade Dom Bosco, onde o Doutor Airton Guerra, nosso diretor, estava fazendo Direito. Eu disse: 'Mataram o Zé Corrêa na frente da rádio. Vim saber o que a gente faz. Tira do ar a rádio?' E ele. 'Não. Coloca só música e continua amanhã normal'. Foi uma das minhas passagens mais dramáticas no rádio. Eu fiquei transtornado. Não sabia o que fazia.

## **"Zé Corrêa" morre assassinado: 5 tiros**

O conhecido cantor e acordeonista "Zé Corrêa" foi assassinado ontem na porta de entrada da Rádio Educação Rural, onde a vítima teria ido para participar de um programa. Eram 20, 30 horas quando Zé Corrêa chegava àquela emissora e uma pessoa desconhecida lhe dava cinco tiros - na cabeça, no pescoço, no peito, na barriga e na coxa - que lhe provocaram a morte. Levado para o Pronto Socorro, faleceu assim que recebia os primeiros cuidados médicos. A morte de Zé Corrêa teria sido motivada por vingança.

Correio do Estado,  
Quarta-feira, 10 de abril de 1974

### **ZÉ CORRÊA MORRE ASSASSINADO: 5 TIROS**

**Correio do Estado, Quarta-feira, 10 de abril 1974**

O conhecido cantor e acordeonista Zé Corrêa foi assassinado ontem na porta de entrada da Rádio Educação Rural, onde a vítima teria ido para participar de um programa. Eram 20h30 quando Zé Corrêa chegava àquela emissora e uma pessoa desconhecida lhe dava cinco tiros - na cabeça, no pescoço, no peito, na barriga e na coxa - que lhe provocaram a morte. Levado para o Pronto Socorro, faleceu assim que recebia os primeiros cuidados médicos. A morte de Zé Corrêa teria sido motivada por vingança.



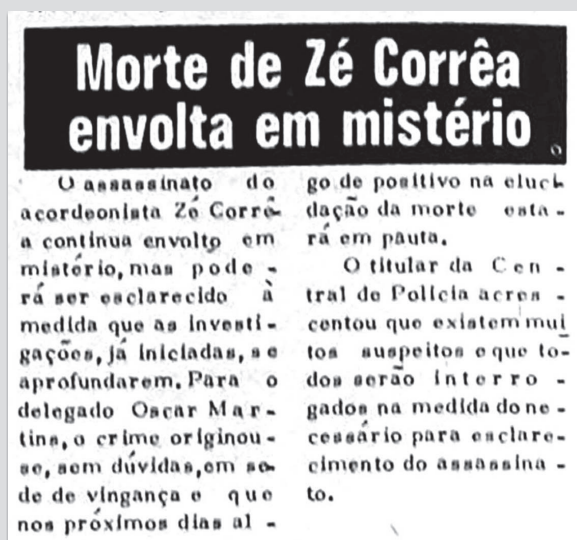
## MORTE DE ZÉ CORRÊA ENVOLTA EM MISTÉRIO

Correio do Estado, Quinta-feira, 11 de abril de 1974

O assassinato do acordeonista Zé Corrêa continua envolto em mistério, mas poderá ser esclarecido à medida que as investigações, já iniciadas, se aprofundarem.

Para o delegado Oscar Martins, o crime originou-se, sem dúvidas, em sede de vingança e que nos próximos dias algo de positivo na elucidação da morte estará em pauta.

O titular da Central de Polícia acrescentou que existem muitos suspeitos e que todos serão interrogados na medida do necessário para esclarecimento do assassinato.



Correio do Estado, Quinta-feira, 11 de abril de 1974

## DINO ROCHA

**Dino Rocha:** Em 1965 montei em Ponta Porã o grupo 5 Nativos. Fiquei com eles três anos e em 1968 vim pra Campo Grande tocar na boate Recanto das Corujas.

Era eu e dois paraguaios violonistas. Eu morava na Rua Alexandre Fleming e escutava sanfona tocando perto. Um dia fui lá e era o Valfridez, que depois virou Zé Corrêa. Ele morava na esquina e a tarde ia lá tocar. Fiquei quatro ou cinco meses assim e sempre à tarde.

Fui pra Corumbá e fiquei um ano tocando com um grupo paraguaio na Boate Guarany. Isso em 1969. Voltei pra Ponta Porã e de lá fui pro Paraná. Passei um ano tocando na Boate 007 em Paranaíba. Voltei do Paraná para Ponta Porã em 1970. O Zé Corrêa estava estourado com Amambay & Amambaí. 'A Mato-grossense' era sucesso. Lá no Paraná não se escutava. Peguei a capa do disco. 'Pô, esse cara é lá de Campo Grande. Tocamos sanfona, tomamos tererê junto'. Era o Zé Corrêa, porque logo após os encontros em Campo Grande ele gravou o disco solo em 1968. Falei: 'Vou para Campo Grande'.

Tinha uma tia que morava no Bairro Guanandi. Eu vim de trem. Quando cheguei decidi que ia falar com Délio & Delinha. Minha tia sabia que eles tinham um mercadinho na Rua Paissandu. No outro dia achei o mercadinho. Reconheci o Délio porque estava de jaleco. Disse: 'Bom dia, o senhor é o Délio?' 'Sou eu mesmo'. 'Seu Délio sou de Ponta Porã e toco acordeon. Vim aqui pra ver se o Senhor arruma uma boca'. Eu lembro bem. Ele descascou uma banana, comeu, jogou a casca no lixo.

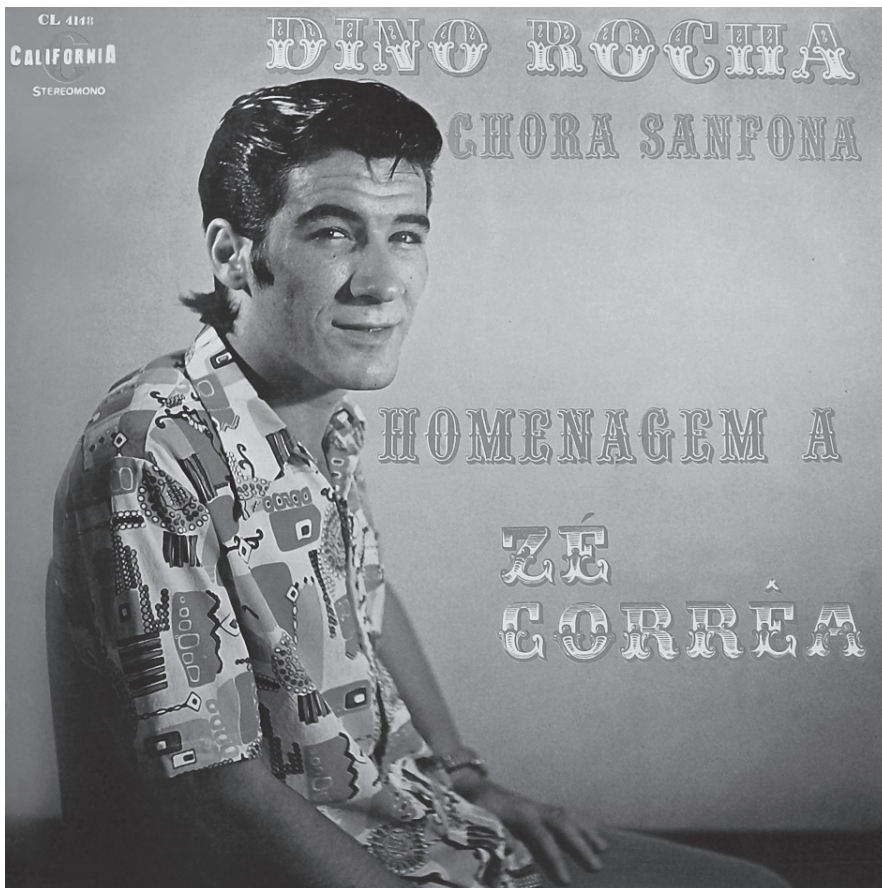
Olhou pra mim: 'Da onde é que você é?' 'Sou de Ponta Porã'. 'E toca o quê?'. 'Sanfona'. 'Menino, volta pra Ponta Porã e vai plantar mandioca que você vai ganhar mais. Sanfoneiro aqui nós temos muito bom. Nós não precisamos de sanfoneiro'.

**Rodrigo Teixeira:** Como você conheceu o Amambay & Amambaí?

**Dino Rocha:** Ouvia falar muito neles. Já tinham disco e eu sabia que eles tocavam com o Zé Corrêa. Fui atrás do Amambay & Amambaí para tentar tocar com eles.

**Rodrigo Teixeira:** Sobrou a vaga digamos assim?

**Dino Rocha:** Eles disseram para eu vir para a gente tocar. Falei



Capa do primeiro LP  
solo de Dino Rocha  
reprodução

pro Amambaí: 'Posso ir depois do casamento da minha irmã.' Fiz o casamento em Ponta Porã em 9 de dezembro e voltei para Campo Grande em 19 de dezembro de 1972. Passei Natal e Ano Novo e começamos a trabalhar. O Amambaí morava há quatro quadras da Rua Calógeras. Campo Grande era só barro, areia e chão.

**Amambaí:** Depois que aconteceu o crime 'envolvendo' o Zé Corrêa, em 1971, apareceu o Dino Rocha. Ele procurou o Délio & Delinha e não quiseram. Aí o primo do Dino foi em casa e disse que tinha um parente que tocava sanfona. Fizemos um teste e pensei: 'Este cara é demais'.

# DINO ROCHA CHORA SANFONA

## HOMENAGEM A

# ZÉ CORRÊA

FACE A

- 1 CHORA SANFONA (Homenagem à Zé Corrêa)  
Zacarias Mourão - Dino Rocha /Chamamé
- 2 AMANHECER CAMPESSINO - Polca  
T. Ros - A. Canhoto
- 3 MACHETE 22 - Chamamé  
Hermãos Sema
- 4 RUTA CATORZE - Chamamé  
P. Sanches
- 5 ORGULHO DE MI PAÇO - Chamamé  
Catalino Gil
- 6 CHALANA - Chamamé  
Arlindo Pinto - Mario Zan

FACE B

- 1 GALVOTA PANTANEIRA - Chamamé  
Dino Rocha - Zacarias Mourão
- 2 RANCHO NOVO - Chamamé  
Dino Rocha
- 3 EL GAITEIRO - Chamamé  
Dino Rocha - Zacarias Mourão
- 4 MI ESTRANHO QUEER - Polca  
Negro Ayala
- 5 LA ONDE EU MORO - Chamamé  
Tito Carreiro - Lourival dos Santos
- 6 BAILE NO GALPAO - Polca  
Dino Rocha

Quem deveria apresentar este L.P. infelizmente já não está entre nós, seria a mesma pessoa que apresentou o DINO ROCHA na Gravadora Califórnia, e seria seu padrinho artístico, pois foi ele mesmo quem disse certa vez, que este moço seria o legítimo continuador do seu estilo.

Estamos falando do já saudoso ZÉ CORRÊA, que foi o criador desse novo estilo, de uma nova escola, e com seu extraordinário gosto apurado atingiu profundamente aos mais apurados gostos daqueles que apreciam a música que caracteriza o regionalismo do nosso MATO GROSSO ou até mesmo da música tradicional do Paraguai.

Hoje estamos lançando seu continuador, um novo artista, porém de grande valor, e também filho do nosso querido MATO GROSSO, da cidade de SANTA LUZIA.

DINO ROCHA, moço simples mas talentoso, está partindo para a fama numa ascensão vertiginosa, merecida de sua capacidade profissional e de sua sensibilidade musical, isso podemos constatar neste disco onde destacamos páginas musicais como, Galvota Pantaneira e Chora Sanfona, brasileiraíssima e justa homenagem ao consagrado «Rei do Chamamé» ZÉ CORRÊA que antes de seu falecimento já teria dado ao DINO ROCHA o «Slogan» de «Príncipe do Chamamé».

Amigo discófilo, ouça atentamente este disco antes de concordar conosco.

ZACARIAS MOURÃO

Direção Artística: Mário Vieira

Acompanhamento: Jullão e seu conjunto

SOB N.º 017/SCDP/SP

DISCOS MUSICAIS CALIFORNIA LTDA

Rua Quilates Buenos 191 - 6.º Andar - Cx. 62 - Fone 34-3995 - Caixa Postal 4728  
SÃO PAULO - BRASIL  
C. G. C. 41.208.348

CL 4148

STEREO  
MONO

Este disco pode ser tocado em equipamento mono ou com equalizador necessário. Reprodução somente quando tocado em equipamento stereo.

Contracapa do disco  
'Chora Sanfona -  
Homenagem a Zé Corrêa'  
arq. Rodrigo Teixeira

**Maciel Corrêa:** O Dino Rocha apareceu na época do Zé Corrêa, que tinha um jeito diferente de tocar chamamé. Criou uma roupagem nova que o povo veio copiando. O nosso chamamé tem mais melodia e harmonia do que o dos argentinos. O Zé Corrêa fez esta adaptação do chamamé de Corrientes. Depois o Dino Rocha entrou arrebatando. Ele também é um grande nome do chamamé e tem respeito nacional.

Dino Rocha lançou em 1974 o disco 'Chora Sanfona - Homenagem à Zé Corrêa' pela Gravadora Califórnia, com produção e direção de Mário Vieira. Na contracapa o texto de Zacarias Mou-

rão incentiva não só a ideia de que Dino Rocha é o sucessor de Zé Corrêa como segue o estilo criado pelo acordeonista assassinado meses antes do lançamento do LP. O texto da contracapa é o seguinte: **‘Quem deveria apresentar este LP infelizmente já não está entre nós, seria a mesma pessoa que apresentou o DINO ROCHA na Gravadora Califórnia, e seria seu padrinho artístico, pois foi ele mesmo quem disse certa vez, que este moço seria o legítimo ‘continuador’ do seu estilo.**

**Estamos falando do já saudoso ZÉ CORRÊA, que foi o criador desse estilo, de uma nova escola, e como seu extraordinário gosto apurado atingiu profundamente aos mais apurados gostos daqueles que apreciam a música que caracteriza o regionalismo do nosso MATO GROSSO ou até mesmo da música tradicional do Paraguai.**

**Hoje estamos lançando seu continuador, um novo artista, porém de grande valor, e também filho do nosso querido MATO GROSSO, da cidade de SANTA LUZIA.**

**DINO ROCHA, moço simples, mas talentoso, está partindo para a fama numa ascensão vertiginosa, mercê de sua capacidade profissional e de sua sensibilidade musical, isso podemos constatar neste disco onde destacamos páginas musicais como, Gaivota Pantaneira e Chora Sanfona, brasileiraíssima e justa homenagem ao consagrado ‘Rei do Chamamé’ ZÉ CORRÊA que antes de seu falecimento já teria dado ao DINO ROCHA o ‘slogan’ de ‘Príncipe do Chamamé’. Amigo discófilo, ouça atenciosamente este disco antes de concordar conosco’**  
**ZACARIAS MOURÃO.**

**Rodrigo Teixeira:** Quando você escutava o Zé Corrêa como batia no seu ouvido?

**Dino Rocha:** Não era surpresa porque eu já tocava daquele jeito. Mas pro povo foi porque era um estilo diferente. Hoje já mudou. Mas na época era novidade.

Antigamente os caras tocavam mais na mão direita só. Não duetavam. Os sanfoneiros de Minas, Goiás e São Paulo até hoje não pegaram a mão esquerda. Em Mato Grosso do Sul o cara já começa com as duas mãos.

SANFONANDO

LP/TC-43

COM

# DINO ROCHA

(O PRINCEPE DO CHAMAMÊ)



Segundo disco de Dino Rocha lançado em julho de 1974 pela Tapeçar Gravações  
arq. Reprodução/Acervo Márcio Barbosa

**Rodrigo Teixeira:** Quem te ensinou a tocar Dino?

**Dino Rocha:** Não teve ninguém, foi o espírito do meu irmão Salvador. Ele tocava muito acordeon. Ele faleceu em Ponta Porã em um acidente de carro. Tinha 20 anos e estava servindo o Exército. Quando ele faleceu, deu aquela vontade de tocar sanfona. Eu tinha nove anos e fiquei até doente. Só queria sanfona. Aí meu pai comprou em Dourados uma sanfoninha de oito baixos. Eu peguei a sanfona e toquei. E assim é até hoje.

**Rodrigo Teixeira:** Tem algo místico aí?

**Dino Rocha:** Tem porque no momento que ele faleceu deu vontade de tocar sanfona. Peguei a sanfona e já comecei tocando



duetado. Até hoje. Já o vi umas duas vezes. Tem coisa que nem é bom falar.

**Rodrigo Teixeira:** Mas Dino, você sabia que estava tocava duetado? Você sabia que tinha outro jeito de tocar sanfona ou foi natural?

**Dino Rocha:** Natural. Peguei a sanfona maior, a de 48 baixos, fiz as posições e começou a sair aquele som diferente já duetado. Daí foi.

## BANANAS

**Dino Rocha:** Já não queria mais a sanfoninha porque era muito pequena. Não dava mais pra eu tocar nela. Acabei indo na banca do Maneco e dei a sanfona para comer banana por três meses. Eu gostava muito de banana. Fui lá e fiz o negócio com o velho escondido da minha mãe. O ‘veinho’ comprou a sanfona para um neto que morava no Paraguai. Antigamente tinha o chá da manhã. Mas não queria nada. Ficava um pouquinho por ali e sumia. Ia lá no quiosque do velho comer banana.

Tinha vez que não queria almoçar. Quando minha tia ou a vizinha falava ‘Roaldo vai comprar banana’, dava pra mim 1 ou 2 cruzeiros e eu ficava com o dinheiro.

Ia lá e falava pro Maneco: ‘Vou levar a banana pra comer em casa porque hoje eu não posso sair’. O velhinho botava a banana pra mim e eu levava e pegava o dinheiro pra outras coisas, tipo picolé.

Até que minha mãe desconfiou e descobriu. Ela me seguiu. Quando estava sentado dentro do quiosque, comendo banana igual macaco, minha mãe me pegou. Ela perguntou pro velho: ‘Quantos dias faz já que ele tá comendo banana?’ E ele: ‘Uns 15 dias’. A mãe respondeu: ‘Vamos calcular quantas dúzias de banana ele comeu e eu pago. Mas o senhor me dá a sanfona de volta’. O velhinho: ‘Mas a sanfona eu já mandei lá pro Paraguai’. E a minha mãe: ‘Agora faz o seguinte, o senhor não dá mais banana pro guri que ele não tá mais almoçando e nem jantando. Tá só na banana’. Ela combinou uma meia dúzia pra eu comer por dia até o velho pagar a sanfona. Ai depois eu consegui uma sanfona maior de 48 baixos.



LP Cotovelo do Povo  
de Os Filhos de Goiás  
arq. Rodrigo Teixeira

## OS FILHOS DE GOIÁS

**Amambay:** O Dino ficou com a gente muitos anos. Até Os Filhos de Goiás pedir um acordeonista para nós aqui em MS. Nós emprestamos porque o Dino ia ter mais campo em São Paulo. A gente estava tocando em uma festa na igreja Nossa Senhora de Fátima, no Monte Líbano, quando chegou o chamado. Estas festas duravam nove dias. O Dino dizia que não era o estilo dele e não queria ir. E nós: 'Pelo amor de Deus!' Os homens estavam estourados na Rádio Record, em São Paulo, no programa 'Linha Sertaneja Classe A'. Fizemos a cabeça dele e chamamos o Elinho para terminar a festa. Logo no primeiro LP ganharam disco de ouro. A intenção era o Dino ir lá e depois chamar a gente. Mas ele ficou só um tempo e veio embora.

**Elinho:** Era pra eu ser o sanfoneiro de Os Filhos de Goiás. Tinha firma de publicidade e não podia. Não gosto de ficar longe de casa. O finado sanfoneiro Roninho teve de sair e me chamou. Aí mandei o Dino.

**Rodrigo Teixeira:** Você ganhava como acompanhante?

**Dino Rocha:** Ganhava um fixo por mês. Pode notar que os discos deles começaram a vender mais depois que eu entrei com meu estilo. Aí que começou a tocar o chamamé.

**Rodrigo Teixeira:** E eles conseguiam te acompanhar?

**Dino Rocha:** Conseguiam, mas bem atrapalhados. Na gravação não. Quem tocava violão era outra turma. Agora no show eram eles. Cantaram muito chamamé depois que entrei porque eu não ia fazer aquele batidão só das músicas deles. Eu não larguei o estilo do chamamé. Os Filhos de Goiás era formado por Maurico, Maurozinho e o Roninho, que era o sanfoneiro antigo.

**Rodrigo Teixeira:** E como é que eles te chamaram para o grupo?

**Dino Rocha:** Eles me chamaram porque já me conheciam de uma exposição em Rio Verde. Já conhecia o Roninho e tudo. Gravei o primeiro disco em 1973 com Amambay & Amambaí. Aí continuamos tocando juntos até 1976, quando o falecido Roninho saiu de Os Filhos de Goiás. O primeiro disco que gravei com eles foi 'Os Reis do Chamamé', em 1976, na Continental. Depois foram os discos 'Helena Maria' e 'Cotovelo do Povo'. Quando eu voltei para Campo Grande gravei uma participação no disco do Amambay & Amambaí em 1979.

## ○ SISTEMA

### MACIEL CORRÊA

**Maciel Corrêa:** Fiquei envolvido com a aeronáutica e encostei a sanfona. Fui fazer o curso de cabo em 1964 e comprei em SP um acordeon importado. Depois fiz o curso de sargento em 1967 e me formei em 1968. Em 1972 vim do Rio de Janeiro para Campo Grande e aí é que eu comecei a tocar. Formei o grupo Os Irmãos de Mato Grosso.

Até ir pro Rio em 1967 tocava com o Rubens. A gente tinha dupla. Lembro que o Rio tava complicado. Não gostava das prontidões que tinha. Eu casei novinho e fui. Tava aquele reboliço todo na política. Mas mesmo assim curti os quatro anos que fiquei no Rio de Janeiro. Eu morei bem em frente a Base Aérea dos Afonsos, na Vila Valqueire.

Eu era da Aeronáutica e não podia ficar saindo. Na verdade, levar as duas coisas, aeronáutica e música, não podia até. Fazia música no final de semana da folga e no paralelo. Porque militar não pode

ter outro compromisso. Mas música penetra em qualquer área. O pessoal me deixou mexer porque não estava prejudicando a minha carreira. Eu gravava na época de férias que tirava em SP ou uma dispensa do curso. Eu ia, gravava correndo e voltava.

O primeiro disco que eu gravei foi em 1977 com o Irmãos de Mato Grosso chamado 'Flor da Saudade'. A gravadora foi a Califórnia. Nós fomos direto à gravadora falar com o Mário Vieira. O Miranda foi e fez o rascunho em quanto ia ficar mil discos e voltou animado.

Quando pagava para gravar chamava 'matéria paga'. O nosso

**O trio Irmãos de Mato Grosso com  
Maciel, Miranda e Mirandinha**  
arq. Maciel Corrêa



foi neste sistema. Na época lembro que era em torno de 48 mil cruzeiros. Acho que era cruzeiro a moeda. Se fosse hoje seria em torno de 25 a 30 mil reais. Era um dinheiro difícil de arrumar. Mas um amigo meu, o Nelson Pache, patrocinou quase todo o disco. Ele era fã.

Marcamos a gravação e peguei uma dispensa. Batemos na porta da Califórnia. Levei o dinheiro pra pagar. Mas cheguei lá e era o dobro. Disse: 'Não tem gravação. Não era 28 mil e agora é 48?' Daí seu Mário Vieira disse: 'Não meu filho, tá aqui o rascunho!' Respondi: 'Vamos embora.' O Mário de certo foi com a minha cara. Ele falou: 'Você assume esse restante da dívida? Te dou 90 dias.' Daí gravamos e saiu o disco. Mas levei na cabeça porque a gente confia muito nos outros. Acabei tirando dinheiro do meu bolso pra pagar o restante.

**Rodrigo Teixeira:** O Mário Vieira também fazia disco pago na gravadora Califórnia. Não era só artista contratado.

**Maciel Corrêa:** Exatamente. Nunca recebi direito autoral de nada. A ignorância da gente era grande nessa época.

**Rodrigo Teixeira:** E como funcionava a questão dos direitos autorais?

**Maciel Corrêa:** Não sei. A gente não corre pra ver os direitos. Só sabe criticar que não paga, mas será que as músicas estão em alguma editora? Eu mesmo fiz isso.

O Dino Rocha foi editar as músicas dele recentemente. O Amambay & Amambaí também reclamam. Mas depois que comecei a editar minhas músicas eu recebo.

**Adail:** A Califórnia abriu as portas pra muitos artistas de Campo Grande, como Délío & Delinha, Amambay & Amambaí, Zé Corrêa, Adail & Tesouro... Naquela época era difícil para o artista porque não havia controle. Vendia muitos discos e quando ia receber era uma coisinha. A gravadora pagava o que queria, uma mixaria. Não existia direito autoral, de execução e o artístico. Era muito complexo.

A gente começou em uma época em que o cara que gostava de música sertaneja colocava a fita no carro para escutar, mas quando parava no sinal vermelho baixava o volume para os outros não saberem que ele estava ouvindo sertanejo. Enfrentamos tudo isso.

O primeiro disco na Califórnia foi pago por patrocinadores. O segundo não. Tivemos contrato. Que simplesmente era não pagar para gravar. Tinha que comprar o disco depois.

Mas acho que depois o Mário Vieira fechou e vendeu a maioria das matrizes para outras gravadoras, como a Copacabana.

**Délio:** O esquema com as gravadoras, no nosso caso a Califórnia e a Chantecler, era de porcentagem da venda de disco. Só que eles larapiavam bem. Eles pagavam 3% pra gente. Era muito pouco. Não dava grande futuro. Não dava pra comprar nem a corda de violão. Vendia bem, mas a gravadora sempre mamando. Até hoje é assim.

O recebimento era a cada três meses. No trimestre a gente tirava um dinheiro que ajudava. Aí nesse meio tempo eu peguei a tal bolada do filme do Tonico & Tinoco e concertei a vida. No direito autoral também era a mesma coisa. Sempre roubaram.

## A PRIMEIRA GRAVAÇÃO

**Maciel Corrêa:** Eu não tinha noção. Cheguei com a minha sanfona e os dois meninos. Levei um baixista, o Valter, que a gente chamava de Valter Louco. Ele tocava aquele 'guaiepeção'. Eu tinha perguntado pra ele: 'Você toca baixo eletrônico?' 'Toco.'

Na época o diretor do estúdio da Califórnia era o finado Julião. O cara era rigoroso. Ele tocava viola também. O Julião colocou uma banda pra acompanhar a dupla e levou um baixista. Fiquei no canto. Daí ele falou pra mim: 'É você que vai acompanhar a dupla?' 'Eu pretendo.' Não sei o acordeonista que estava lá, mas tinha um para acompanhar a dupla. O Julião falou pra mim, bem seco: 'Se você não der conta quem vai acompanhar é aquele ali.' 'Não tem problema.'

A primeira música que eu fiz foi 'Homenagem a Nelson Pache'. Eu acho que ele já tinha patrocinado um disco da Delinha lá na Califórnia. Tinha que dar uma puxadinha né. Essa música já começava pedindo uma nota em sétima, uma ressonância. Entrei e repeti umas 10 vezes com esse baixista. Ele não deu conta do recado. Eu vi que o Valtão tava tentando me queimar. Mas eu estava consciente do que tava fazendo. Eu gravei aquela e ele pegou o outro baixista. Concordei com eles porque o cara não deu conta. Gastei dinheiro do meu bolso à toa para o Valter ir gravar.

Toquei a primeira, a segunda e gravei na terceira. Daí o Marinho,



que tocou com a Inezita Barroso, pegou o acordeon dele, passou por mim e me parabenizou. 'Aqui não é preciso minha presença.' Ele foi embora e acompanhei o disco todo.

O disco teve uma boa repercussão. Foi muito bem aceito no Estado. Não acompanhei a 'vida' dele pra fora. Mas fizemos mil cópias e não deu pra mexer mais.

Depois disso veio a morte do Zé Corrêa em 1974.

## O HIT 'CADEADO'

**Maciel Corrêa:** Quando voltei para Campo Grande em 1977 surgiu para fazer a primeira gravação solo. Foi o disco 'Cadeado de Ouro'. Gravei no final de 1980. Até hoje aonde a gente vai tem de tocar o 'Cadeado'. Na época em Campo Grande tinha a rede de Supermercados dos Discos, que era do Paraná. O cara chamava Tesoura. Ele chamou o Ado, que era muito amigo e da mesma cidade. 'Ado, quero que você me arrume um acordeonista chamamezeiro pra gravar.' Daí o Ado me convidou.

Fui pra São Paulo e gravei o 'Cadeado de Ouro'. Quem acompanhou foi o pessoal de São Paulo mesmo. O Ado acompanhou algumas músicas. Ele que dirigiu a gravação. O Ado que me lançou.

Agradeço muito ao Ado. Ficava na correria da Aeronáutica. Gravei em uma noite o disco e falei: 'Ado, você toma conta de tudo. Tenho que ir pra Base Aérea.'

Naquela época não tinha facilidade de gravar. Era tudo junto, ao vivo, e não podia errar.

O Ado falou: 'Maciel, que nome que eu vou colocar no disco?' 'Sei lá. Arruma um nome pra mim que eu vou embora. Não tenho mais tempo. Você vê aí o que tem de fazer, que vou embora.' Isso depois que já tinha gravado tudo. Eu gravei como Elício Maciel, que é o meu nome. 'Isso aí não é nome artístico rapaz!' 'Então vocês inventam um nome pra mim'. Cheguei em Campo Grande e o Ado falou: 'Inverti teu sobrenome. Coloquei Maciel Corrêa!' Foi o Ado que me batizou como Maciel Corrêa. Meu nome é Elício Corrêa Maciel.

As rádios tocavam 'Cadeado' muitas vezes por dia entre 1981 e 1982.

O diretor da Chantecler era o Dino Franco e ele vinha nas exposições com o show dele. Lembro que ele ligou pra mim e falou:

‘Maciel, eu quero que você me acompanhe em um show na expo de Aquidauana.’ ‘Vamos embora.’ Chegamos lá e fiquei no cantinho do palco na hora do show dele. Ele ali e coisa e tal. Ele era o superior da noite. De repente o radialista olhou bem pra mim e falou: ‘Escuta aqui, você não é o Maciel Corrêa?’ ‘Sou.’ O cara pegou o microfone: ‘Vocês não são capazes de saber quem está aqui: Maciel Corrêa’. Foi uma euforia. Tive que fazer um show à parte e tocar ‘Cadeado de Ouro’.

**Rodrigo Teixeira:** E como que ficou o clima?

**Maciel Corrêa:** Ficou ‘ruim’ pro homem viu. Porque depois que eu parei de tocar, anunciaram e ele começou a cantar e o pessoal foi saindo. Daí ele pegou e falou: ‘Maciel Corrêa não sabia que você era tão querido aqui em Aquidauana!’ ‘Mas nem eu sabia.’ Aí o radialista que estava no show disse: ‘Maciel, vai à rádio. Vou te mostrar um negócio para você não dizer que eu estou inventando. Você vai ver o quanto de pedido que tem por dia do ‘Cadeado de Ouro’’. Fui lá e ele abriu um armário que tinha maços e maços de pedido. Ele falou: ‘Você pode olhar um por um.’ Perdi de ganhar muito dinheiro porque, na época, não editei essa música para receber os direitos autorais.

## A MÚSICA PARAGUAIA

### O ENCONTRO DE JANDIRA & BENITES

**Benites:** Em 1960 me apresentei em Ponta Porã no 11º regimento de cavalaria no serviço militar. Era obrigação servir a pátria. Era 1961 e me chamaram. Falei pro capitão que queria vir pra Campo Grande. Ele fez uma carta para a 14ª companhia e vim sozinho.

**Rodrigo Teixeira:** O senhor morava em Pedro Juan, se alistou em Ponta Porã e pediu para o transferirem para Campo Grande.

**Benites:** Exatamente. O meu pai me registrou em Ponta Porã em 1945. Naturalmente fiquei com direito brasileiro pela ordem de merecimento. Até hoje eu mantenho minha documentação brasileira no sentido de patriota. Porque o homem patriota hoje em dia



Registro de uma das  
apresentações no  
Caravelle de Jandira  
arq. Benites

não se encontra muito não. Quando vejo tocar o Hino Nacional eu choro. As lágrimas são incontidas porque você jurou a pátria, jurou a bandeira.

Esse sentimento de patriota foi colocado no meu espírito, no meu cérebro e na minha mente de que eu sou um prestador de serviço militar no Brasil não me importando se eu nasci ou não lá. Meus amigos falam para ir a Assunção tirar outra documentação. Mas aonde vai ficar o sentimento de um patriota, de um homem que jurou a bandeira do Brasil? É essa a minha lei.

Eu cheguei a Campo Grande em 1962. Fiquei um ano no Exército e retornei para Ponta Porã. Aí voltei a tocar saxofone em bailes com a banda do meu tio, que foi quem me ensinou música e cuidou de mim dos 10 aos 18 anos.

Até que apareceu em Pedro Juan e Ponta Porã o Ases del Ritmo, de Assunção. Era um acordeonista muito bom, baterista, dois pisto-



**A cantora e compositora Jandira**  
arq. Benites

nistas e baixista. Eles iam pegar o trem para Campo Grande.

Certa noite eles foram jantar em um cassino que eu estava tocando com meus companheiros. Gostava de vibrar o sax em músicas como 'Garota de Ipanema', 'Frenesi', 'Samba de Uma Nota Só'... Eles me convidaram para fazer a turnê. Peguei o sax, um viril que comprei em SP, e vim para Campo Grande.

Comecei a tocar em Campo Grande com este grupo em bailes e casa de amigos. Até que me falaram, eram dois irmãos: 'Vamos a uma boate que se chama Caravelle'. Fomos, tocamos e na primeira noite fomos contratados por 90 dias. Foi assim que conheci a Jandira. O Caravelle era dela. Meus companheiros queriam viajar. Mas ela tinha contratado o grupo e ficamos tocando.

A Jandira, que era mato-grossense, já cantava nesta época.

**Delinha:** Eu conheci o Benites quando a Jandira tinha a boate Caravelle. Fui tocar uma vez lá com o Délio em um São João. Ela chegou: 'Delinha eu trouxe um paraguaio bonito aí que canta que é uma beleza'. Ela me mostrou ele. Acabou marido dela.

**Benites:** A gente começou a namorar. Venceram os 90 dias e a ideia do grupo era ir para a Europa. Trabalhar de cozinheiro, lavar prato e a noite tocar. Tem muito bar em Portugal e era sonho de guri. Olha o contraste. Isso foi entre 1963 e 1964.

Começamos então a cantar na boate Caravelle à noite. Deixei o sax e comecei a tocar mais violão. Nós incluímos no repertório as polcas e os primeiros chamamés que chegavam a Campo Grande. A Jandira começava a cantar e eu a acompanhar. Assim formamos a dupla. Foi tudo naturalmente. Eu cantava uma música e ela outra.

**Delinha:** O Benites tem um vozeirão. E era curtinha a voz da Jandira, mas era uma coisa de boa. Adorava. Os dois juntos davam liga.

**Benites:** Naquela época o negócio de fazendeiro era poderoso em Campo Grande. Eles tomavam 12 litros de uísque por noite e sem agressão. Era uma coisa gostosa. A gente começava a cantar e era aquele oratório. Os amigos começavam: ‘Canta aquela’.

## CABANA GAÚCHA

**Benites:** Na época a churrascaria chamava-se Braseiro. O Braseiro era do General Bacher e nós íamos cantar e jantar lá. Esta churrascaria era na Afonso Pena. Começamos a ter o interesse em gravar. Um dia o general disse: ‘Vim conversar com você para cantar lá em casa’. Falei: ‘Tem que ter um grupo’. Chamei um harpista de SP e comecei a cantar de mesa em mesa na churrascaria, que aí já se chamava Cabana Gaúcha.

**Ado:** Na época da Cabana Gaúcha tinha a questão da caixinha. Tipo, a gente era contratado por 150 e ganhávamos mil só de caixinha. A relação com a fazendeirama era ótima. O dono do restaurante já falava para fazer um preço bom porque a gente sabia que iria ganhar três ou quatro vezes mais com a caixinha. Já nos shows, tipo para acompanhar, o artista principal, por exemplo, pegava 500 e dava pro músico 50 ou 60. Era uma ‘paguinha’.

**Benites:** A Cabana Gaúcha era um lugar famoso e onde era o encontro da sociedade campo-grandense. Era a época de ouro. Começamos a cantar de mesa em mesa e tinha a gorjeta. A primeira apresentação começava às 19 horas e a primeira rodada terminava



Jandira & Benites se apresentam na  
noite de Campo Grande  
arq. Benites

às 23 horas. Eram mais de 20 mesas em que a gente cantava, no mínimo, três músicas em cada.

Tinha que agradar todo mundo. Aí quando chegava o descanso da primeira rodada já eram 11 horas da noite. Descansava 20 minutos e começava de novo até uma hora da manhã. Isso durou anos e anos.

Nós, Jandira & Benites, somos pioneiros em cantar na noite campo-grandense, em trazer música ao vivo para os estabelecimentos e coisas dessa natureza. Nem som existia.

Campo Grande em 1964 era linda. E tinha este pessoal agropecuário, seu Lúdio Coelho, seu José Pereira... Tinha a Família Machado que contratava artistas daqui mesmo de Mato Grosso.

Lembro que naquela época tinha o Zé Corrêa, a dupla Amambay & Amambaí que participavam da exposição agropecuária. Délio & Delinha tocava no restaurante dos expositores, Jandira & Benites era mandada pra casa dos pecuaristas e o Zé Corrêa fazia show pro público. Era movimento constante de música em todos os lugares dentro do Parque de Exposição. Em uma hora a gente encontrava o Zé Corrêa, Amambay & Amambaí, Délio & Delinha e aí não havia esse negócio de supremacia porque todos tinham seu nome.



## O CHAMADO DE ZÉ CORRÊA

**Benites:** O Zé Corrêa por acaso apareceu em casa. Isso foi por 1970. Eu morava na Rua 13 de Maio com a 7 de Setembro em Campo Grande. Ali era o reduto dos músicos. Um dia ele chegou a minha porta, levou um disco 78 rotações e falou: 'Benites, trago esse aqui para você escutar e ver se consegue tirar algum chamamé. Vou pra São Paulo e você vai comigo.'

Peguei o disco 78 e comecei a tocar algumas. Era difícil. Estava tudo riscado. Logo que a gente tirou quatro ou cinco chamamés partimos para SP.

O Zé Corrêa era tratado pelo Mário Vieira, diretor da gravadora Califórnia, como rei. Ele chegou e me apresentou com a Jandira. No primeiro dia já fizemos um ensaio com quatro músicas que acabaram gravadas no disco 'O Inimitável'. Uma música é da Jandira. Fiz com ela, mas pedia para não colocar meu nome.

O Zé fez com a gente o que já tinha feito com Amambay & Amambaí. Acredito que tenha rolado uma ciúmeira porque fomos contratados de imediato pelo Mário Vieira, que era uma figura. Homem genial, que estava ali pra orientar.

Depois de ser convidado pelo Mário e gravar 'La Carreta', fizemos mais vários discos. Fomos à luta. O Mário era amigo e oferecia todas as condições para gravar.



Jandira e Benites  
arq. Benites



**A formosura  
dos 25 anos da  
cantora Jandira em  
outubro de 1960  
arq. Benites**

Mas naquela época era muito difícil gravar um LP. Era muito caro e tinha que levar músico de Campo Grande. Tinha que pagar os músicos e o horário do estúdio, do técnico, fotolito. Era um preço alto. Mesmo contratado pelo Mário Vieira tinha que pagar os músicos, a passagem e a estadia de cada um.

Depois de 'O Inimitável', com o Zé Corrêa, fizemos o primeiro de Jandira & Benites que foi o 'Carreta Campesina', já com nosso grupo, em 1971.

Registro do  
encontro de Delinha  
e Jandira em 1992  
arq. Delinha



## JANDIRA

**Benites:** A Jandira nasceu em Aroeira, numa carreta, em 1935. Aroeira é antes de Rio Brillhante, no interior de Mato Grosso do Sul. Tem um rio que passa que se chama Aroeira. Ao lado tem uma cidadezinha. Ela nasceu ali em 25 de março de 1935. O pai dela chamava-se Salustiano Benites, por incrível que seja. A mãe era Deolinda Rosa Pereira. O nome de artista da Jandira era Teressita Benites. Mas a gente usou mais indiretamente Jandira. Porque ela, já que era daqui, então que o nome fosse daqui também. Por isso Jandira.

**Delinha:** A Jandira era enjoada para cantar quando estava a fazendeirama. Só quando eles pediam, ela cantava. Tinha preguiça, igual a mim. A gente tem preguiça de cantar. Enjoa.

Eu tenho todos os discos. Até quando ela ficou doente, ela me deu o último que tinha gravado. De vez em quando eu tomo uma bebidinha aqui em casa e ponho para ouvir.

**Benites:** Depois de gravar o 'Carreta', entre 1975 e 1977, a Jandira passou a se tratar em Santa Catarina. Em uma noite ela sentiu uma dor no seio. A dor passou, viemos embora para Campo Grande e ela procurou o médico. Ele disse: 'Você devia ter ido ontem pra São Paulo'. Era o tal do câncer. Isso foi por volta de 1976 e ela operou em 1977. Depois o câncer se espalhou e ela aguentou ainda 17 anos. Ela faleceu em 29 de outubro de 1994.

# Enterrada ontem a cantora Jandira

Morreu ontem de infecção, por volta das 8h40, a cantora sul-matogrossense - de Rio Brilhante - Jandira Roza Pereira, da dupla Jandira e Benitez. O enterro foi realizado - ontem mesmo, às 16h30.

Com 59 anos de idade, sendo 38 de carreira musical, a artista havia se apresentado em inúmeros eventos culturais em Mato Grosso do Sul, em outros estados e algumas capitais do Exterior, como Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina) e Nova York (EUA).

Jandira sempre foi considerada, pelos artistas sul-matogrossenses, como referência musical por suas belas composições e interpretações, principalmente da mais pura música paraguaia.

Começou em 1956 como cantora, participando de programas em rádios da Capital e de Assunção, além de ter se apresentado em shows de televisão no Estado, em Minas Gerais e em São Paulo; sem falar das participações em feiras e exposições agropecuárias, que contabilizou mais de 40.

Trabalhou praticamente, todos esses anos, ao lado de seu parceiro - não só na música - Benitez, de quem se desquitou há cerca de dois anos.

Segundo o radialista e apresentador Ramão Achucarro, que a anunciou incontáveis vezes em seus programas, na sua época mais áurea, garantiu que Jandira era conhecida por trazer grandes artistas a Campo Grande, quando comandava uma boate. Na época, era sempre muito solicitada no palco e aplaudida. "Jandira sempre foi amante da música, desde pequena, quando já tocava violão. Por morar na fronteira foi muito



Ao lado de Benitez, Jandira divulgava a música paraguaia

Influenciada pela música paraguaia, que executava como ninguém", ressaltou.

Uma de suas últimas aparições, senão a última, foi no Projeto Música na Casa do Artesão, realizado no último mês de fevereiro pela Fundação de Cultura

de Mato Grosso do Sul. Também se apresentou por diversas vezes, nos últimos anos, no bar Pêla Ernie Enrie, tradicional casa de música regional e da fronteira, que costuma reunir artistas e admiradores do estilo na Avenida Afonso, às quartas-feiras.

Jornal Correio do Estado  
publicado em 30 de  
outubro de 1994

## ENTERRADA ONTEM A CANTORA JANDIRA

**Correio do Estado, 30 de outubro de 1994**

Morreu ontem de infecção, por volta das 8h40, a cantora sul-mato-grossense – de Rio Brilhante – Jandira Roza Pereira, da dupla Jandira e Benitez. O enterro foi realizado ontem mesmo, às 16h30.

Com 59 anos de idade, sendo 38 de carreira musical, a artista havia se apresentado em inúmeros eventos culturais em Mato Grosso do Sul, em outros estados e algumas capitais do Exterior, como Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina) e Nova York (EUA).

Jandira sempre foi considerada, pelos artistas sul-mato-grossenses, como referência musical por suas belas composições e interpretações, principalmente da mais pura música paraguaia.

Começou em 1956 como cantora, participando de programas em rádios da Capital e de Assunção, além de ter se apresentado em shows de televisões no Estado, em Minas Gerais e em São Paulo; sem falar das participações em feiras e exposições agropecuárias, que contabilizou mais de 40.

Trabalhou praticamente, todos esses anos, ao lado de seu parceiro – não só de música – Benitez, de quem se desquitou há cerca de dois anos.

Segundo o radialista e apresentador Ramão Achucarro, que a anunciou incontáveis vezes em seus programas, na sua época mais áurea, garantiu que Jandira era conhecida por trazer grandes artistas a Campo Grande, quando comandava uma boate. Na época, era sempre muito solicitada no palco e aplaudida. “Jandira sempre foi amante da música, desde pequena, quando já tocava violão. Por morar na fronteira foi muito influenciada pela música paraguaia que executava como ninguém”, ressaltou.

Uma de suas últimas aparições, senão a última, foi no Projeto Música na Casa do Artesão, reativado no último mês de fevereiro pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Também se apresentou por diversas vezes, nos últimos anos, no bar Peña Eme Enne, tradicional casa de música regional e da fronteira que costuma reunir artistas e admiradores do estilo na Avenida Afonso Pena, às quartas-feiras.

## 'FREE WAY' NA FRONTEIRA/VICTOR HUGO E BENITES

**Victor Hugo:** Os músicos de Ponta Porã e Pedro Juan eram amigos. Até porque era só uma rua que separava um do outro. Tinham orquestras e tocávamos em dois clubes em Pedro Juan, Clube Social Amambay e Esportivo Dois de Maio. Em Ponta Porã existia o Tênis Clube e os carnavais do Paraguai eram famosos. Todo dia. Polca paraguaia e guarânia faziam sucesso na fronteira. Era a essência do Paraguai e os brasileiros gostavam.

O Los Tammy's tocava sucessos da época e músicas antigas. Veio um senhor chamado Hélio, de Assunção, e foi ao Clube Amambay. O cara deu para nós a relação de músicas que não queria e essas nós não ensaiamos. Fizemos a primeira gravação com ele, no estúdio Cerro Corá, em Assunção. Era o único do Paraguai. Hoje é uma gravadora.

O Los Tammy's era afinado e disciplinado. Tinha acordeon, guitarra elétrica, bateria e teclado. O pai de um dos músicos foi a Três Lagoas de trem e trouxe o primeiro teclado de Pedro Juan. Ensaíávamos para a gravação de manhã e de tarde. Porque lemos que o senhor Hélio não queria pagar pela hora e não podia demorar. Primeiro gravava a música e depois gravava a voz dentro da melodia.

**Betinha:** Nós trabalhamos juntos com o Los Tammy's em Jardim. Foi o primeiro conjunto que teve bateria. Antigamente uma música tocada com acordeon e violão não podia ter bateria. Era uma harpa ou um bandoneon. Bateria não entrava na música sertaneja e na música de fronteira.

**Victor Hugo:** O Los Tammy's foi o primeiro grupo eletrônico do Paraguai. O grupo que colocou bateria, guitarra e teclado na música paraguaia. Antes era só violão, harpa e instrumentos acústicos. Já usavam bateria nos shows, mas nós fomos os primeiros a gravar em estúdio. Os Los Jockers já tocavam assim também.

Na rádio AM começou a tocar muito. Não tinha rádio FM. Começamos a divulgar o disco, pegar serviço, contrato e aí difundiu aqui no Brasil. Primeiro clube que tocamos em Campo Grande foi o Libanês lá por 1972. Depois no Clube Ipê, Surian,



**Grupo Los Tammy's**  
arq. Victor Hugo



União... Nesta época em Campo Grande só tinha o grupo Zutrick, do Miguelito, nos bailes.

Fiquei uns 25 anos no Los Tammy's. Fizemos uma gravação na Argentina que não veio para o Brasil. Gravei uns 14 LPs. Ganhamos disco de ouro.

## MERCADO

**Victor Hugo:** Eu morava em Ponta Porã e vínhamos para o Sul de Mato Grosso tocar nos bailes e íamos pra Argentina. Conhecemos o pessoal de Coxim, Pedro Gomes, Sidrolândia... O mercado para a música em Mato Grosso era melhor do que no Paraguai. A gente já não



Victor Hugo (primeiro à direita  
abaixado) em Pedro Juan Caballero  
arq. Victor Hugo

tocava lá. Em Mato Grosso tocávamos em fazendas, bailes e clubes. Pagavam melhor. O nosso empresariado era atrevido. A gente ganhava um cachê. Depois que sentimos as consequências. Aí saí do Los Tammy's e fui para o Los Mencis. Fui morar em Assunção.

Tinha um programa televisivo na Épica, canal 9, era o único que tinha. Minha irmã me levou a esse programa e me inscrevi. Fui lá e ensaiei com uma orquestra.

Depois que cantei me procurou um senhor que era diretor da orquestra Los Príncipes Del Compasso. Os músicos da orquestra eram todos irmãos. O diretor era violinista e me convidou para cantar com eles. Era orquestra mesmo, com violinos, baixos, piano e cantores. A melhor orquestra de Assunção nos anos 1980. Fiquei nesta orquestra por uns dois anos. Aí surgiu a proposta pra eu vir trabalhar em Campo Grande no Clube União dos Sargentos. Mas me chamaram de novo para o Los Tammy's e voltei.

**Rodrigo Teixeira:** O senhor anda bastante. Quantos filhos têm?

**Victor Hugo:** Eu tenho oito. O Guito é o mais velho. Eu já tinha amigos em MS. O Miguelito, o Benites que já tinha conhecido no Paraguai. Aí eu fundei o Los Masters em Campo Grande.

**Victor Hugo gravando em  
Assunção nos anos 1970**  
arq. Victor Hugo



**Benites:** A gente ia para os bailinhos em Pedro Juan na casa das amiguinhas na faixa de 12 e 13 anos. Era na sala das casas, com as mães juntas. Eu tocava gaita de boca e cantava com dois violeiros.

**Victor Hugo:** Esta fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan tinha uma fama horrível. Na minha época Pedro Juan não tinha energia, não tinha mapa, rua, era só mato... Não tinha nada. Amanhecia com gente morta. Era um terror.

**Rodrigo Teixeira:** Nos ambientes que o senhor cantava o pessoal andava armado?

**Victor Hugo:** Sim, não tinha como controlar. Não podia ter inimigos para poder andar tranquilo. As armas eram parte do ambiente.

**Los Tammy's em ação com  
baixo, bateria e guitarra**  
arq. Victor Hugo



## CULTURA FRONTEIRIÇA

**Benites:** O motivo do meu portunhol é porque cresci em Pedro Juan e Ponta Porã. Meu tio era pintor e construtor. Comprava em Ponta Porã materiais de construção e tocava nos bailes da cidade.

**Rodrigo Teixeira:** Tinha contato permanente com as duas culturas.

**Benites:** Para mim não existia fronteira. Porque é fronteira seca. Você dá um passo e já passou pro Brasil ou pro Paraguai. Na minha sensibilidade, não existia a diferença de país. Existia uma cidade que era Ponta Porã. Até hoje esta é a realidade de muita gente.

A palavra Ponta Porã vem de Punta Porã em guarani. Mas punta é uma palavra espanhola e porã é guarani. Já que o Paraguai foi fundado por espanhóis, então o espanhol deixou seu rastro na língua. O guarani vem da civilização de bugres que habitavam toda essa região fronteira e o Brasil inteiro. O Paraguai ficou bilíngue e ‘punta porã’ é a prova. Meu sentimento é que temos duas bandeiras, mas uma pátria só. Eu acho lindo isso.

**Rodrigo Teixeira:** Benites e Victor Hugo são dois nomes pioneiros e que introduziram a música paraguaia de fato em Campo Grande.

**Benites:** Concorde. O Victor Hugo tem uma representação grande em MS. É uma coisa até religiosa e sacra. O Victor Hugo canta mais a raiz, fumegando a origem. É expressivo, sabe a malícia da polca paraguaia. Eu canto a minha maneira. E muitos também idolatram o Benites. Então queiram ou não queiram Victor Hugo e Jandira & Benites foram os precursores da música paraguaia em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O contato com a cultura fronteira aconteceu de forma inversa para o sanfoneiro Dino Rocha. Filho de pai paraguaio – os avós eram gaúchos e argentinos – e de mãe brasileira, descendente de alemães, o caçula de nove irmãos nasceu, como muitos desta geração de pioneiros, em uma fazenda – chamada Boqueirão – no distrito de Juti (MS). Aos nove anos, após a morte de um irmão em um acidente automobilístico em 1960, ele segue com sua mãe e irmãos para Ponta Porã (MS), onde descobre o dom musical sem nenhum professor.

**Dino Rocha:** O pai do meu pai era gaúcho e a minha avó, que conheci, era da Argentina. Meu pai nasceu no Paraguai e falava em guarani. Na época da revolução o meu avô e minha avó saíram do Rio Grande do Sul, passaram pela Argentina e ficaram no Paraguai.

**Ado em primeiro plano e Hermínio Gimenez ao fundo no teclado tocando em Campo Grande, no Clube Surian em 1974**  
arq. Ado



Meu pai é de 1905. Depois que acabou a revolução eles se erradicaram em Juti, onde eu nasci.

Juti tem mais de 100 anos. Nasci na Fazenda Boqueirão, na comarca de Juti. Inclusive tem uma música minha que é 'Antes do Boqueirão'.

O meu pai era o dono da fazenda. Quando meu irmão Salvador faleceu em 1960, minha mãe não quis mais ficar em Juti e foi pra

**Los Masters em frente ao União dos Sargentos no início dos anos 1980**  
arq. Victor Hugo





Ponta Porã comigo e meus irmãos mais velhos. Meu pai ficou em Juti até falecer nos anos 1990.

Minha mãe chama-se Leovergilda Maciel Artman. Não sei como escreve. Ela nasceu em Juti, onde os pais dela, que eram alemães, já tinham erradicado.

**Rodrigo Teixeira:** Você chegou a cruzar o Hermínio Gimenez em Pedro Juan?

**Dino Rocha:** Não. Eu o conheci em SP no estúdio da Sony. Ele gravou comigo em um disco com Os Filhos de Goiás. Eu, o Hermínio, o maestro Oscar e o Cori da guitarra.

**Ado:** Viajei com o Hermínio Giménez, junto com o Xisto Ramires, por umas seis cidades do Estado fazendo shows. Ele tocava bandoneon, mas estava mais no teclado por causa da idade. Inclusive muitas passagens de violão complicadas, de 'Danza Paraguaia' e outras, ele que me passou.

Ele tocava com a Jandira & Benites, era paraguaio, mas morou e fez a carreira em Corrientes. Ele vinha passear em Mato Grosso com a esposa. Numa destas conheci ele na casa do Elinho.

Hermínio Gimenez com Jandira &  
Benites em Campo Grande  
arq. Benites





# CRUZEIRO, TOSTÃO, CENTAVO E GUARANY

## AURÉLIO MIRANDA: RUMO AO SUL DE MT

**Aurélio Miranda:** Comecei com 13 anos quando fui para Cuiabá morar com uns tios para estudar. Logo que cheguei por lá ganhei um festival promovido pela Rádio Noroeste e assinamos contrato de um ano na rádio. A gente tinha a dupla Cigano & Ciganinho, que era eu. Isso foi em 1963. É o início da minha carreira, mas sempre tive outras atividades paralelas. Sobreviver da música foi só por um período em Campo Grande quando tinha a dupla Cruzeiro & Tostão no final dos anos 1970.

Eu sempre fui bom vendedor. Quando criança era pintor de parede, vendia água em burrico e cantava na zona no final de semana, porque quem mandava era garimpeiro. Vendia pães também. E foi fazendo isso que descobri que tinha jeito para cantar. Eu gritava na porta do pessoal: 'Padeiiiiirooooo'. Alguns diziam: 'Que voz linda'. Tinha 10 anos. Entrava na fila da padaria e ia para a região de currais e sítios. Ia andando e levava uns 60 pães pendurados na cesta.

Teve uma época em que vendia túmulos. Cheguei no senhor que tinha perdido a esposa, dei os pêsames, e disse que era representante da empresa e tal. Ele respondeu: 'Menino, já comprei o túmulo, obrigado'. Mas respondi: 'Fica para outra oportunidade'.

Eu tive muitas fases na minha vida. Cheguei ao Sul de Mato Grosso por volta de 1969. Um fazendeiro de Poxoréu tinha um caminhão que transportava arroz e estava vindo para Campo Grande. Eu decidi conhecer esta região. Na viagem, ele parou em Coxim. Eu desci com um violão e comecei a cantar. O Zelão, que depois se transformou em um dos grandes compradores de diamante de MS, ouviu e pediu para eu ficar cantando na casa deles. Eu ganhei um troquinho e decidi ficar. Depois fui para Rio Verde cantar em cinema. Fiquei uns 20 dias.

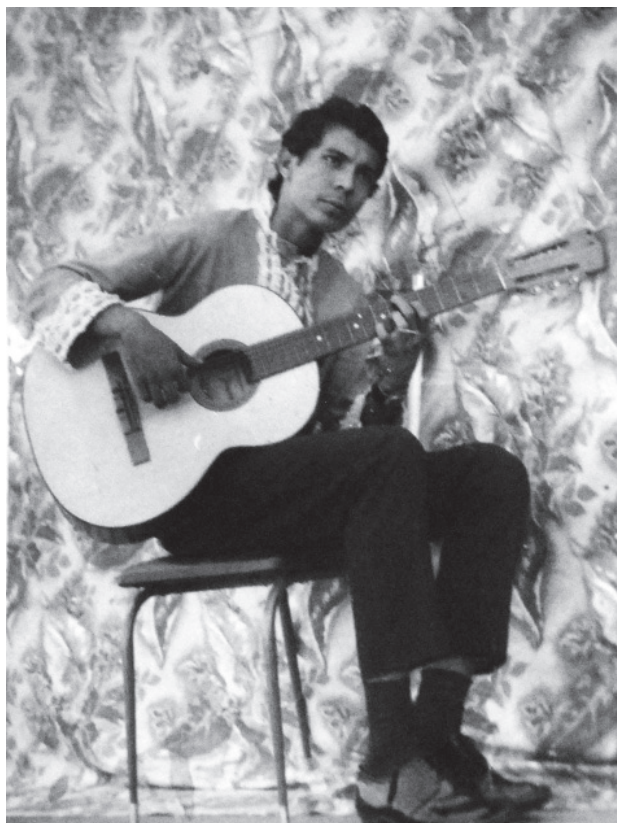
Em Campo Grande, eu cantava em um local chamado Cinelândia, bar em frente ao antigo Relógio da 14 com Afonso Pena, onde tem

a farmácia hoje e tocavam os astros de Campo Grande. Tinha um violãozinho e o dono do bar me dava o sanduíche e uma graninha. Dormia no banco da praça. Quando era sexta ia a pé para a boate Recanto das Corujas, onde é hoje a Universidade Federal. Na época, o Franquito era famoso, assim como a dupla Jandira & Benites.

**Rodrigo Teixeira:** Você começou a se destacar quando ganhou o programa da TV Morena. Conte este episódio.

**Aurélio Miranda:** Estrearam um programa ao vivo apresentado pelo Antônio Carlos, o Pastel, chamado 'Show 6'. Eu estava em Aquidauana. E aí fiz uma música chamada 'Terra do Pantanal'. E eu no hotel que morava sempre esnobava o programa e os colegas me provocavam dizendo que eu tinha que participar. O pessoal fez uma vaquinha e me deu um troco. Vim e cantei no programa. Quando acabei de tocar a música, tocou o telefone e era o prefeito Antônio

Aurélio Miranda na  
década de 1970 em Jales  
arq. Aurélio Miranda



Mendes Canalle pedindo para repetir a música que falava de um novo Mato Grosso. Isso foi em 1972.

Ganhei uma televisão e o direito de ir ao programa do Bolinha da TV Record em São Paulo. Fiz um samba animado chamado 'Independência ou Morte'. Deu certo e ganhei o concurso do programa também. Mas não estava preparado e não tinha o apoio de ninguém. Fiquei numa mordomia tão boa no hotel em São Paulo que caí na gandaia. Ia quase todo dia para a boate e achava que já era artista. Até o dia que o pessoal do hotel me convidou a se retirar. Fiquei por lá cantando em umas boates.

Até que me arranjaram um emprego na Rádio Cultura de Jales em 1974. Acabei fazendo programas sertanejos e fui morar em uma república. A barra tava pesada nesta época. Voltei para Campo Grande definitivamente em 1977.

## O ENCONTRO DE AURÉLIO E ADIR

**Tostão:** Minha família comprou em Campo Grande o Turis Hotel, na esquina da Alan Kardec com a Barão do Rio Branco. Para a gente conseguir freguesia fomos ajudar a construir a rodoviária, que ficava bem perto. Eu ia levar pedra e entulho para ir mais rápido e parar de afundar o terreno. Lembro que ficava esperando o ônibus chegar e falava: 'Tio, o senhor vai pra hotel? Eu sei onde tem um hotel pertinho daqui. Ajudo o senhor'. Carregava as malas pra levar o freguês pro hotel.

Não tocava e não cantava nada.

Aí começou a vir os clientes do hotel. Um deles era o Aurélio Miranda. Ele vendia livro, só que era músico. Para oferecer a coleção fazia uma pilha. Aquele lance de vendedor: 'O senhor leva o dicionário e ganha o Atlas'. Ele ficava hospedado no hotel do meu pai. Esse cara chamado Aurélio Miranda chegou ao hotel vendendo livro e era difícil de pagar. Mas ele era tão bom que conseguiu convencer o meu pai de fazer o filho cantor.

Fiz uma caixa de engraxate para receber dinheiro dos hóspedes. Aí eles falavam: 'Você engraxa, mas vai ter que cantar'. Eu cantava 'Pombinha Branca' e sacaneavam comigo. Mas sabia que tava fa-

lando certo a letra porque ouvia meu pai cantar esta e outras, como ‘Menino da Porteira’ e ‘Chico Mineiro’.

Eu fui cantar pra realização do sonho do meu pai na verdade. O seu Otacir Jorge Boniatti. Ele tinha o trio Nico, Neco e Marina com a minha mãe e meu tio em Erechim, onde nasci no Rio Grande do Sul. Era Nico, meu pai, Neco, meu tio, e Marina, minha mãe. O trio tocava Tonico & Tinoco, Teixeira... O Dinho Freitas é primo do meu pai e dono do grupo Monarcas. Ele era sanfoneiro do meu pai. Então eram dois violões, duas sanfonas e um pandeiro, que minha mãe tocava.

Ficavam capinando, plantando milho e ouviam as músicas no rádio. Eles começaram cantando na roça e em mutirão. Em um desses que meu pai conheceu minha mãe.

Então eu engraxava cantando. Os hóspedes tiravam um sarro: ‘Teu filho canta bem’. Aí o Aurélio, como hóspede, falou: ‘O seu filho tem potencial, mas tem aquele desconto por esse potencial’. Ele não está errado, tava certinho. A partir do momento que ele falou que era para eu fazer uma dupla com ele e gravar disco, ele ficou no hotel. Começou a ganhar comida, roupa lavada e me ensinou a tocar violão. Mas ele mereceu.

Eu nunca tinha feito nada, nem cantado. Ele pegou 22 músicas e me deu a parceria. Aí me fez decorar. Eu não sabia o que tava fazendo. Mas ele fazia na minha frente e eu copiava. ‘Faz assim’.

Nunca tinha tocado violão. Decorar a música era fácil. Só que tinha que cantar. Não tinha ideia do que era desafinar. Ele falava: ‘Você tem que subir, manda baixo, tá errado...’

O Aurélio continuou com os tramos dele, só que parou de gastar no hotel. Ele continuou fazendo o que ele fez a vida inteira e merecedor daquilo. Porque ele é bom. Toda vez que ele saía voltava com alguma coisa. E tinha aquilo de fazer discurso especial, dar presente. Isso foi por volta de 1977. Tinha 19 anos. No ano seguinte a gente gravou.

Foi daí que o Aurélio me fez decorar 22 músicas. As letras decorei facinho. No começo achava um saco, chorava de raiva. Doíam os dedos. Tinha que colocar os dedos no violão, que nem ele fazia.

Tinha a expectativa do meu pai e da minha mãe. Minha mãe sentava na cozinha lá dentro quietinha e daqui a pouco vinha meu pai com tomate e cebola cortada com vinagre e um pouquinho de co-nhaque. Dizia que era bom pra voz. Ele vinha com o pratinho. O

apelido dele era Pingoleta. Eu queria sair correndo de desespero. Tinha que aprender tudo e tocar.

O Aurélio foi meu professor e desvirtuador. A primeira 'zona' foi com ele também. A gente estava começando e o Aurélio foi participar de um concurso do programa do Bolinha em São Paulo. Isso era por volta de 1978. Ele ganhou o concurso e no dia de se apresentar de novo ele foi pra 'zona' e faltou. Ficaram uma fera com ele.

## O EMPURRÃO DE DELINHA

**Tostão:** O Aurélio não tinha gravado disco ainda. Meu pai que bancou nossa gravação. Começou quando o Aurélio falou: 'Conheço Délio & Delinha'. Porque o point era a gravadora Califórnia do Mário Vieira, onde gravou todo mundo do Estado. Tinha que ser lá. O Aurélio começou a frequentar a casa da Maria e do Orlei, do lado da casa da Delinha. Tinha negócio de carteado, do lado do predinho, no fundo. O Délio e a Delinha tinham acabado de se separar. Isso era 1978. Estamos lá e o Aurélio contando a história do meu pai e tal. Sei que Aurélio começou bater papo com o Délio, mas ele não quis saber. Aí a Delinha falou: 'Peraí'.

Aí tudo bem, fui conhecer a Delinha. A Delinha me deu o violão dela de presente pra me motivar. Fomos pra São Paulo gravar. Ela foi junto comigo pra segurar na minha mão. Ela falava: 'Quando é pra subir eu te aperto, quando é pra baixar te afrouxo'. Não dava certo porque tinha que ficar sozinho para gravar, separado em uma sala. O Aurélio me posicionou. Ele dava as dicas e eu ficava olhando e cantando.

A Delinha que conseguiu. Ela cantava comigo. Quando não sabia o que era, ela cantava a frase pra mim. Ela ficava fazendo sinal. 'Quando for pra cima, é pra subir'. E eu: 'Subir o que?'. Ela respondia: 'O tom de voz'. Eu lá sabia o que era subir o tom de voz. É pra ver como eu era ruim. E era ao vivo. Antes errou um, volta todo mundo.

Mas a Delinha me preparou antes de ir. Me deu umas dicas, cantou junto. A Delinha fazia a minha voz junto comigo e o Aurélio fazia a segunda pra eu entender o que era, onde é que eu tinha que ir. Ela foi pra São Paulo com a gente. Tanta coisa maravilhosa aconteceu.

Ela se dedicou em ajudar e apadrinhar. Foi conversar com o Mário Vieira com a grana que meu pai deu para a gente gravar. Ela voltou com a data marcada. Eu não tenho ideia de quanto custou. Mas sei dizer que foi coisa de dinheiro para caramba.

## A GRAVAÇÃO NA CALIFÓRNIA

**Tostão:** Chegou a hora de gravar. Eu nunca tinha feito nem show e fui direto pra gravar. Um cara do estúdio, o bendito Julião, fez uma marca de giz no meu pé.

**Guarany:** Julião era um violonista.

**Tostão:** Mas era o que produzia o disco. Ele fez um risco com giz, porque eu ficava toda hora me mexendo. ‘Rapaz você não sai daqui!’. Aí era um microfone só. E eu com o Aurélio e ele sentia que eu tinha que ir mais perto do microfone. O Aurélio falava: ‘Tostão vai pra frente’. ‘O cara falou que não é pra eu sair daqui não’. Gravamos o disco assim. O que saiu, eu não sei.

A esposa do Mário Vieira pegava na minha mão pra eu ficar tranquilo. Ela falava: ‘Isso é simples. Sabe o que você faz. Faz de conta que você ta cantando no banheiro. Abre o chuveiro, deixa a água cair, fecha os olhos, esquece que tá aqui’. Eu repito até hoje isso.

O Mário ia lá, levava pra tomar água e não me dava dura porque ia ser pior. Tinha uma hora que parava todo mundo. Todos com a maior paciência.

O Aurélio tocava muito. Na época ainda não tocava viola. O negócio dele era violão e guitarra. Ele não podia ver uma guitarra que já ia lá pegar. Só que pra nós, tinha que ser violão.

O Mário Vieira era um figurão bem paulistano. Conversava com você como se conhecesse a vida inteira. O Seu Mário Vieira e a esposa levaram eu, o Aurélio e a Delinha pra chácara deles. Passamos o final de semana. A esposa dele me deu um cristal de presente, disse que era pra me dar sorte. Tudo pra me motivar.

**Rodrigo Teixeira:** Na Califórnia o Mário Vieira procedia de maneiras diferentes com os artistas. Em alguns casos, como Délio & Delinha e Zé Corrêa, ele bancava tudo e o artista ficava ligado a gravadora. Ele adotava. Mas tinha também quem tivesse que pagar pela gravação



para ter o disco. Como foi este processo para vocês?

**Tostão:** Mas para o Mário Vieira chegar a gravar tinha que ter alguém apadrinhando. Se não fosse a Delinha, mesmo pagando na época, não tinha acordo. Não tinha esse negócio de pagar e gravar. Nós estamos falando de 1978. A música de Mato Grosso do Sul tinha moral com o Mário Vieira por causa de Délio & Delinha, o Casal de Onça do Mato Grosso, e o Zé Corrêa.

Esse homem se encantou tanto com a nossa música que nenhuma outra gravadora dava moral. O Casal de Onça vendia muito e Zé Corrêa vendia também um absurdo. Só que o Zé Corrêa fazia música com todo mundo e a Delinha sempre junto com o Délio. O homem se engraçou e apadrinhou-os.

O Mário levava o Délio e a Delinha pra casa. Eles não iam pro hotel. Ele tinha uma estima pela Delinha e pela nossa música. Botava fé. Não sei o por que, mas acredito que a Delinha chegou lá explicando. 'Ele está começando. O pai dele vai pagar e eu boto fé'. O homem abriu as portas. Tanto abriu as portas que ele acompanhou toda nossa gravação. Coisa que ele não fazia mais. Ficava no escritório.

## O NOME CRUZEIRO & TOSTÃO

**Tostão:** Isso foi muito mal entendido. Não sei se foi de piada, de gozação, mas lembra do Penazinho e do Zé Brasil? Ele veio tocar aqui e nos convidou. Eu e o Aurélio. Até então a gente não tinha adotado um nome. 'Por que não bota...' Tem Milionário & José Rico, tava fazendo sucesso, nome de fazendeiro, pitoresco, estranho né... 'Põe Mixaria e Pouco Troco'. Esta coisa de piada. Não sei como é que foi. Não sei se foi o Aurélio que falou: 'Põe Cruzeiro & Tostão'. Ficou. Só que como nós estávamos em São Paulo e ninguém conhecia o Aurélio, não estranharam o nome Cruzeiro & Tostão e saímos de lá com o nome. Mas eu não queria de jeito nenhum ser Tostão. 'Isso é nome?'

**Aurélio Miranda:** O Tostão tinha 19 anos e cantava comigo nas boates. A Delinha que nos levou para gravar. Estouramos com 'Menina Rica' e depois montamos um circo. A gente rodava pelas cidades com shows nossos e outras duplas.



Primeiro show de Tostão  
com Cruzeiro em 1978 no  
Circo do Carlão  
arq. Tostão

**Tostão:** O nosso estilo tinha um lance mais romântico. E o tal do huapango e cururu, que era aquele negócio de pistom dobrado. Não tinha nome. Era um ritmo jovem, com bateria, afoxé, reco reco, pandeiro. Nós começamos a sair do chamamé e da polca. Pra ser um pouquinho mais romântico.

O primeiro show foi no Circo do Carlão. Eu tremia. Moleque, colono, tímido. O Aurélio teve que fazer tudo. Falar, tocar, cantar e me empurrar pra frente.

## A CHEGADA DO CENTAVO

**Tostão:** Começamos a fazer show em circo e estourar de gente. Lotado. Nesta época começaram a aparecer os trios. Duplas com um sanfoneiro. Estava com sucesso o Trio Parada Dura e outros. O Milionário & Zé Rico, que era só os dois, já veio com um sanfoneiro. E aí sentimos a necessidade de colocar um sanfoneiro também.

Foi quando achamos o sanfoneiro João Silvestre da Silva, que virou o Centavo. Eu era tutor dele. Só podia viajar comigo, com autorização. Ele era de Caarapó, mas nos conhecemos em Dourados. Depois fomos buscar ele.

Nós fomos fazer um show em Dourados e uma dupla da cidade tinha um sanfoneiro. Nós estávamos tomando em um boteco e um cara

falou: 'Tem um gurizinho aí, o Joãozinho, é um moleque virtuoso'. Esse cara contou a história pro Aurélio desse sanfoneiro. Até então a gente não sabia quem era. O cara falou: 'É um gurizinho rapaz. Inclusive está abandonado. É um pau d'água. Ele fica dormindo de favor na casa dos outros. A família dele é de Caarapó'.

Eu tinha 21 anos e ele 15 anos. Era 1979. Fomos pra Caarapó para encontrar a família dele, que estava limpando o cinema. Nós fomos procurar ele no cinema, mas já tinha voltado pra casa. Chegamos a casa dele e tinha ido pra Dourados. Fomos à casa do tio dele em Dourados e ele tava pra rua. O pai dele tinha uma bicicleta. Explicamos: 'Vamos levar ele para tocar, vai ganhar um dinheiro'. Aí saíram doidos atrás e acharam. Quando ele veio, pensa em um neguinho desse tamanico, descalço, calção de saco e camiseta rasgada. Mas aí ele pegou a sanfona, que era do pai dele, cepa de uma sanfona, e 'regaço'.

Ele tocava muito. Resultado. Tinha que comprar uma sanfona. Deu um desespero achar o molequinho rasgado. Aí fomos dar um banho nele e levamos pro hotel do meu pai em Dourados. A gente comprava sapato e ele tirava. Tanto que na foto do disco ele está sem meia. Pegamos umas camisas dos meus irmãos.

Centavo, Tostão e Cruzeiro  
arq. Tostão



Ficamos uma semana em Dourados ensaiando. Ele pegou tanto as músicas de Milionário & Zé Rico e Trio Parada Dura quanto as nossas. Tirou tudo. Pensa no trio. Não tinha quem tocasse igual a gente. Aí teve o festival.

## OS CAMPEÕES DO FESTÃO

**Tostão:** O segundo disco 'Cruzeiro, Tostão e Centavo' nós gravamos em outubro de 1979, por causa do festival, o Festão, que aconteceu em 26 de agosto de 1979. Nós gravamos com aparelhagem do Milionário & José Rico. No Festão a gente se apresentou como trio, não foi o Aurélio Miranda solo.

**Guarany:** Eu estava assistindo este festival da platéia. Nem cantava naquela época. Meu tio Chero me levou.

**Tostão:** O apresentador era o Lima Duarte e a atração era Milionário & José Rico. Nós ganhamos um fusca. Ficamos em primeiro e segundo lugar com 'Estrada de Chão' e 'Lavrador Rei Sem Coroa'. O Aurélio falava: 'Esta música, Lavrador Rei Sem Coroa, é protesto. Nós vamos ganhar primeiro lugar com essa música. Vamos ensaiar direitinho que nós ganharemos.' Mas fomos se apresentar nas escolas e a gurizada saía cantando 'Estrada de Chão'. O Aurélio continuava: 'Isso é protesto. Vai ser bafafá'. Acabamos classificando as duas e fomos defender as músicas. Na hora do resultado chamaram o segundo lugar: 'Lavrador Rei Sem Coroa'. Puts, segundo lugar, vamos ver quem é o primeiro.

**Guarany:** Vocês já estavam descendo do palco... Foi no Estádio do Morenã, em Campo Grande.

**Tostão:** Quando a gente estava descendo a escada chamaram o primeiro lugar. Nós paramos e ficamos no canto. 'Vamos ver quem é o primeiro'. Já tinha largado o violão. E aí o Lima Duarte deu o resultado: 'Primeiro lugar Cruzeiro, Tostão & Centavo com a música 'Estrada de Chão''. Nós esquecemos os instrumentos e fomos correndo pro carro. Começamos a dar volta que nem besta ao redor do carro. Aí nos chamaram pra cantar. Subimos pra cantar 'Estrada de Chão' com os instrumentos emprestados do Castelo & Mansão.

O Festão explodiu de sucesso aqui no Estado. Foi fantástico. O cara responsável por isso chama-se Onésimo Filho. Ele era encarre-

gado da TV Morena, foi quem foi conversar com o Nassura e com um monte de gente pra descobrir como é que se faziam esses festivais.

Quem se inscrevesse nos festivais tinha a obrigação de divulgar a música. Eles até davam ideia. 'Pega a música, faz cópia e leva por aí'.

**Ado:** Só participei com a música 'Gigante Adormecido', do Zacarias Mourão, de um Festão. Era eu e o Amambay. Mas na primeira eliminação nos expulsaram.

Jurei nunca mais participar de festival.

#### \* ONÉSIMO FILHO:

O Jorge Zahran ficou entusiasmadíssimo com a repercussão do '1º Fessul'. Até o governador Amorim Costa esteve presente na final, enviou telegrama de congratulações, então eu propus o Festão. O primeiro teve 231 inscrições, fizemos no Morenã, e deu na cabeça o Aurélio Miranda, com primeiro e segundo lugares. E não vi ninguém chiar, pela primeira vez. Também não tinha nada parecido com 'Estrada de Chão', a música vencedora. O pessoal de Bela Vista pegou o quinto lugar, os outros não me lembro. O apresentador foi o Lima Duarte, aliás, isso se tornou uma tradição nos outros anos. Infelizmente, não consigo lembrar o nome de alguns jurados, mas era gente de fora.

O número de inscrições do segundo Festão foi um pouco menor. O Aurélio ganhou novamente, mas sem a mesma aceitação pelo público e pelos concorrentes. O segundo lugar foi do Zacarias Mourão, com música interpretada pelo José Lopes. O Trio Serenata tirou o quarto e quinto lugares. Outro que apareceu bem foi Ramon Pereira. Eu esqueci de dizer: no primeiro Festão quem fez o show foram o Milionário e José Rico, no segundo o Duo Glacial e no terceiro o Dominginhos.

Para começar o terceiro Festão já se ressentiu de duas vitórias do Aurélio Miranda. Foram menos de 100 inscrições. A vencedora foi 'Interior', de Paulo Simões e Celito Espíndola, que foi muito bem recebida pelo público jovem. A reclamação maior foi contra a segunda colocada, 'Minha Viola Caipira', do Zacarias Mourão.

Isso por causa de um item novo no regulamento, que eu coloquei exatamente para evitar que alguém ganhasse mais de um prêmio. Era o seguinte: ninguém poderia ter mais de uma música classificada para as finais. Nem compositor nem intérprete. E na eliminató-

ria, o Zacarias teve que optar por uma das duas que ele inscreveu, e não sei porque escolheram a que tinha menos pontos. Essa música foi denunciada como plágio, foram me levar lá na TV um livro de Educação Moral e Cívica onde havia um poema idêntico. Aí eu consultei alguns concorrentes sobre a inclusão da outra. Como houve concordância, ela entrou e ficou em segundo lugar. Os outros reclamaram. E vieram novamente com o papo de marmelada, mas se eu fosse julgar, daria primeiro lugar para uma música do Zé Fortuna, que foi interpretada pelo Trio Serenata, cujo nome era 'Tempo de Colheita', e que nem ficou entre as cinco primeiras. Daria segundo lugar para 'Interior'. Mas essa história de marmelada é de quem não conhece o festival por dentro. Eu somo as notas na presença de fiscais de cada município participante.

Não tem jeito. Bem ou mal, com suas falhas e acertos, acho que o festival abriu caminho para muitos.

**\* Depoimento de Onésimo Filho em entrevista de Paulo Simões publicada no livro 'Projeto Universidade 81 - Festivais e Música em Mato Grosso do Sul'.**

## ESTRADA DE CHÃO

**Tostão:** Eu sempre falei que 'Estrada de Chão' tinha que ser autoria de Cruzeiro, Tostão e Centavo. Mas o Aurélio é merecedor. A harmonia é dele, a poesia é dele. Mas a finalização da música passou por nós três. A gente teve que ensaiar, corrigir tudo que é erro, os arranjos eu tive que acompanhar e passava pro Centavo. No final os três terminaram juntos. Mas a música, a ideia, tudo é do Aurélio.

Mas a gente se sentiu ofendido naquela época. Porque tava lá Aurélio Miranda. A gente escreveu no festival Cruzeiro, Tostão e Centavo. 'Será que não foi a menina que errou?'

Então era briga. Ficou essa magoazinha. Isso foi durante o primeiro Festão. Vimos a letra e os negócios escrito com o nome do Aurélio. Infelizmente até hoje o que ficou na história é que o Aurélio Miranda ganhou o Festão com a sua música 'Estrada de Chão'.

Depois de ganhar a gente tinha o disco pra gravar. E o Milionário



O trio Cruzeiro, Tostão e  
Guarany ganhou o Festão de  
1981 com 'Fogo Humano'  
arq. Tostão



& José Rico se interessou em comprar a música 'Estrada de Chão'. Mas o Aurélio falou: 'Como essa música ganhou o festival não dá para vocês comprarem. Tem que ser o nosso carro chefe.' Então o Zé Rico disse: 'Vou apresentar vocês pra Continental'. Mas o produtor ouviu o material e falou: 'Vocês vão gravar pela Chantecler'. Era a principal do mercado. Era o selo top.

Nós tivemos uma ajuda financeira do Milionário & José Rico, mas tivemos que pagar alguma coisa. O Aurélio pode falar melhor disso. Na época eu só ia aonde o Aurélio ia. Ele era chefe da dupla. Resolvia tudo e ele que discutia. O Centavo a gente pagava em um primeiro momento e depois que o trio ficou famoso passamos a fazer rachadinho. Só que o Aurélio sempre levava um pouquinho a mais. Não tinha dúvida. Ele pegava um pouco a mais e a gente rachava o resto. Sempre foi assim. Ele era o mais velho, o chefe.

## O FINAL PREMATURO DO TRIO

**Tostão:** Conseguimos a gravação na Chantecler. Contrato de cinco anos com um disco por ano. Gravamos o disco em 1979 com o trio e vendeu pra caramba. Eu e o Aurélio, em cada show que a gente fazia no circo, nós vendíamos de 300 a 500 cópias de K-7 e LP.

Só que o Centavo acabou conseguindo uma super chance para tocar fora do Estado. O Léo Canhoto tinha vindo para Campo Grande. Ele estava sem sanfoneiro e acabou vendo o Centavo tocar e o

chamou para viajar com ele. Acabamos perdendo o acordeonista, mas ficamos contentes pela chance que se abriu para o Centavo. O Léo era muito conhecido e fazia vários shows.

Fomos atrás de um substituto. Mas a gente não encontrava. Fizemos teste com um monte de sanfoneiro e nada. Lembro que nos inscrevemos no segundo Festão e classificamos. Mas não tinha sanfoneiro. Até que surgiu o Orlei, que era bancário, vizinho da Delinha e que só tocava em casa. Um dia fomos tocar lá e ele nos acompanhou em todas as músicas. Foi uma luta para convencer o Orlei a tocar com a gente. Ele topou depois de muito custo, mas na condição que seria só no Festão e depois a gente teria que encontrar outra pessoa. Acabou que o Orlei foi o primeiro Guarany. Não dava para chamar Centavo e a minha esposa sugeriu colocar Cruzeiro, Tostão e Guarany, porque era a moeda da fronteira e tal.

E ganhamos o segundo Festão com a música 'Fogo Humano'. Lembro que o Ueze Zahran que nos entregou o prêmio e ele nos deu a chave da Mercedes-Benz dele. Ele brincou com a gente: 'É simbólico a entrega desta chave hein'. O prêmio era um carro.

Fomos pra SP pra arrumar o repertório pra gravar o segundo do trio. Chegamos lá o produtor falou que tinha vendido 150 fitas e 300 discos do primeiro LP do trio. O Aurélio falou: 'Só eu vendi quatro mil fitas e 10 mil LPs. Quero meu dinheiro' e pulou da mesa pra bater no diretor importante. Conclusão: perdemos o



Aurélio cumprimenta  
Ueze Zahran ao receber  
prêmio do Festão  
arq. Tostão

**Aurélio e Estevão,  
Rouxinóis do Brasil,  
em maio de 1978**  
arq. Aurélio Miranda



contrato, nunca mais gravamos em lugar nenhum.

**Rodrigo Teixeira:** O diretor da Chantecler estava de rolo mesmo?

**Tostão:** Eu não sei. Eles nunca pagaram direito. Não pedia disco pra gravadora para poder contar a tiragem. A gente comprava com nota de um cara chamado Tesoura, que era o dono da maior rede de vender disco e K-7 do Paraná, mas que tinha todas essas lojas na Rodoviária de Campo Grande e vendia disco no Brasil inteiro. Nós pedíamos para ele comprar com nota os discos na gravadora porque quando a gente recebia vinha sem. Meu pai comprava disco e escondia pra não deixar encalhar na loja. Meu pai estava mentindo e o Aurélio, sabendo disso, na hora, perdeu a cabeça com o diretor.

Enfim, voltamos para Campo Grande só pra cantar, cantar e não conseguia nada. Resolvemos separar o trio.

Mas chegamos a tocar em muitos lugares com o trio. Rio de Janeiro e São Paulo. Fomos ao Candango em Brasília como representantes do Estado. Em convenção da Volkswagen onde só tinha alemão e foi feita a noite sul-mato-grossense, com espetinho, caldo de piranha e a gente tocando. Com cachê. E nestas alturas eu já estava gostando. Depois que perdi o medo, eu gostei da coisa.

A gente discutia e aquele negócio não dava mais certo. O Aurélio já não estava no hotel do meu pai mais, já tinha casa. Tinha conhecido



Adi como Brazãozinho  
em 1982  
arq. Tostão

a Marina, que era fazendeira, e estava pra casar. Lembro que chegou a se acidenttar com o nosso fusca. Mil coisas. Aí paramos mesmo.

Acabou realmente em 1982 e eu fui cantar mais um ano com o Brasão da dupla, Brasão e Brasãozinho. Não estava mais de dupla com o Aurélio, que estava formando dupla com outros parceiros. Fizemos uma campanha política inteirinha. Ficou Tostão & Brasão. Mas era Brasão & Brasãozinho. Deu uma coincidência de a gente ir tocar em Nova Andradina e estar lá os originais Brasão & Brasãozinho. 'Mas rapaz duas duplas com o mesmo nome na cidade?'. Aí passou a ser Brasão & Tostão. A coisa mais feia do mundo era eu de chapéu e colete.

A gente foi no Teatro Glauce Rocha e Aurélio viu o Evânio, que depois virou o Guarany. Ele falou: 'Aquele rapaz canta com a Lígia e a Itamy. Aquele ali é teu parceiro'. Dito e feito.

**Guarany:** Antes de começar a cantar com o Celsinho, teve esse show com a Lígia. Até então nem sabia disso. Eu tinha assistido o Tostão e o Cruzeiro cantarem no Morenã. Teve uma festa depois do festival, fui lá com o Chero e conheci eles, inclusive a Delinha. Nem sonhava que um dia ia cantar com o Tostão. Nesse show, que foi um dos últimos do Zacarias, comecei a cantar com o Celsinho.

Daí um dia, está eu o Celsinho cantando na igreja Santa Cecília.

O meu padrinho, que emprestou os discos do Zé Corrêa, é que estava promovendo. Ele era festeiro. Tava lá promovendo churrasquinho pra ganhar dinheiro pra paróquia. O Celsinho gostava de tomar cerveja e não tinha esse negócio de dinheiro. Nisso o Tostão apareceu. O Chero chegou em mim: 'Cherinho, o Tostão do Cruzeiro, Tostão e Centavo está aí. Chama ele pra cantar.'

Quando saiu o disco do festival, o Chero falou: 'Vem cá ouvir. Saiu o disco do Cruzeiro, Tostão e Centavo'. Sentamos os dois, ele tirou o LP que tinha comprado na A Primorosa, que era a melhor loja de discos de Campo Grande, tirou da capa, colocou e ouvimos inteiro. Eu apaixonado pela música. Tinha visto o festival.

Imagina na minha cabeça o que rolava? Tudo o que eu queria era ser também cantor. Falei: 'Quero um disco desses'. 'Fica com esse então e me dá o dinheiro que eu vou lá comprar outro'. 'Nesse aqui você já rodou'. Era moleque de tudo. Os caras estouraram aqui no Estado, ganharam o Festão. Aí o Tostão subiu no palco da paróquia e eu sabia as músicas. Guri aprende rapidinho.

**Tostão:** Cantamos 'Estrada de Chão'. Comecei a perguntar de música e Chitãozinho & Xororó ele sabia tudo.

**Guarany:** Eu adorava.

**Tostão:** Milionário & José Rico sabia tudo. Deu liga.

**Guarany:** Começamos a cantar. Isso era final de 1982.



Tostão e Guarany se conheceram  
no início dos anos 1980  
arq. Tostão



Tostão e Guarany  
tocam em festa  
junina em 1985  
arq. Guarany

## A UNIÃO DE TOSTÃO & GUARANY

**Tostão:** Eu cheguei em casa e disse: 'Pai, cantei com um rapaz que me agradou'. O Aurélio já tinha me falado e por coincidência nos encontramos. Contei pro meu pai e ele: 'Vamos conhecer esse cara'. Aí nós fomos lá no Chero, achando que era pai do Guarany.

**Guarany:** Eu já morava na Vila Jacy. Tinha saído da Matel. Eu tinha um cálculo renal e tinha passado muito mal. Tinha ficado três dias internado na Santa Casa no setor de urologia. O médico falou: 'Não vou liberar'. A minha mãe: 'Libera meu filho'. 'Eu vou liberar se a senhora descer lá e marcar a cirurgia dele. O problema é grande'.





‘Pode ficar tranquilo’. Minha mãe aí disse: ‘Vamos embora’. Eu tava ruim na casa do Chero porque se desse alguma coisa estava próximo da Santa Casa e o Chero me levava. Ele tinha carro.

**Tostão:** E eu cheguei nesta hora com meu pai.

**Guarany:** Rapaz! Eu tava mal bicho.

**Tostão:** Pensa na decepção.

**Guarany:** E teve o agravante que o Tostão fazia a primeira voz e queria continuar fazendo a primeira voz. A Lígia cantava um tom acima do meu e o Tostão um tom abaixo do meu. Não dava. E eu ruim.

**Tostão:** Sentamos pra tentar cantar e ele ruim. Meu pai: ‘Pô, esse cara?’. Eu insisti.

**Guarany:** Expliquei pra ele que o Chero era meu tio, que eu não morava lá e acho que dei o endereço.

**Tostão:** Depois de uma semana peguei o violãozinho e fui atrás dele.

**Guarany:** Eu tinha uma sanfona, uma oitentina já.

**Tostão:** O Guarany deu a ideia de inverter. ‘Deixa fazer a primeira’. Ele começou a me ensinar a fazer segunda. Gravamos e meu pai ficava o dia inteiro ouvindo e chorando. Pensa num xucro.

**Guarany:** Várias pessoas me ajudaram. Primeiro o meu tio Chero. O primo da minha mãe, o Guaxe, que me colocou uma sanfona na mão. O Zacarias, a Lígia, essa família. O Valfrido Rodrigues, que é um padrinho meu, que me deu essa sanfona 80.



O sonho era ganhar um acordeon melhor. Eu queria tocar as músicas, só que não tinha tecla. Faltava em cima e em baixo. E ele me deu esse acordeon que comecei a desenvolver. Começamos a fazer show.

## O COMPACTO

**Tostão:** Fomos escolher repertório. Mas alguém falou pro meu pai que tinha o tal do compacto. A gente estava fazendo show no circo do Goiabinha e outros.

**Guarany:** Tinha um menino que trabalhava no circo e um dia ele cantou pra nós 'Já Decidi Que Te Amo'. O Tostão falou: 'Vamos gravar essa música'. Ele deu até parceria para o Tostão e nós gravamos.

**Tostão:** Fomos gravar o compacto e o cara do estúdio botou a voz dele em um trecho tipo: 'Vamos concertar'. Nós cantávamos de um jeito e ele achou que estava errado. No outro dia queria matar o cara.

**Guarany:** Era uma canção rancheira, uma valsa. Falava na letra: 'como é tão doído viver'. O cara não falou nada. 'Tá beleza'. Mas não queria aquilo. Nós viemos embora. Quando chegou o compacto duplo estava lá: 'Como é duiiido viver'. Ele tentando imitar a gente.

**Tostão:** A gente começou a cantar em tudo que era município e lotava. Eram duas sessões por dia. Meu pai mais uma vez disse: 'Vamos gravar!' Mas gravar onde?

A gravadora de antes do trio, a Chantecler, não dava por causa do contrato. Aí apareceu o Marcelo Mello. E fomos gravar.

**Guarany:** Só gente boa com a gente. Robertinho no acordeon, o Tupi no violão, o Herrera na harpa.

Nós estávamos gravando e os músicos tocando lá num aquário menorzinho. Em outra saleta o Tostão um pouco mais atrás e eu um pouco mais na frente. Era um microfone só. Daí que morreu o avô do Tostão. De começo o pai dele não contou pra ele terminar a gravação.

**Tostão:** Quando terminou, ele me contou sobre a morte do meu avô. Aí viemos embora. Quando chegou o disco, um compacto duplo, foi aquela história: 'Mas como? Não cantamos isso.' Mas começamos a fazer show e a lotar circo mesmo assim.

Gravação do  
primeiro disco de  
Tostão & Guarany  
em São Paulo  
arq. Guarany



## OS DONOS DO CIRCO

**Tostão:** Nós tínhamos a dupla e não tinha quem apresentasse o show. Naquela época, sertanejo fazia show em circo ou em carroceria de caminhão. Mas pra fazer carroceria tinha que estar conhecido. O dono de circo falava: 'Tem que ter nome, se não tiver nome não leva gente'. Para ter público tinha que estar rodando.

Meu pai chegou no Carlão, que tinha montado um circo pro lado do bairro Santo Amaro. 'Eu vou te pagar, se não fizer sucesso tudo bem. Mas, se fizer, você contrata pro próximo. Eu vou comprar 100 ingressos'. Resultado, nós fizemos o final de semana, sábado e domingo.

**Guarany:** Era eu de sanfona e o Tostão de violão. Só. Imagina! O Tostão tinha aprendido a tocar violão há pouco tempo e eu mal tocava sanfona para os outros.

Tive que começar a cantar e tocar sanfona. Rolei pra tirar as músicas.

A sorte é que eu tinha aprendido a tocar violão e estava aprendendo Chitãozinho & Xororó. Que acabou sendo o que eu e o Tostão mais tocávamos. E era mais cheio de harmonia. Eu passava as harmonias pra ele e fazia segunda já há quatro anos. Foi quando invertemos, passei a segunda pra ele fazer. Ficava o dia inteiro. Quer dizer, virou uma ótima dupla. Ensaiaava pra caramba.

**Tostão:** Começamos, mas não queriam dar show pra gente de jeito nenhum. Meu pai então contratou um palhaço, que era um funcionário de circo. Era o Sandro e o nome dele era Palhaço Pe-

rereca. Ele chegou e disse: 'Vamos construir um circo e precisa destes materiais'. Meu pai foi nas lojas e comprou.

**Guarany:** Foi comprar lá na Rua 25 de Março em São Paulo.

**Tostão:** Tinha um algodão grosso que o tecido parecia uma lona. Estendemos no meio do asfalto lá em casa e o Palhaço Perereca riscou. O cara fez o desenho no papel, meu pai fez o guarda chuva. Cada gomo da lona se chama nesga. E cada corda que vai emendando uma corda na outra se chama falomba. Tinha que juntar tudo aquilo e colocar em cima o guarda-sol armado.

Minha mãe e meu pai cortavam e a gente costurava. Construímos o circo e fomos montar o que batizamos de Circo Teatro Tostão.

A gente rodava os bairros de Campo Grande. Tanto deu certo que a gente fez outro. O Circo Rouxinóis do Brasil. Montava um em cada lado da cidade. Quando ia pra outro município, montava um no pequeno e outro no próximo. Nós montamos este circo porque os caras não queriam dar show pra nós. E começou a lotar e a dar gente. Isso antes do Tostão & Guarany.

**Guarany:** Olhava o nome Tostão, Cruzeiro e Centavo e pensava: 'Deus me livre entrar nesse negócio'. Mas não demorou, virei Guarany.

## CAMPANHA POLÍTICA

**Guarany:** Depois que tivemos problemas com o empresário do último disco, a gente começou a fazer muita campanha política, daí foi quando surgiu a campanha do Londres Machado. O nosso sonho era ter um equipamento de som e um ônibus pra transportar esse equipamento. Um dia falamos o nosso objetivo para o Londres. E ele: "Então tá vamos colocar tudo isso em contrato". Compramos o ônibus e cheguei até a chorar no dia.

**Tostão:** Era prata.

**Guarany:** Um dinossauro, mais era muita grana. O ônibus era o da banda People, de Marília. Meu pai era marceneiro e fizemos tudo de novo inteirinho. Os beliches, as divisórias... Mandamos pintar e ficou lindo o ônibus. Só quem tinha ônibus no Estado era o Miguelito da banda Zutrick.

Comícios onde  
a dupla se  
apresentava nos  
anos 1980  
arq. Tostão



**Tostão:** Nós fomos a primeira dupla com equipamento eletrônico, que tinha um ônibus e que era acompanhada por uma banda.

**Guarany:** Colocamos as cores da bandeira do Estado. O ônibus era azul e branco tal. Depois fomos comprando tudo o que o Chitãozinho & Xororó usava. A gente seguia.

**Tostão:** Isso era em 1986 e começamos fazer muitos shows pelo interior.

**Guarany:** Eram as eleições de 1986. Fizemos muito Fátima do Sul e Vicentina, aquela região.

**Tostão:** A gente dormia dentro do ônibus. Não tinha moleza. Ia dormir 4 horas da manhã e ninguém agüentava ficar dentro do ônibus.

**Guarany:** O Londres Machado não deu nada de graça pra gente. Foi contrato de trabalho.

**Tostão:** A gente fazia de quatro a cinco shows por dia. Na verdade a gente fez tudo isso para tocar. Mas também ganhamos dinheiro nessa época. Nós fizemos duas campanhas para o Londres.





Primeira dupla a ter ônibus e equipamento próprio no MS. Show da dupla em Fátima do Sul e no aniversário de Campo Grande em 1995  
arq. Guarany



Era quatro anos cada eleição.

**Guarany:** Depois acabamos separando a dupla em 1992 ou 1993, por aí. E voltamos em 1995, no aniversário de Campo Grande. Depois montei dupla com o Frank. Era a dupla Frank & Martin. Nesta época fiquei magrinho e a mulherada rasgava a camisa. Chegamos a gravar disco, quase fechamos participação grande para fazer cinco edições do 'Sabadaço', do Gugu Liberato. Mas o Douglas bem nesta hora pediu para sair. Queria a liberdade dele. Daí, voltei a chamar o Tostão de novo, que tinha formado a dupla Tostão & Mano César.

Eu tava sozinho e pintando alguns shows. A minha esposa Tânia trabalhava no banco Itaú e o Tostão ligou pra ela pra conversar. 'Amor, a Alcione falou que é pra vocês conversarem, negócio de voltar a dupla, mas falei que ia ver com você'.

**Tostão:** Aí marcaram uma pizza.

**Guarany:** Resolvemos voltar. Estamos até hoje.



# PROGRAMA DE RÁDIO EM CAMPO GRANDE

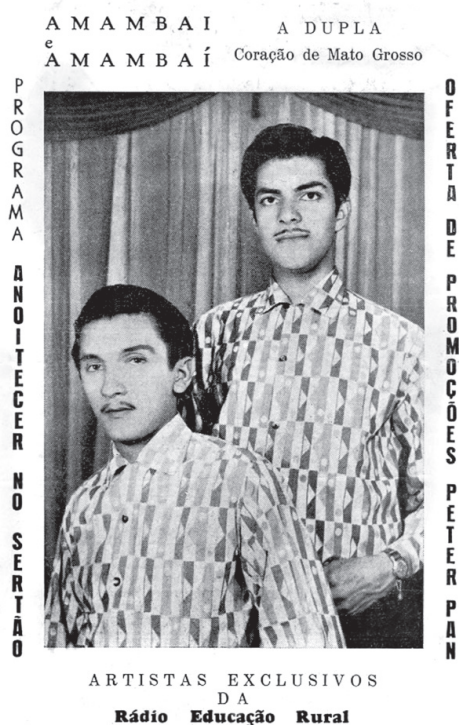
## INÍCIO

**Delinha:** Não tinha vitrola em casa. Ouvia a turma cantando e aprendia. A gente se espelhava muito em Tonico & Tinoco, Irmãs Galvão... Adorava Ângela Maria, Caubi Peixoto, Nelson Gonçalves, Cascatinha & Inhana...

**Amambay:** Começamos a ter programa de rádio em 1961 em Campo Grande. Isso foi até os anos 1970. Sempre três vezes por semana a tardezinha.

**Amambaí:** Iniciamos na Rádio Educação Rural na Rua Rui Barbosa com Dom Aquino em Campo Grande. Depois mudou para o Dom Bosco e depois São Francisco. A rádio era dos padres.

Cartão de  
Amambay e  
Amambaí da Rádio  
Educação Rural



**Amambay:** Tinha programas diários com Nhô Bastião, Juca Ganso e Ramão Achucarro. A gente tocava ao vivo no auditório. O público ia bastante, mas quando foi para o Dom Bosco acabou. O programa tinha o patrocínio de várias firmas e era para divulgar o nosso trabalho.

O Délio e a Delinha tinham tido programa antes de nós. Quando eu formei a dupla com o Carlos Alvarenga já existia a dupla deles. Já estava indo para São Paulo e tudo. Fomos também para São Paulo para testar. Nós fomos de trem com passagem de segunda classe, com banco de madeira.

**Delinha:** Tivemos programas na Rádio Cultura e Educação Rural em Campo Grande e Aquidauana. Isso em 1966 e 1967. Era segunda, terça e quarta em Campo Grande e quinta em Aquidauana. A gente ficava a semana cantando de lá para cá. Com chuva o carro não passava nas poças. Tinha que tirar a correia da hélice para poder passar. A estrada era ruim, um inferno. Não tinha asfalto, era barro. Teve um dia que a gente levou 10 horas de Campo Grande a Aquidauana.

Lembro que o Zacarias Mourão veio em Campo Grande para fazer uma semana de show na rádio PRI-7 com o Duo Estrela Dalva. Tinha auditório e aos domingos à noite aquilo lotava. E eles ficaram uma semana de show. A Itamy era noiva dele e eu era do Délio. Aí nós fizemos amizade com eles. Quando fomos em 1958 para São Paulo, a gente procurou o Zacarias na Rádio Bandeirantes.



Público observa a apresentação de Itamy com Zacarias ao fundo  
arq. Lígia Mourão

Rodriguinho  
e Delinha  
ganharam  
concurso da  
PRI-7 em 1966  
arq. Delinha



**Betinha:** O Rodriguinho foi o rei e a Delinha foi a rainha de um concurso da PRI-7. Não concorri. Isso foi em 1966 ou 1967.

**Delinha:** Houve um concurso de Rainha e Rei do Rádio. Quem venceu foi Délio & Delinha e Beth & Betinha e o Rodrigues & Rodriguinho. Eles eram casados. E nós, naquela coisa. Quando veio muito voto para o Délio, ele disse: 'Vamos passar para o Rodriguinho para ficar as duas duplas juntas'. Aí fiquei eu a Rainha e o Rodriguinho o Rei do Rádio.

**Paulo Simões:** No final dos anos 1950 e início dos 1960, Campo Grande limitava-se a três vertentes: música paraguaia e latina nas churrascarias e festas em fazendas e, eventualmente, festas em Campo Grande; grupos de baile que tocavam pout-pourri de tudo e a música sertaneja, que se limitava a alguns programas de rádio ao vivo. E eu ia a Rádio PRI-7.

Era um programa dominical. Eu ia à missa cedo para ficar desobrigado e passava na PRI-7 ou Educação Rural. Assisti muitos shows de Délio & Delinha. Devo ter visto Zé Corrêa, mas não lembro.

O rádio era muito importante porque não havia TV. Todo mundo ouvia rádio. Uma das lembranças mais vivas disso era acordar para ir a escola e já se ouvia o rádio em volta. Porque não tinha trânsito, barulho... E eram os programas sertanejos, com Juca Ganso. Eu saía



**Maciel Corrêa com Miranda & Mirandinha no Chacrinha em Campo Grande em 1965**  
arq. Maciel Corrêa

de casa na altura da Avenida Afonso Pena e ia pela Rui Barbosa até o Dom Bosco a pé. Eu ia escutando o rádio.

A rua vazia e passava a carroça vendendo leite. Era o 'streaming radiofônico' até a escola. Lá dentro que se fechava o canal. E eu ia escutando música sertaneja.

Não sei se os amigos meus prestavam atenção. Eu gostava de ouvir música.

A música sertaneja e paraguaia tem tanta importância no trabalho e na musicalidade dos músicos que foram criados em Campo Grande pelo fato de que quando se escuta música nos primeiros anos de sua vida, você não racionaliza, apenas ouve. É totalmente sensorial e penetra fundo, mesmo sem se saber se esta música é moderna, boa ou ruim...

Pode ser que o patamar esteja diminuindo, certamente está, porque tudo é mais precoce, mas na minha época, até os oito ou nove anos, escutava música como escuta hoje motor. Algo que estava em volta. O que está no cerne da musicalidade é o que se escutou quando criança mais o que se escutou e gostou. Nunca é uma coisa ou outra.

Eu ia ver Délio & Delinha e Amambay & Amambái porque tinham esta relação de público e palco. Era música ao vivo no formato show. Não era grupo tocando para nego dançar ou comer. Era autoral e aquela coisa com público, palco e aplausos.

Lembro mais dos shows que eu vi na Educação Rural. Na época que era na Rui Barbosa, entre Dom Aquino e Cândido Mariano, na Casa do Bispo, que era grande e a rádio funcionou lá uma época. Tinha um auditoriozinho. E também tinha o auditório da PRI-7, que era na Calógeras.

**Délio:** A gente tinha programa na Rádio PRI-7 e Rádio Difusora e já se apresentava antes de ir para São Paulo em 1958. Nós começamos a cantar e já fazia programa na Difusora, que era onde é atualmente a Galeria São José. Lá era um cinema, o Trianon.



Em 1958, na  
PRI-7, Délio &  
Delinha  
arq. Delinha



É impressionante porque já entramos com sucesso. Na época eu compunha as músicas na hora. No programa de auditório era aquele sucesso. Tanto que nosso diretor artístico da rádio falou: 'Tem de ir pra São Paulo. Vocês vão chegar e fazer sucesso'. E lá fomos nós com uma mão na frente e outra atrás. Só com a coragem.

**Elinho do Bandoneon:** Na Rádio Educação Rural tinha um auditório que era de um cineminha desativado. A gente cantava no palco, que era cheio de lâmpada e tinha cortina. Uma vez eu, o Amambay e o Amambaí, o Sebastião e o Juca Ganso estávamos lá. Aí o Amambaí abriu a boca, entrou um mosquitinho e não parava de tossir. Eu não parava de rir. Era ao vivo.

**Ado:** O Elinho toca bandoneon hoje porque a gente fez uma aposta. Ele tocava sanfona e comprou um bandoneon. Eu falei: 'Aposto dois litros de uísque que você não toca.' Trinta dias depois ele e o Ademir vieram fazer uma serenata em minha casa. Hoje o bandoneon é o instrumento dele. Porque não tinha ninguém que tocava bandoneon no Estado. Era só Hermínio Gimenez. Isso por volta de 1975.

**Maciel Corrêa:** Em Campo Grande tinha uns programas ao vivo de rádio em um palco no Colégio Dom Bosco. Nessa época, a minha dupla João do Rancho & Zé Ranchinho começou junto com Amambay & Amambaí, Zé Corrêa e toda essa safra antiga.

Em 1965 eu toquei no programa que o Chacrinha fez em Campo Grande. Ele era muito amigo de um comandante da Base e esse comandante conseguiu trazer o Chacrinha, acho que em um aniversário dele. Aconteceu no Colégio Rio Branco que ficava na Afonso Pena. Já era TV Globo, foi o primeiro ano da emissora em Campo Grande.

O Chacrinha fez esse programa em Campo Grande e na época eu tocava com Miranda & Mirandinha, que depois virou Irmãos de Mato Grosso. Só que eu não usava Maciel Corrêa. Era Elício Maciel.

## ADO E ADAIL

**Adail:** Em 1965 fui convidado para fazer animação na Educação Rural, em Campo Grande. O meu primo em segundo grau, o Maurício Lima Rodrigues, que já era Tesouro, cantava com outro rapaz.





A dupla Ado  
& Adail

Ele acabou faltando e eu disse que ia cantar. Ensaíamos para cantar ao vivo no programa. No primeiro só cantamos duas músicas e três tiveram que ser de disco. O diretor ficou bravo. Era o Airton Guerra. Foi quando começamos com a dupla Adail & Tesouro.

Logo fomos convidados para fazer a primeira exposição em Rio Verde de Mato Grosso. A gente ensaiava de dia no hotel e de noite cantava. Mas não conseguimos fazer muitas coisas e separamos.

A gente havia ganhado uma gravação em São Paulo. Um empresário nos levou e deixou a gente no hotel em Três Lagoas e nos esqueceu. Aí perdemos a gravação em SP. Foi quando montei dupla com o Ado.

**Ado:** Comecei a dupla com o Adail em 1970. Vivia em Três Lagoas e nunca tinha ido a Campo Grande, mas já ouvia no rádio Délio & Delinha e Zé Corrêa. Naquela época tinha que correr trecho e eu e o Adail caímos na estrada. A gente tocava no início músicas de outras pessoas, muito sertanejo rasqueado como chamamé e guarânia.

O Adail me ensinou. Eu era barrageiro da Camargo Corrêa na Usina de Urubumpunga e Ilha Solteira. Saí da empresa e começamos. Fomos para Goiás, Itajá, Lagoa Santa...

**Adail:** Viajamos Mato Grosso, depois Minas, São Paulo e Paraná, onde paramos em Londrina e conhecemos o Praense.

**Ado:** O Adail veio para Campo Grande e formei dupla com o Praense. Foi a primeira de Mato Grosso a gravar em Assunção, na gravadora Cerro Corá, por meio do Charles Franco. Fomos de avião. Gravamos com paraguaios e Dozinho Borges no acordeon. Foi o primeiro disco.

Quando chegou em Mato Grosso o disco estourou e ficou em

evidencia de 1975 a 1977. Vendia mesmo. Os sucessos foram 'Pula Pula Coração' e 'Deus e Amor'.

Tinha um rapaz que trabalhava na gravadora em Assunção e mudou para Campo Grande. Ele disse que tinha vendido 85 mil cópias no Paraguai. Nas rádios do Paraguai só dava Ado & Praense cantando em português. E aqui no Brasil disseram que tinha vendido 35 mil cópias. Eu ganhava o dinheiro dos discos que eu comprava e revendia. Era tipo 300 de uma vez. Depois gravamos de novo o segundo disco em Assunção, mas não foi tanto sucesso. Mas tocava muito em Mato Grosso, que era o berço da polca.

**Adail:** A dupla com o Ado não deu mais certo e voltei para Campo Grande. O Tesouro mandou me chamar. Procurei o Sebastião de Oliveira Barbosires e ele conseguiu patrocinadores e fomos gravar o primeiro disco em SP. Isso em 1972. O Barbosires, que era diretor de relações públicas do Banco Financial do MT e fazia uma participação no 'A Hora do Fazendeiro', do Juca Ganso, influenciou na escolha da música 'Ziguezagueando por MT' para ser tema do programa.

Esta música, que é do Barbosires, foi prefixo durante 12 anos do programa do Juca Ganso. Eu gravei com o Tesouro.

**Dino Rocha:** Não lembro se era sábado ou domingo, o Ramão Achucarro tinha um programa na Rádio Cultura ao vivo. Tinha o auditório e nós íamos tocar lá com o trio que eu tinha com dois paraguaios violonistas. Foi em 1968 quando viemos a Campo Grande.

**Délio:** Uma dupla que lembro de antes de Délio & Delinha é Irmãs Castro. Elas sempre estavam nessa região de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã e iam pro Paraguai. A gente vivia com a mão no cabo da ferramenta, não tinha tempo de visitar ninguém.

## PRIMEIROS ACORDEONISTAS

### ATÍLIO COLMAN E ABADIL VIEGAS

**Delinha:** Tinha festa de São João todo ano em Campo Grande. Na

época, sem asfalto, bem em frente a minha casa a gente fazia uma fogueira e tal. E tinha as festas. Quem tocava era o Atílio Colman. A gente gostava. Quando não era ele, era o Abadil Viegas. Eram os dois sanfoneiros da época.

O Colman pegava um litrão de quinado. Uma bebida até de moça, porque não era muito forte. Aí ele tocava com dois violões e uma sanfona a noite inteira até amanhecer. Chamamé, arrasta pé, cobrinha, que é uma marcha que vai tirando para dançar junto e se declama para a moça. Aquilo era bom demais.

Ele o Abadil foram os primeiros acordeonistas de Campo Grande. Eles tocavam a música da época. 'Chalana', 'Beijinho Doce', 'Tava na Peneira', 'Baião de 2'...

Tinha bolero antigo, como 'Dez Anos', da Emilinha Borba. Mas era mais solado mesmo. Só que a gente era mocinha e nem conversava com o Atílio. Ele baixava a cabeça e mandava ver. Sem microfone. O Abadil já era mais liberal. Isso por volta de 1949, quando eu tinha uns 13 anos.

**Maciel Corrêa:** Antes do Zé Corrêa já tinha um acordeonista famoso em Campo Grande que é o pai do Carlos Colman. O finado Atílio Colman. Eu conheci. Lembro que ele tinha um Todeschini branco. Tinha também o Canhotinho, um exímio acordeonista.

Tinha o Abadil Viegas. Ele era um acordeonista muito famoso em Campo Grande também. Tocava muito. Mas nenhum deles tocavam com a baixaria duetando.

Tinha um parente do Amambay & Amambai, o Delcídes, que já tocava duetado. Só que ele não gravou.

**Elinho do Bandoneon:** Com 15 anos, por volta de 1957, eu fugia da minha madrasta para ir aos bailes em Campo Grande. Eu não tocava direito ainda e nem dançava também. Quem tocava nestes bailes era um tal de Lenço Verde. Era um moreno de cabelo liso e já deve ter morrido. Lembro bem. Era um cara simpático, dado pras pessoas.

Também tocava nestes bailes o finado Atílio Colman, que foi meu cunhado. Eu era guri quando o Atílio tocava. A gente ia de trem para Maracajú. Ia com minha madrasta e meu meio irmão de criação que já faleceu. Ela ia visitar ele no Portera Ortiz e tinha aquela jardineira. Eu era moleque e ia carregando sacola de saco de fumo, palha. O Atílio vinha tocando dentro do trem. Eu vi aquela

movimentação e a minha velha madrastra gostava porque também tinha o genro dela que era o falecido João Ramão, conhecido como João Sanfoneiro. Ele que me ensinou as primeiras pegadas no acordeon. Ele parecia muito o Mário Zan.

Eu conheci o João junto com o Atílio. Tinha uma turma, o Lenço Verde, o Biguá, que era estivador, carregava saco.

**Delinha:** Quando a gente veio em 1966 para cá de volta de São Paulo, o Guaraty veio com a gente. Nosso sanfoneiro. Ele ficou aqui em casa. A gente estava ganhando dinheiro com esta fazendeirama de Maracajú. Teve um boi que nós ganhamos e foi leiloado muito bem. Ele pegou a parte dele e não quis mais tocar. Ele tocava tão bem. Ele tem um armazém no Santo Amaro. Ele gravou o disco 'O Casal de Onça', tem até um 'vamu arrematar Guaraty'. Ele é italiano. E depois a gente ficou sem sanfoneiro.

**Chero:** Tinha o Filó, que tocava oito baixos. O sanfoneiro Atílio Colman. Também tinha um que morava em Maracajú. Parece que o nome era Zé Boiadeiro. A turma falava que tocava também.

## NOS EMBALOS DO CIRCO

**Amambay:** Nós trabalhamos no circo do Nhô Pai e Nhô Fio. As apresentações eram divididas em show e drama. Uma parte teatral



Mexican Circus  
arq. Lúgia Mourão



Dino Rocha, Amambay e Amambaí com o figurino para fazer o 'drama' no circo  
arq. Amambaí

e depois musical. Nós mesmos criamos o nosso drama. Na verdade, o Dino quando foi trabalhar com Os Filhos de Goiás já fazia isso. O drama. Era teatro. Uma história. E ele trouxe para cá.

Os dramas que a gente fazia eram 'Pistoleiro Satânico' e 'Herança de Um Pistoleiro'. Nós mesmo que escrevemos e representava como ator. Bandido e mocinho. Fizemos isso em muitos circos pelo Estado. Era no estilo faroeste. O 'três oitão' comia no duelo. Até hoje a turma lembra.

Quem trabalhava no circo também fazia com a gente o drama. O mocinho e o bandido chefe era um de nós. Os bandidos e a mocinha eram do circo. O Dino Rocha era o dono do bar. O botequeiro.

Depois que surgiu a tevê o circo acabou. Tinham uns cinco circos que a gente trabalhava. Eles vinham e rodavam o Estado em cidades tipo Rio Verde, Campo Grande, Nioaque, Amambaí e Ponta Porã.

O bang bang era sucesso. Eram duas sessões lotadas.

**Dino Rocha:** Eu já tinha feito muito teatro em circo com Os Filhos de Goiás. Eu era o dono do boteco nos teatros que fazia no circo com o Amambay & Amambaí. As roupas os 'Amambais' mandavam fazer ou compravam. As balas eram de festim, mas o revólver era de verdade. 38 bom mesmo.

A gente carregava as armas no carro e usava só no circo. Mas ter arma era normal. Todo mundo tinha. Nesses bailes de fazenda, de

madrugada, saía tiro pra tudo quanto era lado. A gente arrancava o cano também e já dava uns tiros. Era assim antigamente.

De uns 20 anos pra cá vem mudando. Mas tem gente que de madrugada puxa o 38. Não vai acabar, apesar de ter diminuído muito.

**Rodrigo Teixeira:** Como era o universo musical em Campo Grande na década de 60?

**Beth:** Era meio parágrafo né Betinha?

**Betinha:** Não, aí que você se engana porque vinha muito circo para cá. Tinha o Circo Teatro Brasília.

**Beth:** Mas era só circo.

**Rodrigo Teixeira:** E vocês chegavam a fazer os dramas também?

**Betinha:** Fazia a 'Preta Veia', pintava as mãos e o rosto de preto.

**Beth:** Pintava com uma rolha enorme. Queimava e passava.

**Rodrigo Teixeira:** Antes o artista não podia apenas tocar. É isso?

**Betinha:** Tinha que ser artista mesmo. A gente fazia o show primeiro e depois tinha que interpretar um drama, que era uma comédia porque mais se ria do que chorava. 'Ladrão Detetive' foi um drama que eu era mulher de zona, uma piranha mesmo. A última parte era o drama. Era como se fosse a novela da época. Mas a gente tinha que decorar.

Esse drama que eu estava falando, o 'Ladrão Detetive', o detetive era o ladrão. Eu levei chumbada mesmo nas pernas. O marido da Beth tinha que me bater e deram um pedaço de borracha pra ele, eu tinha tomado veneno porque eu era uma piranha muito safada na peça. Aí eu tava no chão. Quando vi aquele monte de sangue pensei que não podia ser tinta, mas não podia me mexer. O povo batendo palma e aquela cortina não fechava nunca. Foi um drama mesmo.

**Tostão:** Antes os grandes nomes iam pro circo não era só pra fazer show. Tinha que apresentar uma peça. Nós criamos a peça 'Estrada de Chão', que não chegamos a encenar. Apresentamos uma comédia que era um sucesso na época e se chamava 'Planeta dos Mansos'. No final, quando todo mundo se apresentava, tirava o chapéu e tinha embaixo do chapéu o chifre que fazia um com a mulher do outro.

Tinha uma peça do Brasão & Brasãozinho que era conhecida nos circos do Brasil inteiro. Um dos palhaços já tinha feito e passou a peça pra nós. Era sucesso. Era tipo um teatro mesmo. Minha esposa era atriz. Na peça 'Deus Perdoa, Eu Não' eu era o mocinho, o palhaço era o bandido e meu irmão era meu filho jovem.





Adail em cena  
de bang bang



Depois eu passava a ser ele que cresceu pra se vingar. Pra matar o cara. Completíssimo. Tinha gente que chegava a chorar. Era tiro de festim. Nós fazíamos as cartuchearas no circo. Era fantástico.

**Guarany:** A dupla que eu acho que fez mais drama deste jeito foi Lambra & Lambradinho.

**Tostão:** Nós tínhamos comédias. Tipo 'Kid Querosene'.

O Aurélio Miranda era terrível. Combinava a hora de fazer e ele não aparecia. Sempre alguém fazia o papel dele. Teve uma peça em Bandeirantes que foi sucesso.



O sanfoneiro  
Centavo no Circo  
Rouxinóis do Brasil  
arq. Tostão

Ele era bandido e tinha um figura que encheu a cara e queria pegar o Aurélio de qualquer jeito. O bandido.

Tinha uma peça que o dono do armazém era italiano. Como eu falo alguma coisa em italiano, em dialeto, eu passava a ser dono da bodega. O pessoal ficava passando, não pagava e eu ficava xingando. A gente cantava na sexta e sábado e no domingo fazia o faroeste de encerramento. Era lotado.

O sistema era o seguinte: tinha o show musical, depois entravam os palhaços, depois bang bang e daí voltava pra fazer o show de novo.

Antes de começar na música, eu vi cantar em Campo Grande artistas como Chitãozinho & Xororó, Gilberto & Gilmar, Marciano, Milionário & Zé Rico. E não tinha onde cantar, então era tudo no circo.

**Ado:** Eu e o Adail chegávamos à cidade com o circo do Farofinha e o faturamento da estréia era da dupla e depois trabalhava o show a temporada. Até que conheci o circo Chumbrega, que comprou o Farofinha. O Chumbrega tinha uma companhia grande e no elenco uma moça bonita que virou minha esposa. Eu a conheci em 24 de junho de 1970. Eles estavam descansando em Lagoa Santa, Goiás. O Chumbrega passou a se chamar Irmãos Ferreira e Canadá. Isso foi em 1970. Compraram o circo de porteira fechada, com a dupla incluída. Eu não queria sair porque já estava namorando a Maria Helena. Ela fazia trapézio, dançava, participava dos esquetes...

E eu e o Adail fazíamos os dramas, como 'Pai João' e 'Preto Velho'. O show só era válido com o drama. Senão não chamava a atenção.

**Adail:** Eu também escrevi muitos textos. Tinha facilidade. A maioria de faroeste, que sempre o público gostava.

**Délio:** Naquela época tinha circo para trabalhar toda a noite em São Paulo. Mas era no interior que ganhava um dinheirinho bom. Dupla nova gosta de cantar. A gente entrava pra cantar e ficava o quanto o povo pedia. Era divertido. Mas o show não produzia muito não.

**Ado:** Nos tempos do circo sempre tinha que inventar alguma coisa diferente. Então inventaram uma luta de boxe. 'Hoje à noite dois grandes artistas lutando boxe'. Inventaram isso e o Zacarias e Amambay entraram no picadeiro para lutar vestidos como boxeadores mesmo. O Zacarias falava: 'Bate Amambay, bate, bate'. O Amambay não batia. Até que carcou um pé de ouvido no Zacarias e ele caiu. Levantou bravo e começou a correr atrás do Amambay. Acabou a luta.

Acho que isso foi em Coxim, na década de 1970.

# Os Pioneiros

## PARTE 3

DISCOGRAFIA



AMAMBAIA E TONY MENDES



AMAMBAIA E TONY MENDES



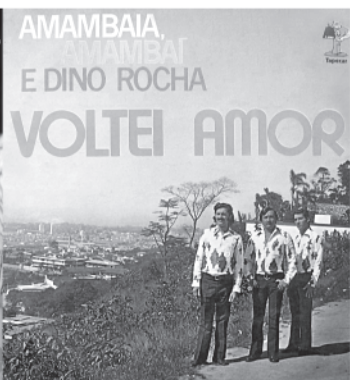
LOS TAMMY'S COM VICTOR HUGO



Minha Mãe Distante



O ACORDEONISTA CORAÇÃO DE MATO GROSSO



Os Grandes Sucessos de



SERIEMA



# DÉLIO & DELINHA

Nome artístico: **Délio**

Nome: **José Pompeu**

Nascimento: **18 de março de 1925**

Local: **Vista Alegre (Maracajú/MS)**

Discos: **14 LPs (78) / 19 LPs / 4 CDs / 1 DVD**

Nome artístico: **Delinha**

Nome: **Delanira Pereira Gonçalves**

Nascimento: **7 de setembro de 1936**

Local: **Vista Alegre (Maracajú/MS)**

Discos: **14 LPs (78) / 19 LPs / 4 CDs / 1 DVD**

Artista: **Délio & Delinha**

Disco: **Coletânea com 14 discos de 78 rotações**

Período: **1959 a 1964**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Moura

## **DISCO 1 • 1959**

Lado A 1 – Malvada / Lado B 1 – Cidades Irmãs

## **DISCO 2 • 1960**

Lado A 1 – Prenda Querida / Lado B 1 – Meu Cigarro

## **DISCO 3 • 1960**

Lado A 1 – Menina Orgulhosa / Lado B 1 – Querendo Você

## **DISCO 4 • 1960**

Lado A 1 – Não Me Pergunte Nada / Lado B 1 – Quero Seus Beijos

## **DISCO 5 • 1961**

Lado A 1 – Louvor a São João / Lado B 1 – Triste Verdade

## **DISCO 6 • 1961**

Lado A 1 – Amor Inesquecível / Lado B 1 – Boemia

## **DISCO 7 • 1962**

Lado A 1 – Vem Chorando Mas Vem / Lado B 1 – Verbo Amar

## **DISCO 8 • 1962**

Lado A 1 – Coisinha Querida / Lado B 1 – Estrela do Lar



### **DISCO 9 • 1962**

Lado A 1 – Goianinha / Lado B 1 – Culpa do Destino

### **DISCO 10 • 1962**

Lado A 1 – Ingrata / Lado B 1 – Último Desejo

### **DISCO 11 • 1963**

Lado A 1 – Coração Que Sofre / Lado B 1 – Munido de Ilusão

### **DISCO 12 • 1963**

Lado A 1 – Sorte, Amor e Canção / Lado B 1 – Cidades Irmãs

### **DISCO 13 • 1964**

Lado A 1 - Relembrando MT / Lado B 1 – Esperança Perdida

### **DISCO 14 • 1964**

Lado A 1 – Desiludido / Lado B 1 – Três Corações

**\* Todas as músicas de autoria de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Prenda Querida**

Ano: **1961**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Caçulinha**

Acervo: Delinha / Gramophony /  
Kenzo / Moura

### **Contracapa**

‘Talvez nem todos saibam, mas, é maior a concorrência entre os intérpretes da chamada música sertaneja que entre os artistas dos demais estilos populares. Daí, como consequência lógica, é mais difícil a contratação e mais problemático o sucesso daqueles artistas. Por isso, a aceitação dispensada à dupla DÉLIO & DELINHA pelo público radiofônico, ou discófilo, não é gratuita, nem ocasional. Decorreu, isso sim, da perfeita identidade de vozes, de estilos, de interpretações. E tal não causa estranheza, sabendo-se que, na realidade, eles são marido e mulher. E primos, também.



DÉLIO (José Pompeu) e DELINHA (Delanira Gonçalves Pompeu) nasceram em Vista Alegre, e não faz muito tempo. Cresceram e foram criados juntos, em Campo Grande, ambas cidades de Mato Grosso. Das brincadeiras familiares passaram para o amadorismo e daí decidiram ingressar no rádio, o que se deu em 1957. Era a ZYX 4, Rádio Cultura de Campo Grande, então confiada a Eduardo dos Santos Pereira, e incorporada à cadeia da Rádio Bandeirantes, de São Paulo. Estava consumado o casamento artístico. O outro dar-se-ia logo depois.

De Campo Grande para a Rádio Bandeirantes, de São Paulo, foi um pulo. O resto seguiu a seqüência lógica. Contratada pela etiqueta CALIFÓRNIA a dupla gravou vários discos de 78 rpm. A grande aceitação dessas gravações forçou o lançamento deste LP, onde, por sinal, a maioria das músicas pertence aos dois, revelando outra faceta de seu inquestionável valor artístico. Aliás, vocês nos darão razão, a seguir, ouvindo o microsulco, cujas letras vão transcritas, em seguida, na ordem das respectivas faixas.

Os acompanhamentos, na maioria, são feitos pela própria dupla, que por sinal, ponteiavam muito bem o violão, e ao acordeon, temos o fabuloso CAÇULINHA.

Direção Artística de MÁRIO VIEIRA'

#### **LADO A**

- 1 – Malvada – Rasqueado
- 2 – Não Me Pergunte Nada – Canção rancheira (Mário Vieira)
- 3 – Querendo Você – Rasqueado (Délio, Delinha e Biguá)
- 4 – Eu e o Sabiá – Valsa
- 5 – Carta Sem Destino – Rasqueado
- 6 – Triste Verdade – Arrasta-pé

#### **LADO B**

- 1 – Prenda Querida – Rasqueado
- 2 – Já Fui Boêmio – Toada
- 3 – Coração Sertanejo – Rasqueado
- 4 – Verbo Amar – Rasqueado
- 5 – Transmissor da Saudade – Balanceado (Délio, Delinha e Biguá)
- 6 – Receita de Amor – Rasqueado

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **O Casal de Onça de Mato Grosso**  
 Ano: **1963**  
 Gravadora: **Califórnia**  
 Produção e direção: **Mário Vieira**  
 Participação: **Guaraty**  
 Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

### **LADO A**

- 1 – Ingrata – Rasqueado
- 2 – De Mato Grosso a São Paulo – Xotis
- 3 – Goianinha – Rasqueado
- 4 – No Silêncio da Noite – Arrasta-pé
- 5 – Cuiabana – Rasqueado
- 6 – Festa Natalícia – Valsa

### **LADO B**

- 1 – O Que Foi Com a Rosa – Rasqueado
  - 2 – Na Sombra do Juazeiro – Cana Verde
  - 3 – Coração Que Sofre – Rasqueado
  - 4 – Eu e O Luar – Canção Rancheira
  - 5 – Amor Inesquecível – Rasqueado
  - 6 – Mundo de Ilusão – Maxixe Mato-grossense
- \* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **As Jóias Musicais de Mato Grosso**  
 Ano: **1964**  
 Gravadora: **Califórnia**  
 Produção e direção: **Mário Vieira**  
 Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

### **LADO A**

- 1 – Regresso – Rasqueado
- 2 – O Remédio É Chorar – Rasqueado
- 3 – Garota Linda – Xote

- 4 – Paixão Soberana – Rasqueado
- 5 – Alvorada de Coxim – Chamamé
- 6 – Dizer de Caboclo – Mazurca

#### **LADO B**

- 1 – Um Pouquinho Só – Rasqueado
- 2 – Vai Chorando Coração – Rasqueado
- 3 – Sonhos do Passado – Canção Rancheira
- 4 – Conselho Amigo – Rasqueado
- 5 – Tu És Culpada – Rasqueado
- 6 – Quero Te Amar – Arrasta-pé

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Sorte, Amor e Canção**

Ano: **1964**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Sorte, Amor e Canção – Rasqueado
- 2 – Moreninha Bela – Rasqueado
- 3 – Quem Sofre Sou Eu – Canção Rancheira
- 4 – Vem Chorar nos Braços Meus – Rasqueado
- 5 – Meu Romance – Rasqueado
- 6 – Apaixonado – Valsa

#### **LADO B**

- 1 – Maracajú – Rasqueado
- 2 – Morena Fingida – Rasqueado
- 3 – Figueira Velha – Maxixe Mato-grossense
- 4 – Falsidade – Rasqueado
- 5 – Violão Mensageiro – Rasqueado
- 6 – Tradição de Minha Terra – Xote

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Quebrando o Galho**

Ano: **1965**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### LADO A

- 1 – Quando Fiquei Sozinho – Rasqueado
- 2 – Nunca Mais – Arrasta-pé
- 3 – Homenagem às Crianças – Rasqueado
- 4 – Devolva-me – Bolero
- 5 – Boemia – Rasqueado
- 6 – Quero Seus Beijos – Rasqueado

#### LADO B

- 1 – Teu Lencinho – Chamamé
- 2 – Quebrando o Galho – Xote
- 3 – Um Olhar – Guarânia
- 4 – Esperança Perdida – Maxixe Mato-grossense
- 5 – Desiludido – Rasqueado
- 6 – Flor de Mato Grosso – Valsa

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Pinga com Limão**

Ano: **1966**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### LADO A

- 1 – Prazer de Fazendeiro – Rasqueado
- 2 – Abismo do Desejo – Guarânia
- 3 – Chora Chora Violão – Rasqueado

- 4 – Pinga com Limão – Maxixe Mato-grossense
- 5 – Estrela do Lar – Rasqueado Campesino
- 6 – Se Aquela Roseira Falasse – Valseado

#### **LADO B**

- 1 – Diário Amargurado – Rasqueado
- 2 – Voltei – Arrasta-pé
- 3 – Despedindo de Solteiro – Rasqueado
- 4 – Só Tu e Eu – Maxixe Mato-grossense
- 5 – Último Desejo – Rasqueado
- 6 – Três Corações – Maxixe Mato-grossense

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Recordação**

Ano: **1967**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha /Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Rasguei Seu Retrato – Rasqueado
- 2 – Recordação – Rasqueado
- 3 – Não Vá Embora – Arrasta-pé
- 4 – Caidinho Por Você – Rasqueado
- 5 – Quanta Saudade – Xote
- 6 – Fazenda dos Dois Amores – Rasqueado

#### **LADO B**

- 1 – Gangorra – Rasqueado
- 2 – Quanto Amei – Rasqueado
- 3 – Eu Amo Só Você – Samba Toada
- 4 – Coquetel nº 2 – Rasqueado
- 5 – Amor Tem Que Ser de Dois – Maxixe Mato-grossense
- 6 – Cidade Jardim e Guia Lopes da Laguna – Rasqueado

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Gosto Tanto De Você**

Ano: **1968**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Zé Corrêa**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Sou Bela-vistense – Chamamé
- 2 – Criador de Gado Bom – Rasqueado
- 3 – Foi na Hora da Partida – Chamamé
- 4 – Seresta – Valsa
- 5 – Gosto Tanto de Você – Rasqueado
- 6 – Jogando Truco – Xote

#### **LADO B**

- 1 – Juntinhos Nós Dois – Rasqueado
- 2 – Veja o Que a Inveja Faz – Rasqueado
- 3 – Saudade Vai, Saudade Vem – Rasqueado
- 4 – Foi Dançando Rumba – Rumba
- 5 – Amei – Rasqueado
- 6 – Lembrança de Boiadeiro – Toada

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Defendendo O Que É Nosso**

Ano: **1968**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Desventura – Rasqueado
- 2 – Uma Lembrança – Chamamé



- 3 – Canta Comigo – Rasqueado
- 4 – Encontro do Geléia, o Filipino e o Felipão – Xote
- 5 – Rio Verde de Mato Grosso – Rasqueado
- 6 – Defendendo o Que é Nosso – Arrasta-pé

#### **LADO B**

- 1 – Porque Será – Rasqueado
- 2 – Carinito Mio (Amorzinho Meu) – Chamamé
- 3 – Coisinha Querida – Rasqueado
- 4 – O Samba Não Morreu – Samba
- 5 – Quem Fala de Mim, Tem Paixão – Rasqueado
- 6 – Pescador Divertido – Maxixe Mato-grossense

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Cuidado Meu Bem**

Ano: **1969**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Extrato do Passado – Rasqueado
- 2 – Tus Ojos (Teus Olhos) – Guarânia
- 3 – Cuidado Meu Bem – Rasqueado
- 4 – Solteirona – Xote
- 5 – Antigo Aposento – Rasqueado
- 6 – Se Alguém Perguntar – Bolero

#### **LADO B**

- 1 – Suplicar, Só a Deus – Rasqueado
- 2 – Desilusão e Ciúmes – Guarânia
- 3 – Meu Samba – Samba
- 4 – Prenúncio da Paixão – Rasqueado
- 5 – Exaltação a Cuiabá – Marcha Rancho
- 6 – Já Cansei de Penar – C. Rancheira

**\* Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **Não Vá Embora**  
 (Compacto duplo)  
 Ano: **1969**  
 Gravadora: **Califórnia**  
 Produção e direção: **Mário Vieira**  
 Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Cuidado Meu Bem
- 2 – Não Vá Embora

#### **LADO B**

- 1 – Amei
- 2 – Quanta Saudade

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **Na Chantecler**  
 Ano: **1970**  
 Gravadora: **Chantecler**  
 Produção e direção: **Equipe Mutirão**  
 Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – É Sempre Assim, Meu Bem – Rasqueado
- 2 – Triste Verdade – Arrasta-pé
- 3 – Perdoa, Meu Amor – Guarânia
- 4 – Vivo Sofrendo – Rasqueado (Paizinho)
- 5 – Ficar Sem Amor Eu Não Fico – Xotis
- 6 – Mensagens de Amor – Guarânia

## LADO B

- 1 – Cidade de Rio Brilhante – Rasqueado
- 2 – Chora, Coração Sentido – Rasqueado
- 3 – Vingança Amorosa – Rasqueado
- 4 – Não Quero Saber de Nada – Maxixe
- 5 – Chorei de Dor – Rasqueado
- 6 – Ninguém Vive de Saudade – Maxixe

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**

---



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **A Dupla Coração de Mato Grosso**

Ano: **1971**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

## LADO A

- 1 – Morena dos Cabelos Anelados – Rasqueado
- 2 – Foi Pensando em Você – Guarânia
- 3 – Kilômetro 11 – Chamamé
- 4 – Cidade Nova Andradina – Maxixe Mato-grossense
- 5 – Não Fugas de Mim – Rasqueado
- 6 – Dançando o Xote – Xote

## LADO B

- 1 – Última Canção – Rasqueado
- 2 – Perdoa Meu Amor – Guarânia
- 3 – Sou Motorista – Rasqueado
- 4 – Louvor a São João – Arrasta-pé
- 5 – Chora, Chora Meu Bem – Rasqueado
- 6 – Caçando Nos Pantanais – Moda de Viola

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **Pedacinho de Saudade**  
 Ano: **1972**  
 Gravadora: **Califórnia**  
 Produção e direção: **Mário Vieira**  
 Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### LADO A

- 1 – Peito Magoado – Rasqueado
- 2 – Meu Cigarro – Guarânia
- 3 – Malvado Satélite – Rasqueado
- 4 – Contraste – Valsa
- 5 – Felicidade – Rasqueado
- 6 – Imitando o Berrante – Xote

#### LADO B

- 1 – Se Voltasse o Passado – Rasqueado
- 2 – Pedacinho de Saudade – Arrasta-pé
- 3 – Cidade de Bonito – Rasqueado
- 4 – Sublime Esperança – Canção Rancheira
- 5 – Relembrando Mato Grosso – Rasqueado
- 6 – Despedida – Tango

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**  
 Disco: **Cidades Irmãs**  
 Ano: **1974**  
 Gravadora: **Califórnia**  
 Produção e direção: **Mário Vieira**  
 Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### LADO A

- 1 – Vem Meu Bem – Rasqueado
- 2 – Último Adeus – Valseado (José Fortuna e Fernandes)
- 3 – Lucila – Rasqueado (Nhô Pai)

- 4 – Saudade do Matão – Valsa (Jorge Galati e Raul Torres)
- 5 – Chora Coração Sentido – Rasqueado
- 6 – Pantaneiro Apaixonado – Xote

#### **LADO B**

- 1 – Cidades Irmãs – Rasqueado
- 2 – Adeus Rio Grande – Xote (Anacleto Rosas Jr. e Arlindo Pinto)
- 3 – Vou Na Onda – Rasqueado
- 4 – Garota – Arrasta-pé
- 5 – É Sempre Assim – Rasqueado
- 6 – Pensei Em Fazer Um Samba – Maxixe

\* **Músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Coquetel de Sucessos**

Ano: **1974**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Coquetel de Sucessos – Rasqueado
- 2 – Triste Adeus – Arrasta-pé
- 3 – Saudade de Aquidauana – Rasqueado
- 4 – Um Seresteiro – Maxixe Mato-grossense
- 5 – Vem Chorando Mas Vem – Rasqueado
- 6 – Lamento – Tango

#### **LADO B**

- 1 – Vamos Pra Goiás – Rasqueado
- 2 – Não Me Deixes Não – Bolero
- 3 – O Amor é Sombra – Rasqueado
- 4 – A Chuva Caindo – Valsa
- 5 – Menina Orgulhosa – Rasqueado
- 6 – Festa na Fazenda – Xotis

\* **Todas as músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Sorria Meu Amor**

Ano: **1976**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Teu Lencinho – Chamamé (Salvador Miqueri e Avelino Flores – versão Délio & Delinha)
- 2 – Morrendo de Amor – Guarânia
- 3 – Somos Dois Sofrendo Igual – Rasqueado
- 4 – Quem Não Sofre Por Amor – Arrasta-pé
- 5 – Última Despedida – Samba Campeiro
- 6 – Sorria Meu Amor – Samba Canção

#### **LADO B**

- 1 – Torcida Operariana – Marcha
- 2 – Agradecendo a Deus – Rasqueado
- 3 – Meu Pranto – Canção Rancheira
- 4 – Não Tenho Culpa – Rasqueado (Délio, Delinha e Mauricio C. Ocampo)
- 5 – Arlindo Olegário – Rasqueado
- 6 – Vou Tomar um Pingão – Rasqueado (Léo Canhoto)

\* **Músicas de Délio & Delinha.**



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **O Sol e a Lua**

Ano: **1981**

Gravadora: **Centaurus Gravações**

Produção: **Lauçídio P. de Souza**

Direção: **Délio**

Participação: **Maciel Corrêa**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura



### **LADO A**

- 1 – O Sol e A Lua – Rasqueado (Delinha)
- 2 – Saudade Vai, Saudade Vem – Rasqueado (Délío & Delinha)
- 3 – Passarinho Vigilante – Rasqueado (Délío)
- 4 – Eu Sou Roceiro – Rasqueado (Délío)
- 5 – Contemplando a Natureza – Chamamé (Délío e Maciel Corrêa)
- 6 – Antigo Aposento – Rasqueado (Délío & Delinha)

### **LADO B**

- 1 – Cantando Para Não Chorar – Guarânia (Délío)
- 2 – De Mato Grosso a São Paulo – Xotis (Délío & Delinha)
- 3 – Não Chore – Guarânia (Délío)
- 4 – Somos Dois Sofrendo Igual – Rasqueado (Délío & Delinha)
- 5 – Filosofia – Guarânia (Délío)
- 6 – Josias Pinheiros – Rasqueado (Délío)



Artista: **DÉLIO & DELINHA**

Disco: **Modas Sertanejas**

Ano: **1995**

Gravadora: **SAUÁ**

Produção e direção: **Paulo Simões**

Acervo: Delinha / Gramophony / Kenzo /  
Moura

### **LADO A**

- 1 – Malvada – Rasqueado
- 2 – Querendo Você – Rasqueado (Délío, Delinha e Biguá)
- 3 – Carta Sem Destino – Rasqueado
- 4 – Prenda Querida – Rasqueado
- 5 – Já Fui Boêmio – Toada
- 6 – Coração Sertanejo – Rasqueado
- 7 – Transmissor da Saudade – Balanceado (Délío, Delinha e Biguá)
- 8 – Sorte, Amor e Canção – Rasqueado

**LADO B**

- 1 – Maracajú – Rasqueado
- 2 – Morena Fingida – Rasqueado
- 3 – Tradição da Minha Terra – Xote
- 4 – Louvor a São João – Arrasta-pé
- 5 – Sou Motorista – Rasqueado
- 6 – Prazer de Fazendeiro – Rasqueado
- 7 – Chora, Chora Violão – Rasqueado
- 8 – Pinga com Limão – Maxixe

\* **Músicas de Délio & Delinha.**

## ZÉ CORRÊA

Nome artístico: **ZÉ CORRÊA**

Nome: **Valfridez Corrêa Braz**

Nascimento: **28 de outubro de 1945**

Local: **Fazenda Torquato (Nioaque/MS)**

Falecimento: **09 de abril de 1974 (Campo Grande/MS)**

Discos: **7 discos solos / 1 compacto / 10 discos com outros artistas**



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Acordeonista Orgulho de Mato Grosso**

Ano: **1968**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Kenzo / Moura

### Contracapa

‘Mato Grosso tem sido um dos estados do Brasil onde a gravadora Califórnia tem conseguido maior penetração, dado ao padrão de gravações que tem lançado.

Este lançamento, temos a certeza, será outro sucesso absoluto, pois o jovem acordeonista é um artista perfeito, executa com muito gosto

e segurança, usando as duas mãos ao mesmo tempo, dando as vezes impressão de dois acordeões interpretando juntos.

A direção artística da gravadora não vacilou e tratou logo de lançar o moço, cuja apresentação foi feita por Délio & Delinha, aos quais Mário Vieira muito agradece, pois acha que o rapaz é bom mesmo!’

## **ZACARIAS MOURÃO**

### **LADO A**

- 1 – Triste Serenata – Chamamé
- 2 – Che Paraguai – Polca Paraguaia
- 3 – Triste Suspiro – Chamamé
- 4 – Homenagem a Pedro Gomes – Chamamé estilizado
- 5 – Campanário – Chamamé
- 6 – Oroitê – Chamamé

### **LADO B**

- 1 – Orgulho de Mato Grosso (Nécio e Ocasional) – Chamamé
- 2 – Colorado Retá – Polca Paraguaia
- 3 – Poi Guerey (Só no Fininho) - Chamamé
- 4 – Margarita Belém – Chamamé
- 5 – Don Gumercindo – Chamamé
- 6 – Bela Vista – Chamamé



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Ídolo de Mato Grosso**

Ano: **1969**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Amambay & Amambaí**

Acervo: Kenzo / Moura

### **Contracapa**

‘Embora sendo ‘disk-jockey’ e animador de Programas de Juventude, sou também um grande admirador e defensor da nossa boa música regional.

Quero nesta oportunidade parabenizar este nosso grande amigo ZÉ CORRÊA pelo seu belíssimo lançamento para a Califórnia.

Conheço ZÉ CORRÊA desde o início de sua brilhante carreira, atra-

vés da Rádio Educação Rural de Campo Grande.

Acompanhei durante todos estes anos seu trabalho, sua vontade de vencer, sua versatilidade e sua ascensão artística.

Portanto ZÉ CORRÊA é um artista que dispensa apresentações, mostra-nos em seu segundo álbum, a prova incontestada de sua popularidade e embalagem musical.

ZÉ CORRÊA, para nós, disk-jockeys do interior, é como alguns valores que vão, vêm e vencem!

Hoje é possuidor de uma grande legião de fãs em todo o Brasil, principalmente em Mato Grosso.

Prova disso foi seu primeiro LP que conseguiu um verdadeiro recorde em vendagem.

De parabéns a Gravadora Califórnia por mais este fabuloso lançamento do ZÉ CORRÊA. As músicas foram bem escolhidas, os arranjos e acompanhamentos são espetaculares e a interpretação maravilhosa; tenho certeza de que todos gostarão.

E agora chega de conversa, disco na eletrola e vamos ouvir o...

‘Nosso Ídolo’ ZÉ CORRÊA’.

## **JOÃO BOSCO DE MEDEIROS**

**(Rádio Educação Rural)**

### **LADO A**

- 1 – A Colônia (La Colonia) – Chamamé
- 2 – Cantar da Angola – Chamamé
- 3 – Rainha da Fronteira – Polca Paraguaia
- 4 – Passo Formoso – Chamamé
- 5 – Assim é Minha Terra (Así és mi terra) – Chamamé
- 6 – A Mato-grossense – Chamamé

### **LADO B**

- 1 – O Jacaré (El Yacaré) – Chamamé
- 2 – Don Tranqui – Chamamé
- 3 – Laxinxá – Polca Paraguaia
- 4 – Chamamé Carinhoso – Chamamé
- 5 – Sidrolândia, Pérola do Planalto
- 6 – Gumercindo Barbosa – Chamamé



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Rei do Chamamé**

Ano: **1969**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Duo Irmãos Gonzalez**

Acervo: Kenzo / Moura

### **Contracapa**

‘Em todo o Estado de Mato Grosso, o público já consagrou este jovem acordeonista como o melhor intérprete no gênero fronteiriço e, por essa razão, ZÉ CORRÊA, que é ídolo de Mato Grosso, é considerado ainda o “Rei do Chamamé”, isto pelo seu modo especial de interpretar as melodias apreciadas pelos mato-grossenses.

Neste terceiro long-play que a Califórnia lança com este fabuloso artista, quero destacar também a participação do Duo Irmãos Gonzalez, dois jovens paraguaios que interpretam cinco faixas neste microsulco, cujas vozes afinadas e bem casadas valorizam ainda mais este lançamento, que por certo será um novo sucesso!’

### **JUCA GANSO**

**(Rádio Educação Rural de Campo Grande-MT)**

#### **LADO A**

- 1 – Don Artur – Chamamé (Zé Corrêa)
- 2 – Amor Supremo – Chamamé (Salvador Miquiri)
- 3 – Don Ramon – Chamamé (Benito Marin)
- 4 – Ai Chiquita – Chamamé (M.P.)
- 5 – Valsa do Nosso Casamento – Valsa (Zé Corrêa)
- 6 – Rio Brilhante – Chamamé (Zé Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – El Sapo – Chamamé (A. Flores)
- 2 – Soledá – Chamamé (P. Almiron e G. Cataldo)
- 3 – Maracajú – Chamamé (Zé Corrêa)
- 4 – Puerto Abandonado – Chamamé (Oropeza)
- 5 – O Ginete – Chamamé (Zé Corrêa)
- 6 – Linda Morena – Polca Paraguaia (Irmãos Gonzalez)



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Inimitável**

Ano: **1970**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Los Melódicos (Jandira e Benites)**

Acervo: Kenzo / Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – A Chorona (La Llorona) – (m. p. Arr. de Zé Corrêa)
- 2 – Um Fandango em Corumbá (Zé Corrêa)
- 3 – Mensaje de Amor (Mauro Costa Lima e Jandira R. Pereira)
- 4 – Quilômetro 11 (T. Cocomarola)
- 5 – Celina (T. Cocomarola)
- 6 – Jamás Te Podré Olvidar (d.r.)

#### **LADO B**

- 1 – Alavanca (Zé Corrêa)
- 2 – Mi Ranchito (Pedro P. Henrique e Heráclio Perez)
- 3 – Mensu (d.r.)
- 4 – O Triste (El Canguy) - (T. Cocomarola)
- 5 – El Rancho Aquel (d.r.)
- 6 – Guia Lopes da Laguna (Zé Corrêa)



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Rei do Chamamé – A Mi Bien Amada**

Ano: **1970**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Duo Irmãos Gonzalez**

Acervo: Delinha / Moura / Kenzo

#### **LADO A**

- 1 – A Picada (La Picada) – Chamamé (T. Cocomarola)
- 2 – A Ratoeira (La Ratona) – Chamamé (E. Montiel)
- 3 – O Tatu – Chamamé (Zé Corrêa)



- 4 – Rancho Litoreño – Chamamé Corrido (Zé Corrêa)
- 5 – As Três Marias (Las Três Marias) – Chamamé (T. Cocomarola)
- 6 – Quilômetro 4 – Chamamé (Zé Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – Na Minha Terra é Assim – Chamamé (Zé Corrêa)
  - 2 – Pensando em Ti – Churrasqueado (Zé Corrêa)
  - 3 – O Lobão – Chamamé (Zé Corrêa)
  - 4 – Pagode Na Fazenda – Xote (Ingezeiro e Lourival dos Santos)
  - 5 – A Mim Bien Amada (À Minha Bem Amada) – Chamamé (T. Cocomarola)
  - 6 – Teus Olhos – Valsa (Motivo popular / arr. de Zé Corrêa)
- 



Artista: **ZÉ CORRÊA**  
Disco: **O Preço da Glória**  
Ano: **1971**  
Gravadora: **Califórnia**  
Produção e direção: **Mário Vieira**  
Acervo: Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Minha Linda Paraguaia – Chamamé (D.R.)
- 2 – Gosto Tanto de Você – Polca Canção (Mauricio C. Ocampo)
- 3 – Don Marcelo – Chamamé (Silvério Vila Nueva)
- 4 – O Amanhecer – Chamamé (Zé Corrêa)
- 5 – Uma Rosa Para Você – Guarânia (Julião, Lino e Zé Corrêa)
- 6 – Correntinita – Rasqueado Doble (Ermanos Cena)

#### **LADO B**

- 1 – Ponta Porã – Rasqueado (D.R.)
- 2 – O Candieiro – Chamamé (Zé Corrêa)
- 3 – Flor de Guavira – Chamamé (Mauricio C. Ocampo)
- 4 – Minha Gratidão – Chamamé (Zé Corrêa)
- 5 – Campina Verde – Polca Canção (Julião e Zé Corrêa)
- 6 – O Preço da Glória – Chamamé (Tião Carreiro, José Russo e Lourival dos Santos)



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **O Campessino Zé Corrêa**

Ano: **1972**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Trio Harmonia**

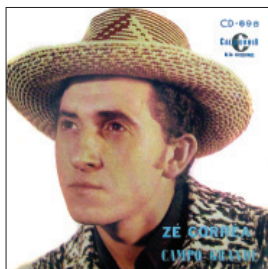
Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

### **LADO A**

- 1 – O Campessino (Zé Corrêa)
- 2 – A Mi Negrita (Antônio Aguilar)
- 3 – O Canguru (Zé Corrêa)
- 4 – El Niño Portonêro (Luizinho – Teddy Vieira) (Arranjo Zé Corrêa)
- 5 – Laurinha (Zé Corrêa)
- 6 – Viejo Naranjal (Hermanos Barlos)

### **LADO B**

- 1 – Nioaque Terra de Amor (Zé Corrêa)
- 2 – Araca-cico Chê Suerte Mita (A. Saldivar)
- 3 – Homenagem a Bandeirantes (Zé Corrêa)
- 4 – Rio Rebelde (D.R.)
- 5 – Saudades dos Pagos (Zé Corrêa – Zino Prado)
- 6 – Mi Raros Antojos (Hermanos Sena)



Artista: **ZÉ CORRÊA**

Disco: **Campo Grande (Compacto duplo)**

Ano: **S/D**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Moura

### **LADO A**

- 1 – Campo Grande – Chamamé (Zé Corrêa/Barbosires)
- 2 – Nossa Casinha – Chamamé (DR)

## LADO B

1 – Rio de Lágrimas – Rasqueado (Lourival dos Santos, Piraci e Tião Carreiro)

2 – Camba Cuá – Chamamé - (T. Cocomarola)

# AMAMBAY & AMAMBAÍ

Nome artístico: **AMAMBAY**

Nome: **Ermídio Umar**

Nascimento: **22 de março de 1940**

Local: **Bela Vista (MS)**

Discos: **1 LP 78 rotações / 15 LPs**

Nome artístico: **AMAMBAÍ**

Nome: **Cecílio da Silva**

Nascimento: **22 de novembro de 1937**

Local: **Bela Vista (MS)**

Discos: **1 LP 78 rotações / 15 LPs**



Artista: **AMAMBAY, AMAMBAÍ & ZÉ CORRÊA**

Disco: **Os Mensageiros de Mato Grosso**

Ano: **1969**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Amambaí / Moura

## Contracapa

‘Mato Grosso, Estado querido que inspira a todos os compositores, que não se cansam de homenageá-lo.

É com muito orgulho que, eu também como integrante dessa classe, sempre que posso escrevo alguma coisa para o Estado do meu coração. Da mesma forma que orgulhosamente apresento estes moços que formam o maravilhoso trio, Amambai, Amambaí e Zé Corrêa, fiéis intérpretes da nossa música, que já receberam os mais sinceros aplausos do público mato-grossense, e através deste disco será apresentado para todo o Brasil, a fim de que o

público discófilo possa tê-lo em sua discoteca e deliciar-se com as vozes harmoniosas desse fabuloso conjunto!'

### **ZACARIAS MOURÃO**

#### **LADO A**

- 1 – Voltarei Meu Pé de Cedro – Polca Paraguaia (Zacarias Mourão)
- 2 – Minha Desventura – Rasqueado (Chiquitin)
- 3 – Meu Ranchinho – Chamamé (Pedro p. Henriques e Heráclio Perez)
- 4 – Minha Terra Querida – Rasqueado (Amambai e Amambai)
- 5 – Amor Impossível – Chamamé (A. Flores / versão: Zé Corrêa e Nilda Nogueira)
- 6 – Oroitê – Chamamé (Samuel Aguayo / versão: Paulo Moralles e Amambai)

#### **LADO B**

- 1 – Amor de Uma Festa – Chamamé (Zé Corrêa)
- 2 – Querida – Rasqueado (Tuta e Leonel)
- 3 – Triste Passado – Polca Paraguaia (Amambai e Amambai)
- 4 – Saudade de Mato Grosso – Rasqueado (A. Miranda, Amambai e Amambai)
- 5 – Nossa União – Rasqueado – (Amambai)
- 6 – A Mato-grossense – Chamamé – (Zacarias Mourão e Flor da Serra)



Artista: **AMAMBAI & AMAMBAÍ**

Disco: **Segredo de Amor**

Ano: **1971**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Participação: **Delcides Alves Gondin Júnior**

Acervo: Amambaí / Moura

### **Contracapa**

‘É das fronteiras que a música se expande, dando evasão aos sentimentos dos mais inspirados poetas e compositores.

E foi com uma bagagem musical dessa natureza que AMAMBAI & AMAMBAÍ, logo em seu primeiro Long-Playing, conseguiram atingir o grande público, simpatizante da música regional fronteiriça e brasileira.

Em vista de tão singelo sucesso, a gravadora CALIFÓRNIA não mediu esforços para confeccionar este microsulco dentro da mais esmerada qualidade técnica e artística, na certeza de que o sucesso voltaria a acontecer ainda mais forte do que antes.

Agora, só nos resta colocar este disco em qualquer fonógrafo e passar a palavra a AMAMBAI & AMAMBAÍ’.

**Direção Artística: Mário Vieira**

### **LADO A**

- 1 – Adeus Passado – Polca Paraguaia (Nhô Vitor, Zé Ribas e Amambai e Amambaí)
- 2 – Felicidade Mamãe – Polca Paraguaia (Santo Lima – versão de Amambaí)
- 3 – Namorados Felizes – Rasqueado (Amambai)
- 4 – Coisinha Fofa – Ritmo Jovem (Carlos Gil)
- 5 – Florcita Tropical – Polca Paraguaia (Delcides Alves Gondin Júnior)
- 6 – Aparelho Bidú – Polca Paraguaia (Amambai)

### **LADO B**

- 1 – Segredo de Amor – Polca Paraguaia (Celina Vieira Guimarães e Amambaí)
- 2 – Briga de Amor – Polca Paraguaia (Amambai)
- 3 – Meu Sonho – Polca Paraguaia (Celina Vieira Guimarães e Amambaí)
- 4 – Não Direi Adeus (Partirei Chorando) – Bolero (Zacarias Mourão)
- 5 – Saudade da Minha Terra – Rasqueado (Goiá e Belmonte)
- 6 – Amor de Pobre – Polca Paraguaia (Aurélio Miranda)



Artista: **AMAMBAI E AMAMBAÍ**

Disco: **Meu Ranchinho**

Ano: **1973**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Amambai

#### **LADO A**

- 1 – Porque Mentiste – Chamamé (M.P. / versão de Zé Corrêa)
- 2 – Ditado Certo – Moda Campeira (Walter Amaral e Abel Ferraz)
- 3 – Coxim da Minha Infância – Polca Paraguaia (Nailo Soares Vilela e Amambai)
- 4 – Rei dos Reis – Toada Ligeira (Nailo Soares Vilela e Florito)
- 5 – Meu Ranchinho – Chamamé (Florito e El Reicito)
- 6 – Menina Linda – Ritmo Jovem (Amambai e Florito)

#### **LADO B**

- 1 – Amor Profundo – Chamamé (Omil Lopes da Silva e Florito)
- 2 – Amor e Renúncia – Polca Paraguaia (Adail e Tesouro)
- 3 – A Chave do Apartamento – Corrido (Florito)
- 4 – Rei do Gado – Chamamé (Amambai)
- 5 – O Jaú – Toada Ligeira (Wilson de Souza Reis e Florito)
- 6 – Estudante, Nossa Esperança – Rasqueado (Florito e Omil Lopes da Silva)



Artista: **AMAMBAI, AMAMBAÍ E DINO ROCHA**

Disco: **Voltei Amor**

Ano: **1973**

Gravadora: **Tapekar Gravações**

Produção e direção: **M. D. Madonado**

Acervo: Amambai / Moura / Kenzo

#### **LADO A**

- 1 – A Mato-grossense – Chamamé (Zacarias Mourão)
- 2 – Arroyo San Juan – Chamamé (Crescencio Lescano)
- 3 – Não Viverei Sem Ti – Polca (Papi Mesa, Zacarias Mourão e H. Correia)



- 4 – Gaivota Pantaneira – Chamamé (Dino Rocha)
- 5 – Querer Impossible – Chamamé (Dino Rocha)
- 6 – Meu Passado – Chamamé (Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Colorado – Polca (Dino Rocha)
- 2 – Último Romance – Polca (Dino Rocha)
- 3 – La Dichosa – Chamamé (Papi Mesa)
- 4 – Aunque No Te Encontre – Chamamé (Dino Rocha)
- 5 – Siete Palmas – Chamamé (Victor Gimenez)
- 6 – Voltei Amor – (Zacarias Mourão e Coco Marola)



Artista: **AMAMBAI E MBAKARAI**  
 Disco: **Os Mensageiros da Fronteira**

Ano: **1975**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção e direção: **Daniel Franco**

Acervo: Delinha / Moura / Kenzo

#### **LADO A**

- 1 – Retorne Amor – Polca Canção (Jorge de Oliveira e Alípio Brito)
- 2 – Falso Juramento – Polca (Motivo Popular – arr. Alberto Franco)
- 3 – Minha Triste Solidão – Chamamé (Tili Gomes)
- 4 – Nobre Lembrança – Polca (Praense e J. Brasil)
- 5 – A Sombra do Ipê – Moda Campeira (J. Brasil)
- 6 – Noites Campo-grandenses – Polca (Getúlio Garai Paredes)

#### **LADO B**

- 1 – Guanita – Polca – (Getúlio Garai Paredes e Alípio Britez)
- 2 – Perambulando – Polca Canção (Aral Cardoso)
- 3 – A Minha Mãe Adorada – Polca (Getúlio Garai Paredes)
- 4 – Primeira Flor – Chamamé (Zé Corrêa)
- 5 – Saudades do Pantanal – Polca (Amambai)
- 6 – Mujer Paraguaya – Polca (D.R.)



Artista: **AMAMBAI E AMAMBAÍ**

Disco: **Os Carreteiros do Brasil**

Ano: **1977**

Gravadora: **Continental**

Acervo: Amambaí / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Vila Guilhermina (Molina e Visconti Vallejo)
- 2 – Gaivota Pantaneira (Dino Rocha, Wilmar Pedroso e Amambai)
- 3 – Recanto Feliz (Amambai e Amambaí)
- 4 – O Botiqueiro (Amambai e Amambaí)
- 5 – Linda Mulher (Amambai e Amambaí)
- 6 – Solitário (Amambai e Amambaí)

#### **LADO B**

- 1 – Cantando com Mi Guitarra (Domingues Guerra e Emiliano Cardozo)
- 2 – Amor Profundo (Omil Lopes da Silva, Amambai e Amambaí)
- 3 – Passarinho (Amambai e Amambaí)
- 4 – Não Tem Problema (Amambai e Amambaí)
- 5 – Terra em Que Nasci (Amambai e Amambaí)
- 6 – Fim do Amor (O Pa Ñemo Chichi) – (Victoriano R. Vallejos e Silvinosauce-do / versão: Amambai e Amambaí)



Artista: **AMAMBAI E AMAMBAÍ**

Disco: **Os Mestiços**

Participação: **Dino Rocha**

Ano: **1979**

Gravadora: **Chantecler**

Produção e direção: **Dino Franco**

Acervo: Amambaí

#### **LADO A**

- 1 – Mariazinha – Polca (Amambai e Dino Rocha)
- 2 – Idéia Tola – Guarânia (Edvino Norberto dos Santos)

- 3 – Vinte Anos de Silêncio – Chamamé (Goiá e Zacarias Mourão)
- 4 – Erros da Vida – Canção Rancheira (Amambai)
- 5 – Perdido de Amor – Bolero (Amambai)
- 6 – Amor Proibido – Polca (Amambai e Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Filho de Mato Grosso – Polca (Anísio e Amambai)
- 2 – Poluição – Toada (Goiá e Zacarias Mourão)
- 3 – Triste Solidão – Polca (Amambai)
- 4 – Tudo se Acaba – Rancheira (Amambai)
- 5 – Meu Dia Feliz – Huapango (Amambai)
- 6 – O Segredo do Mais Puro Amor – Polca (Amambai)



Artista: **ADO, AMAMBAI E DINO ROCHA**

Disco: **Os Filhos da Terra**

Ano: **1982**

Gravadora: **Discos e Fitas Xaraés Ltda**

Produção e direção: **Alex R. Queiroz**

Projeto Gráfico: **Ramão Severo**

Acervo: Maciel Corrêa

#### **LADO A**

- 1 – Sonho Predileto – Polca (Zacarias Mourão e Ado)
- 2 – La Dichoza – Polca Paraguaia (Papi Meza)
- 3 – Sem Compromisso – Canção Rancheira (Ado e Praense)
- 4 – Retrato no Lugar – Polca (Zacarias Mourão)
- 5 – Estância Nova – Chamamé (Dino Rocha e Jairo Barbosa)
- 6 – Sementinha – Chamamé (Dino Franco)

#### **LADO B**

- 1 – Pé de Bode Envenenada – Chamamé (Dino Rocha)
- 2 – Filho do Perdão – Canção Rancheira (Idami e Amambai)
- 3 – Beijão – Chamamé (Ado e José Lourenço)
- 4 – Caray Piano – Chamamé (Dino Rocha)
- 5 – Restos de Amor – Chamamé (Praense e Pião Carreiro)
- 6 – Meu Ranchinho – Chamamé (Zé Corrêa e Amambai)



Artista: **AMAMBAÍ E TONY MENDES**

Disco: **Filho de Mato Grosso**

Ano: **1983**

Gravadora: **Polygram**

Produção e direção: **J.C. Ferraresi**

Acervo: Amambai / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Adeus, Mulher (Tony Mendes e Antonio Borges)
- 2 – A Volta da Gaivota Pantaneira (Romeu Ribeiro e Antonio Borges)
- 3 – Dor de Uma Saudade (Tony Mendes)
- 4 – Nesta Casa Está Faltando Alguém (Rubens Avelino e Waldemar de Freitas Assunção)
- 5 – Chora Coração (Tony Mendes e Amambai)
- 6 – Quatro Estados (Zé do Rancho e José Russo)

#### **LADO B**

- 1 – Filho de Mato Grosso (Anísio Antonio Moreira e Amambai)
- 2 – Querida Mulher (Amambai)
- 3 – A Mulher dos Sonhos Meus (Pedro dos Reis e Tony Mendes)
- 4 – Filho Sem Pai (Laércio)
- 5 – Sertanejo Decidido (Amambai)
- 6 – Tropeiro Velho (Amambai)



Artista: **ADO, AMAMBAI E DINO ROCHA**

Disco: **Os Filhos da Terra - Gastando Com Elas**

Ano: **1985**

Gravadora: **Discos e Fitas Xaraés**

Produção e direção: **Alex R. Queiroz**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Passou – Polca (Zacarias Mourão)
- 2 – Caminhos de Minha Vida – Canção Rancheira (D.R.)

- 3 – Dois Travesseiros – Polca (Ado e Amambai)
- 4 – Gastando Com Elas – Batidão (Martelinho e Ado)
- 5 – Esquece Coração Esquece – Guarânia (Nelson Ned)
- 6 – Espero Ser Feliz – Rasqueado (Teixeirinha)

#### **LADO B**

- 1 – Casa Amarela – Chamamé (Praense e Alvino Lopes)
- 2 – Delícias do Amor – Canção Rancheira (Praense e Ado)
- 3 – Despeitada – Rasqueado (Ado e Praense)
- 4 – Uma Tal de Saudade – Bolero (Magda)
- 5 – Amor ao Amanhecer – Polca (Mário Guedes e Mascarenhas de Moraes)
- 6 – Tropeiro Velho – Xote (Teixeirinha)



Artista: **OS TIGRES – AMAMBAÍ  
RONDINELI E MACIEL CORRÊA**

Disco: **Beco dos Apaixonados**

Ano: **1985**

Gravadora: **Arco Íris Discos**

Produção: **Agnaldo Cardoso**

Direção: **Milton Pedro da Silva**

Acervo: Amambai / Kenzo

#### **LADO A**

- 1 – Beco dos Apaixonados – Canção Rancheira (Compadre Lima e Hercules)
- 2 – Espero Ser Feliz – Rasqueado (Teixeirinha)
- 3 – Não Adianta Chorar – Polca (Elias Nazarro dos Santos e Rondineli)
- 4 – Mulher Fantasia – Canção Rancheira (Darci Rossi e Compadre Lima)
- 5 – Na Mesma Cama – Chamamé (Armando Brás dos Santos e Amambai)
- 6 – Gavião Caseiro – Vanerão (Compadre Lima)

#### **LADO B**

- 1 – Nosso Erro – Polca Paraguuaia (Altevir e Ronil)
- 2 – Capricho de Mulher – Rasqueado (Carlos Randal e Chystian)
- 3 – Vila Guilhermina – Chamamé (A. Visconti e G. Molina / versão: Amambai e Rondineli)
- 4 – Mulher Serpente – Canção Rancheira (Dezito)
- 5 – Filho de Mato Grosso – Polca Paraguuaia (Anízio Antonio Moreira e Amambai)
- 6 – Goiana Durcelina – Rasqueado (D.R.)



Artista: **AMAMBAY E AMAMBAÍ**

Disco: **Amambay e Amambaí**

Ano: **1990**

Gravadora: **Som de Cristal**

Produção: **Pedro Souza**

Direção: **Sérgio do Carmo**

Acervo: Amambaí

#### **LADO A**

- 1 – Mais Uma Vez – Canção (Luiz Nascimento / Arranjo: Dave Maclean)
- 2 – Mulher de Hoje – Chamamé (Praense e Paulo Azarias)
- 3 – Fracasso de Amor – Guarânia (Aurélio Miranda e Amambaí)
- 4 – A Tradição Continua – Chamamé (Amambaí)
- 5 – Recanto da Natureza – Chamamé (Leonir)

#### **LADO B**

- 1 – Fogo e Gelo – Canção (Nelson Sanches e Rey Miro)
- 2 – Amor em Qualquer Lugar – Canção Rancheira (Praense e Karina)
- 3 – Rimas Sem Você – Chamamé (Tiarajú e Tostão)
- 4 – Índio Largado – Vanera (Aurélio Miranda e Amambaí)
- 5 – Estou Zangado Com Você – Chamamé (Che Pochima Nendve, Emiliano R. Fernandes e Maurício C. Ocampo - Versão: Amambai e Amambaí)



# JANDIRA & BENITES

Nome artístico: **BENITES**

Nome: **Ciriaco Benites**

Nascimento: **16 de março de 1943**

Local: **Fazenda Santa Rosa (Itaquiraí/MS)**

Discos: **7 LPs / Participação disco 'O Inimitável', de Zé Corrêa**

Nome artístico: **JANDIRA**

Nome: **Jandira Rosa Pereira**

Nascimento: **25 de março de 1935**

Local: **Aroeira (MS)**

Falecimento: **29 de outubro de 1994 (Campo Grande/MS)**

Discos: **7 LPs / Participação disco 'O Inimitável', de Zé Corrêa**



Artista: **LOS MELÓDICOS  
JANDIRA & BENITEZ**

Disco: **Carreta Campesina**

Ano: **1971**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário  
Vieira**

Acervo: Kenzo / Moura

## LADO A

- 1 – El Arriero – Polca Canção (R. Fontao Meza e F. Perez Cardozo)
- 2 – Diciendo Adiós – Chamamé (Júlio Godoy)
- 3 – La Última Letra – Polca Paraguaia (Emiliano R. Fernandez e Felix P. Cardozo)
- 4 – Dueño de Mi Amor – Chamamé (Jandira R. Pereira e Mario Costa Lima)
- 5 – Puerto Abandonado – Litoralíña (O. Orapeza)
- 6 – Pensé Que Me Querías – Chamamé (Yrinea e Mario Barrios)

**LADO B**

- 1 – Viejo Naranjal – Chamamé (Mario Barrios)
  - 2 – Antigua Ternura – Polca Canção (Mario Victoria)
  - 3 – Saudade – Guarânia (Mario Palmerio)
  - 4 – No Me Olvides – Polca Canção (Emealo Baez e Aniceto Ibarrola)
  - 5 – Morenita – Polca Paraguaia (R. Barboza e Medina)
  - 6 – Mi Despedida – Polca Paraguaia (Felix Perez Cardozo)
- 



Artista: **LOS MELÓDICOS  
JANDIRA & BENITEZ**

Disco: **Un Recuerdo**

Ano: **1973**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário  
Vieira**

Acervo: Kenzo

**LADO A**

- 1 – Un Recuerdo – Chamamé (S. Villanueva)
- 2 – Yo Soy Purajhey – Polca Canção (Mauricio Cardoso Ocampo)
- 3 – Che Jasmin (Theodoro S. Monzelós e Epifanio Mendes)
- 4 – Nda Che Pochyinandive – Polca (Emiliano R. Fernandes e Félix Perez Cardoso)
- 5 – Royheyama – Chamamé (T. Cocomarola)
- 6 – Anoranga Guaireña – Polca (Rubito Medina)

**LADO B**

- 1 – Ciudad Morena – Polca (Victor Gimenez e Gabino Corrêa)
- 2 – Te Sigo Esperando – Guarânia (Ben Molar e Florentin Gimenez)
- 3 – Che Picazumi – Polca Canção (E. Martinez e Valiente)
- 4 – Recuerdo – Guarânia (Ben Molar e Demétrio Ortiz)
- 5 – Fiesta Patronal – Polca Paraguaia (Maria Palmeiro)
- 6 – Te Vuelvo a Encontrar – Guarânia (Carlos Sosa)



Artista: **LOS MELÓDICOS JANDIRA & BENITEZ**

Disco: **Selva, Noche, Luna...**

Ano: **1974**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – El Mensú – Galopa (Vicente Cidade e Ramón Ayala)
- 2 – Soy Paraguaya – Polca Canção (Cirilo, R. Zayas e Chinita de Nicola)
- 3 – Canto à Itacuruby – Polca Canção (M. C. Ocampo)
- 4 – Isla Sacá – Polca Paraguaya (Solo de arpa por Juan Carlos Herrera / Santiago Cortese)
- 5 – Cuando Tu Regreses (Cancion del Camino) – Guarânia (Hermínio Giménez e Jandira R. Pereira)
- 6 – Asuncena – Canción (Felix Perez Cardoso e Ortiz Mayans)

#### **LADO B**

- 1 – Adios Pueblo – Polca Canção (Gregório Cabrera Gonzáles)
- 2 – Che Pochi Ma Nendive – Polca Paraguaia (Emiliano r. Fernandes e Felix p. Cardoso)
- 3 – No Me Niegues Tu Amor – Chamamé (Martin Barrios)
- 4 – Recuerdo de Una Noche – Guarânia (Hermínio Giménez)
- 5 – Co-che Triste Purajhei (Mi Triste Cantar) – Canción (Hilarión Correa e M. de los Santos Yudice)
- 6 – Serenata – Polca Paraguaia (Emiliano r. Fernandes e Felix Perez Cardoso)



Artista: **JANDIRA E BENITES**

Disco: **La Carreta**

Ano: **1977**

Gravadora: **Chantecler**

Produção e direção: **Dino Franco**

Acervo: Kenzo

### **Contracapa**

O artista é parte da inquietude de seu povo e como tal, Jandira e Benites sentem essa responsabilidade, acercando-se mais do coração de seu povo fronteiriço com as manifestações mais sentidas através desse veículo espontâneo que é a música e o canto.

Jandira e Benites, cantando, põem alvoroçante como uma mecha de festa aos nossos corações, pois suscita reflexos de sol bailando sobre o alumínio do tempo, aquele que pinta-nos toda uma paisagem de silêncio em suas serpentinas musicais, ais quais os poetas concebem e que tão poucos sabem interpretar.

A Chantecler se compráz em oferecer a seu público amigo esse novo presente musical.

São duas vozes que comungam o mesmo sentimento no folclore 'guarany' e nos transmite seu sabor e sua frágil grandeza para os amantes da música 'paraguaya' neste novo alarde festivo num buquê de canções.

Desejamos que anexem em sua discoteca mais esta jóia da música 'paraguaya' para o vosso deleite.

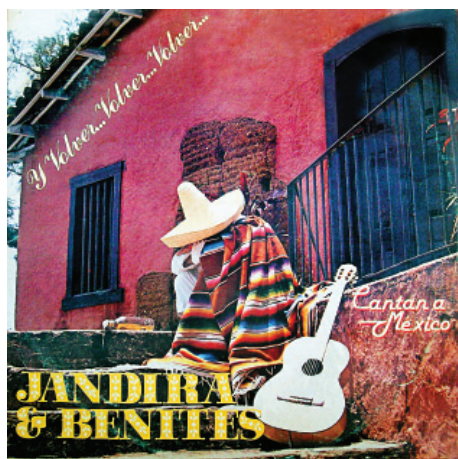
### **CARLITO NAHAS**

#### **LADO A**

- 1 – La Carreta (Juan C. Moreno Gonzáles e Manuel F. Pane)
- 2 – Colorado Rhetá (M. C. Ocampo e Sosa Cordero)
- 3 – Rio Rebelde (Horacio Guarany)
- 4 – La Canción Del Silêncio (Victor Gimenez e Gabino Correu)
- 5 – Forastero Del Iberá (DR)
- 6 – Villa Guillermina (G. Molina e Visconti Vallejos)

## LADO B

- 1 – Pasionaria (Ortéz Mayans, Felix Pérez Cardoso)
  - 2 – Che Py Jharé Mombyry (Hermanos Gonzáles)
  - 3 – Ndeve Guará Santani (Morel e Beloto)
  - 4 – Burrerita Que Se Fué (Ernesto Baéz e Florentim Gimenez)
  - 5 – Galopera (M. C. Ocampo)
  - 6 – Panambi Jhovy (A. Geneira e Diosnel Chase)
- 



Artista: **JANDIRA & BENITES**

Disco: **Cantan a México**

Ano: **1981**

Gravadora: **Tapecar**

**Gravações**

Produção: **Jandira e Benites**

Direção: **M. D. Maldonado**

Participação: **Frankito**

Acervo: Kenzo / Moura

## LADO A

- 1 – Y Volver... Volver... Volver – Canção (Ursu Blay)
- 2 – Llegó Borracho El Borracho – Rancheira Mexicana (José Alfredo Gimenez)
- 3 – Celosa – Rancheira Mexicana (Manuel S. Acuña)
- 4 – Porque Diós Mio – Rancheira Mexicana (Mathias Peña Flores)
- 5 – Mi Viejo San Juan – Bolero Rancheiro (Noel Estrada)
- 6 – Que Nos Entierrem Juntos – Bolero Rancheiro (D.R.)

## LADO B

- 1 – Cu-cu-rru-cu-cú Paloma – Huapango (Thomás Mendes)
- 2 – Juan Churrasqueado – Corrido (Victor Cordero)
- 3 – Paloma Querida – Rancheira Mexicana (José Alfredo Gimenez)
- 4 – Maria Bonita – Valsa Mexicana (Agustín Lara)
- 5 – La Mano de Diós – Rancheira Mexicana (José Alfredo Gimenez)
- 6 – Vámonos – Rancheira Mexicana (José Alfredo Gimenez)



Artista: **JANDIRA**

Disco: **Estampas Mato-grossenses - Jandira Canta Para Você**

Ano: **1983**

Gravadora: **J.C.B. Promoções Artísticas e Comércio**

Produção e direção: **Jandira e Benites**

Acervo: Kenzo

### **Contracapa**

Em vossas mãos entrego este LP onde retratei minhas lutas e inquietudes, amansadas no fundo do coração com o suor do meu trabalho. Encontrarão vibrando nestas canções, o amor permanente à minha terra, ao meu povo, à minha cidade, elaborando no mais profundo de meus sentimentos.

### **JANDIRA**

JANDIRA CANTA PARA VOCÊ!...

Com todos os matizes da sua voz privilegiada, com uma doce ternura e a pujança da sua personalidade quando exalta a TERRA DADIVOSA, música dedicada à sua querida CAMPO GRANDE, ou, A FRONTEIRIÇA GALANTE em justa homenagem a PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO e OUTRAS.

O canto suave e lindo de JANDIRA, a patativa SUL-MATO-GROSSENSE, brota de seus lábios como um sorriso apenas delineado.

E JANDIRA, Canta a seu POVO.

E JANDIRA, canta à sua terra.

E JANDIRA, nos brinda os dons canoros que Deus lhe outorgou desde o berço.

Ela entrega cordialmente a você,

VOZ E SENTIMENTO.

TRISTEZA VELADA E INCONTIDA ALEGRIA!

Ela é essa deliciosa ave mensageira de cantos cálidos amenos e graciosos...

Eis aqui a louçania de sua riqueza vocal e espontaneidade de seu estilo.

Definimo-la: AUTÊNTICA!

**IRAM AYALA**

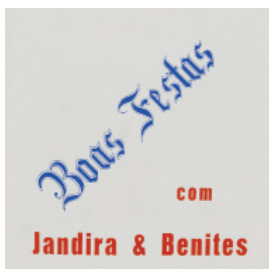


### **LADO A**

- 1 – Felicidades Meu Grande Amigo (Carlos Sosa/ versão: Jandira R. Pereira)
- 2 – Sonora Estância (Jandira R. Pereira)
- 3 – Mourão da Porteira (João Pacífico)
- 4 – João Campeiro (Apparicio S. Rillo e José G. Lewia Bicca)
- 5 – Sonho Caboclo (Jandira R. Pereira)
- 6 – Fandango em São Gabriel do Oeste (José B. dos Santos)

### **LADO B**

- 1 – Terra Dadivosa (Jandira R. Pereira)
- 2 – Terra de Rondon (Arlindo Pinto)
- 3 – À Mato-grossense (Lourival dos Santos e Tião Carreiro)
- 4 – Aquarela de Coxim (Jandira R. Pereira)
- 5 – A Fronteira Galante (Jandira R. Pereira)
- 6 – Estampas Mato-grossenses (6.1 – Cidades de Mato Grosso / Mário Zan e Nhô Pai) (6.2 - Siriema de Mato Grosso / Mário Zan e Nhô Pai) (6.3 – Chailana / Mário Zan e Arlindo Pinto)



Artista: **JANDIRA & BENITES**

Disco: **Boas Festas – Recuerdos en Chammamé**

Ano: **1984**

Gravadora: **JCB Promoções Artísticas**

Produção e direção: **M. D. Maldonado**

Acervo: Kenzo / Moura

### **LADO A**

- 1 – Canto al Taraguy
- 2 – Siete Higueras
- 3 – Tu Panuelo
- 4 – Guanita Amada
- 5 – Amor Ardiente
- 6 – Villa Guillermina

**LADO B**

- 1 – Casita de Barro (C. Talavera – Baéz M. Rieta – J. V. Visconti)
- 2 – El Canguy (J. V. Visconti – T. Cocomarola)
- 3 – Mi Flor Corrientes (Jandira Rosa Pereira – C. Benites)\*\*
- 4 – La Bailanta (Isac Abitbol – H. Pérez)
- 5 – Camba Cuá (Sosa Cordero)
- 6 – Aguadora (Prégon Correntino – D.R.)

## DINO ROCHA

Nome artístico: **DINO ROCHA**

Nome: **Roaldo Rocha**

Nascimento: **23 de maio de 1951**

Local: **Fazenda Boqueirão (Juti/MS)**

Discos: **18 LPs / 8 CDs**



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Chora Sanfona –  
Homenagem a Zé Corrêa**

Ano: **1974**

Gravadora:

**Califórnia**

Produção e direção: **Mário  
Vieira**

Acervo: Kenzo / Moura

**Contracapa**

‘Quem deveria apresentar este L.P. infelizmente já não está entre nós, seria a mesma pessoa que apresentou o DINO ROCHA na Gra-

vadora Califórnia, e seria seu padrinho artístico, pois foi ele mesmo quem disse, certa vez, que este moço seria o legítimo continuador do seu estilo.

Estamos falando do já saudoso ZÉ CORRÊA, que foi o criador desse estilo, de uma nova escola, e com o seu extraordinário gosto apurado atingiu profundamente aos mais apurados gostos daqueles que apreciam a música que caracteriza o regionalismo do nosso MATO GROSSO ou até mesmo da música tradicional do Paraguai. Hoje estamos lançando seu continuador, um novo artista, porém de grande valor, e também filho do nosso querido MATO GROSSO, da cidade de SANTA LUZIA.

DINO ROCHA, moço simples, mas talentoso, está partindo para a fama numa ascensão vertiginosa, mercê de sua capacidade profissional e de sua sensibilidade musical, isso podemos constatar neste disco onde destacamos páginas musicais como, Gaivota Pantaneira e Chora Sanfona, brasileiríssima e justa homenagem ao consagrado “Rei do Chamamé” ZÉ CORRÊA que antes de seu falecimento já teria dado ao DINO ROCHA o “slogan” de “Príncipe do Chamamé”. Amigo discófilo, ouça atenciosamente este disco antes de concordar conosco’

### **ZACARIAS MOURÃO**

#### **LADO A**

- 1 – Chora Sanfona (Homenagem a Zé Corrêa) – Chamamé (Zacarias Mourão e Dino Rocha)
- 2 – Amanhecer Campesino – Polca (T. Ros e A. Canhete)
- 3 – Machetê 22 – Chamamé (Hermanos Sena)
- 4 – Ruta Catorze – Chamamé (P. Sanches)
- 5 – Orgulho de Mi Pago – Chamamé (Catalino Gil)
- 6 – Chalana – Chamamé (Arlindo Pinto e Mário Zan)

#### **LADO B**

- 1 – Gaivota Pantaneira – Chamamé (Dino Rocha e Zacarias Mourão)
- 2 – Rancho Novo – Chamamé (Dino Rocha)
- 3 – El Gaitero – Chamamé (Dino Rocha e Zacarias Mourão)
- 4 – Mi Estranho Querer – Polca (Negra Ayala)
- 5 – Lá Onde Eu Moro – Chamamé (Tião Carreiro e Lourival dos Santos)
- 6 – Baile no Galpão – Polca (Dino Rocha)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Meus Sentimentos**

Ano: **1975**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção e direção: **Daniel Franco**

Acervo: Kenzo / Moura / Odilo

#### **LADO A**

- 1 – Meus Sentimentos – Chamamé (Dino Rocha)
- 2 – Mi Flor Eterna – Polca (Quemy Yambay)
- 3 – Después Te Digo – Chamamé (Damasio Esquivel)
- 4 – Mirta – Polca (Pedro Roman e Severiano Aguilera)
- 5 – En Tu Ventana – Chamamé (T. Cocomarola)
- 6 – Adios Ingrata – Polca (Benito Parodi)

#### **LADO B**

- 1 – Rosa Blanca – Polca (Hermocilla e T. B. Valdez)
- 2 – Mi Retorno – Chamamé (S. Niqueiri e T. Cocomarola)
- 3 – Tierra Dondi Nasci – Chamamé (Dino Rocha)
- 4 – Carreta Campessina – Polca (M. C. Ocampo e Dionel Chase)
- 5 – Elsa Sabina – Polca (D.R.)
- 6 – Regresse Sin Ti – Polca Correntina (D.R.)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Minha Mãe Distante**

Ano: **1977**

Gravadora: **Continental**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Aco-i Rothai-jhú (Siempre Te Amo) Polca (Leonardo Alarcon)
- 2 – Minha Mãe Distante – Polca (Dino Rocha e Edu Rocha)
- 3 – Josefina – Polca (Aniceto Sanchez Goivuru e Mauricio C. Ocampo)

- 4 – A Bella Vista – Chamamé (Roque Gonzales)
- 5 – La Flor de Mi Mogar – Guarânia (Miguel R. Quintana e Dino Rocha)
- 6 – Seleção de Polcas: Apytavo Che Anomi (Ramon Mendoza e E. Ayala), El Arriero (Rigoberto Fontao Meza), Oga-i (Morotini e José D. Morinigo)

#### **LADO B**

- 1 – Kilometro Once – Chamamé (T. Cocomarola)
  - 2 – Que Siga La Fiesta – Polca (Dino Rocha)
  - 3 – Corixinho – Polca (Afrânio Celso e Dino Rocha)
  - 4 – Baile das Crianças – Corrido (Dino Rocha)
  - 5 – Virgem Querida – Polca (Choco Fernandez e B. Avalos)
  - 6 – Marly – Polca (Dino Rocha)
- 



Artista: **DINO ROCHA**  
Disco: **Índio Mato-Grossense – Um Chamamé Para Cocomarola**  
Ano: **1978**  
Gravadora: **SALP**  
Produção e direção: **Pedro Carmona**  
Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Índio Mato-grossense (Dino Rocha, Adail e João de Deus)
- 2 – Meus Sentimentos (Dino Rocha)
- 3 – La Gritada (Dino Rocha e Amambai)
- 4 – Nhoaque Terra de Amor (Zé Corrêa)
- 5 – La Canga (Dino Rocha)
- 6 – Recordando Salu Lima (Dino Rocha e João de Deus)

#### **LADO B**

- 1 – Um Chamamé Para Cocomarola (Dino Rocha)
- 2 – Baile de Vaqueiro (Dino Rocha e Praense)
- 3 – De Madrugada um Chamamé (Dino Rocha e João de Deus)
- 4 – Velhos Tempos (Dino Rocha e Adail)
- 5 – Rancho Refúgio (Dino Rocha e Amambai)
- 6 – Amanhecer na Fronteira (Dino Rocha e Joly Sanches)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **O Ídolo do Chamamé**

Ano: **1979**

Gravadora: **Chantecler**

Produção e direção: **Dino Franco**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – O Menino do Chamamé – Chamamé (Dino Rocha e Zacarias Mourão)
- 2 – Quando Estava Contigo – Valsa (Dino Rocha)
- 3 – Saudade do Litoral – Chamamé (Dino Rocha e Joly Sanches)
- 4 – Mas Un Trago – Chamamé (Dino Rocha)
- 5 – Serenata Entre-rios – Chamamé (Dino Rocha)
- 6 – Um Chamamé para Cocomarola – Chamamé (Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Colonia Taquary – Chamamé (Dino Rocha)
- 2 – Para Ti Ponta Porã – Polca (Dino Rocha)
- 3 – Estância dos Morros – Chamamé (Dino Rocha)
- 4 – Em Mi Tierra es Assi – Chamamé (Transito Cocomarola)
- 5 – Rancho Alegre – Polca (Dino Rocha)
- 6 – La Emboscada – Chamamé (Dino Rocha)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Carai Piano**

Ano: **1982**

Gravadora: **SALP**

Produção e direção: **Pedro Carmona**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Na Fronteira é Assim (Dino Rocha)
- 2 – Carai Piano (Dino Rocha)
- 3 – Festa em Água Clara (Dino Rocha e Tonico Dutra)



- 4 – Xote do Tio Velho (Dino Rocha)
- 5 – Saudade do Rio Grande (Dino Rocha)
- 6 – El Rancho Chamamé (Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Linda Olívia (Dino Rocha e Tonico Dutra)
  - 2 – Serenata Paraguaia (Dino Rocha e Joly Sanches)
  - 3 – Lá Dichosa (Papimesa)
  - 4 – Obrerita Correntina (Coquimarola)
  - 5 – Baile no Pantanal (Dino Rocha)
  - 6 – Contigo Vivo Sonhando (Dino Rocha)
- 



Artista: **DINO ROCHA**  
Disco: **Baile Correntino**  
Ano: **1985**  
Gravadora: **Xaraés**  
Produção e direção: **Alex R. Queiroz**  
Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Ermano Chelo – Chamamé (Izaco Abitbol)
- 2 – Trocando o Par – Xote (Dino Rocha)
- 3 – As Três Marias – Chamamé (Izaco Abitbol e Demétrio Fernandez)
- 4 – Saudade de Mamãe – Valsa (Dino Rocha)
- 5 – Leiana Flor – Chamamé (Eládio Martiniz e Emídio Vaez)
- 6 – Obrigado Mato Grosso – Chamamé (Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Baile Correntino – Chamamé (Dino Rocha e Amambai)
- 2 – Tu Falced – Chamamé (D.R.)
- 3 – Bailando em Camapuã – Rancheira (Dino Rocha)
- 4 – Ponte Quebrada – Polca (Dino Rocha)
- 5 – Vivo Arrependido – Chamamé (D.R.)
- 6 – Fim de Baile em Ponta Porã – Chamamé (D.R. / Adap. Dino Rocha)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Um Amigo Chamamé**

Ano: **1987**

Gravadora: **Brasidisc**

Produção e direção: **Osmar Zan e Da Silva**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Um Amigo Chamamé – Chamamé (Dino Rocha)
- 2 – Rancho Boqueron – Chamamé (Dino Rocha e José Russo)
- 3 – Para Ti Ponta Porã – Polca (Dino Rocha)
- 4 – A Ñoranzas (Saudades) – Chamamé (Cocomarola e Antonio Niz)
- 5 – Quando Estava Contigo – Valsa (Dino Rocha)
- 6 – Um Chamamé para Cocomarola – Chamamé (Dino Rocha)

#### **LADO B**

- 1 – Gaivota Pantaneira – Chamamé (Dino Rocha e Zacarias Mourão)
- 2 – Última Serenata – Chamamé (Dino Rocha)
- 3 – Carai Piano – Chamamé (Dino Rocha)
- 4 – O Rebelde – Chamamé (Dino Rocha)
- 5 – Obrigado Mato Grosso – Chamamé (Dino Rocha)
- 6 – Cabeceira do Pantanal – Chamamé (Dino Rocha e João de Deus)



Artista: **DINO ROCHA**

Disco: **Baile Pantaneiro**

Ano: **1995**

Gravadora: **SAUÁ**

Produção: **Guilherme Rondon e Hamilton Grieco**

Direção: **Guilherme Rondon**

Acervo: Moura / Kenzo

#### **LADO A**

- 1 – Mercedita (Ramon Sixto Rios)
- 2 – Sem Fronteiras (Dino Rocha)
- 3 – La Gritada (Dino Rocha e Amambaí)
- 4 – O Rebelde (Dino Rocha)
- 5 – Baile de Vaqueiro (Dino Rocha e Praense)
- 6 – Corumbá (Almir Sater e Guilherme Rondon)

#### **LADO B**

- 1 – Baile Pantaneiro (Dino Rocha)
- 2 – Índio Guarani (Dino Rocha)
- 3 – Rancho Boqueron (Dino Rocha e José Russo)
- 4 – Curupi (Dino Rocha)
- 5 – Três Guris (Dino Rocha)
- 6 – Chamamé Comanda (Guilherme Rondon e Paulo Simões)

## **BETH & BETINHA**

Nome artístico: **BETH**

Nome: **Josabeth Ferreira dos Santos**

Nascimento: **06 de julho de 1936**

Local: **Entre Rios (Rio Brilhante/MS)**

Discos: **Compact-disc duplos e simples | LPs | 1 CD**

Nome artístico: **BETINHA**

Nome: **Eleonor Aparecida Ferreira dos Santos**

Data nascimento: **01 de janeiro de 1941**

Local: **Entre Rios (Rio Brilhante/MS)**

Discos: **Compact-disc duplos e simples | LPs | 1 CD**



Artista: **RODRIGUES & RODRIGUINHO**

Disco: **Os Reis de Mato Grosso**

Ano: **1964**

Gravadora: **Codil Comercial de Discos Ltda**

Produção e direção: **Roberto Stanganelli**

Participação: **Beth & Betinha**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Coração e Vida – Rasqueado (Rodrigues e Jaime Rodrigues)
- 2 – O Rebelde – Canção Rancheira (Manoel Pomion)
- 3 – Ternura dos Teus Beijos – Polca Paraguaia (Luiz de Castro)
- 4 – Volte Para Mim – Canção Rancheira (Aprojio e Jaime Rodrigues)
- 5 – Saudade Vai – Polca Paraguaia (J. De Deus)
- 6 – Rio Verde – Polca Paraguaia (Aier, Rodrigues e Rodriguinho)

#### **LADO B**

- 1 – Estou Chegando – Xote (Jaime Rodrigues, Rodriguinho e Aprijio)
- 2 – Voltando Para Minha Terra – Polca Paraguaia (Salvador e Joãozinho)
- 3 – Amor Recebido – Canção Rancheira (Ramoncito Gomes)
- 4 – O Direito de Amar – Polca Paraguaia (Ney Ramon)
- 5 – Ai São João – Corrido (Bete e Betinha)
- 6 – A Última Taça – Canção Rancheira (Rodrigues e Rodriguinho)
- 7 – Vou pra Goiás – Valseado (Rodrigues e Rodriguinho)



Artista: **BETH & BETINHA**

Disco: **C-10 Branca**

Ano: **1983**

Gravadora: **Companhia Industrial de Discos**

Produção: **Maria Cambraia Fernandes**

Direção: **Zacarias Mourão**

Acervo: Delinha / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – C-10 Branca – Polca (Beth, Betinha e Lenilde Ramos)
- 2 – Me Deixou Na Solidão – Polca (Beth & Betinha)
- 3 – Fofinho – Maxixe (Beth & Betinha)

- 4 – Sem Fossa Amigo – Polca (Beth & Betinha)
- 5 – Menino Lindo – Polca (Beth & Betinha)
- 6 – Amor em Segredo – Rasqueado (Beth & Betinha)

#### **LADO B**

- 1 – O Homem da Minha Vida – Rasqueado (Beth & Betinha)
- 2 – Súplica de Amor – Rasqueado (Beth & Betinha)
- 3 – Ponta Porã – Polca (Beth & Betinha)
- 4 – Moreno Ingrato – Guarânia (Beth & Betinha)
- 5 – Espinhos na Estrada – Rasqueado (Beth & Betinha)
- 6 – Perdoe-me Querida – Bolero (Beth & Betinha)

## LOS TAMMY'S/VICTOR HUGO

Nome nascimento: **VICTOR HUGO BRITEZ**

Nome: **Victor Hugo de La Sierra**

Nascimento: **30 de março de 1945**

Local: **Concepcion (Paraguai)**

Discos: **14 LPs / 7 CDs**



Artista: **LOS TAMMY'S DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Disco: **Algo Fácil de Olvidar** Canta **Victor Hugo**

Ano: **1973**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção e direção: **Ramon B. Insfran**

Acervo: Delinha / Gramophony

#### **LADO A**

- 1 – Algo Fácil de Olvidar (Derecho Reservado)
- 2 – Decide Corazon (Nestor Dacunha)
- 3 – Por Ti Mi Nena (Ramón B. Insfran)
- 4 – Juego de Alianza (Claudio Fontana e W. Cardozo)
- 5 – Yo Vi La Luz (Jean Sullivan)
- 6 – Me Cai de La Nube (Cornélio Reyna)

**LADO B**

- 1 – Floripa Mi – Polca Canção (Fernando Rivarola)
  - 2 – Ndai Pori Problema – Polca (Pedro Nardelli)
  - 3 – Seleção de Polcas (3.1 - Paloma Para - Autor Anônimo) (3.2 – Achuita - Autor Anônimo) (3.3 – Nanawa - Julián Alarcón) (3.4 - Jamas Te Olvidare – Polca Canção - Juan Carlos Zoria)
  - 5 – Al Amor de Mi Vida – Guarânia (Juan B. Mora)
  - 6 – Seleção de Polcas: (6.1 – Asuncena - A. Ortíz Mayáns) (6.2 - Lo Que Es El Tiempo - F. Arzamendia C. Gill)
- 



Artista: **LOS TAMMY'S DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Disco: **Algo Facil de Olvidar Vol. 1**

Ano: **1973**

Gravadora: **Phonodisc**

Acervo: Moura

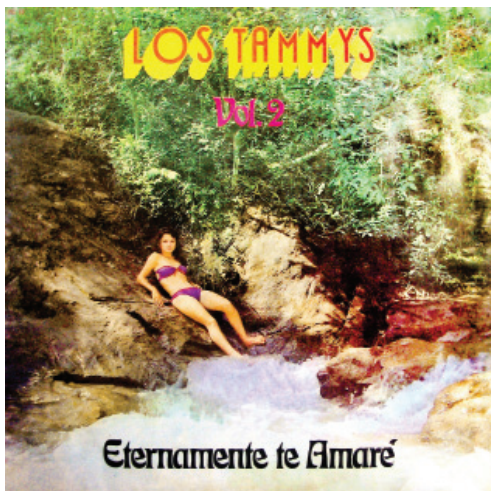
**LADO A**

- 1 – Algo Facil de Olvidar (DR)
- 2 – Decide Corazon (Nestor da Cunha)
- 3 – Por Ti Mi Nena (Ramón B. Insfran)
- 4 – Juego de Alianza (Claudio Fontana e W. Cardozo)
- 5 – Yo Vi La Luz (Jean Sullivan)

**LADO B**

- 1 – Floripa Mi (Fernando Rivarola)
- 2 – Ndai Pori Problema (Pedro Nardelli)
- 3 – Selección de Polcas: Paloma Para (DR), Achuita (DR), Nanawa (Julián Alárcon)
- 4 – Jamas te Olvidare (Juan Carlos Zoria)
- 5 – Al Amor de Mi Vida (Juan B. Mora)
- 6 – Selección de Polcas: Asuncena (A. Ortíz Mayáns), Lo Que Es El Tiempo (F. Arzamendia C. Gill)





Artista: **LOS TAMMY'S DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Disco: **Eternamente Te Amaré Vol. 2**

Ano: **1975**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção e direção: **Ramon B. Insfran**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Selección de polcas: Maria (Mot. Popular), Barraluche (A. Barreto), El Suspiro (Emiliano Bigi)
- 2 – Tu Panuelo – Chamamé (Salvador Miqueri / Alvelino Flores)
- 3 – Oga-Y che Vy-A-Jhague – Purajhéi (José O. Morinigo)
- 4 – Ytapoa Poty – Polca (Juan Carlos Soria)
- 5 – Mi Paraguaya – Polca (Fernando Rivarola)
- 6 – Vy-A-Yn Yavé (Momento de Nostalgia) – Guarânia (C. Ramirez / Felix Fernandes)

#### **LADO B**

- 1 – Eternamente te Amaré (Ramón B. Insfran)
- 2 – Cuando te Encuentre (Nestor P. Dacunha)
- 3 – Para Siempre Te Perdi (Ramón B. Insfran)
- 4 – Amor Contigo Soy Feliz (Nestor R. Sacunhã)
- 5 – Busco Felicidad (Francisco Alegre)
- 6 – Tuyo Será My Corazón (Aldinar M. Aquino)



Artista: **LOS TAMMY'S DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Disco: **De Pedro Juan Caballero Vol. 3**

Ano: **1978**

Gravadora: **Melodias Discos**

Produção: **Charles Franco**

Direção: **Cícero Luís da Silva**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Nda Ara ya Rohjory (Teu Dia de Felicidade) – Polca (Geraldo Arroyos e Julian Bobadilha)
- 2 – Volve, Volve (H. Rodrigues)
- 3 – Selección de Polcas: Maria (DR), Barrabuche (A. Barretos), El Suspiro (Emiliano Bigi)
- 4 – Juntito Los Dos (Nós Dois Juntinhos) Polca (A. Benitez e Aparicio de Los Rios)
- 5 – Selección de Polcas: A Los Vallentes (Bernardo Aválos), Che Valle Mi Thyoty (Felix P. Cardozo), Islá Sacã (Santiago Cortessi), Maria Ester (Carlos M. Gimenez e Dionel Chase)
- 6 – Ndaí Pori Problema (Não Tem Problema) Polca (Pedro Nardelli)

#### **LADO B**

- 1 – Ndeve Guara Santani (Parati Minha Santani) Polca (Galeano Morel e Molas)
- 2 – Selección de Polcas: Musiqueada Jazmim Guipê (Teodoro S. Mongelos), Florcita Misteriosa (M. Ruys Dias e W. Preliasco), Che Valle Pirajhumy (H. Gimenez), Galopera (Mauricio C. Ocampos)
- 3 – Nde Resa Guarayhy Amé (Sombra dos Olhos) Polca (Teodoro S. Mongelos e Julian Alarcon)
- 4 – Selección de Polcas: Icuá Cau (Ramom Barrios), Che Valle Mi Jaguaron (D.R.), Jagua Fie-tu-o (M. De Cachorro), Solito (D.R.)
- 5 – Mercedita (Ramon Sixto Rios)
- 6 – Selección de Polcas: Gaivota Pantaneira (Dino Rocha), Quilometro 11 (Transito Cocomarola e C. Aguer), Poigui Rei (T. L. Orrego)



Artista: **LOS TAMMY'S DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Disco: **De Pedro Juan Caballero Vol. 4**

Ano: **1979**

Gravadora: **Melodias Discos**

Produção: **Charles Franco**

Direção: **Léo e Junino**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Mi Ultimo Adios – Polca (Lionel E. Lara e Emiliano B. Cácedes)
- 2 – Seleção de Polcas: Povo de Lima (Efren Echeverria), Canto de Galinha (Efren Echeverria), Rancho Elsa (Andrés R. Bobadilla)
- 3 – Lejano Amor (Amor Distante) Polca (Edoardo J. Schetina e Francisco J. Martinez)
- 4 – Caranda'y (Coqueiro) Polca (Cirilo E. Zaias)
- 5 – Vila Guilhermina – Chamamé (Vallejos, Visconts e Molinas)
- 6 – Ejhendo Che Purajhei (Escuta Minha Canção) Polca (Agustin G. Benitez)

#### **LADO B**

- 1 – Co' Eti Yave (Ao Amanhecer) Polca (Emiliano R. Fernandez/Emiliano B. Caceres)
- 2 – Seleção de Polcas: Carandasal da Fronteira (Rogerio Cubillas), Virginia (Teodoro, S. Mongelos e Dionel Chase)
- 3 – Por Ti Sera Polca (Armando Riveros e Lorenzo Leguizámon)
- 4 – Pyjhare Mbombyry (Noite Distante) Polca (Estanislao P. Amarilla e Ygnacio Barreto)
- 5 – Mbombyry Guive (Desde Muito Longe) Polca (Ina Rolon de R. Gimenez / Mauricio C. Ocampo)
- 6 – Che Sy Mi Pora (Minha Mãezinha Bonita) Polca (Mauricio C. Ocampo)



Artista: **LOS TAMMY'S**

Disco: **Canta Victor Hugo Vol. 4**

Ano: **1979**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção e supervisão: **Ramon B. Insfran**

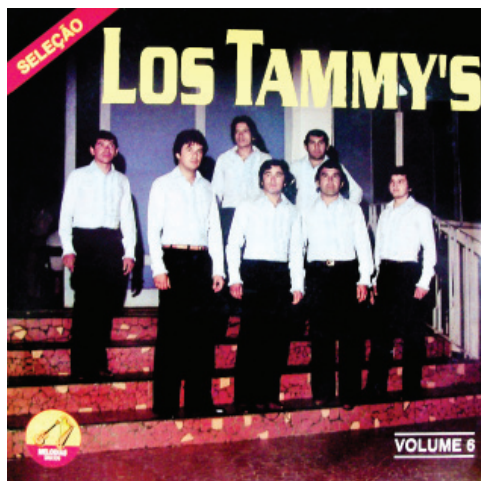
Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Seleção de Polcas: Pueblo de Lima (Efren Echeverria), Ryguasú Cocoré (Efren Echeverria), Rancho Elsa (Andrés R. Bobadilla e Domingo German)
- 2 – Mi Ultimo Adios - Polca (Lionel Enrique Lara /Emilio Bobadilla Cáceres)
- 3 – Lejano Amor – Polca (Eduardo Schetina e Francisco Javier Martinez)
- 4 – Caranda'y – Polca (Cirilo R. Zayas)
- 5 – Villa Guillermina – Chamamé (Vallejos, Visconti e Molinas)
- 6 – Ejhendu Che Purajhei – Polca (Agustin Gomez Benitez)

#### **LADO B**

- 1 – Seleção de Polcas: Fortin Caranda'y Ty (Rogelio Cubillas), Virginia (Teodoro S. Mongelos e Diosnel Chase), Ca'i Najhe'yin (Santos Lima)
- 2 – Mombyry Guive – Polca (Ina Rolón de Ramos Gimenez e Mauricio C. Ocampo)
- 3 – Por Ti Sera – Polca (Armando Riveros e Lorenzo Leguizamon)
- 4 – Co'Etí Yave – Polca (Emiliano R. Fernandez e Emilio Bobadilla Cáceres)
- 5 – Pyjhare Mombyry – Polca (Estanilao Paez Amarilla e Ignacio Barreto)
- 6 – Che Si My Pora – Polca (Maurício Cardozo Ocampo)



Artista: **LOS TAMMY'S**

Disco: **Seleção –  
Volume 6**

Ano: **1980**

Gravadora: **Melodias  
Discos Ltda**

Produção: **Fernando  
Ferrarai**

Supervisão: **Charles  
Franco**

Acervo: Victor Hugo

#### **LADO A**

- 1 – Nde Ara Yarojory (Teu Dia de Felicidade) – Polca (Geraldo Arroyo – J. Bobadilla)
- 2 – Coeti Yave (Ao Amanhecer) – Polca (Emiliano R. Fernandes – Emilio B. Cáceres)
- 3 – Lejano Amor (Amor Distante) – Polca (Eduardo J. Schetina – Francisco J. Martinez)
- 4 – Carreta Campesina – Polca (Mauricio C. Ocampo)
- 5 – Che Renda Alazan (Meu Cavalo Alazão) – Polca (Silvestre Silva)
- 6 – Seleção de Polcas (a – A Lo Vallete B. – Avalos) (b – Che Valle Mi Tuyuti – Feliz P. Cardoso) (c – Osla Saca – S. Cortesi) (d – Maria Ester – C. Gimenes)

#### **LADO B**

- 1 – Seleção de Polcas (a – Povo de Lima – E. Echeverria) (B – Canto da Galinha – E. Echeverria) (C – Rancho Elza – Andrés R. Bobadilla)
- 2 – Seleção de Polcas (a – Maria – D.R.) (b – Barrabuche – A. Barreto) (c – El Suspiro – Emilio Bigi)
- 3 – Seleção de Polcas (a – Carandazal – R. Cubillas) (b – Virginia – Teodoro S. Mongelo)
- 4 – Seleção de Polcas (a – General Brugues – T. Nuñez) (b – Misione Nhu – J. Diarte) (c – Arroyo Y Estero – M.P.)
- 5 – Seleção de Polcas (a – Despertar Nativo – Luiz Bordon) (b – Camba Cuá – Osvaldo Cordero) (c – Rio Confuso – M.P.)
- 6 – Che Valle-Mi (Lugar Donde Nasci) – Polca (E. Martinez – E. Torres)



Artista: **LOS TAMMY'S  
DE PEDRO JUAN  
CABALLERO**  
Disco: **Com Victor Hugo  
Vol. 5**  
Ano: **1985**  
Gravadora: **Melodias  
Discos**  
Produção: **Charles  
Franco e Daniel Franco**  
Direção: **Léo e Juninho**  
Acervo: Gramophony

#### **LADO A**

- 1 – Rosa – Polca (Felix Fernandes e Felix Perez Cardozo)
- 2 – Nde Poty Ryacuanguemi (O Perfume da Tua Flor) – Polca (Patrocício Rojas Esteche e Lorenzo Leguizamón)
- 3 – Seleção de Polcas (3.1 - Despertar Nativo - Luís Bordón e Nelson Safuán) (3.2 - Cambá Cuá - Osvaldo Sosa Cordero) (3.3 - Rio Confusa - Motivo Popular)
- 4 – Pedro Juan Caballero – Polca (Meguel Angel Maciel)
- 5 – Che Valle Mi (Lugar Onde Nasci) – Polca (Eladio Martinez e Enrique Torres)
- 6 – Che Renda Alazán – Polca (Silvestre Silva)
- 7 – Algo Fácil de Olvidar – Balada (D.R.)

#### **LADO B**

- 1 – Porque (A Uma Ingrata – Polca (Emiliano R. Fernandez e Maurício C. Ocampo)
- 2 – Mbava Ykere Pa Reime (Ao lado De Quem Você Está) – Polca (Bernardo Barrios)
- 3 – Seleção de Polcas (3.1 - General Bruguez - Toledo Nuñez) (3.2 - Misiones Nhú - José Del Rosario Diarte) (3.3 - Arroyos y Esteros - Motivo Popular)
- 4 – Causa Nde Ñaña (Porque Heres Ingrata) – Polca (Dionel Chase, Emiliano e R. Fernandez)
- 5 – Carreta Campesina – Polca (Maurício C. Ocampo)
- 6 – Puerto Abandonado – Polca (O. Orapeza)
- 7 – Corazón Mágico – Balada (H. Herrero, J. Seijas e L. G. Escobar)



# ELINHO DO BANDONEON

Nome artístico: **Elinho do Bandoneon**

Nome: **Manoel Alfredo Ferreira**

Nascimento: **01 de fevereiro de 1942**

Local: **Campo Grande (MS)**

**Discos: 3 LPs / 1 CD**



Artista: **Elinho**

Disco: **O Acordeonista  
Coração de Mato Grosso**

Ano: **1971**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário  
Vieira**

Acervo: Odilo

## LADO A

- 1 – A Seriema e o Pica-Pau – Polca Paraguaia (Elinho)
- 2 – La Tabá – Chamamé (Isac Abbitl)
- 3 – Don Leonel – Chamamé (Silverio Vilanueva)
- 4 – Nossa Senhora de Fátima – Valsa (Elinho)
- 5 – Teu Lencinho (Tu Pañuelo) – Chamamé (Salvador Miqueri e Avelino Flores)
- 6 – Valsa dos Namorados – Valsa (Mario Zan)

## LADO B

- 1 – Noites de Vênega – Polca Paraguaia (Santos Lima e Papi Messa)
- 2 – Soledad – Chamamé (Paulo Almidon e Jerônimo Cataldo)
- 3 – Sorte Enfeitada – Polca Paraguaia (Santos Lima)
- 4 – Índios do Chaco – Polca Paraguaia (Julião)
- 5 – Dança Paraguaia – Polca Paraguaia (Henriques Laras)
- 6 – Cascavel – Polca Paraguaia (Elinho)



Artista: **ELINHO**

Disco: **Bosque da Saudade**

Ano: **1973**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Dom Jenesio – Chamamé (Delcides)
- 2 – Bosque da Saudade – Chamamé (Valdeci A. Nascimento e Elinho)
- 3 – Santa Rosa – Polca Paraguaia (Elinho)
- 4 – Flor de Guavira – Chamamé (M. C. Ocampo)
- 5 – Cinelândia – Polca Paraguaia (Delcides)
- 6 – Mensu – Chamamé (D.R.)

#### **LADO B**

- 1 – Depuês Te Digo – Chamamé (D. Esquivel, Cardinole e Orcal)
- 2 – Saudade de Maria Paula – Polca Paraguaia (Elinho e Julião)
- 3 – Caminho da Três Marias – Dobrado (Elinho)
- 4 – Centenário de Campo Grande – Dobrado (Elinho)
- 5 – Dom Geraldo Corrêa – Chamamé (Elinho)
- 6 – La Española – Valsa (Vicenzo de Chiara)



Artista: **ELINHO**

Disco: **Flor do Pantanal**

Ano: **1975**

Gravadora: **Discos Meu Ranchinho**

Produção e direção: **Elinho**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – O Cabresto (El Cabresto) – Chamamé (R. Mendes)
- 2 – O Cruzenho (El Cruceño) – Chamamé (Roberto Soto)
- 3 – O Canto do Sábia – Chamamé (Elinho)
- 4 – Te Amarei Eternamente – Chamamé (H. Barrios)
- 5 – N'Day Pore Problema (Não Tem Problema) – Polca (Polca)
- 6 – Serenata – Guarânia (Epifanio Mendes)

#### **LADO B**

- 1 – Guilhermina – Polca (Antonio Aqueber)
- 2 – Homenagem a Dona Acy – Chamamé (Elinho)
- 3 – Palhada – Chamamé (Elinho)
- 4 – Flor do Pantanal – Chamamé (R. Gonzales, T. Cocomarola / Arr. Elinho)
- 5 – Cidade de Cáceres – Chamamé (Elinho)
- 6 – Velho Laranjal (Viejo Naranjal) – Chamamé (D.R.)

# MACIEL CORRÊA

Nome artístico: **MACIEL CORRÊA**

Nome: **Elicio Corrêa Maciel**

Nascimento: **13 de julho de 1942**

Local: **Rio Brilhante (MS)**

Discos: **11 LPs**



Artista: **IRMÃOS DE MATO GROSSO**

Disco: **Flor da Saudade**

Ano: **1977**

Gravadora: **Califórnia**

Produção: **Mário Vieira**

Direção: **Julião**

Acervo: Maciel Corrêa / Delinha / Moura

## LADO A

- 1 – Flor da Saudade – Rasqueado (Carlos Gil e José A. Prestes)
- 2 – Inocente Prisioneiro – Polca (Altamiro C. Silveira e Atair C. Holsback)
- 3 – Vila San Martins – Chamamé (Marcos H. Ramirez)
- 4 – Nossa União – Valsa (Atair C. Holsback e Altamiro C. Silveira)
- 5 – De Volta ao Meu Paraná – Polca (Altamiro C. Silveira e Atair C. Holsback)
- 6 – Nosso Encontro – Polca (Elizeu Maciel)

## LADO B

- 1 – Caminheiros – Polca (João Camargo e Geraldo Rocha)
- 2 – A Noite que Sonhei – Balanceado (Atair C. Holsback)
- 3 – Homenagem a Nelson Pache – Chamamé (Elizeu Maciel)
- 4 – Vai Saudade – Rasqueado (Atair C. Holsback)
- 5 – Negra Lembrança – Rasqueado (Paulo Morales)
- 6 – D. Conrado – Chamamé (Elizeu Maciel e Cidinho Castelo)



Artista: **MACIEL CORRÊA**

Disco: **Cadeado de Ouro**

Ano: **1981**

Gravadora: **Itaipú Gravações**

Produção e direção: **Marcílio Castioni**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Cadeado de Ouro – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 2 – Chelareina – Chamamé (Emiliano R. Fernandes)
- 3 – Baile na Fazenda – Rancheira (Maciel Corrêa)
- 4 – Os Pampas Del Inferno – Chamamé (Thomaz e Moesto)
- 5 – Na Madrugada É Assim – Chamamé (Maciel Corrêa e Ado)
- 6 – Maneco Fogueteiro – Vanerão

#### **LADO B**

- 1 – Encrenca – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 2 – Pioneiro – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 3 – Bate o Pé – Xote (Maciel Corrêa)
- 4 – Triguinita Mi – Chamamé (Pedro Gamarra)
- 5 – Distante de Ti – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 6 – Dom Larinho



Artista: **MACIEL CORRÊA**

Disco: **Diamante Negro**

Ano: **1983**

Gravadora: **Discos e Fitas Xaraés**

Produção e direção: **Alex e Queiroz**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Diamante Negro – Chamamé (Maciel Corrêa e Celso Nogueira)
- 2 – O Serrote – Chamamé (Isaco Abitbol)
- 3 – Recordando a 12 Baixos – Rasquido Doble (Maciel Corrêa e Manoel J. Maciel)
- 4 – Cadeado de Ouro – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 5 – Saudade do Rio Grande – Rancheira (Dino Rocha – arr. Maciel Corrêa)
- 6 – Fandanguinho – Rasquido doble (Maciel Corrêa e Geralmino Marques)

#### **LADO B**

- 1 – Paray Porã – Chamamé (D.R.)
- 2 – Amo em Segredo – Chamamé (Maciel Corrêa e Saturnino s. Alves)
- 3 – Peão Alegre – Xote (Maciel Corrêa)
- 4 – Um Chamamé Para Mariza – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 5 – Entre Alegria – Valsa (D.R.)
- 6 – Só Recordação – Chamamé (Maciel Corrêa e Lazaro Nogueira)



Artista: **MACIEL CORRÊA**

Disco: **Recordando o Cadeado**

Ano: **1985**

Gravadora: **Itaipú Gravações**

Produção: **Marcílio Castioni**

Direção: **Maciel Corrêa**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Recordando o Cadeado – Chamamé (Maciel Corrêa e Marlon Maciel)
- 2 – Ozorinho – Corrido – (D.R.)
- 3 – Iporã Guirá (Pássaro Bonito) – Chamamé (Maciel Corrêa e Felipe Louveira)



- 4 – Rancheirinha do Filó – Rancheira (D.R.)
- 5 – Estância Tudiá (Fazenda Velha) – Polca (Felipe Louveira)
- 6 – Pinguinho de Gente – Chamamé (Maciel Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – Limeira – Polca (Cassiano Louveira)
- 2 – Brasil x Argentina – Chamamé (Coquimarola e Maciel Corrêa)
- 3 – Valsa d'Andrea – Valsa (Maciel Corrêa e Irmãos Louveira)
- 4 – Anin Querepen (Não Vai Quebrar) – Polca (Irmãos Louveira)
- 5 – Ipu Porã (Som Bonito) – Chamamé (T. Cocomarola)
- 6 – Ysry (Água Corrente) – Chamamé (Cassiano Louveira e Roberto Louveira)



Artista: **MACIEL CORRÊA**

Disco: **O Acordeon Manhoso**

Ano: **1987**

Gravadora: **Itaipú Gravações**

Produção e direção: **Marcilio Castioni**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Serenata em Passo Formoso – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 2 – Eleninha – Chamamé (Maciel Corrêa e Rondinele)
- 3 – Chamamé Chorocho – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 4 – Carreteiro di Mocol – Galopa (Rosália Diaz)
- 5 – Contemplando a Natureza – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 6 – Clarão da Lua – Chamamé (Wilsinho/ versão: Maciel Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – Recordando a São Cosme – Chamamé (T. Romero, C. M. Marzoratti e Tomás Barrios)
- 2 – Vila São Martins – Chamamé (Marcos H. Ramirez)
- 3 – Bailando em Capão Seco – Rancheira (Maciel Corrêa)
- 4 – Criador de Gado Bom – Rasqueado (Délio & Delinha)
- 5 – Caray Palemon – Xote (Isaco Abtibol)
- 6 – Iniciando o Fandango – Vanerão (Ailton Missioneiro)



Artista: **MACIEL CORRÊA**  
 Disco: **O Menino de Vacaria**  
 Ano: **1989**  
 Gravadora: **Itaipú Gravações**  
 Produção: **Marcilio Castioni e Dorival Garbim**  
 Direção: **Marcilio Castioni**  
 Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – O Menino de Vacaria – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 2 – Três Lagoas – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 3 – A Rancheira da Vó Floriza – Rancheira (Maciel Corrêa)
- 4 – La Mateada – Chamamé (S. Ledesma e Gonzáles)
- 5 – Não Tenho Culpa – Polca (Mauricio Cardozo Ocampo)
- 6 – La Hida – Polca (Saturnino S. Alves e Maciel Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – Guri Maciel – Chamamé (Maciel Corrêa)
- 2 – Bailando em Campo Grande – Polca (João Ary Figueiredo)
- 3 – Em Camapuã é Assim – Xote (Maciel Corrêa)
- 4 – Araponga – Polca (Rielinho – adapt. Maciel Corrêa)
- 5 – Dom Wilmar – Polca (João Ary Figueiredo e Maciel Corrêa)
- 6 – O Cantar do Aracuã – Vanerão (Maciel Corrêa)



Artista: **MACIEL CORRÊA**  
 Disco: **O Passo do Tuiuiu**  
 Ano: **1991**  
 Gravadora: **Itaipú Gravações**  
 Produção: **Marcilio Castioni e Dorival Garbim**  
 Direção: **Marcilio Castioni**  
 Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – O Passo do Tuiuiu – Chamamé (M. Corrêa, Amambá e João de Deus)
- 2 – Orgulho do Mato Grosso – Chamamé (Zé Corrêa, Onécio e Ocasional)
- 3 – La Colonia – Chamamé (T. Cocomarola)

- 4 – Dom Carancho – Polca (M. Corrêa e João de Deus)
- 5 – A Mi Roque Gonçalves – Polca (João Alfonso Ramirez)
- 6 – Um Chamamé Para Porto Murtinho – Chamamé (M. Corrêa e Saturnino S. Alves)

#### **LADO B**

- 1 – Passa Lá – Xote (Jarba Luiz, Tony Danilo e Meridional ed. Mua)
  - 2 – No Balanço do Vanerão – Vanerão (D.R. – versão: Maciel Corrêa e Ailton Missioneiro)
  - 3 – Tardezinha – Kaaruete – Chamamé (Rubito Medina e Jara Carmone)
  - 4 – Rancheirinha do Sr. Nantes – Rancheira (Maciel Corrêa, Ado e Amambai)
  - 5 – Burerita – Polca (M. C. Ocampos e Ortiz Mayan)
  - 6 – Estância do Amor – Chamamé (Maciel Corrêa e Suely Nantes)
- 



Artista: **MACIEL CORRÊA**

Disco: **Os Grandes Sucessos de Maciel Corrêa**

Ano: **1992**

Gravadora: **Itaipú Gravações**

Produção: **Marcilio Castioni e Dorival Garbim**

Direção: **Marcilio Castione**

Acervo: Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Cadeado de Ouro (Maciel Corrêa)
- 2 – Diamante Negro (Maciel Corrêa e Celso Nogueira)
- 3 – Recordando o Cadeado (Maciel Corrêa e Marlon Elias Maciel)
- 4 – Estância de Amor (Maciel Corrêa e Suely Nantes)
- 5 – Na Madrugada É Assim (Maciel Corrêa e Ado)

#### **LADO B**

- 1 – Pássaro Bonito – Iporã Guirá – (Motivo Popular)
- 2 – Menino da Vacaria (Maciel Corrêa)
- 3 – Brasil x Argentina (Maciel Corrêa e Coquimarola)
- 4 – Um Chamamé Para Porto Murtinho (Maciel Corrêa e Saturnino S. Alves)
- 5 – O Pássaro de Tuiuiú (Maciel Corrêa, Amambai e João de Deus)



Artista: **MACIEL CORRÊA**  
Disco: **O Acordeon Que Chora**  
Ano: **1993**  
Gravadora: **RGE**  
Produção: **Maciel Corrêa**  
Direção: **Antônio Carlos de Carvalho**  
Acervo: Delinha / Maciel Corrêa / Moura

#### **LADO A**

- 1 – A Campo-grandense (Maciel Corrêa)
- 2 – Don Irineu (Maciel Corrêa)
- 3 – La Papeleta (Mario Millan Medina)
- 4 – Mãezinha Faceira (Maciel Corrêa)
- 5 – Andressita (Maciel Corrêa)

#### **LADO B**

- 1 – Chão Batido (Maciel Corrêa e Moacir)
- 2 – Regresso à Rio Corrientes (Maciel Corrêa)
- 3 – Alma Correntina (Maciel Corrêa e Jorge de Carvalho)
- 4 – Xote dos Fominhas (Maciel Corrêa)
- 5 – La Sepillada (D.R.)

## **ADAIL & TESOURO**

Nome artístico: **ADAIL**

Nome: **Adail Rodrigues**

Nascimento: **13 de dezembro de 1947**

Local: **Ponta Porã (MS)**

Nome artístico: **TESOURO**

Nome: **Maurício Lima Rodrigues**

Nascimento: S/D

Local: **Ponta Porã (MS)**



Artista: **ADAIL & TESOURO**

Disco: **Ziguezagueando por Mato Grosso**

Ano: **1972**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Ziguezagueando por Mato Grosso – Rasqueado (Barbosires)
- 2 – O Desesperado – Arrasta-pé (Adail e Tesouro)
- 3 – Solidão Atroz – Polca Paraguaia (Praense)
- 4 – Só Será Feliz Quem Merecer – Chamamé (Arquimedes Ferreira Vaz)
- 5 – Parabéns Bela Vista – Chamamé (Adail)
- 6 – Saudação a Bandeirante – Marcha-Rancho (Nailo Soares Vilela)

#### **LADO B**

- 1 – Convite ao Fazendeiro – Rancheira (Barbosires)
- 2 – Lembrança do Primeiro Amor – Polca Paraguaia (Nailo Soares Vilela)
- 3 – Pé de Ipê – Chamamé (Delcides Alves Gondin Jr.)
- 4 – O Ciúme Lhe Devora – Fox (Praense e Adail)
- 5 – Festa do Fazendeiro (Baile do Grito) – Rasqueado (Barbosires)
- 6 – Estância Água Azul – Chamamé (Tesouro)



Artista: **ADAIL & TESOURO**

Disco: **Laurinha**

Ano: **1973**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Laurinha – Chamamé (Zé Corrêa)
- 2 – Amor dos Outros – Polca Paraguaia (Praense)
- 3 – Revolta de Um Boêmio – Rasqueado (Adail, Tesouro e Manoel dos Santos)
- 4 – Sidrolândia – Chamamé (Adail e Tesouro)
- 5 – Tudo Acabado – Canção Rancheira (Mauricio e Voninho)
- 6 – Boiadeiro Feliz – Chamamé (Zé Carreiro)

**LADO B**

- 1 – Pedrinha Verde – Chamamé (Praense e Mexicano)
  - 2 – Porque Brigamos – Rasqueado (Adail, Tesouro e Emilia Pierone)
  - 3 – Mensagem aos Que Dirigem – Chamamé (Barbosires)
  - 4 – Discotecário – Polca Paraguaia (Adail)
  - 5 – Quatro Horas – Polca Paraguaia (Léo Canhoto)
  - 6 – Canção do Nosso Amor – Polca Paraguaia (Adail, S. Lozano, Goiás, Inhana, Namó e Praense)
- 



Artista: **ADAIL & TESOURO**

Disco: **Sereia Loira**

Ano: **1974**

Gravadora: **Cerro Corá**

Produção: **Daniel Franco**

Direção: **Dino Rocha**

Acervo: Moura

**LADO A**

- 1 – Sereia Loira – Polca (Praense)
- 2 – Pobre Relógio – Polca (Praense)
- 3 – Estou Sabendo – Polca (Netinho e Ubirajara Moreira)
- 4 – Vai Saudade – Valseado (Eduardo Borges)
- 5 – Fatalidade – Chamamé (Praião II)
- 6 – João de Barro – Chamamé (Teddy Vieira e Muibo Cesar Cury)

**LADO B**

- 1 – Beijo Amargo – Chamamé (Adail)
- 2 – Turbilhão de Dor – Polca (Nadir e Tesouro)
- 3 – O Culpado Sou Eu – Polca (Adail e Tesouro)
- 4 – Não Importa – Guarânia (Dr. Geraldo R. Pereira)
- 5 – Fiel Escravo – Polca (Praense e Delcides)
- 6 – Cidade Esperança – Chamamé (Nailo, Adail e Tesouro)



Artista: **ADAIL & TESOURO**  
Disco: **Livro da Vida**  
Ano: **1975**  
Gravadora: **Produção independente**  
Produção e direção: **Adail**

## ADO & PRAENSE

Nome artístico: **ADO**  
Nome: **Valdemar Francisco de Souza**  
Nascimento: **05 de maio de 1947**  
Local: **Três Lagoas (MS)**

Nome artístico: **PRAENSE**  
Nome: **José Dercídio dos Santos**  
Nascimento: **06 de julho de 1943**  
Local: **Cianorte (PR)**



Artista: **OS INFERNAIS - ADO  
E PRAENSE**  
Disco: **Pula Pula Coração**  
Ano: **1975**  
Gravadora: **Cerro Corá**  
Produção e direção: **Daniel Franco**  
Acervo: Odilo

### LADO A

- 1 – Adeus Amor (Praense, Cirilo e Ado)
- 2 – Menina Bonita (Praense e Teodoro)
- 3 – Nossos Olhos Conversam (Praense e Ado)
- 4 – Tape da Vida (Praense e Teodoro)
- 5 – Bendita Saudade (Praense e Teodoro)
- 6 – Batalha Perdida (Prada Jr e S. Martins)
- 7 – Homenagem (Ado e Cirilo)

## LADO B

- 1 – Pula Pula Coração (Olevi e Praense)
- 2 – Coceira de Canela (Praense)
- 3 – Filho de Três Lagoas (Praense, Ado e Daniel Franco)
- 4 – Sem Você e Sem Ninguém (Praense, Ado e Daniel Franco)
- 5 – Povo de Noé (Praense e Teodoro)
- 6 – Não Quero Piedade (Praense e Ado)
- 7 – Meu Pedido ao Locutor (Praense, Cigano e Luiz dos Santos)



Artista: **ADO E  
PRAENSE**  
 Disco: **Que Problema  
Tem?**  
 Ano: **1976**  
 Gravadora: **Cerro Corá**  
 Produção e direção:  
**Ramon B. Insfran**  
 Acervo: Moura

## LADO A

- 1 – Que Problema Tem? (Ado, Praense e Adão Bone)
- 2 – Derradeiro Abraço (Praense e Carlos Alberto)
- 3 – Amor Meia Tigela (Praense e Siqueira Martins)
- 4 – Homem Livre (Praense e Beira Mar)
- 5 – Não Me Falem Dela (Praense e Pedro Costa)
- 6 – Um Segredo em Cada Vida (Ado, Praense e Dazio)

## LADO B

- 1 – Menina Sem Juízo (Praense e Osvaldo F. Oliveira)
- 2 – Nosso Amor Já Não Convém (Praense, Décio e José)
- 3 – Cotovelo do Povo (Praense e Toninho Mazei)
- 4 – Doce Amargura (Praense e Siqueirinha)
- 5 – Chorona (Praense e Vitória)
- 6 – Menina Triste (Praense e Telio Dutra)



Artista: **ADO & PRAENSE**

Disco: **Surra de Beijos**

Ano: **1977**

Gravadora: **Pirata Gravações Musicais Ltda**

Produção e direção: **Julião**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Bem Feito – Polca Paraguaia (Praense e Siqueira Martins)
- 2 – Não é Verdade – Toada Jovem (Ado e Vitorio)
- 3 – Sônia – Guarânia (Prado Junior e Praense)
- 4 – Briguenta – Polca Paraguaia (Praense e Toninho Mazei)
- 5 – Pula, Pula Coração – Vanerão (Olevi e Praense)
- 6 – O Gostinho do Passado – Canção Rancheira (Praense e Cirilo)

#### **LADO B**

- 1 – O Chacoalhado da Nega – Forró (Praense e Francisco do Carmo)
- 2 – Coração Vendido – Polca (Praense e Sebastião Aurélio)
- 3 – Amor Odiado – Toada Jovem (Praense e T. Dutra)
- 4 – Pé de Chinelo – Polca Paraguaia (Praense e Leo Souto)
- 5 – Tchau Amorzinho – Vanerão (Praense e Ado)
- 6 – Surra de Beijos – Polca (Praense e Ado)



Artista: **IRMÃOS OURO E PRATA - ADO, RAMIRES E LUIZINHO**

Disco: **Separados na Cama**

Ano: **1979**

Gravadora: **Melodias Discos**

Produção: **Charles Franco**

Direção: **Léo e Juninho**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Separados na Cama – Polca (Ado, Praense e Charles Franco)
- 2 – Roberta – Polca (Carlos Garcia, P. Gimenez / Adap: Ado e Ramirez)
- 3 – Pranto de Amor – Polca (Ado e Maria Helena F. de Souza)

- 4 – Cruel Destino – Polca (Ado)
- 5 – Colorado – Polca (P.P.)
- 6 – El Bigodon – Chamamé (Luizinho)

#### **LADO B**

- 1 – Lábios de Pedra – Polca (Ado e José Paulino Lopes)
  - 2 – Adorada Minha – Chamamé (D.R.)
  - 3 – Cara de Pau – Guarânia (Ado e José Paulino Lopes)
  - 4 – Saudades do Meu Amor – Polca (D.R. / adap: Ado)
  - 5 – Voltas Pra Mim – Chamamé (D.R / Adap: Ado e Ramires)
  - 6 – A Terra Prometida – Chamamé (Luizinho)
- 



Artista: **IRMÃOS OURO E PRATA – ADO, RAMIRES E LUIZINHO**

Disco: **Seus Beijos Valem Milhões**

Ano: **1980**

Gravadora: **Musical Disco Centro Ltda**

Produção e direção: **Januário**

Acervo: Moura

#### **LADO A**

- 1 – Seus Beijos Valem Milhões – Guarânia (José Lourenço)
- 2 – Se Um Não Quer, Dois Não Brigam – Canção Rancheira (Pião)

Carreiro e Praense)

3 – A Canção Que Lhe Dedico – Guarânia (Praense, Acir e Ado)

4 – Novamente de Mal – Corrido (Ado e Acir)

5 – Degraus da Vida – Vanerão (Ado e Acir)

6 – Dom Garcia – Chamamé (Eliezer Garcia e Luizinho)

## **LADO B**

1 – Por Teu Amor Morrerei – Canção Rancheira (Ado e Acir)

2 – Separados na Cama – Polca (Ado e Praense)

3 – A Casa é Sua – Polca (Praense e Siqueira Martins)

4 – Ex-amado – Polca (Praense)

5 – O Maltratado – Bolero (Ado)

6 – A Ti Uma Serenata – Chamamé (Luizinho e Ado)

# CRUZEIRO, TOSTÃO, GUARANY E CENTAVO

Nome artístico: **AURÉLIO MIRANDA**

Nome: **Aurélio Miranda**

Data nascimento: **05 de março de 1950**

Local: **Mutum (Cabeceira do Rio Manso/MT)**

Discos: **3 LPs / 3 CDs**

Nome artístico: **TOSTÃO**

Nome: **Adir Antonio Boniatti**

Nascimento: **21 de junho de 1958**

Local: **Erechim (RS)**

Discos: **1 compacto / 3 LPs / 1 CD / 1 DVD**

Nome artístico: **GUARANY**

Nome: **Evânio Vargas Padilha**

Nascimento: **30 de abril de 1965**

Local: **Campo Grande (MS)**

Discos: **1 compacto / 1 LP / 1 CD / 1 DVD**



Artista: **CRUZEIRO E TOSTÃO**

Disco: **Os Rouxinóis do Brasil**

Ano: **1978**

Gravadora: **Califórnia**

Produção e direção: **Mário Vieira**

Acervo: Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Lágrimas de Angústia – Polca (Cruzeiro e Tostão)
- 2 – Eu e Você – Jovem (Aurélio Miranda)
- 3 – Menina Rica – Carrilhão (Aurélio Miranda e Adil)
- 4 – Rumos Incertos – C. Rancheira (Cruzeiro e Tostão)
- 5 – As Voltas Que o Mundo Tem – Batidão (Cruzeiro e Tostão)
- 6 – Coração de Aço – C. Rancheira (Debora Mazur e Aurélio Miranda)

#### **LADO B**

- 1 – Seu Endereço – Polca (Aurélio Miranda)
- 2 – Tribunal da Vida – Guarânia (Manoel Ivo e José Ventura)
- 3 – Novo Mato Grosso – Rasqueado (Terezinha Moraes e Orlandinho Fagundes)
- 4 – Traição de Um Homem – Tango (Aurélio Miranda)
- 5 – A Cantora da Boate – Bolero (Aurélio Miranda)
- 6 – Caminhando Vou – Corrido (Aurélio Miranda)





Artista: **CRUZEIRO, TOSTÃO E CENTAVO**

Disco: **Estrada de Chão**

Ano: **1979**

Gravadora: **Chantecler**

Produção: **Miltinho Rodrigues**

Direção: **Biaggio Baccarin**

Acervo: Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Estrada de Chão – Toada Ligeira (Aurélio Miranda)
- 2 – Meu Filho – Guarânia (Aurélio Miranda)
- 3 – Sonhador – Polca (Aurélio Miranda)
- 4 – Flor da Fronteira – Polca Paraguaia (Tostão, Cruzeiro e Centavo)
- 5 – Mágoas de Um Seresteiro – Batidão (Aurélio Miranda)
- 6 – Perdido na Fronteira – Solo (Centavo, Cruzeiro e Tostão)

#### **LADO B**

- 1 – Chapéu de Palha – Toada (Aurélio Miranda e Sérgio Cruz)
- 2 – Espero a Sua Volta – Polca Paraguaia (Cruzeiro, Tostão e Centavo)
- 3 – Minha Doce Poxoréu – Rasqueado (Aurélio Miranda)
- 4 – Comédia de Amor – Canção Rancheira (Cruzeiro, Tostão e Centavo)
- 5 – Lavrador, Rei Sem Coroa – Cururu (Aurélio Miranda)
- 6 – Palco do Amor – Huapango (Aurélio Miranda)



Artista: **TOSTÃO E GUARANY**

Disco: **Tostão e Guarany (Compacto)**

Ano: **1984**

Gravadora: **Universal Records**

Produção e direção: **Marcel Mello**

Acervo: Guarany / Moura

#### **LADO A**

- 1 – PT Saudações (Aurélio Miranda e Tostão)
- 2 – Flor da Fronteira (Tostão, Cruzeiro e Centavo)

#### **LADO B**

- 1 – Estrada de Chão (Aurélio Miranda)
- 2 – Do Jeitinho Que Te Amo (Otto Arguelha e Tostão)



Artista: **TOSTÃO & GUARANY**

Disco: **Luzes do Além**

Ano: **1985**

Gravadora: **Anhembi Grav. Edit. Prom.**

**Publ. Ind. e Com. Ltda**

Produção e direção: **Oscar Martins**

Acervo: Guarany / Kenzo / Moura

#### **LADO A**

- 1 – Apartamento (Aurélio Miranda)
- 2 – Luzes do Além (Aurélio Miranda e Tostão)
- 3 – Cantora de Boate (Aurélio Miranda)
- 4 – PT. Saudações (Aurélio Miranda e Tostão)
- 5 – Anjo Mal da Minha Vida (Benedito Siviero e Paraíso)
- 6 – Paixão (Aurélio Miranda e Araguainha)

#### **LADO B**

- 1 – Tentação (Rodrigo e Bruno Cezar)
- 2 – Do Jeitinho Que Te Amo (Hotto Arguelho e Tostão)
- 3 – Paixão de Louco (Rodrigo)
- 4 – Filha da Vizinha (Bruno Cezar e Rodrigo)
- 5 – Espaço Pantaneiro (Jadeus, Tostão e Aurélio Miranda)



Artista: **AURÉLIO MIRANDA**

Disco: **Raízes e Sentimentos**

Ano: **1988**

Gravadora: **Independente**

Produção e direção: **Guarany e Miranda**

Acervo: Moura / Kenzo / Delinha

#### **LADO A**

- 1 – O Boiadeiro (Aurélio Miranda)
- 2 – Canção da Terra (Aurélio Miranda)
- 3 – Estrada de Chão (Aurélio Miranda)

- 4 – Baile da Tradição (Aurélio Miranda)
- 5 – Fogo Humano (Aurélio Miranda)
- 6 – Chapéu de Palha (Sérgio Cruz e Aurélio Miranda)

### **LADO B**

- 1 – O Rancheiro (Aurélio Miranda)
- 2 – Amor Com Imaginação (Aurélio Miranda)
- 3 – E Assim Será Melhor (Aurélio Miranda)
- 4 – Pecados (Aurélio Miranda)
- 5 – Estradas (Aurélio Miranda)
- 6 – Minha Doce Poxoréu (Aurélio Miranda)



Artista: **FRANK & MARTIN**

Disco: **Fica Comigo**

Ano: **1994**

Gravadora: **Fontoura Vídeo**

Produção e direção: **Luiz Carlos**

Acervo: Guarany / Kenzo / Moura

### **LADO A**

- 1 – Fica Comigo (Frank)
- 2 – Minha Vida Cigana (Douglas Diniz e Martin)
- 3 – Noite Sem Luar (Douglas Diniz)
- 4 – Preciso de Você Comigo (Frank)
- 5 – Fico em Mil Pedacos (Martin)
- 6 – Por Que Relembrar (Frank e Douglas Diniz)

### **LADO B**

- 1 – Como Eu Te Amo (Frank e Douglas Diniz)
- 2 – A Gente Perde o Juízo (Ivan e Evandro e Renato Maia)
- 3 – Me Leva Pra Ela (Frank)
- 4 – Me Faz Viajar (Frank e Martin)
- 5 – Se Você Não Voltar (Frank)
- 6 – Jura (Frank e Mello)



Artista: **TOSTÃO & GUARANY**

Disco: **Tostão & Guarany (Single)**

Ano: **1995**

Gravadora: **Ariola Discos**

Produção e direção: **Douglas Diniz**

Acervo: Guarany / Moura

#### **LADO A**

1 – Mágica ou Sonho (Douglas Diniz)

#### **LADO B**

1 – Anjo Bom (Guarany)

## ZACARIAS MOURÃO

Nome artístico: **ZACARIAS MOURÃO**

Nome: **Zacarias dos Santos Mourão**

Nascimento: **15 de março de 1928**

Local: **Coxim (MS)**

Falecimento: **23 de maio de 1989 (Campo Grande/MS)**

Nome artístico: **ITAMY**  
Nome: **Maria Olívia de Oliveira Mourão**  
Nascimento: **10 de abril de 1937**  
Local: **Paraguaçu Paulista (SP)**

Nome artístico: **LÍGIA MOURÃO**  
Nome: **Lígia Regina Mourão**  
Nascimento: **7 de setembro de 1964**  
Local: **Paraguaçu Paulista (SP)**



Artista: **DUO ESTRELA DALVA**  
Disco: **Cidade Verde**  
Ano: **1969**  
Gravadora: **Caboclo Continental**  
Produção: **Milton José**  
Direção: **Julio Nagib**  
Acervo: Lígia Mourão

#### **LADO A**

- 1 – Cidade Verde (Zacarias Mourão e Mario Albaneze)
- 2 – Verde Esperança (Zacarias Mourão e Mario Albaneze)
- 3 – Alvorada de Coxim (Zacarias Mourão e Jorge Castilho)
- 4 – O Adeus de Meu Bem (Goiá e Zacarias Mourão)
- 5 – Rio Fortaleza (Zacarias Mourão)
- 6 – Cantar da Ciriema (Zacarias Mourão)

#### **LADO B**

- 1 – Tudo é Mentira (Romancilo Gomes)
- 2 – Barquinho da Saudade (Zacarias Mourão)
- 3 – Tua Sorte (Zacarias Mourão)
- 4 – Uma Lembrança (Un Recuerdo) (Vila Nueva / Ver.: Délio & Delinha)
- 5 – Meu Primeiro Amor (Hermínio Giménez / Ver.: José Fortuna e P. Júnior)
- 6 – Noites do Paraguai (Samuel A. Guayo e F. J. Charles / Ver.: Nogueira dos Santos)





Artista: **IRMÃS GALVÃO**

Disco: **Deus Sabe o Que Faz**

Ano: **1975**

Gravadora: **Pé de Cedro**

Produção: **Zacarias Mourão**

Direção: **Robertinho**

Acervo: Lígia Mourão

### Contracapa

Diga-se, a bem da verdade, que se há alguém que merece ser lembrado, alguém que deveria ser festejado e promovido juntamente com os grandes intérpretes, esse alguém se chama 'compositor'. O compositor é, sem dúvida alguma, responsável direto pelo sucesso do artista, pelo sucesso do disco, do programa, de tudo enfim que contenha música. E é, invariavelmente, notadamente no gênero sertanejo, relegado a um bisonho segundo plano, havendo casos de programas sertanejos que nem mesmo anunciam a autoria dos sucessos que apresentam.

Felizmente, vez por outra, um desses grandes nomes é lembrado com algum destaque por algumas gravadoras cientes do valor desses quase anônimos poetas natos e inspirados criadores de melodias. E fiquei deveras satisfeito ao saber que a gravadora CID, em sua grande arrancada para uma fase espetacular de inovação e de renovação resolveu prestar delicada homenagem a um dos maiores poetas caboclos dos últimos tempos, o conhecido 'Índio de Mato Grosso', que subscreve seus trabalhos com seu nome próprio ZACARIAS MOURÃO.

E ao ser solicitado pela CID para dizer duas palavras sobre o lançamento fiz questão de ouvir atentamente o Tape para um melhor julgamento. E foi daí que me veio a certeza da vitória dos novos critérios da gravadora. A escolha das fabulosas IRMÃS GALVÃO para intérprete de doze melodias da autoria de ZACARIAS MOURÃO foi acertadíssima. Ninguém melhor do que elas para, com suas interpretações modernas, bem atualizadas,

viver, sentir e transmitir a poesia sensível e delicada do ÍNDIO ZACARIAS. A seleção de composições constantes deste LP foi felicíssima, demonstrando, mais uma vez que o famoso e inteligente filho de Coxim merecia mesmo ser lembrado e que a merecida homenagem já se demorava. Parabéns às IRMÃS GALVÃO por acumular este, que tenho certeza, será mais um de seus grandes sucessos. E, principalmente, de todo coração, parabéns ZACARIAS MOURÃO, poeta dos mais brilhantes, do qual sempre me orgulhei de ser fã, admirador incondicional e amigo sincero.

E que essa lembrança da CID sirva para abrir caminho à lembrança de outras gravadoras para prestarem outras homenagens a outros grandes poetas, a outros grandes compositores sertanejos.

S. Paulo, abril/1975

**JOSÉ DE MOURA BARBOSA 'NHO ZÉ'**

#### **LADO A**

- 1 – Deus Sabe o Que Faz – Polca Hino (Zacarias Mourão e Capitão Furtado)
- 2 – Pecado Loiro – Guarânia (Zacarias Mourão e Goiás)
- 3 – O Que É o Amor – Polca Guarânia (Zacarias Mourão e Valdomiro Bariani Hortencio)
- 4 – Amor e Felicidade – Canção (Zacarias Mourão e Goiás)
- 5 – Luar de Aquidauana – Guarânia (Zacarias Mourão e Anacleto Rosas Jr.)
- 6 – Juriti Mineira – Rasqueado (Zacarias Mourão e Goiás)

#### **LADO B**

- 1 – Alvorada de Coxim – Polca Paraguaia (Zacarias Mourão e Jorge Castilho)
- 2 – Voltei Amor – Chamamé (Zacarias Mourão e T. Cocomarola)
- 3 – Rincão Mato-grossense – Polca Paraguaia (Zacarias Mourão e Zé do Rancho)
- 4 – Desventura – Polca Paraguaia (Zacarias Mourão e Zé do Rancho)
- 5 – Não Me Abandone – Guarânia (Zacarias Mourão e Antônio Miranda Neto)
- 6 – Ternura, Amor e Paz – Guarânia (Zacarias Mourão e Antônio Miranda Neto)



Artista: **PROJETO SERIEMA**

Disco: **A Voz do Sertão na Alma do Povo**

Ano: **1982**

Gravadora: **Companhia Industrial de Discos**

Produção: **Harry Zuckermann**

Direção: **Zacarias Mourão**

Acervo: Gramophony / Moura

### **LADO A**

- 1 – Pagode Angelical – Pagode – Simão e Celito (Paulo Simões e Celito Espíndola)
- 2 – Manhã de Nosso Adeus – Guarânia – Par e Ímpar (Dino Franco e Zé do Rancho)
- 3 – Regressando a Coxim – Polca – Doraci e Dorival (Doraci, Dorival e S. Oliveira)
- 4 – Na Primeira Noite de Amor – C. Rancheira – Real e Madri (Madri)
- 5 – C-10 Branca – Polca – Beth & Betinha (Beth, Betinha e Lenilde Ramos)
- 6 – Súplica de Amor – Rasqueado – Gilson e Jarbas (Wilson Vargas)
- 7 – Meu Passado – Vanerão – Romance e Romerinho (Cheirinho)

### **LADO B**

- 1 – Álbum de Saudade – Polca – Colega e Companheiro (Colega e Zé do Brejo)
- 2 – Dois Destinos – Rasqueado – Lauro Ney e Lidiane (Lauro Ney)
- 3 – Menino Grande – Guarânia – Léa e Itamy (Lenilde Ramos)
- 4 – Homenagem a Iguatemy – Rasqueado – Trio Campeiros do Sul (Erony, Gauchinho e Tiãozinho)
- 5 – Meu Amigo – Canção Rancheira – Baronito e Sereninho (Baronito)
- 6 – Colheita de Saudade – Moda Campeira – Alan Rodrigues e Jean Moreira (Jean Moreira)
- 7 – Mulher Casada – Polca – Trio Filhos de Anastácio (Djalma Marcal)



Artista: **DUO**

**CANTO LIVRE**

Disco: **Você Pra Mim**

**Marcou Demais**

Ano: **1985**

Gravadora: **Som Indústria  
e Comércio Ltda**

Produção: **Enoque Gomes**

Direção: **Zacarias Mourão**

Acervo: Gramophony / Moura / Lí-  
gia Mourão

#### **LADO A**

- 1 – Você Pra Mim Marcou Demais (Cezár e Tony Damito)
- 2 – Zé de Baixo, Zé de Cima (José Russo e Zé Antônio)
- 3 – Minha Viola Caipira (Zacarias Mourão e Goiá)
- 4 – Grito do Pantanal (Clóvis Sant'ana)
- 5 – Fazenda Buriti Quebrado (Zacarias Mourão e Itamy)
- 6 – Chora Coração (Goiá e Zacarias Mourão)

#### **LADO B**

- 1 – Pé de Cedro (Goiá e Zacarias Mourão)
- 2 – Poluição (Goiá e Zacarias Mourão)
- 3 – Triste Abandono (Goiá e Zacarias Mourão)
- 4 – Laços da Falsidade (Leonardo)
- 5 – Mamãe Mafalda (Goiá e Sebastião Rocha)
- 6 – A Ponta Porã (Aral Cardoso)

# Os Pioneiros

## PARTE 4

BIBLIOGRAFIA



# C 10 BRANCA

Beth &  
Betinha



# DINO ROCHA Baile Correntin



# MACIEL CORRÊA CADEADO DE OURO



# ADO & PRAENSE SURRA de BEIJOS



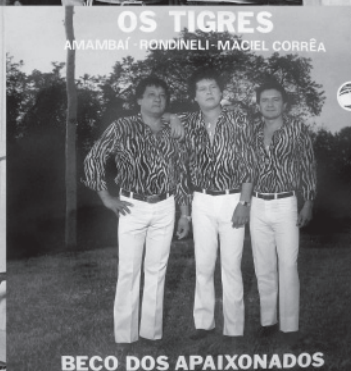
# DINO ROCHA CARAI PIANO



# LOS MILLODICCOS JARDIM & DELINHA UN REQUERIDO



# OS TIGRES AMAMBAI - RONDINELI - MACIEL CORRÊA



# DELIO & DELINHA O CASAL DE ONÇA DE MATO GROSSO

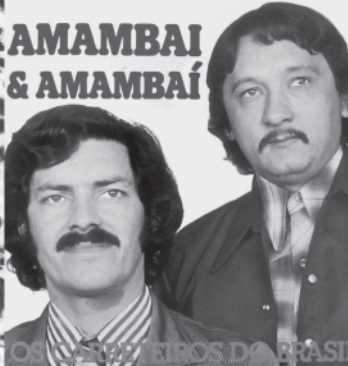
# MAOS DE MATO GROSSO FLOR DA



# DÉLIO E DELINHA



# AMAMBAI & AMAMBAÍ





## BIBLIOGRAFIA

- **Projeto Universidade 81/Festivais de Música em MS**, vários autores (UFMS/1981)
- **A Moderna Música Popular Urbana de Mato Grosso do Sul**, José Octávio Guizzo (Funarte/1982)
- **A Propósito do Boi**, Aline Figueiredo (UFMT/1994)
- **A Música de Mato Grosso do Sul – História de Vida**, Maria da Glória Sá Rosa e Idara Duncan (FIC/2008)
- **Mato Grosso do Sul**, Paulo Renato Coelho Neto (2002)
- **Campo Grande – Arquitetura e Urbanismo na Década de 30**, Ângelo Marcos Vieira de Arruda (Uniderp/2000)
- **Campo Grande – Arquitetura, Urbanismo e Memória**, Ângelo Marcos Vieira de Arruda (UFMS/2006)
- **Pioneiros da Arquitetura de Campo Grande**, Ângelo Marcos Vieira de Arruda (IHGMS/2002)
- **Campo Grande de Outrora**, Valério de Almeida (Letra Livre/2003)
- **História de Mato Grosso do Sul**, Acyr Vaz Guimarães (Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul/1991)
- **Cativos nas Terras do Pantanal**, de Zilda Alves de Moura (Coleção Malungo/Editora UPF/2008)
- **Coronéis e Bandidos em Mato Grosso**, Valmir Batista Corrêa (UFMS/1995)
- **História da Fundação de Campo Grande**, de Eurípedes Barsanulfo Pereira (Série Bálsamo/2002)
- **Tió e a Árvore – Vida e Obra de Zacarias Mourão**, Conrado Roel (FIC/MS)
- **Enciclopédia das Músicas Sertanejas**, Ayrton Mugnaini Jr. (Letras e Letras/2001)
- **Música Caipira – Da Roça ao Rodeio**, Rosa Nepomuceno (Editora 34/1999)
- **Hermínio Giménez – Un Musico Latinoamericano – Su Vida y Su Obra**, José Fernando Talavera (Editorial Nueva Etapa/1983)
- **O Povo Brasileiro**, Darcy Ribeiro (Companhia das Letras/2008)
- **Entrevistas caderno Arte e Lazer, do jornal O Estado de MS** ([www.oestadoms.com.br](http://www.oestadoms.com.br)), com a escritora e historiadora Zilda Alves de Moreira (20/06/08), com o arqueólogo e professor Gilson Rodolfo Martins (22/05/09) e com o radialista Juca Ganso (11/09/09) realizadas por Rodrigo Teixeira.
- **Reportagens do jornal Correio do Estado** sobre as mortes de Zé Corrêa, Jandira e Zacarias Mourão ([www.correiodoestado.com.br](http://www.correiodoestado.com.br))
- **Site Overmundo** ([www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br))

INVESTIMENTO



"Incentivo do Fundo de Investimentos Culturais - FIC/MS - do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Lei nº. 2.645/03 - Campo Grande - MS - 2009)."

## O AUTOR

Rodrigo Teixeira acompanha e atua na cena artística de Campo Grande desde meados dos anos 1980. Músico com três discos lançados, se formou em Jornalismo em 1993 e começou a carreira no jornal paulista Diário de Suzano, como repórter e editor de esportes. Em 1997 se transferiu para o Rio de Janeiro, onde foi repórter e coordenador de equipe da Agência Carta Z Notícias, responsável pelos cadernos TV Press, Cult Press e Pop TV, com mais de 100 jornais assinantes em todo o país e conteúdo impresso em mais de 1 milhão de exemplares por semana. Em 2004, voltou a residir em Campo Grande e se tornou assessor de imprensa da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS). Posteriormente, dirigiu por dois anos o programa diário televisivo Toda Prosa, na TV Campo Grande (SBT). No final de 2005, integrou a equipe fundadora do portal colaborativo Overmundo, pioneiro web 2.0 no país e ganhador na categoria Comunidades Digitais do Prix Ars Electronica, em 2007, do Golden Nica, o mais importante prêmio do mundo para artistas de novas mídias e visionários da internet. Em agosto de 2007, assumiu a editoria de cultura do jornal campo-grandense O Estado de MS. Desenvolve desde 2008 a MatulaTV para divulgar a arte sul-mato-grossense na rede mundial.



‘Os Pioneiros - A Origem da Música Sertaneja de MS’ enfoca a primeira leva de compositores do Sul de Mato Grosso. O livro trata de artistas que a partir da década de 1950 deram os primeiros passos para criar a música sul-mato-grossense, como Délio & Delinha, Beth & Betinha, Amambay & Amambaí, Jandira & Benites, Ado & Adail e Tostão & Guarany, os instrumentistas Zé Corrêa, Dino Rocha, Elinho do Bandoneon e Maciel Corrêa, o cantor Victor Hugo de La Sierra e o compositor Zacarias Mourão. O escritor Rodrigo Teixeira entrevistou os protagonistas desta história, reuniu dezenas de fotografias e organizou uma discografia com mais de 100 discos. ‘Os Pioneiros’ é um mergulho na gênese da história da música de Mato Grosso do Sul.



# Os Pioneiros



INVESTIMENTO



produto cultural incentivado valor máximo de comercialização R\$ 15,00